

VOLUME 1

TEATRO SELETO

CHICO

DE

ASSIS

TEATRO SELETO

CHICO
DE
ASSIS

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE

Presidente
Guti Fraga

Diretora Executiva
Myriam Lewin

Diretor do Centro de Artes Cênicas
Antonio Gilberto

Diretora do Centro de Programas Integrados
Ana Claudia Souza

Gerente de Edições
Oswaldo Carvalho

VOLUME 1

TEATRO SELETO

CHICO
DE
ASSIS

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Copyright © by Francisco de Assis Pereira
Todos os direitos reservados

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep 20030-120
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

Edição
Oswaldo Carvalho

Produção editorial
Jaqueline Lavor Ronca

Produção gráfica
Julio Fado

Capa e projeto gráfico
Retina 78

Preparação de originais
BR75

Revisão
Obra Completa Comunicação

Dedico esta seleta a todos
os meus companheiros
do Teatro de Arena de
São Paulo com quem
dividi o apendizado.





CHICO DE ASSIS

— **SUMÁRIO** —

VOLUME

01



PREFÁCIO.....	00
TESTAMENTO DO CANGACEIRO	00
AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA	00
FARSA COM CANGACEIRO, TRUCO E PADRE	00
PROMETEU ENGAIOLADO.....	00
GALILEU DA GALILEIA.....	00
O COCÔ DO CAVALO DO BANDIDO	00
AS AVENTURAS DE MARIA MALAZARTES	00
O OVO E A GALINHA	00

PREFÁCIO

O TEATRO DE CHICO DE ASSIS

O teatro de Chico de Assis merece um estudo à altura, mas quando a Funarte decide publicar a sua obra, o autor não procura um dos muitos amigos acadêmicos com competência para uma reflexão menos epidérmica e rigorosa, recorre a um cúmplice. Está certo, esse cúmplice conhecia, se não todas, quase todas as peças escritas pelo Chico, mas precisava reler o que fosse possível, fazer anotações, juntar elementos que pudessem dar substância a um texto pelo menos levemente parecido com um prefácio, que apresenta o leitor à obra. A dificuldade de escrever este prefácio reside na abrangência da obra de Chico de Assis, caracterizada por sua recusa a olhar para o próprio mundinho, para as próprias angústias, característica que o aproxima dos grandes autores e, em especial, do poeta alemão Bertold Brecht em suas ideias sobre o teatro.

8 Da geração em que se formou e da qual as expressões mais visíveis são Oduvaldo Vianna Filho e Gianfrancesco Guarnieri, Chico de Assis guarda a mesma preocupação de observar o mundo à sua volta e levar ao palco o resultado de suas observações. Nada do exercício onanista que, em parte por força do obscurantismo que se abateu no Brasil no final dos anos 1960, marcou a geração seguinte de dramaturgos, que filtrava a observação do mundo pelos humores de suas angústias pessoais, muitas vezes ingenuamente juvenis. Chico, entretanto, diferencia-se dos amigos dos primórdios do Teatro de Arena de São Paulo por uma independência libertária e, eu diria anárquica, incapaz que sempre foi de seguir normas, dogmas e receituários, sejam eles ideológicos ou partidários. Isso está presente não só nos temas diversos que ele aborda, mas nas formas que propõe para contar cada história, quase a ensinar que cada caso impõe uma narrativa própria, específica, seja em versos brancos, seja trilhando o roteiro da liturgia da missa católica, seja trabalhando o humor mais adequado à crítica política ou ao simples doboche. É difícil ou impossível, enquadrar o teatro de Chico de Assis, assim como não se pode enquadrar o autor nessa ou naquela corrente de pensamento, nesse ou naquele grupo. Isso porque o próprio Chico talvez não consiga enquadrar-se, ajustar-se a figurinos externos, ainda que se esforce. Basta constatar que ele transitou por todas as áreas de atuação profissional que se apresentaram em sua vida – rádio, televisão, cinema, publicidade, imprensa, música popular, universidade. E nessas áreas fez de tudo um pouco. Ficou um tempo, deu sua contribuição, ganhou para pagar as contas, não para acumular, e seguiu em frente. Um pouco mais disciplinado e um

pouco menos anárquico em seus impulsos e paixões, estaria até hoje com um belo contrato a garantir-lhe a aposentadoria. Preferiu sempre seguir caminho, e seu único pouso seguro, porque se trata de sua casa, o teatro.

Mas Chico é um homem irremediavelmente condenado a ser fiel a si mesmo e a seus amigos, o que não o impede de discordar deles às vezes pelo simples prazer de discordar, por ver nisso uma possibilidade de ampliar e exercitar argumentos. Daí o meu prazer também em provocá-lo: como alguém tão impregnado da poética teatral de Bertold Brecht pode ser tão fascinado por Tennessee Williams? Para ficar no teatro americano do século passado, mais coerente seria Chico interessar-se antes por Eugene O'Neill. No entanto, ele prefere Tennessee pelo seu domínio das técnicas da escrita do teatro e da criação e desenvolvimento das personagens assim como reverencia Aristóteles com a mesma sinceridade da sua profissão de fé em Brecht. Contudo, o que parece contraditório só parece. Há uma grande coerência nessa atitude intelectual. O conhecimento não é, jamais pode ser, excludente. Para Chico de Assis, buscar a verdade é um modo de caminhar e não um objetivo. Dá para entender? Embora pareça, ele nunca está tentando provar uma tese. O que lhe interessa é o raciocínio. E isso está escancarado em seu teatro. Ele não é um doutrinador, é apenas um genuíno dramaturgo.

Como o poeta alemão, ele define a sua tarefa de autor de teatro como a do observador atento ao que acontece no mercado dos homens, que registra como as pessoas se relacionam, como os interesses se entrelaçam e se chocam, como o homem pode ser lobo e algoz do homem. Tudo isso com um sentido de brasilidade genuíno, ao revelar as características do homem brasileiro com humor e picardia, para não dizer malandragem, sem perder o olhar crítico, mas claramente tomando o partido dos seus personagens. Alguns, como Xandu Quaresma e Ripió Lacraia, estão inscritos em definitivo entre os mais representativos da nossa literatura. As questões que Chico de Assis coloca em cena são as questões comuns a todos, trabalhando a filosofia e a política com a poesia da vida cotidiana e anônima do Brasil interior, o que dá uma universalidade às suas peças. Como Brecht, Chico também toma partido sem nenhum disfarce, escancarando seu humanismo, sua crença no ser humano.



O TESTAMENTO DO CANGACEIRO

(OS PERIGOS DA BONDADE
E DA MALDADE)

Não é uma peça antirreligiosa.

É uma peça contra a fome e a exploração.

E será, portanto, contra todas as instituições
que pregam a passividade
do homem e das classes
diante do problema da exploração
do homem pelo próprio homem.

O TESTAMENTO DO CANGACEIRO

PERSONAGENS

CONTADOR

CEARIM

MADRINHA

CEGO

CANGACEIRO

CABO

SARGENTO

PROSTITUTA

ERCÍLIA

SACRISTÃO

VIGÁRIO

IRMÃO DO CANGACEIRO

BODEGUEIRO

CACHORRO

CAMPONESES

E MAIS NINGUÉM, APENAS UM

NARRADOR

Obs.: O papel do irmão do cangaceiro poderá ser interpretado pelo mesmo ator que fizer o cangaceiro. O papel do bodegueiro poderá ser interpretado pelo narrador. Os camponeses poderão ser atores dobrando papéis.



MONTAGEM PELO
— **TEATRO DE ARENA** —
DE SÃO PAULO, EM
1961



DIREÇÃO.....Augusto Boal
CENÁRIO E FIGURINOS Flávio Império
MÚSICA Carlos Lyra

INTÉRPRETES

CEARIM.....Lima Duarte
MADRINHA..... Vera Ghertel
O CEGO Arnaldo Weiss
CANGACEIRO Milton Gonçalves
O IRMÃO DO CANGACEIRO..... Milton Gonçalves
O CABO Angelo Del Matto
O SARGENTO..... Roberto Segretti
A PROSTITUTA..... Riva Nimitz
ERCÍLIA Riva Nimitz
O SACRISTÃO Solano Ribeiro
O VIGÁRIO..... Ferreira Leite
O BODEGUEIRO Nelson Xavier
NARRADOR Nelson Xavier
O CACHORRO Henrique Cesar

**PRIMEIRA PARTE:
OS PERIGOS DA BONDADÉ**



CENA I

PRÓLOGO

*No escuro,
canção "Era Uma Vez".*

CORO: (*canta*)

Era uma vez...

Era uma vez...

Era uma vez uma história

Era uma vez uma história

e dentro da história

tinha outra história

Era uma vez

Dentro da história

da história

da história da história

Tinha uma porção de história

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez

17

NARRADOR: Era uma vez uma história
e dentro da história tinha outra história
e dentro da história da história
tinha mais uma porção de história.

Quem contou? Quem contou foi certo velho,
certo dia em certa estrada,
na qual fazia meu caminho,
em tempo muito passado.

Lembrança boa guardei, tique por tique,
os acontecimentos da narração.
História muito interminável,
entremeada nos dramas das peripécias.

Povoada de um despotismo de personagens,
tanto mais muito como na sagrada escritura.
História que de tão grande,
pra contar de inteira havia de passar mais de ano
sem nem pra comer ou dormir.

NARRADOR: Não guardo de meu uso. Conto.
 Faço mesmo gosto de contar e recontar.
 Só por diversão de ver as caras mudarem de jeito
 quando a história muda de jeito.

Escolho as partes curtas,
 que dão bom lugar de começo, meio
 e um bom ponto certo de paragem...
 Fim? Não... que só com morte ou cataclismo.

Então eu conto:
 Era uma vez um lugar muito triste
 perdido nos longes do sertão.
 Nos meses de verão a chuva deixava de cair.

Os rios secavam e a terra rachava.
 Mas apesar disso havia gente
 que vivia ali trabalhando a terra
 e muitas vezes sucumbia ao correr da estiagem
 de fome, de sede, de espera.

Durante uma dessas secas, um moço lavrador de nome Cearim...

CENA 2 CEMITÉRIO

Cearim entra e se ajoelha diante do túmulo dos pais.

NARRADOR: ...perdeu seus velhos pais
 que não aguentaram tantos meses de sofrimento e privações.

O pobre moço se encontrou só no imenso deserto.
 Tinha resolvido deixar aquele lugar para sempre,
 não queria mais estar ligado àquela terra
 que só havia lhe dado desgostos e sofrimento.

Porém a paisagem era por todos os lados tão desoladora
 que não soube qual o caminho tomar; quando então...

Cearim está sem saber o que fazer.

CEARIM: Ah, meu Senhor, como é que a gente pode ficar assim tão só e triste. Mas tudo é certo na vontade de Deus. Bem dizer meu pai e minha mãe estão na felicidade eterna... Mas assim mesmo é tão triste. Por que é que tem que ser assim? Trabalho e mais trabalho e no fim tristeza e mais tristeza. A gente pegou de ser trabalhador e bom e cai nesse ficar triste. Nunca fiz mal, nunca. Nem pra gente, nem pra bicho, nem de pensamento escondido, nem de raiva, nem de nada nenhum... De bem que tenho na vida danada, a promessa do céu. Ah, meu bom senhor, por que assim tão triste eu tenho que ficar?

*Aparece a visão da Madrinha envolta em luz azul.
Cearim, com medo, esconde o rosto entre as mãos.*

MADRINHA: Por que te escondes, meu filho? Não tenhas medo nem susto, estou aqui pra te ajudar.

Cearim levanta a cabeça devagar até encarar a visão.

19

CEARIM: Quem é a senhora?

MADRINHA: Sou tua madrinha. Quando nasceste, tua mãe me fez voto e promessa.

CEARIM: Bênção, madrinha...

MADRINHA: Deus te abençoe. O que queres?

CEARIM: Uma porção de coisas, posso pedir?

MADRINHA: Pode, meu filho...

CEARIM: Que meus pais, a quem acabei de dar enterramento, voltem à vida.

MADRINHA: Meu filho, a vida é Deus quem dá mas os viventes é que se encarregam dela, e cada qual gasta a sua como quer. Depois, todo o vivente é mortal... Isso eu não posso fazer.

CEARIM: Então queria que parasse a seca e caísse uma chuvarada bendita e que então tudo virasse verde de novo e assim ficasse para sempre.

MADRINHA: Também não está no meu poder, as nuvens não obedecem aos santos. Só mesmo esperando... Quem sabe se um dia chove?

CEARIM: É... Quem sabe... Pelo menos queria então que a madrinha mandasse um castigo para o Coronel dono dessas terras, que o danado tão logo parou de chover se escapou pra cidade deixando a gente meio com fome, meio com sede, meio morrendo. Bem que a madrinha podia mandar uma praga bem forte naquele filho de uma égua, que desse nele um quebrante desses de cair braço e perna, olho...

MADRINHA: Ohhhh! Que é isso, meu filho? Isso não é pensamento de cristão, não é coisa de filho de Deus, essa raiva e essa revolta. Pense que, se ele fez mal, terá um dia seu castigo.

CEARIM: Bem que a madrinha podia dar uma apressadinha no castigo dele...

MADRINHA: Limpa teu coração desses pensamentos de pecado. Sê bom e puro, e sempre as coisas do mundo te farão feliz... O mundo é sofrimento, mesmo assim é a lei. É preciso viver de acordo com os ensinamentos da religião para poder salvar pelo menos a alma.

CEARIM: *Amem*, madrinha... Mas é que na preocupação de salvar a alma o corpo acaba se danando de uma vez. Ainda aqui estão meu pai e minha mãe, que morreram, a bem dizer, de oito, madrinha. E lá está o Coronel, gordo que nem um capão na vida regalada, e nem por isso deixa de ir à missa pensando na salvação. Eh, madrinha, entre salvar a alma danando no eito e salvar a alma balançando numa rede, a madrinha tem que convir que salvar a alma balançando numa rede é muito mais arregalado, e isso sem deixar de ser um cristão.

MADRINHA: Meu afilhado Cearim, os pedidos que me fizeste não posso conceder... Só o que posso fazer é te dar muita alegria e confiança, isso se continuares com a bondade no coração. Segue tua vida com a alma pura e sem pecado e sempre te ajudarei como posso, e se alguma vez te encontrares em dificuldades, clama por mim que virei ter contigo... Vais deixar tua terra?

CEARIM: Pois se nada mais resta a fazer por aqui, só se ficasse chorando tristeza até sucumbir. Quero tentar minha sorte e fortuna em algum outro lugar por aí, na cidade, talvez. A madrinha podia me ensinar o caminho?

MADRINHA: Ih, meu filho, eu não sei... Mas se não me engano, seguindo o leito seco do rio irás ter em uma cidade próxima.

CEARIM: Pois então a madrinha me desculpe, eu peço a bênção e me retiro, pois tenho pouca água e menos ainda comida, e pelo jeito, assim sem saber ao certo, a caminhada pode ser longa.

MADRINHA: Te parecerá curta se estiveres alegre. Vai, meu filho, com a minha bênção e a minha proteção. Sê bom e puro, confia nos homens de bem e nos humildes, ajuda sempre a quem puderes e serás ajudado. Faz o bem e receberás em dobro... Até um dia, adeus... Cearim, precisando de alguma coisa é só chamar.

A visão desaparece. Cearim abana a mão, dizendo adeus, e logo, carregando a cruz do túmulo, começa a caminhar cantando.

CEARIM: *(CANTA)*

Pé na estrada caminhando
Felicidade vou buscar
Vou seguindo meu caminho
Um dia vou encontrar.

Lugar bonito, bonito
de gente boa e feliz
lugar bonito, bonito
do jeito que eu sempre quis.

Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus e a Virgem Maria
Tenho muita proteção.

CENA 3

CEARIM VIRA TESTAMENTEIRO
DO CANGACEIRO

NARRADOR: E lá se foi nosso Cearim,
batendo marcha no leito do rio seco, feliz da vida.
Cearim que já era bom, bom, bom, muito bom;
ainda tinha no coração um pouco, muito pouco, de maldade,
mas depois das sábias e felizes palavras da sua santa madrinha,
seguiu cantando em busca da felicidade
que, em sendo bom, havia de alcançar.

CANGACEIRO: *(EM OFF)* Aiiiiiiii! Me acuda, eu morro.

Entra o Cangaceiro, todo armado, cambaleando.

CANGACEIRO: Pelo amor de Deus que eu morro!

CEARIM: Já tem ajuda, o que é que lhe corre? Está mal?

CANGACEIRO: Estou é mal ferido. *(ENFIA A MÃO
NO PEITO E MOSTRA O SANGUE)*

CEARIM: Nossa Senhora!... O que sucedeu?

CANGACEIRO: Fui tocado por um inimigo, há muitas
horas que venho errando nestes ermos, carregando
o balaço até que não aguentei mais.

CEARIM: Ainda dói muito?

CANGACEIRO: Nem mais... Estou mesmo na hora, um pé na terra e
outro no inferno, até sinto o calor. Ouve moço, é um último
pedido de um moribundo, é preciso que me dê ajuda.

CEARIM: O que tiver nas minhas posses...

CANGACEIRO: Vivi uma vida danada de cangaceiro matador,
estou finando na morte, é hora de arrependimento...
Abra meu farnel, tire tudo o que tem dentro.

*Cearim vai tirando do farnel uns sacos de dinheiro,
um crucifixo e, finalmente, um retrato.*

CEARIM: Cortando o leito do rio seco existe uma estrada, passando por ela se chega à cidade... Por favor, procure a moça do retrato, é uma pobre que eu infelicitei e deixei penar no abandono. Dê a ela um desses sacos de dinheiro... Depois vá à igreja e com o dinheiro desse saco mande rezar uma missa pela minha alma. Procure por aquelas bandas meu irmão... É um cangaceiro perigoso mas mostrando esta carta, será bem recebido... Entregue a carta e diga que quem me matou foi o Juca Felicidade... à traição... Pegue minhas armas e meu chapéu e mande benzer... O outro saco de dinheiro é para você em paga do seu auxílio e em cumprimento da minha vontade... Ai, me dê o crucifixo.

O Cangaceiro, depois de beijar o crucifixo, bate as botas.

CEARIM: Bateu as botas.

Cearim apanha as coisas do Cangaceiro e começa a caminhar.

CANGACEIRO: (*CANTANDO*)

Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou na cidade pagar.
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus e a Virgem Maria
Tenho muita proteção.

23

CENA 4 CEARIM É ROUBADO PELO CEGO VIDENTE

NARRADOR: E Cearim carregou com os trastes do cangaceiro pelo caminho da cidade. Os conselhos da madrinha tinham sido de grande valia. Mal praticara o bem e já a paga no momento seguido se fez ver...

Entra o Cego com o bordão, tateando no ar.

CEARIM: Quem é o de lá?

CEGO: Um pobre cego que se perdeu nos caminhos.

CEARIM: Pois como então um cego sem visão se põe de andarilho nestes caminhos perdidos?

CEGO: Vinha pela estrada, tenho o costume de longas caminhadas, mas há três dias não sei por obra do que me perdi e já não sei onde me encontro.

CEARIM: Pois foi uma sorte ter dado comigo. Por estes lados não se vê nem homem nem planta, nem bicho. Para onde caminha?

CEGO: Pra cidade aí perto... Ah estou sentindo um cheiro bom de carne com farinha mais pão de macaxeira e mais dois pedaços de rapadura.

CEARIM: Nossa, que me admiro que um cego até contar possa pelo cheiro...

CEGO: Quem conta não sou eu que sou um pobre cego, mas uma fome maldita.

CEARIM: Pois tome, Seu Cego, coma e beba à vontade, o quanto quiser. Tem pouco, mas dá para acomodar uma fome.

24

O Cego avança na comida.

CEARIM: Vamos lá, Seu Cego, não fique com modos de comer pouco para sobrar, ainda tenho mais um pedaço de carne e acho que amanhã sem tardança estou topando com a cidade...

CEGO: Se vai à cidade, também podia fazer a caridade de me levar junto, assim não passo o perigo de me perder novamente.

CEARIM: Pois se é até melhor ter companhia na viagem. O caminho parece menos penoso. Mas só vou sair com o sol, é perigoso o caminho na noite.

CEGO: Pra mim é o mesmo que não tenho outra coisa senão a noite, mas trago cansada de dias, podemos passar a noite aqui mesmo e depois amanhã a gente segue caminho.

Então, os dois se aprontam para dormir.

CEGO: (*CANTA*)

E que Deus nas alturas
vele por nós
que estamos no chão
e somos cristãos.

CEARIM: E a Virgem Maria.

*O Cego dorme. Cearim tira o retrato
da moça do farnel e olha.*

NARRADOR: E o bom Cearim mais o cego seu protegido
se aprumaram para puxar o sono
pela noite calma e de grande lua.
E no dorme quase dormindo
Cearim olhou o retrato da moça
e embarcou num sonho bonito em companhia dela.

Cearim dorme com um sorriso.

25

NARRADOR: Tudo estava certo e calmo... Quando o cego...

*O Cego se levanta, olha para os lados e vai
roubando tudo. Depois, foge de manso.*

NARRADOR: E Cearim seguiu dormindo
até que os primeiros raios de sol
bateram em seu rosto mandando acordar.

*Cearim acorda, espreguiça e olha em torno.
Dá pela falta do Cego e das coisas.*

CEARIM: Oi, Seu Cego... Ceguinho, onde está? Cego! Fugiu, danado!

CENA 5 A MADRINHA, DE NOVO

Cearim se atira ao solo, desesperado. Ajoelha-se e chama:

CEARIM: Madrinha! Madrinha, venha logo que é de muita precisão!

A Madrinha aparece.

CEARIM: Ah, madrinha ainda bem que a senhora veio no mesmo instante, que fui roubado por miserável cego e o mais pior é que o tanto roubado nem meu era e mais ainda que era para pagar promessa de um que já morreu.

MADRINHA: Pois se ponha atrás do ladrão Cearim!
Corra, corra, quem sabe se ainda alcança.

Cearim sai correndo e logo volta.

26

CEARIM: Mas se eu nem sei que rumo tomou o tal! Será que a madrinha não podia dar uma voadinha por aí e ver se acha o cego pra mim. Do alto é certo que se vê melhor.

MADRINHA: Isso é assunto terreno no qual eu não posso interceder. Você é quem tem que procurar.

CEARIM: Ah, madrinha, mas se foi seguindo os seus conselhos de ser bom que eu me meti nessa e acabei roubado pelo cego...

MADRINHA: Tenha fé, Cearim!

E dito isso, a visão desaparece. Cearim, furo de raiva, cospe na mão, o cuspe pula na batida, e ele segue na direção da sorte.

CENA 6 CEARIM ALCANÇA O CEGO

Logo topa com o Cego dormindo.

CEARIM: Cego de olho comprido e perna curta, nem esperava que viesse em seu encaço.

Cearim ameaça com o coice da arma o rosto do Cego, que recua.

CEARIM: E nem cego é, o danado... Devia... *(TIRA O CHAPÉU PARA O CÉU)* Deus me perdoe... era te meter chumbo no bucho... E nem cego é, o danado... Cego de às vezes, isso sim, em outras um vidente muito assanhado pra meter a mão nas propriedades alheias.

CEGO: Pelo amor de Deus, pensa que eu podia ter te matado enquanto dormia.

CEARIM: Era só o que faltava. Depois de comer minha comida, beber minha água e me roubar tudo o que tinha, ainda me matar.

CEGO: Tenha piedade de mim... Olhe que Deus ajuda a quem perdoa...

CEARIM: É, isso é uma coisa que está certa... Mas vai carregar as armas e o farnel até chegar na cidade.

O Cego vai passando a mão na espingarda.

CEARIM: Menos essa espingarda, que eu levo comigo, pra criar respeito e obediência. Pé no caminho e não se faz de diferente que eu te arrebento o osso do mucumbu. Vai tocando...

CEARIM: *(CANTA)*

Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou na cidade pagar.
Dedo firme no gatilho
Que é para ninguém me roubar
Se Deus não cuida de seu filho
Ele tem que se cuidar
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus e a Virgem Maria
Tenho muita proteção
Mas ainda vou de quebra
Com a espingarda na mão.

E Cearim e o Cego vão caminhando.

28

CENA 7 CEARIM E CEGO NA DELEGACIA

NARRADOR: E caminharam toda a noite.

Cearim sempre de olho-vivo no cego.
No dia seguinte avistaram a cidade.
Afinal Cearim havia chegado.

CEARIM: Vem lá embaixo um miliciano da polícia,
deve ser por causa das armas.

CEGO: E pois é, segura aí um pouco... *(LARGA AS ARMAS NA MÃO DE CEARIM)*
Me acuda, me roubaram todo o meu dinheiro e querem me matar!
Socorro... Ajutório! O que aconteceu com um cego, um pobre
cego vinha pela estrada com um dinheirinho que é toda a minha
fortuna quando foi assaltado por um que se disse cangaceiro...

CABO: Esteja calmo, Seu Cego! A lei já tomou conta do litígio.

CEARIM: É mentira, dona lei... Ele não é cego nada e nem eu também
num sou cangaceiro... Prenda o falso cego e me solte.

CABO: Uma verdade com dois donos é um caso muito especial e delicado, acho mais seguro levar os dois na presença da autoridade legal e competente, que lá tudo se resolve... Nem uma palavra, nem o cego e nem o outro e vamos tocando essa dúvida atropçada pro julgamento do Sargento.

E vai levando os dois para o xadrez.

CEGO: Um pobre cego preso, eu vou me queixar ao bispo.

CEARIM: Ah, falso cego do inferno.

CABO: Vamos entrando e com muito respeito, que esse é o templo da lei e da justiça... Só fala se perguntado e é proibido cuspir no chão.

SARGENTO: Vai prendendo. Quem são esses?

CEGO: Eu sou um pobre dum cego que foi roubado.

CEARIM: Ele é que é ladrão, Seu Sargento. E não é cego coisa nenhuma, vê demais e ainda passa da conta.

SARGENTO: Em primeiro lugar, silêncio. Cabo, dê conta do ocorrido.

CABO: Aproximadamente cinco minutos depois da hora do café, eu estava me encaminhando para a delegacia quando deparei com este indivíduo que gritava grito de socorro. Me encaminhei até o local e pude constatar que este indivíduo armado o ameaçava. Porém, perguntando, esse disse ser aquele o ladrão e não ele, como este outro havia declarado; sendo assim, detive os dois e os conduzi até aqui para que o Sargento proceda à investigação na forma da lei como reza o artigo 265 do código.

CEARIM: Mas ele é um ladrão danado, Seu Sargento...

SARGENTO: Prenda esse, enquanto eu dou decidimento, assim não atrapalha o processo da investigação.

CEARIM: Pois então me prendem e deixam solto o ladrão...

CABO: Cala o bico que o Sargento está afinando o pensador pra dar decisão decidida.

CEARIM: Por que então o Cego não vem ficar na jaula também?

CEGO: Eu precisava seguir caminho. Sou cego e não posso ficar longe de casa que dou cuidado à minha mulher.

CABO: Fique mudo, Seu Cego.

O Sargento, que caminha pela sala pensando, tem uma ideia. Aproxima a brasa do cigarro nos olhos do Cego, que aguenta firme.

SARGENTO: Seu Cabo! Solte o Cego, o outro fica detido!

CEARIM: Mas não pode ser, ele não é cego coisa nenhuma!

CABO: Está solto, Seu Cego.

O Sargento tem mais uma ideia.

SARGENTO: Aqui está seu dinheiro... Dois sacos.

CEGO: Obrigado e Deus lhe pague, Seu Sargento. E agora, com a sua licença, eu preciso ir pra casa...

SARGENTO: Então, está tudo certo e conferido?

CEGO: Tudo certo sim, Seu Sargento.

SARGENTO: Cabo! Prenda o Cego e solte o outro... Então, não sabe o quanto dinheiro tem, Seu Cego?

CABO: Sai da jaula... Entra o Cego.

CEARIM: Puxa, que Deus me ajudou, quase fico preso sem ter a culpa.

CEGO: Ah, Seu Sargento, mas que injustiça, bem sei que são três sacos de dinheiro, porém tinha pensado em esquecer um aqui para o senhor, por agradecimento, por ter prendido o cangaceiro... E só não falei, Seu Sargento, pra não dar impressão de estar pagando o trabalho da lei...

SARGENTO: Cabo! Solte o Cego e prenda o outro.

CEARIM: Lá vou eu de novo, o danado do Cego engana todo mundo.

CEGO: Por favor, o resto das minhas coisas.

O Cabo pega pra entregar e vê a fotografia da moça.

CABO: Esse retrato de moça, no seu farnel, é seu?

CEGO: É... É sim, é minha mulher...

CABO: Pois como é o nome dela?

CEGO: Pois é, nome é Maria.

CABO: E quando casou com ela?

CEGO: Pois há mais de dez anos...

CABO: E mora com ela?

CEGO: Moro, moro sim, e tenho que ir logo senão ela sai à minha procura.

CABO: Tem filhos?

CEGO: Dois... dois só.

CABO: Pra cego é boa conta... A única coisa que me dá dúvida é que essa do retrato eu conheço muito bem, me caia um raio se não é a Ercília, uma mulher-dama ruivosa que faz a vida lá no Castelo...

O Cego pega o farnel e tenta correr, mas o Cabo o detém.

CEARIM: Segura, segura... num disse que era mentira dele?

SARGENTO: Cabo! Prenda o cego e solte o outro.

CEARIM: Muito agradecido, Seu Cabo, que sua esperteza me livrou de ficar preso até nem sei quando e ainda mais de deixar o danado escapar.

CABO: Por que traz este retrato?

CEARIM: É que preciso encontrar a moça pra pagar uma promessa.

CABO: Promessa, hein?

CEARIM: É sim, por quê?

CABO: É que faz tempo que eu não subo o Castelo pra pagar promessa.

CEARIM: Onde é que posso encontrar a moça?

CABO: Chegue na porta que lhe mostro.

Cearim sai.

NARRADOR: Salvo pelo Cabo,
Cearim subiu o morro em busca da moça do retrato.
Ia feliz por começar a pagar a promessa do cangaceiro
e principalmente por ir ao encontro da moça do retrato...
Aquela com quem tinha sonhado muitas noites.

CEARIM: (*CANTA*)
Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou começar a pagar
Coração está batendo
Vou a moça encontrar
Logo, logo já estou vendo
Ela vai me deslumbrar
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou subindo morro acima
Vou buscar minha paixão.

Cearim na casa. Vem mulher.

MULHER: Olá, simpático.

CEARIM: A senhora me desculpe, é aqui que vive
uma moça chamada Ercília?

MULHER: Ercília tem que vive aqui, mas há muito tempo
que não é moça, que disso aqui não tem não.

CEARIM: Pois é... Eu precisava falar com ela.

MULHER: Dependendo da conversa, pode falar comigo
mesma... Garanto que é até melhor.

CEARIM: Tem que ser com a própria mesmo, é questão particular.

MULHER: Que será que ela tem que falta?... Pode entrar naquela porta.

Cearim entra. Vem Ercília, com copos e garrafa.

ERCÍLIA: Olá, entra...

CEARIM: Olá...

ERCÍLIA: Nunca viu?

CEARIM: Nunca, não senhora.

ERCÍLIA: O que é que quer?

CEARIM: Vim trazer um mandado de um que morreu...
Este retrato e mais este dinheiro.

Vai tirando do farnel.

ERCÍLIA: Pois então sente e muito obrigado... Quem me manda isso?

CEARIM: Ah... Isso foi alguém que lhe fez mal: da primeira vez.

ERCÍLIA: Ah, foi aquele peste que morreu... Em
boa hora se lembrou do mal feito.

CEARIM: Mas ele se arrependeu e me encarregou da promessa.

ERCÍLIA: Não quer tomar alguma coisa? Bichinho...

CEARIM: Ah, bichinha, se tivesse um pouco de água eu aceitava.

ERCÍLIA: Água! Tenho coisa melhor. *(PEGA A GARRAFA E ENCHE O COPO)*

CEARIM: Disso aí eu não tenho costume.

ERCÍLIA: Costume se faz... Me ajuda a festejar o dinheiro que ganhei...

CEARIM: Eu tenho medo que me faça mal.

ERCÍLIA: Você é muito simpático, como é o seu nome?

CEARIM: Cearim... Eu não sou daqui, sou do campo, vim tentar a
sorte na cidade... Andarilhei muito pra chegar aqui...

ERCÍLIA: Toma um pouco pra alegrar... Tirar poeira.

CEARIM: Eu não quero.

ERCÍLIA: Nem que eu peça?

CEARIM: Pois se pede eu vou até no inferno. *(CEARIM BEBE E FAZ CARETA)*

ERCÍLIA: É bom?

CEARIM: *(ROUCA DA PINGA)* Muito bom... Sabe... eu no caminho com esse
retrato olhava muito... A senhora é uma moça muito bonita.

ERCÍLIA: Obrigada... Toma mais um...

CEARIM: *(BEBE)* Pois... no caminho que quando eu encontrasse a senhora, a senhora eu... *(BEBE)*

ERCÍLIA: *(CHEGA PERTO E ENCOSTA O CORPO NELE)* O quê?

CEARIM: Eu...

ERCÍLIA: Pode falar, parece que está com medo de mim.

CEARIM: Quer que eu diga?

ERCÍLIA: Pois fala...

CEARIM: A senhora quer mesmo que eu diga?

ERCÍLIA: Pois fala de uma vez homem...

CEARIM: Olha que eu digo!

ERCÍLIA: Então?

CEARIM: Pois na verdade eu estou mesmo é meio com medo da senhora.

ERCÍLIA: E o que mais...

CEARIM: Mais nada não senhora...

ERCÍLIA: Nada mesmo?

CEARIM: Ih, mas eu sou muito envergonhado.

ERCÍLIA: Vergonha é roubar e não poder carregar.

CEARIM: Pois é que esse retrato que eu carreguei na viagem me deu umas voltas diferentes no pensamento. Coisa que eu nunca tinha pensado antes.

ERCÍLIA: Pois pense, ninguém lhe proíbe.

CEARIM: Mas só de pensar me dá um vermelhão quente na cara.

ERCÍLIA: Deixa eu ver se está quente mesmo. *(ABRAÇA CEARIM E ENCOSTA O ROSTO NO DELE)*

CEARIM: Danou-se de vez...

As luzes se apagam. No escuro, uns cochichos.

CEARIM: *(NO ESCURO)* Tirá a roupa pra quê?... Eu não vou nadar...

*Passa o tempo e a luz se acende. Cearim, deitado,
dorme. Um galo canto ao longe. É manhã.*

CEARIM: Ercília... Ercilinha...

*Cearim levanta-se, olha em volta, percebe que foi
roubado mais uma vez. Ajoelha-se em cima da cama:*

CEARIM: Madrinha... Só ouça, não aparece aqui não, que o lugar não é de respeito. Mas é possível bondade pureza e auxílio se ninguém é besta e está sempre todo mundo na espera que o cristão feche o olho pra num zás se valer contra ele... É possível? Me desculpe, madrinha, mas eu vou mudar de jeito nessa vida, se bem que não tenho dinheiro nem nada, que roubaram tudo... Não tem importância, até peço que de agora em diante não me ajude, faça o favor de fechar os olhos para certas safadezas, com perdão da palavra, que eu vou praticar. Eu quis fazer tudo do jeito certo, madrinha, mas é demais o acontecido. Desculpe muito mas eu vou agir por aí de um jeito bem diferente, que bondade e pureza só traz dano e prejuízo... A carta do cangaceiro! Lá tem coisa!

35

CENA 9 CEARIM RECUPERA A CARTA NA DELEGACIA

Cearim vai à cadeia.

CEARIM: Além de cego, virou surdo, danado?... Cadê a carta que eu preciso pagar a promessa do cangaceiro? Num fala... Eu espero sair da cadeia e te arrear de pancada.

CEGO: Pode ir embora que eu não estou bom pra conversa.

CEARIM: Num tá bom... Até parece que é um santo... Me dá a carta, senão...

CEGO: Só dou se der um jeito de me soltar.

CEARIM: Pois eu dou... Mas primeiro me dê a carta.

CEGO: Primeiro me solte.

CEARIM: Olha aqui, Seu Cego, se um de nós dois não tem palavra, é o senhor. Me dê a carta que eu vou lá pedir pro Sargento soltar...

CEGO: Palavra de honra?

CEARIM: Palavra de honra.

CEGO: Jura por Deus?

CEARIM: E pela Virgem Maria.

O Cego remexe o bolso e tira a carta. Cearim pega.

CEGO: Agora vá falar com o Sargento, conforme o trato e a jura.

CEARIM: Pode deixar, Seu Cego... Vou lá, digo pro Sargento que o senhor é um cego muito direito. Na verdade, o cego mais ceguinho que já vi. Pode deixar que eu falo com o Sargento...

CEGO: Não faz mais que a obrigação, já que te dei a carta...

CEARIM: Pois é certo... Não faço mais que a obrigação...
Até logo, Seu Cego, passe bem... Lembranças pra família... Pra dona cega e os ceguinhos todos.

36

Cearim vai até o Sargento.

CEARIM: Queria falar com os senhor, Seu Sargento...

SARGENTO: O que é? Já terminou a conversa com o preso?

CEARIM: Já terminei... ele ainda tinha uma coisa minha guardada.
Queria pedir uma coisa pro senhor, Seu Sargento.

SARGENTO: O que é, pode falar...

CEARIM: Queria pedir que ficasse de olho no bruto, que está caçando jeito de escapar. Acho bom reforçar a guarda que o Cego não é de brincadeira. Me disse que ia mandar chamar alguns amigos bravos que ele tem por aí... cinquenta... tudo cego de profissão... E que a cegaiada vem aqui botá fogo na cadeia e pendurá o cadáver... pelado... do Seu Sargento por riba de um poste, que é pra cegaiada cuspi. Disse que vai se vingar de mim e do senhor, Seu Sargento.

SARGENTO: Ah, é assim? Pode deixar que eu vou dar um tratamento psicológico nele.

CEARIM: Trata mesmo Sargento, bem espicológico.

O Sargento sai com o Cego pelo colarinho.

CEARIM: Madrinha! Quem não puder com o pote não segure na rodilha.

CENA 10 OURO NA SACRISTIA

NARRADOR: Cearim, que não sabia ler, resolveu procurar uma pessoa de confiança para ler a tal carta, e depois de muito pensar, achou que confiança mesmo só no vigário da paróquia... e lá foi ele.

Cearim chega na porta da sacristia. Vem o Sacristão.

SACRISTÃO: Que deseja?

CEARIM: Falar com Seu Vigário, é um caso de muita precisão.

SACRISTÃO: De que se trata?

CEARIM: Olha, é com o Vigário mesmo que eu quero falar e não com o Sacristão.

SACRISTÃO: Pra falar com o Vigário, primeiro precisa falar com o Sacristão.

CEARIM: E pra falar com o Bispo, eu preciso primeiro falar com o Vigário, e pra falar com o Papa, eu tenho que falar com essa padraiaada toda.

SACRISTÃO: Olha a heresia aqui na sacristia.

CEARIM: Vai chamar o Seu Vigário antes que eu me enfeze e entre na raça aí dentro dessa meleca.

SACRISTÃO: Oh, meleca! O templo do senhor.

CEARIM: *(IMITA)* O templo não... o templo do senhor, não. A sacristia, que é a casa do sacristão.

SACRISTÃO: Agora que eu não chamo mesmo.

CEARIM: *(BERRA)* Seu Vigário. Ô de casa... Seu Vigário!!! Tem visita!!

SACRISTÃO: Está maluco o desgraçado.

Vem o Vigário

VIGÁRIO: O que foi? Que barulhada é essa na porta da igreja? Seu Sacristão ordem... ordem...

SACRISTÃO: É esse herege, Vigário, fazendo arruaça na porta da igreja.

CEARIM: Na porta da igreja, não! Na porta da sacristia, que pela Igreja eu tenho muito respeito, Seu Vigário, e esse sacristão de... Bênção, padre... Pois é, ele não queria deixar.

VIGÁRIO: O que é de tão importante assim que o faz desrespeitar a igreja com essa barulhada toda?

CEARIM: Só posso falar depois que esse sacristão for pra... Bênção, padre... tratar da sacristia e deixar a conversa entre mim e o Seu Vigário.

VIGÁRIO: Vá lá pra dentro.

SACRISTÃO: Por isso não respeitam mais a religião.

38

O Sacristão sai resmungando. Cearim puxa a carta.

CEARIM: É uma carta muito importante que me mandaram e, como eu não sei ler, e já não confio mais em ninguém... A não ser no Seu Vigário, que é ministro de Deus na Terra e não mente e não engana, porque se fizesse uma coisa dessas era um pecado desses de não ter mais tamanho de ir parar no fogo do inferno sem nem expiar no purgatório. É esta aqui pro senhor ler pra mim saber o que ela diz.

O Vigário começa a ler, rosnando em latim. Enruga a testa, sorri, fecha a carta e a enfia no bolso.

VIGÁRIO: Não é nada de muito importante... Seu irmão manda dizer que está tudo bem e que logo manda notícias. Só isso. Até logo e que Deus o abençoe... Ah, toma aí um santinho.

O Vigário deixa Cearim na porta da igreja, com o santinho na mão.

CEARIM: Está tudo muito bem... Ele ia morrendo... Vai mandar notícia, só se mandar do fogo do inferno... Espere aí que eu vou tirar isso a limpo.

Cearim se esconde na sacristia. Logo surgem o Vigário e o Sacristão.

VIGÁRIO: Mas que coincidência. Aí está sem dúvida a mão de Deus! E logo agora que nós estamos precisando de uma reforma na igreja! Ouça só... (*LÊ*) Meu irmão... saudações cangaceiras. Deixei este escrito para o caso de acontecer alguma coisa rápida comigo, em casos destes te farei jeito de te fazer saber que a botija com as moedas de ouro está enterrada na sacristia da Igreja do Santíssimo. Dê uma parte ao vigário e manda rezar por mim. Seu irmão Diocleciano. P.S.: Ninguém sabe desta carta, pois quem a escreveu foi um piedoso sacristão, que por segurança e pra manter segredo, me encarreguei de apressar seu caminho na Terra, mandando o tal para o Céu, que é bem mais certo lugar para uma alma tão piedosa. Do seu irmão Diocleciano Taturana.

39

SACRISTÃO: É um milagre... Mas não será um truque daquele indivíduo que trouxe a carta?

VIGÁRIO: Não está mais na terra o sacristão que escreveu esta carta.

SACRISTÃO: Está aí o primeiro mártir da classe.

VIGÁRIO: É... enfim, está no terreno da igreja, pertence à igreja.

SACRISTÃO: À sacristia.

VIGÁRIO: À igreja... Vamos tratar de desenterrar... Vê aí as ferramentas.

O Sacristão pega a um canto uma enxada e uma picareta.

SACRISTÃO: A gente vai ter que cavar tudo, não se sabe onde está?

VIGÁRIO: O importante é que esteja aqui... Na casa de Deus.

Os dois começam a cavar.

NARRADOR: E o padre e o sacristão, feito tatus fazendo casa, romperam a noite adentro no bate que bate, cava que cava, e Cearim escondido no olha que olha, espera que espera. A certa altura, os dois tatus estavam morrendo de sono e caindo de cansados... E da botija... nada.

SACRISTÃO: Quem diria que andei pisando em ouro esse tempo todo.

VIGÁRIO: Quem diria...

SACRISTÃO: Louvado seja!

VIGÁRIO: Pra sempre seja louvado.

SACRISTÃO: Louvado seja!!!

VIGÁRIO: Pra sempre seja louvado!!

SACRISTÃO: Louvado seja!!!!

40

VIGÁRIO: Pra semp... Oh, rapaz, reza menos e cavoca mais.

SACRISTÃO: Só falta aquele pedaço, ali tem que estar...

VIGÁRIO: Tem que estar...

SACRISTÃO: A gente podia deixar pra amanhã.

VIGÁRIO: Não deixes para amanhã o que podes cavocar hoje. Mas você tem razão, eu estou que não aguento a ferramenta. Vamos dormir e depois a gente trabalha, não tem perigo de ninguém descobrir.

Os dois se sentam e dormem. Cearim sai do esconderijo e pega a botija.

SACRISTÃO: (*SONHANDO*) O ouro.

VIGÁRIO: A botija...

SACRISTÃO: Louvado seja...

CEARIM: Pra sempre seja louvado.

Cearim vai até o Narrador, que lhe dá um baú e um paletó enquanto fala.

NARRADOR: Cearim nem dormiu aquela noite só pensando no logro que havia passado no Sacristão e no Vigário. No dia seguinte, foi à cidade, comprou umas roupas novas, um baú pra guardar o dinheiro e foi à igreja, só pra ver.

Cearim na porta.

CEARIM: Oh, de casa!

SACRISTÃO: O que você quer?

CEARIM: Vai chamar o Vigário que eu quero falar com ele.

SACRISTÃO: Seu Vigário.

VIGÁRIO: *(ACORDANDO)* Descobriu a botija?

SACRISTÃO: Está aí o moço da carta.

VIGÁRIO: Ah, é você meu filho... O que quer?

CEARIM: Fazendo reforma, Seu Vigário?

VIGÁRIO: Pois é, uma coisinha à toa...

CEARIM: Uma reforma agrária, não é?

VIGÁRIO: Pois é. O que é que você quer?

CEARIM: Vim buscar a carta do meu irmão que eu esqueci ontem...

VIGÁRIO: A carta! A carta eu joguei fora.

CEARIM: Foi fazer uma coisa dessas com a carta, Seu Vigário?

VIGÁRIO: Olha, pra falar a verdade, não fui eu, foi o Sacristão.

CEARIM: É ele tem mesmo cara de xibungo... Bem, Seu Vigário, então não tem importância... Eu não faço questão de ficar sem ela pois já sei o que ela manda dizer. *(BATE NO BAÚ)* Até à vista...

VIGÁRIO: Vai com Deus... Olha, toma um santi... Ah, já te dei um santinho.

Cearim sai rindo.

CENA II

CEARIM VAI COMPRAR TERRAS

CEARIM: *(CANTA)*

Pé na estrada caminhando
Vou minhas terras comprar
O dinheiro está sobrando
Sobra mesmo até pra dar
Seu Vigário está cavando
Seu Vigário e o Sacristão
Vão revirar a igreja
Sem nunca achar tostão.
Pé na estrada caminhando
Melhorei a situação
Meu dinheiro bem guardado
É que é a minha proteção.

Aparece a Madrinha.

42

MADRINHA: Cearim, meu filho.

CEARIM: Ah, é a senhora. Bênção madrinha. Como vai a coisa lá em cima?
Como vai o Anjo Rafael, o Gabriel e os anjinhos todos? Bem? Então
muito bem, já vou me despedindo, estou com uma pressa danada.

MADRINHA: Como vai a vida?

CEARIM: Boazinha, madrinha.

MADRINHA: Então, meu filho, pagou a promessa do cangaceiro?

CEARIM: Isso eu paguei. Me escorcharam, me judiaram, andei preso,
me enganaram, mas pagar promessa isso eu paguei.

MADRINHA: Você foi muito bom, meu filho.

CEARIM: Fui mesmo, isso é que se chama bondade da boa.

MADRINHA: Então estás com a vida terrena a gosto.

CEARIM: Tá especial, madrinha!

MADRINHA: Quer dizer, então, que não precisas mais de mim?

CEARIM: Bem dizer, preciso mais não. Mas quero que a senhora apareça em casa pra tomar um cafezinho e comer uns beijus, pois vou comprar umas terras com um dinheirinho que eu achei por aí.

MADRINHA: Está bom meu filho, então até um dia.

Antes que a Madrinha desapareça, Cearim chama.

CEARIM: Madrinha! Oh, madrinha! Precisando de alguma coisa... *(BATE NA CAIXA DO DINHEIRO)* é só chamar!

MADRINHA: Adeus, meu filho! Seja bom!

CEARIM: *(BATENDO NA CAIXA)* Seja sim.

NARRADOR: E lá vai o nosso Cearim
alegre e desimpedido, comprar suas terrinhas.
Sim senhor, o moço Cearim,
com a cabeça em cima do pescoço, os pés na terra,
sem mais nuvens de bondade nem maldades,
vai se tornar um homem rico e poderoso.
Mas numa curva do caminho...

43

Aparecem, pelas costas de Cearim, o Cego e o irmão do Cangaceiro do testamento. Cearim se vira e se aterroriza diante dos dois terríveis facínoras, que estão armados até às gengivas.

CEGO: Olha que bem nos encontramos. Pois está aí com muito interesse em ter uma conversinha com sua senhoria. Esse aí é o irmão do Cangaceiro que tu matou, roubou e ainda foi desenterrar a botija de ouro que estava enterrada na Igreja do Santíssimo. Se entenda com ele.

CEARIM: Agora é que eu estou mesmo entre a cruz e a caldeirinha.

Vem a voz da Madrinha.

MADRINHA: *(EM OFF)* Cearim, meu filho, quer ajuda?

CEARIM: Quero nada não, madrinha! Sozinho me arrumo melhor.

O Cangaceiro e o Cego se preparam para matá-lo.

NARRADOR: E assim, termina a primeira parte desta história.

Nosso Cearim está encurralado pelo cínico cego

e o terrível irmão do cangaceiro do testamento.

Dispensada a ajuda da madrinha, quem poderá salvá-lo?

Isso é o que veremos dentro de alguns minutos,

na segunda parte desta história,

parte que se intitula "Os perigos da maldade".

FIM DA 1ª PARTE

**SEGUNDA PARTE:
OS PERIGOS DA MALDADE**



CENA 12 ENCURRALADO

NARRADOR: No último capítulo, vimos que Cearim, após ter ludibriado o padre e o sacristão, foi encurralado em uma curva do caminho pelo cego e pelo temível irmão do cangaceiro do testamento. A história agora continua inesperadamente...

CEARIM: Olhe aqui seu cangaceiro... É mentira do cego, eu ainda até que ajudei seu irmão a subir pro céu, cumprindo uma promessa que ele fez na horinha da morte.

CEGO: Tá vendo como é a esperteza dele?

IRMÃO: Dá pra cá esse baú.

CEARIM: Ai meu Deus, meu dinheirinho.

CEGO: Deixa que eu seguro.

IRMÃO: Segura aí que depois a gente divide.

CEGO: O que a gente vai fazer com o infeliz aí? Acho melhor ir tacando logo uns tiros bem dados que é pra ele desencarnar e não dar mais trabalho.

CEARIM: Ah, cego do inferno, quer ver minha caveira seca...

IRMÃO: Acho que você tem sua razão, Seu Cego. Vamos trabalhar rápido. Olha aí, oh, infeliz, pode ir rezando pra se desincumbir dos pecados...

CEARIM: Ai, agora eu estou frito... Espera aí! Que medalhinha é aquela no pescoço do cangaceiro. *(OLHA DE PERTO)*
Ah, já sei, vou fazer uma reza mais alta...

IRMÃO: Vai fogo...

CEARIM: E fico até contente de morrer neste dia santo. Dia do meu santo padroeiro.

IRMÃO: Lá vai...

CEARIM: Meu São Jorge abençoado, lá vou eu pro céu!

IRMÃO: *(BAIXANDO A ARMA)* Pois quem é seu santo padroeiro?

CEARIM: São Jorge, sim senhor.

IRMÃO: E hoje é dia dele...

CEARIM: Pois é assim certo, eu até estou morrendo de alegria por ser neste dia. Dia do meu santo padroeiro.

IRMÃO: Sorte tem ele de hoje ser dia de São Jorge, que é também meu padroeiro. Dia no qual por respeito e para salvar a alma não tiro a vida de nenhum vivente.

CEGO: E essa agora que é de virar com tudo.

CEARIM: Me mate logo seu cangaceiro, que eu quero morrer no dia do meu Santo padrinho.

IRMÃO: Mato não, que é meu padrinho também.

CEARIM: Mata, vá...

IRMÃO: Mato de jeito nenhum...

CEGO: Ora veja que despropósito de coincidência. Assim não pode ser...

IRMÃO: Estou dando no pensamento que a gente até que podia deixar ele ir embora.

CEARIM: Eu queria ser matado, mas já que é o dia do nosso padroeiro...

CEGO: Mas não está certo não.

CEARIM: Olha aqui, seu cego descarado, ninguém lhe chamou na conversa. Não se meta na amizade de dois afilhados de São Jorge. Cutuca ele seu cangaceiro: até que vendo de lado esse cego tem uma cara de dragão, num tem?

CEGO: Por São Jorge eu também tenho muito respeito, mas é que se a gente solta ele vai diretinho na delegacia dar parte do acontecido. Já conheço as manhas desse danado. O melhor é guardar ele até à meia-noite que então o dia do seu santo padroeiro é passado, e não vai ter mais porque não dar cabo com a vidinha dele.

CEARIM: Ah, cego da molésta.

IRMÃO: Tá aí, muito bem pensado. Amarra o bicho e vamos esperar passar o tempo.

Vão amarrando.

CEGO: Enquanto a gente espera, não ia de muito mal um joguinho de baralho, dinheiro é o que não falta...

IRMÃO: Aceito e faço fé que um joguinho é sempre bom. Amarra bem forte pra não dar cuidado...

CEGO: E deixamos ele aqui bem no sol, pro cabra ir se acostumando com a quentura do inferno, que é pra onde vamos mandar o tal.

IRMÃO: Vamos ao joguinho numa boa sombra que tem ali na baixada.

CEGO: E tenho um baralhinho que está estralando de tão novo...

O Cego e o Cangaceiro se afastam.

CENA 13 CACHORRO *VERSUS* MADRINHA

CEARIM: Ai, que desta vez não escapo...

MADRINHA: (*APARECENDO*) Cearim, meu filho, quer alguma coisa?

CEARIM: Olha aqui, madrinha, já disse que não quero. A senhora pode me soltar?

MADRINHA: Soltar?!

CEARIM: Então é bom a senhora ir dar uma voltinha por aí, que do jeito que vai indo a coisa eu vou acabar é mesmo apelando pro capeta de uma vez.

Uma explosão: a Madrinha dá um grito. Logo surge de um lado o Capeta, o cachorro

CACHORRO: Auuuuuu Auuuuur... Me chamou?

CEARIM: O que foi... Eu chamei nada não... estava só brincando.

CACHORRO: Não gosto dessas brincadeiras. AurrAuAurrrrgrgrgr.

CEARIM: Ai meu Deus do céu, é o próprio cão em pessoa. Onde é que eu fui me meter.

CACHORRO: Chamou ou não chamou? Aurrrrgugugurrr.

CEARIM: Olha aqui, quer saber de uma coisa? Pra quem meteu um pé na graça de vaca, meter os dois é quase o mesmo... Olha aqui, seu cachorro, chamei sim, estava precisando de uma ajudinha pra escapar de uma enrascada em que me vi entrado.

CACHORRO: Vá dizendo, meu filho.

CEARIM: Estou preso por dois malfeitores que querem me matar.

CACHORRO: E o que quer que eu faça?

CEARIM: Que dê um jeito de me soltar.

CACHORRO: Olha aqui... Soltar, soltar, eu não posso não...

CEARIM: Então, mande alguém pra me soltar...

CACHORRO: Isso eu posso tentar mas duvido, que pra me escutar precisa ter umas orelhas certas.

CEARIM: Queria então que mandasse umas labaredas queimar o bandulho dos danados que estão ali jogando baralho. Manda, seu cachorro, manda.

CACHORRO: Aqui pra nós, pra dizer bem a verdade, esse negócio de fogo, raio, labareda, garfo, faca etc... Não é muito mais que história que os padres inventaram pra botar medo nos crentes...

CEARIM: O que é que o senhor pode fazer então?

CACHORRO: Posso te dar proteção enquanto você for mau. Se você praticar o mal, estarei sempre ao seu lado, para o que der e vier. Seja mau, Cearim, muito mau, e as coisas do mundo estarão sempre do jeito certo, pratique o mal e todos te darão respeito. Vá, meu filho, faça o mal.

CEARIM: Ir pra onde, amarrado deste jeito?! Até logo, então, seu cachorro.

CACHORRO: Até, meu filho. Precisando de mim é só chamar...

CEARIM: Chamo sim... eu chamo...

CACHORRO: *(FAZENDO UM CORNO COM OS DEDOS)* Sempre alerta!

CEARIM: Sempre alerta...

Cão desaparece.

CEARIM: Essa é boa. Chamar pra que, se não dá jeito em nada?

MADRINHA: *(APARECENDO)* Cearim, meu filho, quem estava ainda pouco conversando com você?

CEARIM: Ah era um... era um amiguinho meu, madrinha.

MADRINHA: Esse cheiro de enxofre queimado não me engana. Foi o cachorro quem esteve aqui não foi? Sempre fazendo concorrência, o danado. Você não fez negócio nenhum com ele, não é meu filho?

CEARIM: Fazer, eu não fiz não. Olha aqui, madrinha, a senhora pode me soltar, pode?

MADRINHA: Que jeito eu poderia dar?

CEARIM: Olha, então a senhora me desculpe, mas eu prefiro ficar só, para poder pensar melhor e dar um jeito de escapar desta.

MADRINHA: Seja bom Cearim, e tudo estará bem.

CACHORRO: *(EM OFF)* Seja mau e tudo correrá bem.

A Madrinha some num grito.

CEARIM: Seja sim, seja tudo que vocês querem... Os danados jogando com meu dinheirinho, e depois vão me matar, o que que faço... Olha lá uma velha de preto, vou gritar pra ela vir me soltar... Velha, oh, velha, socorro, oh de lá, socorro, oh de lá...

Vêm o Cangaceiro e o Cego.

51

CEGO: Depressa, bota ele dentro deste saco, que vem gente...

Cego e Cangaceiro amordaçam Cearim e o botam dentro do saco. Vem o Vigário e os dois cantam e dançam o xaxado.

OS DOIS: Socorro o de lá
Socorro o de lá
Assim gritava o pobre infeliz
Pedindo ajuda e salvação
O senhor veio em sua proteção

VIGÁRIO: Que é isso, meus filhos?

CEGO: Estamos cantando umas musiquinhas pra alegrar Deus, Seu Vigário.

IRMÃO: É que hoje é dia do meu santo padroeiro, e então pedi ao meu bom amigo...

CEGO: Bom amigo cego...

IRMÃO: Pois é, ao meu bom amigo cego, pra que cantasse umas rezas bonitas pra festejar a data do dia acontecido.

CEGO: Quem é rico, conta os seus
E quem é pobre canta pra Deus.

VIGÁRIO: Cantem, meus filhos, cantem.

Os dois cantam e dançam. O Vigário dança um pouco e depois vai embora.

CEGO: Já foi?

CEARIM: É bom deixar o bichinho ensacado mesmo.

Volta o Vigário. Eles cantam de novo.

VIGÁRIO: Olha aqui, meus filhos, vocês não viram por acaso meu sacristão? Ele estava junto comigo e, de repente, saiu correndo atrás de uma borboleta e não o encontrei mais...

52

CEGO: Eu não vi que sou um pobre cego, Seu Vigário.

IRMÃO: Não vimos não, Seu Vigário.

VIGÁRIO: Então continuem e que Deus vos abençoe.

Os dois seguem cantando e o Vigário desaparece. Quando vão voltar ao saco, o Vigário volta novamente. Cantam.

VIGÁRIO: Olha aqui, meus filhos, um santinho para cada um...

CEGO: Deus esteja...

IRMÃO: Em santa glória.

Cantam de novo e esperam. O Vigário não volta.

CEGO: Pronto, agora foi de uma vez... Olha aqui, é bom deixar o bichinho ensacado mesmo, que é pra não dar trabalho. Depois, é só meter umas balas no saco mesmo e o bicho já empacota de acordo... Vamos continuar o joguinho...

IRMÃO: Pra já...

Saem os dois. O saco pula que pula. Aparece o Sacristão, correndo atrás de uma borboleta, tropeça no saco e cai.

SACRISTÃO: *(COM A BORBOLETA NA MÃO)* Seu Vigário, olha que beleza de borboleta! *(CAI E LEVANTA-SE)* Ué o que será que tem dentro deste saco? Parece que não tem dono, e tudo o que não tem dono pertence à igreja, e na ausência do vigário, à sacristia.

Abre o saco, descobre Cearim, tira-lhe a mordanga.

SACRISTÃO: Nossa! O que é que você está fazendo aí?

CEARIM: Pois se eu... Olha eu... Foi aqui um...

CÃO: *(EM OFF)* Seja mau, meu filho. Auuuuurrnggrurururuauaua.

CEARIM: *(MUDANDO A CHAVE)* Pois é, Seu Sacristão, o senhor veio me atrapalhar tudo de uma vez. Não tinha outra coisa que fazer que andar por aí abrindo os sacos alheios, que não são de sua conta? Agora então, que já estragou tudo, me desamarre.

53

Sacristão vai desamarrando.

CEARIM: Por que então tinha que se meter na minha vida, logo agora que eu ia arrumar ela de uma vez.

SACRISTÃO: Eu não estou entendendo nada de nada...

CEARIM: Pois eu conto... eu conto. Não é que eu estava andando por esta estrada aqui quando, de repente, topei com uma luz muito forte, muito bonita, muito brilhante. Parei meio com medo. Era sabe o quê? Um anjo...

SACRISTÃO: Um anjo, louvado seja!

CEARIM: Pra sempre seja louvado. Pra dizer bem a verdade, eram dois anjos. Um preto e um branco.

SACRISTÃO: Dois anjos. Louvado seja.

CEARIM: Pra sempre seja louvado. Então, os anjos vieram voando e pararam bem em cima da minha cabeça. Daí o anjo preto, um anjão assim, com umas asas aqui nas costas, veio descendo mais baixo e falou: “Meu filho, estamos passando pelo mundo para dar prêmio aos homens de bom coração. Você foi o escolhido.”

SACRISTÃO: Louvado seja!

CEARIM: Para sempre seja louvado. Então, o anjinho branco veio, era uma belezinha, Seu Sacristão, com as asinhas de purpurina... Voava que nem uma curruíra, trui, trui, parou tremelicando as asinhas e falou delicadinho. Era um querubim. “Olha, meu filhinho, entre neste saco sagrado e depois viremos buscá-lo para passear no céu. E lá no jardim maravilhoso, onde os frutos são todos de ouro, poderá colher quantos quiser e assim, quando voltares à terra terás vida farta e regada.”

SACRISTÃO: De ouro?

CEARIM: De ouro.

SACRISTÃO: Louvado seja.

CEARIM: Para sempre seja louvado. Daí, o anjinho subiu e o anjão preto veio de novo, vapt, vapt, vapt e disse: “Olha, meu filho, depois de entrar no saco sagrado do meu companheiro, não poderás falar com nenhum mortal e se, por um acaso, algum o encontrar, então, como prêmio à bondade de samaritano de quem o encontrou, você deve ceder seu lugar a este (*APONTA O SACRISTÃO*) samaritano. Coloque-o dentro do saco, que uma outra vez o premiaremos novamente.”

SACRISTÃO: Louvado seja!

CEARIM: Para sempre seja louvado. Pois não é, Seu Sacristão, que você deu de me encontrar e me tirou a vez de visitar o jardim do paraíso.

SACRISTÃO: Não foi por mal, eu queria apenas salvá-lo desta situação.

CEARIM: E eu que queria colher os frutos de ouro pra ficar rico.

SACRISTÃO: Por isso o Senhor fez com que eu o encontrasse. Essa ambição desmedida.

CEARIM: Olha, Seu Sacristão... Vamos fazer um trato... Você me fecha dentro do saco novamente e eu me vou. Na volta trago umas frutinhas de ouro para você também... Um abóbora.

SACRISTÃO: De jeito nenhum. Seria um pecado terrível. Os anjos não podem ser enganados. Em se tratando da vontade de Deus, não discuto, vou logo cumprindo... Me ponha dentro do saco.

CEARIM: Ah, Seu Sacristão, como eu gostaria de ir... Logo, logo à meia-noite os anjos vêm buscar e você vai ver aquela anjaiada toda.

SACRISTÃO: Vamos, amarre bem forte e me esconda pra ninguém me encontrar. Escuta, os anjos disseram que os frutos eram de ouro?

CEARIM: E com pedras preciosas.

SACRISTÃO: Louvado seja.

CEARIM: Para sempre seja louvado. Toma, meu filho, leva a tua borboletinha.

Bota a borboleta no saco e fecha.

CEARIM: A minha pele pela dele, que eu não sou mais besta.

CACHORRO: *(EM OFF)* Parabéns, meu filho.

CEARIM: Tá contente né, seu cachorro. Vai ficar mais depois que eu terminar uns planos que eu tenho aqui no meu bestunto. Agora toca a esconder e esperar a meia-noite. Boa viagem, bom sacristão.

SACRISTÃO: *(COM MORDAÇA)* Louvado seja.

CEARIM: *(CANTA)*

Viver é muito perigoso
Viver não é mole não
Tinha a ajuda de Deus
Tenho a ajuda do cão
De ensacado que eu estava
Ensaquei o Sacristão
Viver é muito perigoso
Viver não é mole não.

Cearim vai saindo de cena.

NARRADOR: E Cearim esperou escondido que as horas passassem.
Dentro do saco milagroso,

o Sacristão esperava a hora gloriosa
de visitar os jardins do paraíso.
E quando já era meia-noite...

Vêm o Cangaceiro e o Cego.

IRMÃO: Chegou a hora da hora mais triste para o nosso amigo.

CEGO: No fundo era um bom sujeito.

IRMÃO: É, pensando bem, era sim...

CEGO: É, mas vai metendo uns chumbinhos no buquinho dele.

IRMÃO: Tem certeza que já passou a meia-noite?

CEGO: Pois se olha a altura da lua.

IRMÃO: Pois se então, vamos lá.

CEGO: Vamos logo, que o joguinho estava bom.

IRMÃO: (*VAI ATIRAR*) Espera aí. Não fica bem a gente mandar o tal sem encomenda. Umaz reza iam de muito bem. Inda mais que sou um cabra cristão e afilhado de São Jorge.

CEGO: Pensando bem, está com a razão. Vamos dar uma rezadinha.

IRMÃO: Começa.

CEGO: Pode começar.

IRMÃO: Começa daí que eu repuxo daqui.

CEGO: Começa daí que eu trepuxo daqui.

IRMÃO: Pra dizer a verdade, não tenho nenhuma reza de memória que me alembra.

CEGO: Pois não é que eu também não? Não tem importância, o que vale é a intenção.

IRMÃO: Pois já ajuda levar o bruto pra perto daquele mato... Tá mais leve o desgraçado.

Sai uma aguinha no chão.

IRMÃO: Olha aí, compadre cego. Ele está se livrando dos pecados.

CEGO: Pronto, agora toca fogo de uma vez.

IRMÃO: Vai com Deus, infeliz. (*TACA DOIS TIROS NELE*)

Ouve-se um mugido e nada.

CEGO: Pronto! Morreu!

(*CANTA*) Que Deus se apiedeie
Da alma deste coitado
Que de ir ao céu não arreceie
Pois que vai bem ensacado
Hoje vai um
Amanhã outro vai
E um dia nós vamos também
Bendito seja os dois — amém.

CEGO: Agora vamos terminar o joguinho.

*Os dois vão jogar em um canto.
Cearim entra e vai até o saco.*

CEARIM: Pobre Sacristão de uma figa... Pagou a ambição com a vida.
Enfim, se ele foi bom, deve estar a caminho de um bom
purgatório. Se não foi, que se lasque. Agora, vamos cuidar
desses dois safados, que estão muito a fresco no seu joguinho.

57

*Cearim, escondido atrás de uma moita,
chega até perto deles, que jogam.*

CEGO: Tome lá que esta num se mata.

IRMÃO: Pois leve um trunfo.

CEGO: Reboque de igreja velha, sapiquá de lazarento, tome de volta.

IRMÃO: Pois levo... Eta joguinho bão, a única coisa é que
está me dando uma danada guela seca.

CEGO: Pois não é que em mim também. A gente podia
caminhar até à bodega e tomar uns bons tragos.

IRMÃO: Falado e dito. Vamos tocar pé no caminho.

Cearim, escondido, com voz de fantasma:

CEARIM: Já vãooooooooo?

Os dois estacam.

IRMÃO: Ouviu isso, compadre?

CEGO: Foi um cachorro do mato.

CEARIM: Eu vou atrás aaaaiaiaiaiauaauraiiiii!!!

IRMÃO: Ai, Minha Nossa Senhora do Bom Parto... Bem me pareceu que a voz vinha dali daquele lado onde está o cadáver falecido morto por nós matado.

CEGO: Seja o que for, o melhor é ir embora.

CEARIM: Até mais logooooooooo.

O cego e o cangaceiro dão no pé. Cearim sai do esconderijo.

CEARIM: Agora vou atrás deles, quero pegar os dois quando estiverem bem encachaçados.

58

CENA 14 NA BODEGA

Cego e Irmão jogam.

BODEGUEIRO: Eu vou lá dentro fazer umas contas. Precisando de alguma coisa é só chamar.

IRMÃO: A gente chama. Pode ir seu bodegueiro. Olha, pra dizer a verdade, até que está me dando um receio que a tal voz que nós ouvimos era a alma do infeliz vagando perto do corpo do cadáver falecido do morto.

CEGO: Que nada, era um cachorro do mato.

IRMÃO: Rei.

CEGO: Dama.

IRMÃO: Vamos pra Tribobó...

CEARIM: Mais longe...

IRMÃO: Brocoió.

CEARIM: Vão mais longe, vão pra ponte que partiu!

IRMÃO: Pois vamos sim, senhora dona alma.

CEARIM: Se os encontrar novamente, levo os dois pras profundas... Correeeiiviiii. (*SOLTA OS DOIS*)

IRMÃO: Soltou. Dá no pé, cego.

CEGO: Já fui...

Cearim ri às bandeiras despregadas.

CEARIM: Seu bodegueiro... Seu bodegueiro...

BODEGUEIRO: Pronto... Ué, cadê os dois que estavam jogando baralho aqui?

CEARIM: Foram embora pra ponte que partiu. O baralho deles é inglês, tem mais de dez reis... Mas não se aborreça, que deixaram dinheiro pra pagar a conta... Olha seu bodegueiro, sabe quem tem umas terras pra vender por estas bandas?

BODEGUEIRO: Olha, pra dizer a verdade, a terra aqui tem só dois donos: as da fazenda do Coronel e as da fazenda do Padre.

CEARIM: Do vigário da paróquia?

BODEGUEIRO: Do vigário da paróquia.

CEARIM: E sabe se algum deles está querendo vender?

BODEGUEIRO: Que eu saiba, nenhum. Estas terras dão muito dinheiro...

CEARIM: Ora veja só. Seu bodegueiro, podia me vender aquele bauzinho, que eu estou precisando de um bauzinho maior pra guardar umas coisinhas minhas.

BODEGUEIRO: Se quiser, pode levar aquele ali mesmo. Já está aí há muito tempo e acho que o dono não vem mais buscar. Era de um artista de um circo que passou por aqui, ficou me devendo umas contas e largou o baú de garantia.

CEARIM: Então muito obrigado, seu bodegueiro.
Até mais ver. (*SAI COM O BAÚ*)

CEARIM: (*ABRE O BAÚ, REMEXE-O E TIRA UMA ROUPA DE BISPO*) Olha só... uma farda de bispo... Não é que me bateu aqui agora, então o Seu Vigário tem umas terrinhas. Santas terrinhas. Espera aí que vou tirar uma consulta. Madrinha, oh madrinha....

MADRINHA: Cearim, meu filho, o que foi... Está bem, meu filho?

CEARIM: Muito bem, madrinha. Olha, eu chamei a senhora por querer saber de uma coisa... Olha, madrinha, quem é mais querido de Deus: os grandes reis ou os pobrezinhos que não tem nada?

MADRINHA: Ah, Cearim: “bem-aventurados os humildes, pois deles é o reino dos céus.”

CEARIM: E tem aquela outra ainda, dos camelos nos fundos das agulhas.

MADRINHA: Pois é certo, meu filho: “É mais certo um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino do céu.”

CEARIM: Então, quer dizer que os ministros de Deus na terra têm que dar o bom exemplo?...

MADRINHA: Claro, meu filho, assim tem que ser.

CEARIM: Então, agora eu já vou com mais confiança.

MADRINHA: Vai aonde, meu filho?

CEARIM: Nada não, madrinha... É umas coisinhas minhas. Pode ir, viu madrinha.

MADRINHA: Precisando de mim é só chamar.

CEARIM: Chamo sim... Vaaaa, adeussss madrinha.

Madrinha desaparece.

CEARIM: Agora, vamos chamar o outro lado... Seu Cachorro, venha aqui pra gente bater um papinho.

CACHORRO: (*APARECENDO*) Auuuurrrrggg. Pronto, meu filho, o que você quer?

CEARIM: Queria fazer uma perguntinha pro senhor.

CACHORRO: (*CHEIRA O AR*) Sniffsiniff. Cearim, meu afilhado, quem estava aqui com você?

CEARIM: Ninguém não, uma conhecida...

CACHORRO: Esse cheiro de velas não me engana. Foi aquela sirigaita, sempre se metendo em tudo.

CEARIM: Ah, Seu Cachorro, me admira o senhor com um rabo desse tamanho ligar pra certas coisinhas. Eu queria fazer uma pergunta.

CACHORRO: Pode fazer, meu filho.

CEARIM: Se o vigário da paróquia tem umas terrinhas e eu tenho aqui no meu bestunto um plano de levar as terrinhas dele, qual é o certo?

CACHORRO: Mate o vigário, coma ele com farinha, beba o sangue do desgraçado, queime a igreja, jogue bomba na quermesse. Auuuu auarrggguer.

CEARIM: Oh, sujeitinho mau...

CACHORRO: O que foi? Auuurruggg.

CEARIM: Nada não, Seu Cachorro. Muito obrigado, já sei o que perguntei. Até à vista.

CACHORRO: Até à vista, meu filho, e seja mau.

CEARIM: Sejo, sim senhor.

CACHORRO: E não se esqueça: sempre alerta! *(FAZ SINAL DE CORNO COM A MÃO)*

63

Cearim faz sinal de figa e Cachorro de corno, até que os dois concordam.

CENA 15 PORTA DA IGREJA

Cearim chega à porta da igreja. A batina ficou presa no cinto de sua calça.

CEARIM: *(IMPONENTE)* Seu Vigáriooooooooo. Senhor Vigáriooooooooo...

VIGÁRIO: Quem é a estas horas da noite.

CEARIM: É o bispo... Mandado do Papa.

VIGÁRIO: Ah, pois não. Mas como é que Vossa Reverendíssima chega assim, sem aviso e ainda mais a pé.

CEARIM: Vim de liteira mas deixei logo ali embaixo. Seu Vigário, vim aqui especialmente pra trazer um recado do Papa, o Santo Papa.

VIGÁRIO: Recado?!

CEARIM: Recado. O Santo Papa soube que o senhor vigário é dono de muitas terras... que tem fazendão. O Santo Papa não gosta disso não. Ele mandou dizer que tão logo possa, o senhor se desfaça dessas terras.

VIGÁRIO: Que eu me desfaça...

CEARIM: Mas o Santo Papa não quer que se desfaça das terras assim de repente. Quer que dê de graça ou venda por um preço bem barato. No máximo um baú de dinheiro.

VIGÁRIO: Um baú?!

CEARIM: Um baú. Hummmmm!!! Mas o Santo Papa não quer também que essas terras caiam nas mão de um herege qualquer por aí... O Santo Papa quer que o senhor dê as terras a um moço honesto, trabalhador, piedoso, cristão, humilde, devoto, caridoso, e que traga no pescoço uma corrente com o santo crucifixo.

Cearim se volta e o Vigário olha atrás da batina dele.

VIGÁRIO: E o que mais o Santo Papa manda dizer?

CEARIM: Manda dizer que faça isso bem logo, porque senão... Hummm. Agora vou embora que o Santo Papa está me esperando. Até logo, seu Vigário, cumpra as ordens. Tome lá um santinho. E, Seu Vigário, sempre alerta!

O Vigário entra na igreja. Cearim corre aonde deixou o baú. Canta enquanto troca de roupa e coloca um grande crucifixo no pescoço.

CEARIM: *(CANTA)*

Viver é muito perigoso
Viver não é mole não
Já tive a ajuda de Deus
Tenho a ajuda do Cão.

Seu Vigário está com medo
Vai me dar o fazendão
Já fui bispo, já vi anjo
Já posei de assombração.
Viver é muito perigoso
Viver não é mole não.

CEARIM: *(CHEGANDO, MUITO HUMILDE, À PORTA DA IGREJA)*
Seu Vigáriooooo, Seu Vigáriooooo...

VIGÁRIO: Quem seria... Ah, é você, meu filhinho?

CEARIM: Sou eu, Seu Vigário. *(BEIJA SOFREGAMENTE A MÃO DO VIGÁRIO)* Bênção, santo Vigário.

VIGÁRIO: Deus te abençoe. O que quer, meu filho?

CEARIM: Nada, Seu Vigário. Apenas vim ficar mais perto de Deus e nenhum lugar é mais perto que a sua Santa Casa.

VIGÁRIO: Muito bem, meu filho.

CEARIM: Vim também trazer um dinheiro pras caridades da paróquia. Eu também não tenho nada, mas quem dá aos pobres empresta a Deus.

VIGÁRIO: Muito bem, meu filho. E o que mais?

CEARIM: Queria também que o Seu Vigário fizesse o favor de benzer este santo crucifixo que eu trago sempre pendurado no pescoço. *(OSTENTA O CRUCIFIXO)*

VIGÁRIO: Espera aí, meu filho, que já vou te encher de bênçãos. Podem levar, está acusado de tentar roubar a Igreja de Deus.

Surgem o Cabo e o Sargento.

CABO: Esteje preso.

SARGENTO: Então, o senhor queria passar o conto do vigário no próprio dito cujo?

CEARIM: Volta e meia acabo dando com os costados na cadeia.

SARGENTO: Dê pra cá esse baú. O que é que tem dentro?

CEARIM: Uns dinheirinhos meus.

SARGENTO: Está confiscado. Guardado e protegido pela lei.

CEARIM: E lá se vai o meu rico bauzinho.

SARGENTO: Seu Cabo, fique tomando conta da cadeia, assumo o comando, enquanto eu vou até em casa contar este dinheiro. Qualquer coisa, dê o alarma.

CABO: Pode ir descansado, Seu Sargento...

Cearim fica sozinho.

CENA 16 CADEIA

CEARIM: Já estou eu de novo na enrascada... E olha que com proteção de tudo quanto é lado... Proteção. Espera aí, quem sabe se os dois juntos, o padrinho e a madrinha, não me tiram daqui de dentro. Espera aí que eu vou fazer um chamado geral. Primeiro o lado de baixo: Padrinho... Seu Cachorro, vem aqui bater um papinho.

66

CACHORRO: Aqui estou, meu filho. Aurururrggg...

CEARIM: Viu o que me aconteceu de seguir os belos dos teus conselhos? Trancado nesta jaula até nem sei quando...

CACHORRO: Seja mau, meu filho...

CEARIM: Seja sim... Olha aqui, seu Cachorro: eu andei ouvindo por aí certas coisas que muito o desmoralizam...

CACHORRO: O que foi, meu filho, fale logo que já estou botando fogo pelas narinas.

CEARIM: Pois andaram me dizendo... Mas até tenho medo de contar, só em pensar na raiva que vai lhe dar.

CACHORRO: Fale logo, aposto como foi de alguém da parte de cima.

CEARIM: Pra dizer a verdade, foi mesmo a minha madrinha da parte de cima.

CACHORRO: Aquela... O que foi que ela disse?...

CEARIM: Pois ela disse que o senhor tem um medo dela que se pela. Que, só de ouvir o nome dela, já treme.

CACHORRO: Mas é uma mentira deslavada. Não tenho medo nem Dele, quanto mais dela. Não acredite, meu filho, são intrigas da oposição.

CEARIM: Não acredito não... Bom, agora já pode ir embora... Até logo, seu Cachorro. Precisando, eu chamo, viu...

CACHORRO: Seja mau, meu filho. E, sempre alerta.

CEARIM: Sempre alerta... Bem, agora vamos ao lado de cima. Madrinha, venha aqui, madrinha...

MADRINHA: Olá, meu filho... Como vai a vidinha?

CEARIM: Uma mer... porcariazinha, madrinha. Estou presinho...

MADRINHA: Coitadinho. Seja bom.

CEARIM: Sejo, sim senhora...

MADRINHA: Por que me chamou?

CEARIM: Ah, madrinha, é que eu andei ouvindo umas coisas por aí a respeito da senhora que até estou perdendo a fé.

MADRINHA: Que coisas, meu filho... Ah, se foi o tal caso do Espírito Santo, eu subo lá em cima e chamo meu marido pra tirar satisfações.

CEARIM: Desse caso aí não soube nada, não senhora.

MADRINHA: Quem foi que falou? Só pode ter sido alguém da parte de baixo.

CEARIM: Pois foi justamente o meu padrinho da parte de baixo.

MADRINHA: Eu sabia! E o que foi que ele mentiu?

CEARIM: Tenho até medo de falar, só pensando na raiva que vai lhe dar.

MADRINHA: Pois fale, que já estou vendo nuvens vermelhas na minha frente.

CEARIM: Pois o meu padrinho me disse que a Senhora morre de medo dele, que só de saber que ele está por perto a Senhora... fiupt... está sumindo.

MADRINHA: É uma mentira deslavada... Eu não tenho medo daquele pateta.

CEARIM: Eu sabia que a senhora não tinha medo dele...

MADRINHA: Nem dele, nem de mil iguais a ele.

CEARIM: Eu estou quase chamando ele aqui, pra ver com quem é que está lidando.

MADRINHA: Chamar o Cão? Mas não é preciso...

CEARIM: Olha o medo...

MADRINHA: Medo? Pode chamar, aposto que ele nem aparece eu estando aqui.

CEARIM: É pra já que eu vou chamar. Seu Cachorro, venha depressa que tem gente esperando.

Surge o Cachorro. Madrinha se esconde atrás do véu e o Cachorro atrás da capa.

CACHORRO: Ai.

MADRINHA: Ui.

CACHORRO: Ai.

MADRINHA: Ui...

CEARIM: Agora que está bom mesmo isto aqui. A parte de baixo mais a parte de cima.

68

Os dois estão com medo um do outro.

CACHORRO: Eu não estou com medo de ninguém.

MADRINHA: Alguém aqui está com medo?

CEARIM: Pra dizer a verdade, eu estou um bocadinho.

CACHORRO: Por que me chamou, meu filho?

CEARIM: Agora que nós estamos todos reunidos, eu queria dizer umas coisas. Seguindo o conselho de vossas senhorias eu sempre me dei mal, agora queria ver se aqui nós três juntos, a gente não dava um jeito de me tirar daqui.

MADRINHA: Se quer sair, meu filho, seja bom.

CACHORRO: Seja mau, meu filho.

MADRINHA: Seja bom.

CACHORRO: Seja mau.

MADRINHA: Boooooommmmm.

CACHORRO: Maaaauuuuu.

CEARIM: (*ENGROSSA*) Que é isso aqui?! Que é isso aqui?! Que coisa impressionante! Seja mau, seja bom, seja mau, seja bom e eu aqui na jaula. Eu quero uma coisa certa.

MADRINHA: Pois eu subo lá em cima e logo mando dez anjinhos te buscar.

CACHORRO: Pois eu desço lá em baixo e mando dez capetas te salvar.

MADRINHA: Seus dez e mais vinte.

CACHORRO: Seus vinte e mais quarenta.

CEARIM: Truco! Pago pra ver!

Cachorro e Madrinha somem. Cearim fica sozinho. Logo surgem Ercília e Cabo.

ERCÍLIA: Olha, Seu Cabo, o Sargento está se divertindo na minha casa, mandou trazer este baú aqui que fica mais bem guardado.

CABO: Será guardado. Como vão os negócios?

ERCÍLIA: Assim, assim...

CABO: Deve ter muita freguesia... Umas meninas tão jeitosas que a senhora arrumou, inda mais a dona, uma belezura assim como a senhora...

ERCÍLIA: Quem é aquele preso ali?!

CABO: Aquele é um gaiato que quis passar o conto do vigário no vigário e se deu mal.

ERCÍLIA: (*INDO ATÉ À JAULA*) Você?!

CEARIM: Eu mesmo, dona sem-vergonha. Fazia tempo que não aparecia. Desde o dia que levou meu dinheiro com aquela conversa de gostar de mim. A senhora é que devia estar aqui, mais o Cego, o Cangaceiro e o Vigário.

ERCÍLIA: Mas foi bom, não foi?

CEARIM: Nem tanto, por um preço daqueles...

ERCÍLIA: Sabe, eu fiquei arrependida... Pensei muito...

CEARIM: Sei.

ERCÍLIA: Se eu pudesse fazer alguma coisa por você...

CEARIM: Pois pode me ajudar a escapar. Olha... (COCHICHA)

ERCÍLIA: Está certo. À meia-noite então.

CEARIM: O Sargento vai estar na sua casa, não vai?

À meia-noite.

NARRADOR: E Cearim esperou
e quando era meia-noite, o Cabo dormia,
chega o Sargento bêbado e Ercília embriagada.

*Durante o diálogo, Ercília vai tirando a chave
que está no pescoço do Sargento.*

SARGENTO: Meu benzinho, você está protegida pela lei. Ninguém fecha
a sua casa porque a lei, que no caso sou eu, está no seu lado.

ERCÍLIA: O senhor é tão valente, tão militar, tão inteligente!!!

SARGENTO: Minha filha, eu aqui neste fim de mundo
estou me perdendo. Com a cabeça que tenho, em
outro lugar já seria pelo menos general.

Ercília vai até à cela. Abre a grade.

CEARIM: Que é isso?

ERCÍLIA: Um vestido de mulher, assim ele não desconfia de nada.

CEARIM: Ah, de mulher eu não vou.

ERCÍLIA: Vamos logo, não temos tempo a perder.

CEARIM: Vou ficar falado em todos esses arraiais por
aí. Ah, se a madrinha me visse agora.

*Ercília vai entreter o Sargento enquanto Cearim vai saindo
de fino com guarda-chuva na mão e lenço na cabeça.*

SARGENTO: Quem é essa mulher?

ERCÍLIA: É uma das meninas que veio me trazer um recado...

SARGENTO: Ah, que belezinha... Venha cá, minha filha... Como ela é acanhada.

ERCÍLIA: É que ela é nova ainda.

SARGENTO: Venha cá, belezinha, dá um beijinho pra lei. Não adianta esconder a carinha, eu sei que você é bonitinha...

ERCÍLIA: Ela é muito envergonhada.

SARGENTO: Só vai embora se me der um beijinho.

ERCÍLIA: Eu dou, não quer?

SARGENTO: Eu quero é dela. É por capricho.

CEARIM: *(DÁ COM O GUARDA-CHUVA COM TODA A FORÇA)* Toma beijinho, seu filho de uma égua. Vá beijar a mãe!

CENA 17 MATO

NARRADOR: Com este expediente, Cearim, ajudado por Ercília, conseguiu escapar da cadeia. Foi ao mato onde tinha deixado o baú com as roupas.

71

Cearim vem vindo. Ouve um ruído e logo vem uma figura impressionante, com as roupas arrebatadas e ramos de flores na cabeça.

SACRISTÃO: Os anjos, todos os anjos... Anjo, você é anjo?

CEARIM: Que é isso... Ah! É a alma do Sacristão vagando nas trevas.

SACRISTÃO: Os anjos, todos os anjos.

CEARIM: Pera aí, não é alma não... O Sacristão está vivo, as balas pegaram na cabeça só de raspão e ele ficou bobo... Veja só que sorte a sua, Seu Sacristão. Agora não posso deixar você só no mato. Vem comigo, vamos procurar comida. Afinal, levou os tiros no meu lugar.

Cearim abre o baú, tira dois hábitos de capuchinho, veste um e dá o outro ao Sacristão.

CEARIM: Pra quem anda fugido da polícia, nada melhor que andar de frade. Vamos logo, que meu estômago está grudando de fome.

NARRADOR: E Cearim mais o Sacristão desmemorizado seguiram a passo lento pela estrada, em busca de alguma boa alma que lhes desse o que comer. Chegaram a uma roça, onde alguns camponeses trabalhavam.

CEARIM: Bons dias, meus irmãos.

CAMPONÊS: Bom dia, santo frade.

CEARIM: Estamos passando para encontrar uma boa alma que nos dê o que comer.

CAMPONÊS: Ih, seu frade, comida aqui não tem não. O Coronel fechou o armazém e só vai dar comida se a gente der metade da colheita, e o Vigário faz a mesma coisa.

CEARIM: Pra nós não precisa ser muita coisa... uma car ninhã com farinha já dava pra quebrar o galho.

CAMPONÊS: Não temos nem pra nós, seu frade.

CEARIM: Estava pensando...

SACRISTÃO: Os anjos...

CEARIM: Cala a boca... Vede, irmãos, ele está variando de fome... Estava pensando que se nos dêsseis um de comer, eu ia fazer uma reza das boas pro Coronel e o Vigário abrirem o armazém.

CAMPONÊS: O que tem é só esta cuia de farinha...

CEARIM: Já serve, irmão, já serve...

Cearim come e dá um pouco ao Sacristão.

CAMPONÊS: Tá bom de gosto, seu frade?

CEARIM: Está um pouco mofada. Mas pra quem ama, fedor de bode é perfume.

CAMPONÊS: Passou a fome, seu frade?

CEARIM: Aliviou.

CAMPONÊS: E a reza que o santo frade vai fazer pra o Vigário mais o Coronel abrirem o armazém?

CEARIM: É pra já... Atenção!

CEARIM E SACRISTÃO: (*CANTAM*)

Os anjos, todos os anjos
Os anjos, tão bonitinhos
Os anjos, tão gorduchinhos
Os anjos, tão peladinhos
Os anjos, tão bundudinhos

CEARIM: Que é isso, dizer uma coisa destas dos santos anjinhos.
Olha aqui minha gente, reza só não vai adiantar não.

CAMPONÊS: O que é que adianta, então?

CEARIM: O caso é o seguinte... As terras aqui só têm dois donos.
As terras do Coronel e as terras do fazendão do Padre.
Pois se são só os dois que têm terra é porque o resto não
tem terra nenhuma. Então, o negócio é dar um jeito na
esperteza e levar as terras do Coronel e do Vigário.

CAMPONÊS: Fazer uma coisa destas com o Vigário. Deus manda castigo.

CEARIM: Olha, ô berro de meia guela: Deus está de férias. O que
tem de fazer é despachar logo o Coronel e o Vigário.
Sei que o vigário é ministro de Deus na terra, mas
também é dono de terras. Então, passa a vara nos donos
da terra e o Vigário também vai no embrulho.

CAMPONÊS: Heresia... Mandado do diabo.

CEARIM: Olha aqui o insosso. O diabo renunciou...

CAMPONÊS: Acho que ele está falando certo...

CEARIM: Tem muitas coisas que vocês não sabem... Olha aqui gente,
vem pra cá que eu quero contar uma história pra vocês, uma
história que aconteceu comigo... Era uma vez um lugar muito
triste, perdido nos longes do sertão. Nos meses de verão...

NARRADOR: (*CONTINUANDO*) A chuva deixava de cair, os rios secavam
e a terra rachava... E Cearim começou, ponto por ponto, a
recontar sua história desde o dia em que tinha partido de
sua terra, cantando em busca de felicidade... Contou tudo...
O aparecimento da madrinha, o testamento do cangaceiro, o
cego, a noite com Ercília, o irmão do cangaceiro, o vigário, o
truque do saco, o disfarce do bispo... Enfim, contou, ponto por
ponto, tudo o que havia vivido desde o dia em que começara
a grande caminhada em busca da felicidade. No seu recontar,
os ouvintes foram entendendo que a bondade e a maldade não
resolvem, que não é porque o homem é bom ou mau que as
coisas acontecem, mas apenas porque o homem é como é.

Foram entendendo que a terra devia ser de quem trabalhava nela. E Cearim, no recontar da história, estava com eles. Quando Cearim acabou, um brilho novo e diferente dançava nos olhos dos lavradores e em seus corações uma vontade de vida nova começava a tomar forma. E, ao compreender a história, a raiva mais linda do mundo brilhava nos olhos dos lavradores.

CEARIM: Estou certo?

TODOS: Certo.

TODOS: (*CANTAM: O CORO DA MALDADE*)

A gente não pode ser bom
A gente não pode ser mau
Quando a gente quer ser bom acaba mal
Quando a gente é mau é bom
Quando a gente é bom é mau
O melhor é mesmo ser
Cada vez sempre mais mau.

CEARIM: (*CANTA*)

Mas a maldade não vai pra sempre existir
Pois um dia há de haver que a bondade há de vir
Mas até esse dia chegar a gente tem que ver
Também tem que pensar
pro dia chegar
também tem que lutar
Todos vão ser bons
Ninguém mais vai ser mau
Lindo dia de igualdade
Quando tudo vai mudar.

74

Enquanto os camponeses cantam “a boca chiusa”:

NARRADOR: Não guardo de meu uso. Conto.

faço mesmo gosto de contar e recontar.
Só por diversão de ver as caras mudarem de jeito
quando a história muda de jeito.

Escolho as partes curtas,
que dão bom lugar de começo, meio
e um bom ponto certo de paragem...
Fim? Não... que só com morte ou cataclismo.

NARRADOR: (*CANTA*)

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez uma história

e dentro da história tinha outra história

e na história da história

tinha uma porção de história

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez



FINIS





**AS AVENTURAS DE
RIPIÓ LACRAIA**

As aventuras de Ripió Lacraia, segunda peça da “trilogia de cordel”, foi encenada pelo Teatro Nacional de Comédia em 1963, no Rio de Janeiro, com Agildo Ribeiro no papel de Ripió.

A peça é um estudo dramatúrgico sobre o herói brasileiro e a narrativa é feita por episódios. Ripió é o herói popular que se transforma continuamente, de acordo com as aventuras (episódios) que vive. É um *Deus Ex Machina*, sempre presente e sempre pronto a intervir em favor do povo.

A “trilogia do cordel” se completa com *O Testamento do Cangaceiro* (1960) e *Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre* (1967), ambas encenadas pelo Teatro de Arena: o herói Cearim, do *Testamento*, foi interpretado por Lima Duarte, enquanto o herói Xandú Quaresma, da *Farsa*, foi representado por Antonio Fagundes.

AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA

PERSONAGENS

CONTADOR
ROSINHA
RIPIÓ
CORONEL MILITÃO
LIMINÃO
RASGA BUCHO
ZÉ CASTIGO
LISÓRIO
VELHO
ZILEU
GOGÃO
CEGO Nº 1
CEGO Nº 2
CICLÓPIO
VELHA/RIPIÓ
CEGO/RIPIÓ
GARIMPEIRO/RIPIÓ
CANGACEIRO/RIPIÓ
PADRE/RIPIÓ



ENCENAÇÃO PELO

— **TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA** —

EM

1963



RIPIÓ LACRAIA..... Agildo Ribeiro
MÚSICAS..... Geny Marcondes
CENÁRIOS..... Anísio Medeiros
DIREÇÃO..... José Renato Pécora

AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA

CANÇÕES

AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA

- CANÇÃO DO PRÓLOGO (CONTADOR, COM CORO)
CANÇÃO DO DESCANSO DOS JAGUNÇOS (JAGUNÇOS)
CANÇÃO DE RIPIÓ LACRAIA (JAGUNÇO/RIPIÓ, SOLO)
CANÇÃO DA VIDA DE JAGUNÇO (JAGUNÇOS)
CANÇÃO DA RECEITA DO FECHAMENTO DE CORPO (RIPIÓ, SOLO)
CANÇÃO DA MORTE (RIPIÓ, SOLO)
CANÇÃO DE ROSINHA (ROSINHA, SOLO)
CANÇÃO DO CAMINHO (ZILEU, GOGÃO, ROSINHA)
CANÇÃO DA MEIA ESTÓRIA (CONTADOR)
CANÇÃO DA VIDA DE JAGUNÇO (JAGUNÇOS)
CANÇÃO DO CEGO/RIPIÓ (RIPIÓ)
CANÇÃO DOS CEGOS INDO PRO EITO (CORO DE CEGOS)
CANÇÃO DO PATRÃO (CICLÓPIO E CEGOS)
CANÇÃO DO RETRATÃO I (CICLÓPIO E CEGOS)
CANÇÃO DE MESTRE INÁCIO (RIPIÓ)
CANÇÃO DO RETRATÃO II (ROSINHA E CEGOS)
CANÇÃO DE SILÊNCIO (RIPIÓ)
CANÇÃO DO QUE SE LEVA DESTE MUNDO (JAGUNÇO/RIPIÓ, SOLO)
CANÇÃO FINAL (CORO DE CAMPONESES)
CANÇÃO DE RETIRADA (TODOS)

Que começa com uma canção, na qual um contador de estórias se propõe aos ouvintes.

CONTADOR:

Viajante chegou nessa porta
Tanta gente ninguém viu
Morreu infeliz passarinho
Dentro de sua gaiola, oi
Meu canto não vale nada
Vou dar no pé, vou-me embora.

CORO:

Ó de fora!

CONTADOR:

Ó de casa!
Tem gente na porta
Na beira da estrada
Pedindo guarida
Pedindo pousada.

CORO:

Se é gente do povo
É gente honrada
É gente que é pobre
E que num tem nada.

CONTADOR:

Só causos da vida
Que vi no caminho
Que guardo pra mim
É estória pra ser contada.

CONTADOR:

É de longe que eu venho. O pé que leva.
Andanças que só eu só, jeito de vida.
Assim fui sempre, desde menino,
Moleque pequeno, guri... Gosto.
Há os que ficam, então se fincam.
Gente que diz: é bom dar parada e criar raiz.

CONTADOR:

Sei lá, pobre nunca tem nada de seu.
Então, eu ando, sei lá.
Ando porque ando andarilho andejo.
Por ser assim, eu sou que nem Ripió Lacreia.
Quem é? Pois é o Lacreia!

CONTADOR:

Não me admira que não se conheça por esse nome.
Tem muitos nomes e sobrenomes,
Alcunhas, apelidos, pronomes,
Assim como caras, roupas, disfarces e peles.
Já vi chamar “Seu Ripió” de tantos...
Como: Zeferino Taturana, Pedro Corneta,
Godofredo Barrica, Benevides Tatu, Lau Tito
Dois Treis do Bacamarte, Desidério Carnegão
E por aí vai indo assim,
Até muitos que nem sei eu
Dei no esquecimento
Já se viu quem o topasse
Como Vaqueiro, mascate, doutor,
Soldado, fantasma, farmacêutico.
E até como bispo, padre, mulher, menino...
Assim é seu Ripió.
Muda muito: de jeito, de lugar, de nomes.

CONTADOR:

Pois no respeito de não ter parada,
Sou como Ripió, que sempre dizia assim:
Eu me fiz ser como semente de paineira pequena.
Logo que a paineira ganha tamanho,
Disposta a dar lenha, paina e sombra, ou flor,
Subo do chão, me estalo no alto
E me mando de novo a voar.

CONTADOR:

Sou como ele, isso eu sou... se sou.
 Se dá que as paineiras crescem depressa demais.
 Dezando então uma vagabundagem muito erma.
 De vez em quando dá um só, um só afinado,
 Meio assim como ferida, machucando.
 Então, paro onde encontro gente...
 Paro, conto.
 São uns fatos que, de passagem,
 Se vê, se ouve, se guarda,
 Depois se junta tudo...
 Mais uma bossa, um jeitão de recontar
 E são os causos, estórias, lendagens.
 Por falar, me bateu um...
 Então eu conto...

CONTADOR:

Um houve que era uma vez nos tempos,
 Um fazendão muito extenso
 Nas bandas do meio do sertão,
 Logo ali, pra quem passa a serra.
 O Coronel Poderoso dono das terras
 Era um Militão Nãooseiquelá de Brito
 Um ainda herdeiro da gente portuguesa antiga.
 No fazendão dele a lei era fome, reio e tiro.
 Dava trato aos lavradores,
 Como é comum dos coronéis:
 “Qué, qué. Num qué, istrada!”

CONTADOR:

Era um tal ruim que só gente ruim;
 Que é o que há de pior no mundo.
 Tanto que tinha para sua defesa e ataque
 Um bando de jagunços armados
 Que fazer faziam mortes, surras, incêndios
 Só ele mandasse. Quando não,
 Faziam só por se traquejar,
 Que era essa a profissão deles.

CONTADOR:

Nesse fazendão, vivia um velho
De nome Riano ou Ribano, nem me lembro.
Pois o tal velho Ribano morava com uma menina
Que tinha apanhado a criar, por ser órfã.
Rosinha, a menina tinha por nome.
O velho mourejava no armazém do Coronel.
Deu que um dia o Coronel
Achou de achar falta
De uns trens e mantimentos.
Chegou, apertou o Velho.
Então, soube que alguém estava
Desviando mercadoria do armazém...
Pois é aqui quando a narrativa ganha ação.
Este aqui é o Coronel Militão.

CENA 3 PRIMEIRO EPISÓDIO

87

Entra o Coronel, de rebenque na mão.

CORONEL: (*GRITANDO*) Lisório, ô cabra safado!

Entra Lisório.

CORONEL: Onde é que estão, seu cabra do cão? Cadê o velho e mais a menina que mandei trazer aqui pra dar punição?

LISÓRIO: Ai, meu patrão, meu coronel, meu protetor! Num me bate, num me bate, mas deu desgraça terrível!

CORONEL: Dê nas falas. O que foi o acontecido?

LISÓRIO: Buscar eu fui... Mas não dei de encontro. Vim saber que deram no pé, logo quando souberam que o patrão mandou buscar pra dar castigo.

CORONEL: Ai, pelos cornos do capiroto, que isso vai dar tragédia! Vai daqui, cabra mole, e mande vir meus jagunços, com seu chefe Liminão.

LISÓRIO: Num pé e volto noutro. *(SAI)*

CORONEL: *(PARA O PÚBLICO)* Isso comigo não se é de fazer. Todos sabem que sou justo da velha justiça. A quem me fez prejuízo não dou trégua. Sigo, persigo e mando alcançar. É só o tempo de campear. Que aqui nestas bandas não tem perna comprida que carregue um para longe do meu castigo. Aí vêm meus jagunços!

*Num tropel de cavalos entram três jagunços,
carreirando e parando brusco.*

CORONEL: Liminão!

LIMINÃO: Aqui pra tudo, patrão!

CORONEL: Rasga Bucho!

RASGA BUCHO: Onde é o fogo?

CORONEL: Zé Castigo!

ZÉ CASTIGO: Pronto pra castigar!

CORONEL: É um serviço de urgência...

LIMINÃO: Qual é o rumo da missão?

CORONEL: Dar caça a dois danados que me deram roubo e prejuízo. Me busque, aonde for, o velho Ribano mais a menina Rosinha.

RASGA BUCHO: Qual é o crime da Rosinha?

CORONEL: Desmonte! Ouviu?

RASGA BUCHO: Ouvi!

CORONEL: É fato.

RASGA BUCHO: É fato? *(LEVANTA-SE DEVAGAR)*

CORONEL: De joelhos! Ouviu?

RASGA BUCHO: Ouvi!

CORONEL: É fato.

RASGA BUCHO: É fato?

*Rasga Bucho vai ajoelhar-se. Hesita. O Coronel faz um sinal.
Os outros jagunços dão com os cavalos, pinchando Rasga
Bucho no chão. O Coronel vai até ele e dá-lhe de rebenque.*

CORONEL: Pois é: uma, duas, três, quatro e cinco!

RASGA BUCHO: Pois me bateu!?

CORONEL: Bati. Assim o coro arde e não dá nunca mais vontade de espicular perguntas das coisas que mando. Aprendeu?

RASGA BUCHO: Aprendi.

CENA 4 SEGUNDO EPISÓDIO: CLAREIRA NA MATA

CONTADOR:

Segundo episódio,
No qual se vai ver de como
O velho e a menina se escondem
No mato para passar a noite.
Aonde irão de estar os perseguidos?
Serão encontrados pelos jagunços?
Se assim for, como será?
Será o que tiver que ser.
No mais, é bom que me mande,
Não posso dar de encontro com os jagunços.

Ruído de vozes.

CONTADOR: São eles.

Clareira na mata. Entram, com trouxas, o Velho e Rosinha.

ROSINHA: Está mal, avozinho?

VELHO: Cansado só. É uma corrida que não termina nunca mais. Se, ao menos, a gente topasse com uma cidade. (*SENTA-SE NO CHÃO, AO CENTRO*)

ROSINHA: Aqui, eles não encontram a gente!

VELHO: O danado Coronel, a estas horas, já deve ter botado Limião e os jagunços no nosso rastro.

ROSINHA: A gente escapa. Não desanima, vô... Tudo fica bom.

VELHO: E dizer que nem culpa temos! Ano mais ano passei sem um grão de milho do Coronel. Ano mais ano, vi gente morrer de fome na porta do armazém... Nunca, apesar da dor que sentia, nunca tomei um nada pra matar a fome dos desgraçados... E essa agora, quase no fim da vida...

Rosinha chora.

VELHO: Não chora, filhinha.

ROSINHA: Sabe, vô... Eu queria que tudo desse certo, que a gente desse de escapar e que, saindo daqui, a gente chegasse num lugar diferente... Onde houvesse riso e dança sempre. Onde o vô pudesse descansar a velhice em paz. Onde houvesse moços e moças alegres... Comida farta... Trabalho justo.

VELHO: Só morrendo e sendo bom. Esse lugar que você qué não se encontra na terra... É o céu, o reino de Deus. Lá, tudo é assim.

ROSINHA: Avô, como é que Deus parece?

VELHO: Deus é como uma coisa grande, sem tamanho... Que não se vê, não se pega, só se ouve falar... Dizem que mora nas nuvens em cima do céu, bem longe do grito e do cheiro dos homens... De onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

ROSINHA: Os vivos e os mortos?

VELHO: Assim dizem...

ROSINHA: É triste a gente ter que morrer pra vivê do jeito que a gente quer.

VELHO: Morrer parece triste fim, mas é um prêmio.

ROSINHA: Sei não... Às vezes, penso que, aqui mesmo na vida, a gente pode ter uma paz...

VELHO: Assim como um tesouro!

ROSINHA: Assim como um tesouro?

VELHO: Falando assim, você me lembra seu pai, ele também viveu buscando um tesouro!

ROSINHA: Encontrou?

VELHO: Sei lá... Sei não... Não sei.

ROSINHA: Por que meu avô nunca me fala do meu pai? E nem da minha mãe?

VELHO: Porque sei lá... Nem sei... Um dia, eu falo. Um dia, eu falo tudo de uma vez.

ROSINHA: Que seja logo...

Ruído de cavalos em disparada.

VELHO: Os jagunços...

Os dois se escondem no mato. Logo surgem os jagunços em disparada, gritando aos capangas.

CENA 5 TERCEIRO EPISÓDIO: RIPIÓ VIRA VELHA

91

CONTADOR:

Terceiro Episódio,
No qual se vai ver
De como os jagunços param para descansar
E agora, veremos um sensacional
Aparecimento de um novo personagem
Que virá modificar de todo a nossa estória.

Beira de um córrego. Entram os três jagunços.

LIMINÃO: Parada! Descanso na procura.

RASGA BUCHO: Arre! Paramos.

ZÉ CASTIGO: Estou com a bunda chateada de sela.

LIMINÃO: Folgamos um pedaço de manhã. Longe não hão de estar.

ZÉ CASTIGO: Ainda mais que estão nas pernas. O rastro logo se acha.

LIMINÃO: É bom dar tempo na procura, que dá mais valor no trabalho.

RASGA BUCHO: Verdade, coisa vista que até jagunço descansa.

ZÉ CASTIGO: Pois se há um sol...

LIMINÃO: Uma sombra.

ZÉ CASTIGO: Um banhado de água boa.

JAGUNÇOS: (*CANTAM A CANÇÃO DO DESCANSO DOS JAGUNÇOS*)

Até jagunço tem gosto em descansar
Pois se há um sol, uma sombra, um banhado de água boa
Até a morte para um pouco pra esperar

Que é manhã bonita, bem bonita de verão

Até as nossas armas se aconchegam na bainha
Até o fogo dorme dentro do fuzil
Até a briga se desmancha num sorriso

Que é manhã bonita, bem bonita de verão
Que é manhã bonita, bem bonita de verão
Que é manhã bonita, bem bonita de verão

Ouve-se uma gargalhada esganiçada.

92

LIMINÃO: Quem é que riu?

Nova gargalhada.

ZÉ CASTIGO: Sai do mato, senão vai bala pra todo lado.

Nova gargalhada.

RASGA BUCHO: Olhe o fogo na risada.

Barulho no mato, de um lado. Os jagunços atiram juntos na direção daquele lado. Risada vem do outro lado: os jagunços atiram. De um outro lado, cai de uma árvore uma velha, parecida com uma bruxa.

VELHA/RIPIÓ: Aqui, meus jagunços!

Os jagunços se viram.

LIMINÃO: Quem és tu, velha bruxa? O que quer com os jagunços?

VELHA/RIPIÓ: Que pode querer uma velha como eu? Um bate-papo e companhia, que há muito ninguém vem nestes ermos, e é de proveito e diversão saber coisas como vão indo... pelos lados da serra ou da cidade...

LIMINÃO: Não está vendo, velha, que somos jagunços e não estamos pra conversa?!

VELHA/RIPIÓ: Quim — quim — caia — pinduricaia. Quim — quim — cão — penduracão. Sapo anda com sapo, cobra anda com cobra e cão anda com cão. Três jagunços malvados, nada melhor pra companhia de uma velha danada como eu.

ZÉ CASTIGO: Sai pra lá, obra do demônio! Te esconjuro! (*FAZ O “EM NOME DO PAI”*) Estas falas, estas caras são para mim engenhos do cachorro, fuzueira do diabo!

VELHA/RIPIÓ: Pois fique sabendo que ele está com vocês. Fique notando que não é outro o protetor das guerras, matanças e tudo o mais. Padre se tem com a Trindade, jagunço com o cão amizade.

LIMINÃO: Credo em cruz, me benzo!

RASGA BUCHO: Pra lá, velha maluca!

VELHA/RIPIÓ: Pra cá, meus jagunços! Tem aí uma pinga, um pedaço de fumo?

ZÉ CASTIGO: Toma lá o fumo, mas não chegue perto, apanha no chão! (*JOGA O FUMO*)

VELHA/RIPIÓ: Que é isso, meu neto? Está com medo da vovó? Cachaça, não tem?

RASGA BUCHO: Tem não.

LIMINÃO: Olá, ô velha indecente! Não viu passar por estes lados um velho mais uma menina?

VELHA/RIPIÓ: Um velho enrugado e antigo, velho quase acabado?

LIMINÃO: Pois certo!

VELHA/RIPIÓ: Mais uma menina moça, muito jovem e muito linda?

LIMINÃO: Pois certo!

VELHA/RIPIÓ: O velho mais a menina, os dois juntos duma veis?

LIMINÃO: Pois certo certíssimo!

VELHA/RIPIÓ: Pois, assim assim, não! Vi um velho e uma menina, mas o velho foi no mês passado e a menina não faz uma semana ainda.

LIMINÃO: Então, não viu nada que preste, velha porcaria, pois estamos atrás de uns assim, que ainda ontem por aqui devem ter alcançado.

VELHA/RIPIÓ: Não vi, mas posso ver. O porquê estão por eles?

LIMINÃO: São foragidos criminosos. Têm culpa de roubo de certos pertences do Coronel Militão.

VELHA/RIPIÓ: Conheço muito bem, um grande Coronel. Não sabia que tinha tais exércitos, uma jagunçagem especial. O que roubaram os tais?

LIMINÃO: Chega de porquês, velha. Não há o que comer em tua casa?

VELHA/RIPIÓ: Vê, minha casa é aqui mesmo. De comer, só um rato morto falecido e amanhecido, que posso preparar guisado na lama, se agrada!...

LIMINÃO: Nojenta! Velha bruxa!

VELHA/RIPIÓ: Si nunca comeu num sabe o gosto que deu...

RASGA BUCHO: Ei, velha... Sabe se este rio é de dar pé a quem num sabe nadar?

VELHA/RIPIÓ: É rasiño por demais. Aqui nunca se afogou ninguém.

RASGA BUCHO: Pois então vou me lavar.

Rasga Bucho vai atrás de uma moita, tira a roupa e a coloca em cima de um arbusto.

LIMINÃO: Sabe onde há gente morando em casa, aqui perto?

VELHA/RIPIÓ: Logo ali adiante, na curva.

LIMINÃO: Segue no banho, Rasga Bucho, que vamos eu e Zé Castigo dar uma espiada, logo voltamos... Fica aí, velha, toma conta do cavalo e da roupa.

Os dois saem a cavalo.

VELHA/RIPIÓ: (*INDO ATÉ O ARBUSTO*) Tá na água, meu filho?

RASGA BUCHO: Inteiro, velha porca. Delícia de água boa.

A velha se modifica. Tira a saia, aparece a roupa de homem por baixo. Pega as roupas de Rasga Bucho, monta a cavalo. Tira o lenço da cabeça e coloca o chapéu de jagunço de Rasga Bucho.

VELHA/RIPIÓ: Tá bom o banho, meu filho?

RASGA BUCHO: Muito bom, velha nojenta. Um dia precisas tomar um!...

VELHA/RIPIÓ: Tenha bastante proveito! Adeus, meu filho... (*SAI*)

CENA 6 QUARTO EPISÓDIO: RIPIÓ VIRA JAGUNÇO

CONTADOR:

O que é, o que é?
Que, agora é jagunço,
Há pouco atrás já foi mulher?
O que é, o que é?

Uma clareira. Entram o Velho e Rosinha.

VELHO: Água, por aqui, deve haver!

ROSINHA: Procurando...

VELHO: É um ermo de floresta.

ROSINHA: Melhor é seguir sempre numa direção só. Assim, a gente dá de encontro em alguma paragem a salvo.

VELHO: Queria seguir firme, mas já não aguento ir lá das pernas...

ROSINHA: Descansa. Mais logo então a gente segue.

VELHO: Será que, dali se olhando, não se avista algum fumo ou fogo? Uma casa de gente já seria de grande auxílio.

ROSINHA: Eu vou dar uma olhada pra ver.

Rosinha sobe na clareira e logo ouve-se um barulho no mato. O Velho se assusta.

VELHO: Rosinha, minha filha! O que é que se deu?

O velho corre até a beira do mato. Atrás dele surge Ripió, de jagunço, segurando Rosinha e tapando a boca dela. O velho se volta.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Boa tardes, vovô. E por que o susto?

VELHO: Por Deus, não faça nada à menina!

JAGUNÇO/RIPIÓ: Quem sou eu, por Santo Antônio do Curralinho, pra fazer de mal a um vivente cristão? Faço nada, não!

VELHO: Então, por Deus, solte a moça.

JAGUNÇO/RIPIÓ: *(RI)* Quem sou eu, por São Bonifredes do Pito Virado, pra soltar alguém que o Coronel Militão mandou prender?...

VELHO: Nós não fizemos nada. Não temos nada.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Mas quem sou eu, por Santo Anastácio das Porretadas, pra dar juízo e saber fazer diferença da vossa palavra e da palavra do Coronel? Inda mais que ele é um grande coronel, dono de muitas terras, e vós sois um velho e uma menina sem nem bagagem. Ainda mais que fujões e corridos.

VELHO: *(JOGANDO-SE AOS PÉS DELE)* Por amor de sua mãe, solta a menina. Quem ajuda os pobres fica bem com Deus.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Por amor de minha mãe é que não posso, pois minha mãe não conheci e quem não conhece não ama. O mesmo vale pra Deus, que eu ainda não tive o prazer... Todo caso, vou soltar por meu descanso, mas não vão dar jeito de fuga, que mando fogo e logo faço brotar nesse mato duas cruzes.

Ripió solta Rosinha, que corre e se abraça ao Velho.

ROSINHA: Voltar nós não voltamos, se quiser que leve a gente morto.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Quem sou, por São Benedito dos Anzóis Carapuça, para matar dois que tenho de levar de volta?... Prefiro levar vivos... Quá... Vão pelos pés próprios, o que é muito melhor...

VELHO: Olhe, seu jagunço... Sei que é novo no serviço do Coronel, inda não conhece bem aquele homem. Ele é mau como peste! Nós num temo dinheiro, mas prometo e dou palavra que si deixar a gente seguir, logo juntamos algum com trabalho e pagamos a fuga.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Por Santo Antão das Dificuldades! Quem sou eu, pra fazer serviço fiado? Trabalho de jagunço é de ser pagado na hora, ou antes. Deixar pra depois é risco demasiado, pois nunca se sabe se si fica vivo nos finais. No mais, acho que o destino de vós dois está por demais marcado e demarcado. Que diantava querê mudança?

ROSINHA: Não adianta, avô... Que leve a gente duma veis...

JAGUNÇO/RIPIÓ: Quem sou eu, por São Eleutério do Umbigo Seco, pra ter presos, neste mundo vagarento? Olhem lá... Vós sois meus prisioneiros. Atenção, atenção nos meus ditos e nas minhas decisões. Calma e respeito, que a lei do jagunço vira fácil do lado da morte e, aí, não tem mais o que se discuta... No máximo, umas missas, umas preces, umas velas. Então, pergunto, o que escolhei vós dois? Caminhar comigo até o Coronel ou uma santa hora de morte aqui, neste nosso instante?

ROSINHA: Eu pra lá num volto, já falei!

97

VELHO: Mate este velho, que não presta pra mais nada e deixa a menina seguir. Diga que ela deu de escapar, o Coronel quer mesmo é a menina.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Pedido de moribundo é ordem, não posso deixar de atender. Está acertado. Mato o velho e levo a menina.

ROSINHA: Não, avô. Se tem que morrer um, que morram os dois. Mate a gente de uma veis.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Olha, que por minhas andanças jagunceiras... Francamente, é a primeira vez que vejo tanta gente pedir a morte.

VELHO: (*CORRENDO PARA UM LADO*) Atire, vamos!

Ripió faz pontaria. Rosinha se lança sobre o Velho.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Olha a bagunça na hora do trabalho. Assim, de juntamente, não dá pra ser...

VELHO: Filhinha, pelo amor de Deus. Deixe que seja assim!

O velho empurra Rosinha com força, para um lado. Ripió, frio, atira. O velho cai. Rosinha se joga contra Ripió, batendo nele com os punhos cerrados. Ripió a domina e a afasta de si.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Pra lá, menina. Vê direito se o velho esticou mesmo.

VELHO: *(MEXE-SE, LEVANTA-SE, A CALÇA CAI)* Pegou raspando!

JAGUNÇO/RIPIÓ: Claro! Quem sou eu, por Santo Ambrósio da Caveira de Burro Branco, pra dar tiro no suspensório e acertar o dono da calça?!...

ROSINHA: Seu malvado, miserável. Se diverte com a desgraça da gente!

JAGUNÇO/RIPIÓ: A desgraça acabou... Podeis dar no pé... Já, os dois, vão!...

VELHO: O quê?

ROSINHA: Podemos ir?

JAGUNÇO/RIPIÓ: Podem, não! Têm que ir. Hoje é dia do meu aniversário e resolvi, em veis de comemoração, deixar vós dois viver em sossego. Vou dar “um, dois e três”. No três, quando olhar, não quero nem ver nenhum dos dois, senão mudo de ideia... Lá vai um...

ROSINHA: Obrigada!

JAGUNÇO/RIPIÓ: Lá vão dois...

Os dois correm desesperados.

JAGUNÇO/RIPIÓ: Lá vão ussssssssssss...

JAGUNÇO/RIPIÓ: *(CANTA A CANÇÃO DE RIPIÓ LACRAIA)*

Deste mundo a gente leva
Só o bem vivido e rido
Deste mundo a gente leva
O que se fez divertido.

Deixa pra lá
Tudo o que for sem graça
Bota pra trás
O que for triste passa
O que não presta
Não serve para ser vivido.

A vida tem de ser festa
Viver é tão divertido!
Olhar o céu é riso
Cheirar o mato é riso
Correr no campo é riso
Tomar cachaça é riso
Beijar mulher é riso
Contar estória é riso
Brigar de faca é riso
Fazer trapaça é riso
Dormir na palha é riso
Viver assim é riso.

CENA 7 QUINTO EPISÓDIO

CONTADOR:

Quinto episódio:
No qual se verá
De como a estória
Volta sobre si mesma
Num zás.

RIPIÓ: *(CONTINUA A CANTAR)*

Deste mundo a gente leva
Só o bem vivido e rido
Deste mundo a gente leva
O que se fez divertido.

Deixa pra lá
Tudo o que for sem graça
Bota pra trás
O que for triste passa
O que não presta
Não serve para ser vivido.

*No fim da canção, Ripió ouve um tiro. Estanca.
Deita-se e vai se arrastando pegar a arma junto à pedra.*

LIMINÃO: *(FORA AINDA)* Num pegue! *(ENTRANDO)*

Não pega as armas! Cadê a velha?!

RIPIÓ: Cadê quem, pois não?

LIMINÃO: A velha, pois sim!

RIPIÓ: Que velha, pois não?

LIMINÃO: A que te deu o cavalo, estas roupas e estas armas!

RIPIÓ: Foi velha não, seu jagunço. Eu conto... Vinha andando no meu caminho quando, até com meio susto, deparei com estes trens. Chamei muito em volta, a vê si o dono estava por perto. Nada de resposta. Achei por justo de levar comigo pra, um dia topasse o dono, fazer devolução.

LIMINÃO: E por que vestiu?

RASGA BUCHO: Ah, seu jagunço, eu achei por bem ao menos aparentar... O senhor sabe, foi pelas estórias de tiro e luta, que sempre a gente ouve contar nas bodegas ou nas rodas sabidas.

Liminão dá um sinal de assovio. Rasga Bucho surge do mato, metido em uma barrica.

100

RASGA BUCHO: Cadê aquela miserável velha do capeta?

(AVANÇA PARA RIPIÓ, A BARRICA CAI)

LIMINÃO: Tá aí a sua roupa! *(DÁ OUTRO ASSOVIO)*

RASGA BUCHO: Tire a roupa já, seu moleque. Só pode ser o filho da velha.

Zé Castigo vem do mato, trazendo o Velho e a menina, amarrados.

LIMINÃO: Cuidado com os bichinho, que senão dão na escapada.

ROSINHA: *(VENDO RIPIÓ DE COSTAS, SE ATIRA AOS PÉS DELE)*

Ah, seu bom jagunço, mande soltar a gente!

Ripió se volta e ela não o reconhece.

LIMINÃO: Pode pedir à vontade, que este não atende ninguém. Não é jagunço, não.

RASGA BUCHO: É o filho de um velha nojenta. Vá já tirando a roupa que sua mãe me roubou.

Ripió tira a roupa, pede para Rosinha se virar, fica de ceroula, entra na barrica no lugar de Rasga Bucho.

RIPÍÓ: Posso ir andando, no mais, pois sim?... Assim, sem roupa, é capais de me dar uma espinhela caída ou mal maior.

LIMINÃO: Pelo sim, pelo não, acho melhor prender sua senhoria. Pelo roubo das roupas, do cavalo e das armas de meu comparsa.

RASGA BUCHO: Assim é de ser feito. Morte ao filho da velha.

RIPÍÓ: Mas eu não sou filho de velha nenhuma.

LIMINÃO: Descanse que logo será julgado e condenado. Vamos, minha gente, a cavalo. Assim chegamos cedo.

Surge Zé Castigo, que estava montando guarda no mato.

ZÉ CASTIGO: Vem gente no mato. Dois, em duas montarias.

LIMINÃO: Prenda e traga a ver quem são.

101

CENAS OS BURREIROS

Logo vem pelo mundo dois burreiros, com seus burros carregados de mercadorias, cachaça, carne, farinha, panelas etc.

LIMINÃO: Parada! Pois então, quem são tais burreiros, que andam perdidos neste perigo de mataria?

GOGÃO: Estamos perdidos não. É cortando caminhos que a gente caminha na mata.

LIMINÃO: E que mercadoria é que os burreiros carregam, pode-se saber?

GOGÃO: Umas poucas barricas de cachaça, carne de sol e farinha para vender no mercado.

LIMINÃO: Cachaça, carne e farinha? É de boa qualidade a sua mercadoria?

GOGÃO: Da melhor. A cachaça é da primeira alambicada. A carne de sol é das melhores partes do boi e a farinha, nem se fala.

LIMINÃO: E qual o apreçamento do lote por inteiro?

GOGÃO: Olhe que, por tudo, vai por... Deixe ver... Trinta e quatro mais setenta e quatro, mais nove fora e dez por cento, e um pelo outro... Fica por cinco contos Bem barato, pra economizar a viagem ao mercado. Se sirva.

LIMINÃO: Zé Castigo, desmonta as mercadorias. Olha aqui, seu burreiro, fique sabendo de que foi roubado em cinco contos, mas em compensação, sobra a alegria de saber que está dando almoço de grandes farnéis a três jagunços do Coronel Militão, mais dois prisioneiros.

GOGÃO: Ai, as minhas mercadorias... Por favor, seu jagunço, é a minha falência.

RIPIÓ: Paciência. Os jagunços têm fome e precisam de comer. Pagar comida é de muito pouca dignidade. Aceite sua sorte e vá sentando aí pra comer conosco.

GOGÃO: Eu vou é mimbora!

LIMINÃO: *(DÁ UM TIRO NO CHÃO, PRA ASSUSTAR)* Vai ficar é aí mesmo, e o outro burreiro. Se solto vão chamar a polícia pra trazer tormento na calma. Vamos, meus jagunços, é um banquetão em festejo à prisão dos fugitivos.

GOGÃO: Ai, ai minha mercadoria!...

LIMINÃO: *(PARA RIPIÓ)* Você aí, ô filho da velha. Arrume os comes e bebes e sirva aos jagunço.

RIPIÓ: É pra já.

RASGA BUCHO: Vamos a essa cachaça de primeira e amaciada.

LIMINÃO: Alto lá, Rasga Bucho. Cachaça amolece e dá sono, você dorme e eles te caem na pele. Vamos tomar só um pouco, o suficiente pra dar alegria. O que der uma borracha, é boa medida. O resto levamos pra uma festa melhor, na nossa volta.

ZÉ CASTIGO: É certo.

RASGA BUCHO: Vamos nos pôr a gosto com tais especiarias. Salve o bom burreiro.

ZÉ CASTIGO: Salve, salve todos os burreiros previdentes, que carregam farnéis pelas matas pra dar de comer aos jagunços com fome.

GOGÃO: Agradeço, mas se sobrasse algum eu gostaria de levar.

ZÉ CASTIGO: Há de sobrar, há de sobrar. *(RI)*

RIPIÓ: *(ARRUMANDO AS COISAS PARA SERVIR)* Aqui está, pra princípio, a borracha de cachaça. Assim, prepara o dente pra receber a carne de sol com farinha.

LIMINÃO: Que venha. Vamos, meus jagunços, não se esqueçam, uma borracha só.

Os jagunços avançam na cachaça. Zileu olha Rosinha amarrada e vai até ela. Olham-se.

RIPIÓ: Aqui está, carne com farinha. E bom apetite, nobres jagunços.

LIMINÃO: Esse filho da velha está saindo melhor que a encomenda, como servente!

RIPIÓ: É de honra servir tão augustos comensais...

RASGA BUCHO: Morte ao filho da velha...

LIMINÃO: Não fica bem tanta comida e cachaça sem uma cantoria. Vamos lá, canção dos jagunços.

Os jagunços cantam a Canção da Vida de Jagunço.

RASGA BUCHO: *(CANTA)*

Nós somos três jagunços
Nosso chefe é Liminão
Quem paga a jagunçagem
É o Coronel Militão!
Viva! Três vezes viva!
Viva! Três vezes viva!
Viva nosso patrão!

ZÉ CASTIGO: (*CANTA*)

O jagunço quando bebe
 Cuida de não dar no chão
 Que jagunço muito alegre
 É jagunço no caixão!

*Durante a cantoria dos jagunços, Ripiό coloca
 as cabaças de bebida dentro da barrica.*

RASGA BUCHO: (*CANTA*)

O jagunço quando come
 Come pelo mês inteiro
 Porque num dia ou outro
 Lá se vai todo dinheiro!
 Viva! Três vezes viva!
 Viva todos companheiros!

LIMINÃO: (*CANTA*)

O jagunço quando ama
 É com dez de cada vez
 Com todas cai na cama
 E nem assim fica freguês!
 Viva! Três vezes viva!
 A mulher que Deus nos fez!

LIMINÃO: Agora, meus jagunços, pra aproveitar a hora
 divertida, vamos ao julgamento do filho da velha.

RASGA BUCHO: Morte ao filho da velha!

ZÉ CASTIGO: Espera, Rasga, não se deve matar antes de um
 bom julgamento, que é coisa que deve ser engraçado...
 Eu bem sei, já fui julgado e condenado.

RIPIÓ: Seus nobres jagunços, não é melhor deixar
 isso para os finais da festa?

RASGA BUCHO: Morte ao filho da velha!

LIMINÃO: Eu sou o juiz. Rasga Bucho acusa e Zé Castigo defende.

RIPIÓ: Olha, nobre chefe da jagunçagem, não seria melhor
 alvitre que eu mesmo me defendesse? Não que não
 seja confiante no empenho do amigo, mas é que sei
 melhor do acontecido, e podia dar maior claridade.

RASGA BUCHO: Morte ao filho da velha!

LIMINÃO: Negado o pedido. Réu é réu. Começamos. Estamos aqui, nesta mata, reunidos para dar julgamento e fim certo no réu que está na nossa frente. Isso em nome do Padre e do Espírito Santo, da Virgem Santíssima e nosso próprio, que somos jagunços de profissão.

RASGA BUCHO: Morte ao filho da velha!

RIPÍÓ: Esse infeliz não dá outras palavras, parece engasgo. Não seria melhor dar-lhe cachaça e ver se desengasga?

LIMINÃO: Não troque, por confusão, engasgo com vontade de ver morto. Em todo caso é um bom acompanhante para este julgamento. Vamos, Rasga Bucho, pode começar a acusação.

RASGA BUCHO: Pois foi que, enquanto estava n'água, a velha mãe desse filho de uma velha — uma bruxa muito indecente, muito repelente, muito encarquilhada, muito embolorada, muito esterçada — me deu na escapada com meu cavalo e meus trens de guerra, assim como roupa e tudo o mais. Me indignei, no mato andando dentro de uma barrica. E quem visse, nem diria que era Rasga Bucho, o jagunço, mas que um graçola qualquer. Portanto, é um alto crime contra a jagunçagem nos gerais e no meu caso em especiais. Peço com toda piedade: morte ao filho da velha!

LIMINÃO: Muito que bem ou muito que mal, acabou-se de ouvir o atacado... Zé Castigo, pode defender.

RIPÍÓ: Capricha, seu Zé Castigo, que eu estou posando de inocente.

ZÉ CASTIGO: Pois eu defendo o jagunço Rasga Bucho, meu amigo, de tais indignidades, e peço a condenação do réu, nos termos dos possíveis nesta mata virge.

RIPÍÓ: Seu juiz, pode falar? Então, ele defende o outro?

LIMINÃO: Cada qual defende quem acha certo e, sem mais aquele, condeno o réu fulano à morte por tiro de tudo quanto é lado, aqui mesmo e agora mesmo.

RIPÍÓ: Mas eu não me sobro nem pra falar em defesa?

LIMINÃO: Pode falar suas últimas palavras e rezar suas últimas rezas.

RIPÍÓ: Ora veja!

LIMINÃO: Faladas suas últimas palavras que, ainda não fazendo sentido, vêm do coração, passemos à execução.

Os jagunços se preparam.

RIPIÓ: Ainda falei não. Vou falar, diante dos que vão me matar, apenas umas palavrinhas. Meu avô, que Deus o tenha, quando pra este mundo, em 1889...

RASGA BUCHO: Pera lá! Que pra chegá do avô no neto, a gente já criou raiz!

RIPIÓ: Meu pai, quando nasceu...

ZÉ CASTIGO: Olha que do pai ao filho, a gente cansa por demais...

RIPIÓ: Quando eu nasci, o que não faz muito tempo, me deram o nome de Jurubeba. Isso foi em homenagem ao maior jagunço que já existiu!

LIMINÃO: Verdade, eu conheci.

RIPIÓ: Pois meu pai me deu esse nome por ter pertencido ao bando de Jurubeba, a serviço do Coronel Leopoldo Sá de Correia Cavalcanti... Como todos sabem, Jurubeba tinha o corpo fechado e, portanto, nunca foi ferido nem atingido em toda a sua vida. E meu pai também, pois se foi meu avô, que era dado à magia, quem fechou o corpo dos dois!...

ZÉ CASTIGO: Está falando demasiado...

LIMINÃO: Deixa ele falar, tenho interesses por esse tal fechamento de corpo. Uma vez me fecharam e, dias depois, levei dois tiros na barriga. Quando sarei, fechei os olhos e fechei o fechador.

RIPIÓ: Pois eu garanto que esse fechamento foi quem garantiu a vida de Jurubeba e de meu pai. Se de gosto dos jagunços, antes de morrer, eu gostava de oferecer a receita.

LIMINÃO: Pois diga...

Ripió canta a Canção da Receita do Fechamento de Corpo.

RIPIÓ: (*CANTA*)

O jagunço que quiser
Ter o corpo bem fechado
Será se ele fizer
Tudo aqui o que vai mandado
É um é dois é três
Tudo aqui o que vai mandado
É quatro é cinco é seis
Tudo aqui o que vai mandado.

RIPIÓ: (*CANTA*)

Meia-noite na sexta-feira
Tem de ir na encruzilhada
Levando na algibeira
Uma faca bem afiada
Ao chegar na encruzilhada
Veja se ninguém passa
Então dê uma golaça
Na garrafa de cachaça
É um é dois é três
Na garrafa de cachaça
É quatro é cinco é seis
Na garrafa de cachaça.

RIPIÓ: (*CANTA*)

Depois grite bem sonante
Venha cá seu Lucifer
E verá no mesmo instante
A faca virar colher
Pegue então nessa colher
Dê um bafo que ela embaça
Diga um nome de mulher
(*CADA UM DIZ UM NOME DE MULHER*)
Beba um litro de cachaça
É um é dois é três
Beba um litro de cachaça
É quatro é cinco é seis
Beba um litro de cachaça.

RIPIÓ: (*CANTA*)

Reze então uma reza brava
Esta aqui que vou dizer
Que o Demo pé de cabra
Virá logo lhe atender
É um é dois é três
Virá logo lhe atender
É quatro é cinco é seis
Virá logo lhe atender.

RIPIÓ: (*CANTA*)

Mas para rezar com raça
É um é dois é três
Mais um litro de cachaça
É quatro é cinco é seis
Pois me verá no mesmo instante

No embaçado da colher
Aparecer o semblante
Do cumpadre Lucifer
(*JOGA A BARRICA PARA FORA*)
É um é dois é três
Do cumpadre Lucifer
É quatro é cinco é seis
Do cumpadre Lucifer.

RIPÍÓ: (*CANTA*)
Se as pernas dé de tremê
Mais cachaça pra beber
É um é dois é três
Mais cachaça pra beber
É quatro é cinco é seis
Mais cachaça pra beber.

RIPÍÓ: (*CANTA*)
Quando o compadre vier
Reze alto e com fé
Dê pinga se ele quiser
Que seco o diabo não é
É um é dois é três
Que seco o diabo não é
É quatro é cinco é seis
Que seco o diabo não é.

RIPÍÓ: (*CANTA*)
Não faça a temeridade
De deixar beber sozinho
Dê pra ele a metade
Tome metade sozinho
Destampe com cuidado
Outra garrafa de cachaça
(*TROCA AS CABAÇAS*)
Vá tomando um bocado
Que é pra a reza ter mais raça
E reze assim reerguendo a taça
Deus é três em um
O diabo é só um

O que pra Deus é duro
O diabo faz e só
Brinde a demoníssima unidade
Que é mais forte
Que a santíssima trindade.

RIPIÓ: (*CANTA*)

Deus só tem três nomes
Padre fio espirito santo
O diabo tem demais
Não se sabe bem o quanto
Brinde o cão, o demo, o diabo,
O Lúcifer, compadre
O pé de cabra, o tinhoso,
O cachorro, anjo das trevas.

No final da canção, os jagunços, muito bêbados, vão se encostando uns nos outros e caem, todos de uma vez.

RIPIÓ: (*TIRANDO A ROUPA DE RASGA BUCHO*) Depressa,
gente, dar no pé enquanto dá!

ROSINHA: Vamos, vovô!

GOGÃO: Espera aí. Zileu, vamos carregar com os burros e as mercadorias.

ZILEU: Acho melhor seguir já já, sem os burros...

GOGÃO: Eu não estou pedindo, estou mandando. Vá lá e traga os burros.

ZILEU: Vou não.

GOGÃO: Filho duma vaca, quer ver minha falência?

ZILEU: Pois seja...

Zileu volta pra buscar o Velho. Rasga Bucho acorda um pouco e dá um tiro pra qualquer lugar e acerta o Velho. Ripió carrega com ele e todos dão na escapada.

CONTADOR:

Pedimos a todos que aqui estão,
Dando olho e orelha nesta nossa narração,
Um momento de silêncio.
É um episódio triste,
Talvez o mais triste da estória.
Episódio no qual se verá de como o velho Ribano,
Na última hora da morte,
Dá notícia de uma legado à menina.
Tristura que vamos sentir.
No qual veremos também
Que, depois do passamento do velho,
Uma proposta deslumbrante
Se apresenta para a Rosinha, Zileu e o mascate Gogão.
No mais, teremos o desaparecimento da velha,
Ou do filho da velha, ou do jagunço,
Ou do réu ou sei quê mais,
Sabemos ser Ripió, o Lacraia.

110

*Perto das ruínas de um casebre, entra um
vulto. É noite. É Ripió que vem se esgueirando
lento. Revista o casebre e depois chama:*

RIPÍÓ: Podem chegar que é tudo na paz.

*Os outros vêm, Zileu carregando o Velho.
Ripió acende uma vela num canto.*

ROSINHA: Cuidado com ele...

Depositam o Velho em cima de uma esteira.

ROSINHA: O que a gente vai fazer?

RIPÍÓ: *(DEPOIS DE OLHAR A FERIDA)* Acho que esperar
uma paz que há de vir depois desta dor.

ROSINHA: Não é nada, é mais uma mentira sua. *(VAI ABRAÇAR O VELHO)*

VELHO: Não chegue, minha filha, que apressa minha partida e tenho muito que falar.

RIPÍÓ: É uma ferida funda e ingrata. Tem pouco tempo, meu velho...
Fale com jeito em pressa o que tem e depois descansa na morte.

ROSINHA: Ah! Meu Deus! Que tristeza...

ZILEU: Assim há de ser com nós todos um dia, por isso, amém!

VELHO: Minha filha... É preciso que te conte e te informe de coisas importantes... Ouve com atenção, que não terei, na certa, ocasião de repetir. Sempre fiquei de contar um dia a estória do teu nascimento.

VELHO: Uma vez, era ainda meio moço, morava em uma cabana nas terras de uma fazenda onde era lavrador. Me apareceu pelo meio de uma noite um cavaleiro meio despencado da sela de um cavalo muito cansado. Apeiou na minha porta com um embrulho de pano na mão. Vinha muito triste, ferido e muito mal de muitos tiros e sangrava tanto. Mais, muito mais que eu, agora. Me jogou o embrulho nos braços e caiu na minha porta. Peguei e senti um calor... Era uma criancinha. Disse que eu cuidasse dela, que ele morria na certa. Contou ainda que era por causa dela que ele tinha sido tocaiado. Foi por seu casamento às escondidas com a filha de um fazendeiro inimigo de seu pai, também poderoso. As famílias viviam em guerra por causos de terras e os dois se gostaram por cima de tudo. Seu pai me contou tanto mais coisas que lhe deram as horas que restavam. Tinha em seu poder uns mapas, uns escritos que disse ser de um grande tesouro que havia descoberto nas suas andanças. Um mapa marcado por pontos maravilhosos de procura. Fenômenos perdidos no sertão os quais encontrou na sua grande busca. Me pediu que, quando você se fizesse mulher, eu lhe daria os mapas e os escritos e pediria que fosse em busca de tal tesouro, pois só o descobrindo poderiam, você e muitos outros, encontrar felicidade. Disse também pra você tomar cuidado, muito cuidado com...

111

ROSINHA: O que, avô, fala!

ZILEU: Mais nada, menina. Ele partiu...

RIPÍÓ: Deus se apiede da alma dele.

GOGÃO: Um tesouro!

ROSINHA: Meu avô querido. *(CHORA)*

ZILEU: *(TRAZENDO UMA VELA)* Em nome do Padre, Filho e Espírito Santo, amém. *(VAI FAZENDO UMA COVA)*

RIPIÓ: *(CANTA A CANÇÃO DA MORTE)*
Nem fome nem eito
Nem dor nem mais amor
Sua alma virou passarinho
Lindo voo levantou
Foi pra longe seguiu seu caminho
Foi pro céu pra lá voou!
O que era da terra volta pra terra
O que era do Céu Deus já levou.

Ripió e Zileu carregam o corpo atrás de uma pedra.

RIPIÓ: *(REPETE O CANTO)*
Nem fome nem eito
Nem dor nem mais amor
Sua alma virou passarinho
Lindo voo levantou
Foi pra longe seguiu seu caminho
Foi pro céu pra lá voou!
O que era da terra volta pra terra
O que era do Céu Deus já levou.

ZILEU: Está já na cova esperando a última terra.

GOGÃO: E o mapa do tesouro? Convém procurar! Antes do enterramento. *(VAI VER O VELHO NA COVA)*

RIPIÓ: Não precisa... Está aqui... Peguei caído no chão, ao lado do corpo.

ROSINHA: O que vem a ser? *(PEGANDO OS PAPÉIS)*

RIPIÓ: Uma papeladas muito antigas. Uns mapas, uns escritos.

ROSINHA: *(PEGA, OLHA)* Num sei lê... É de proveito?

GOGÃO: Eu sei, deixa, eu leio... *(LÊ:)* “Para minha filha, no dia em que puder ser livre e sair na procura do tesouro. Nos mapas e nos escritos encontrará os caminhos por mim percorridos e, se tudo fizer de acordo, chegará ao grande tesouro. Primeira viagem começa se olhando o céu em noite de estrelas. É o prumo norte que é indicado pela cabeça do Cruzeiro do Sul. Toma caminhos os que levam ao contraforte da Serra do Espigão e de lá até o Fazendão Santa Luzia. Lá se vai encontrar a primeira maravilha?...”

ROSINHA: O que será essa maravilha?

GOGÃO: O que será esse tesouro?

RIPÍÓ: Só indo até lá e dando com os olhos próprios.

ROSINHA: Que bom seria poder cumprir a vontade de meu pai e do velho avô que morreu inda pouco!...

GOGÃO: Isso pra uma moça é um despropósito de andarilhagem...
Eu, por mim, tenho uma proposta a fazer. Me venda os mapas e os escritos, que eu vou atraís.

ROSINHA: Um dinheiro até que seria bom neste momento... Estou sozinha.

ZILEU: E se é de sua vontade, vamos os dois e mais o moço em busca destas maravilhas.

GOGÃO: Como é que vai indo assim, sem mais aquela?

ZILEU: Pois não tenho casa, nem parentes, sou livre para escolher ir com a moça.

GOGÃO: Não sabe que trabalha para mim?

ZILEU: Pois já deixei, não trabalho mais. Pegue os burros e leve.

GOGÃO: Num é de tantas facilidades deixar o meu emprego de uma hora pra outra. Quem me paga o que deve de adiantados?

ZILEU: O que trabalhei até hoje já dava e com sobras.

RIPÍÓ: O quanto é a quantia devida?

GOGÃO: Uns dois contos, por baixo, pra terminar a briga.

RIPÍÓ: Pois lhe cobro quatro por ter salvado a sua vida e as suas mercadorias dos jagunços.

GOGÃO: O quê? Vê lá se é possível...

RIPÍÓ: Tanto é possível que se não paga já já, eu lhe tiro a vida, que está no meu direito. *(APANHA O REVÓLVER)*

GOGÃO: O senhor está brincando. *(RI)* Está brincando...

RIPÍÓ: Paga ou não paga?

GOGÃO: Pago coisa nenhuma!

RIPÍÓ: Isto é como aviso. *(ATIRA NO PÉ)*

GOGÃO: Está maluco, quer me matar? Este é pior que os jagunços! Você não faz nada, Zileu?

ZILEU: Ele está no seu direito. Foi quem salvou a gente da morte.

GOGÃO: Qual morte, qual nada! O chefe dos jagunços era meu amigo.

RIPÍÓ: Pois fale com ele, que vem vindo aí atrás.

Gogão vira-se para trás e cai de joelhos, morrendo de medo.

RIPÍÓ: Então, ele é seu amigo, pois não? Descontando o que deve Zileu, ainda falta dois contos. Fico satisfeito se me pagar em mercadorias no justo preço.

GOGÃO: Ai... minhas mercadorias!

RIPÍÓ: E se faça de satisfeito, por não ter perdido tudo, mais essa sua vida miserável juntamente.

GOGÃO: Está certo, mas um dia você me paga!

RIPÍÓ: Chegando o dia, a gente se vê, que quem puder mais chora menos. Zileu, está acertada sua dívida.

ZILEU: Fico agradecido para sempre. Aonde estiver, o que for meu, seu será também. Como é o nome de quem me fez o bem?

RIPÍÓ: Ora pois se eu sou chamado de Gonçalão de Pedreirinha.

ZILEU: Pois será como disse, seu Gonçalão. Palavra por palavra de Zileu Rojão... o filho de Mané Pedro Rojão.

ROSINHA: Vamos passar a noite aqui?

RIPÍÓ: Vamos, amanhã sigo o meu caminho e voçais seguem os de voçais. Zileu, puxa a mercadoria no valor de um conto, para mim, e mais um tanto igual, para você e a menina. Vão precisar de comida na viagem, que há de ser longa e cansativa.

ROSINHA: A qual viagem?

RIPÍÓ: Pois não se vão em busca de tesouro, você mais Zileu?

ZILEU: Eu, por mim, sempre que ia, inda mais que posso dar proteção à menina.

GOGÃO: Eu também vou. Vamos os três.

RIPÍÓ: Numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais e dá confusão. Acho que, em viagem, há de ser o mesmo igual.

ROSINHA: Pois vamos os quatro junto com seu Gonçalão das Pedreiras.

RIPIÓ: Seu Gonçalo tem mais o que fazer que andarilhar em busca do tesouro escondido, minha menina. Tenho casa e negócios na cidade.

GOGÃO: Pra mim dois mais que ajude é bom andar de três... O tesouro há de ser bastante para todos nós.

RIPIÓ: Se eles querem, o senhor acompanha... Se não, eles partem e o senhor toma seu rumo, bem noutra direção.

ROSINHA: Melhor que ele não vá. É muito malvado, o miserável.

ZILEU: O mesmo acho eu, também.

RIPIÓ: Está decidido... Eles vão e vossa mercê segue comigo, pra não atrapalhar os dois.

GOGÃO: Pois que vão sozinhos. *(RI MUITO)* Só quero saber se vão chegar em parte alguma.

ROSINHA: Que é que ele deu de rir tanto?

GOGÃO: Só quero saber quem vai ler os escritos e olhar no mapa. Nenhum de voçeis sabe ler.

ROSINHA: A gente aprende, seu Gonçalo ensina!

RIPIÓ: Aí, ele levou vantagem. Está certo o que ele diz... Ler não se aprende de uma hora pra outra.

ZILEU: Está certo que é assim, mas... Eu que nunca pude ter um tempo de encontrar um que me ensinasse a ler... A gente fica nas ordens dos outros, sem ter culpa nem nada.

RIPIÓ: Assim é o mundo, o mundo é assim, pois se até Deus precisa do Diabo pro mundo seguir sendo mundo. Essa parada ganhou mesmo o Mestre Gogão, por suas artes de leitura. Mas olha lá... Lembrem-se sempre que são dois contra um, e que ele deverá andar certo na honestidade.

GOGÃO: Pois se eu sempre fui honesto...

RIPIÓ: Em sendo comerciante e mascate, acho um pouco exagerado esses elogios a respeito de si mesmo. Só digo uma coisa, Mestre Gogão, mestre em burros, preços e lábias. Só digo que, em determinadas curvas, às vezes a gente dá de cara com o que nunca esperou. Portanto, quando se tem a alma carregada, o melhor é tomar cuidado com a pele.

ROSINHA: Vamos nós três, então.

RIPIÓ: Passamos a noite aqui. Amanhã eu sigo meu caminho e voçes seguem o de voçes.

*Enquanto todos se preparam para dormir,
Rosinha canta a Canção de Rosinha.*

ROSINHA: (*CANTA*)

O que ontem era de um jeito
Hoje já mudou demais
Amanhã pode ser outro
Com o tempo outro mais
Minha vida se figura
Na mudança do porvir
Como pode a criatura
Saber tudo que há de vir...

*Todos dormem. Cartaz: E, lá pelo meio da noite,
Ripiô acorda, vai até a menina que dorme, tira os
mapas. Vai até um canto, acende uma vela, copia o
mapa e escreve um bilhete que parece algum recado e
prega na porta. Pega suas coisas, recoloca o material
da menina perto dela e dá o pira. Cartaz:
E no dia seguinte, Zileu acorda e vai acordar Rosinha.*

116

ZILEU: Moça Rosinha?

ROSINHA: É hora?

ZILEU: O quanto mais cedo a gente for, mais cedo chegamos!

ROSINHA: Já está acordado o seu Gonçalão?

ZILEU: Não vi ele não.

GOGÃO: Vamos embora, minha gente, que o tesouro espera por nós.

ROSINHA: (*APANHANDO O BILHETE NO CHÃO*) O que vem de ser?

GOGÃO: É um recado do tal Gonçalão... “Fui embora no meio da noite. Não gosto de despedidas... Até um dia, que quem é bom sempre se encontra... Gonçalão Pedreirinha”. Onde está o mapa?

ROSINHA: Está aqui, que pena que ele já deu no caminho! Gostava de agradecer.

ZILEU: Ouviu o que ele deixou escrito? Um dia a gente dá de encontrá.

GOGÃO: Eu, por mim, não quero nem mais ver aquele tal...
Zileu, arrume os burros e vamos embora.

*Enquanto Zileu arruma os burros,
cantam a Canção do Caminho.*

ZILEU: (*CANTA*)
Toca pé no mundo
Pra buscá esse tesouro.

GOGÃO: (*CANTA*)
Toca buscá logo,
Deve ser um montão de ouro!

ROSINHA: (*CANTA*)
Vamos nós andando,
Vamos nós buscando.
(*COLOCA UMA FLOR NO TÚMULO DO AVÔ*)

OS TRÊS: (*CANTAM*)
Caminho por caminho
Passagem por passagem
No vale da montanha
Caminho por caminho
Passagem por passagem
Na mata e na rodagem.

Talvez rio
Talvez planura
Talvez serra na lonjura
Vamos nós andando
Vamos nós buscando
Que no fim está
O tesouro esperando
Vamos nós, vamos nós.

CONTADOR:
E assim se deu por findar,
A primeira parte da narrativa desta lendagem.
Onde vimos de como
Depois de perseguida pelos jagunços do Coronel Militão,
Que acabaram por dar morte a seu avô,
A menina Rosinha segue em busca de um tesouro

Em companhia de Zileu, o burreiro,
Mais o mascate Gogão.
Não percam a segunda parte desta emocionante lendagem.
Dentro de mais alguns minutos,
O que sucederá aos aventureiros?
Encontrarão o tesouro?
E os jagunços do Coronel?
O que se dará com eles
Ao voltar ao fazendão de mãos vazias?
Isso tudo será respondido
Na segunda parte desta lendagem.
E no mais,
Terão o reaparecimento
Do mais incrível e formidável
Danado de todos os tempos,
O Ripió Lacreia.

CONTADOR: (*CANTA A CANÇÃO DA MEIA ESTÓRIA:*)

De tanto falar, falei
Meia estória já contei
Tem mais tanto pra falar
Outra meia vou contar!

118

CENA 10

SÉTIMO EPISÓDIO:

A SUMANTA NOS JAGUNÇOS

Na fazenda do Coronel Militão.

CONTADOR: Sétimo episódio,

No qual haveremos de dar encontro
Com os jagunços do Coronel Militão,
Mais o próprio Coronel.
No qual se verá
De como o Coronel prende fogo de raiva
Por terem o Velho e a menina fugido.
E também onde iremos apreciar
De como os jagunços são castigados
De uma forma original,
E, nos finais, partirão novamente
No enalço dos fugitivos.

Na fazenda do Coronel Militão.

CORONEL: Pois foi tal assim como se deu?

OS TRÊS: Bateu e disse!

CORONEL: Pois a culpa quem teve de deixar escapar? Liminão, foi sua?

LIMINÃO: Minha não foi, só se foi de outro.

CORONEL: Rasga Bucho, foi sua?

RASGA BUCHO: Minha não foi, só se foi de outro.

CORONEL: Zé Castigo, foi sua?

ZÉ CASTIGO: Minha não foi, só se foi de outro.

CORONEL: Não fui convencido. Contem de novo, a ver se fica conferido.

LIMINÃO: Nós demos no encaço.

ZÉ CASTIGO: Demos no encaço.

RASGA BUCHO: Demos, de fato, no encaço.

CORONEL: E daí? Adiantem nas falas.

LIMINÃO: Encaçamos, mas houve que...

ZÉ CASTIGO: Pois é, o filho da velha!

RASGA BUCHO: Ah! O filho da velha!

ZÉ CASTIGO: Antes veio a velha, depois o filho da velha.

LIMINÃO: Verdade seja dita. Primeiro a velha, e depois o filho da velha.

CORONEL: Que velha mais o filho da velha, quero saber dos foragidos.

ZÉ CASTIGO: Pois falando de claramente, os fugidos foram pegados.

RASGA BUCHO: E muito bem pegados.

LIMINÃO: O velho mais a menina, mais o filho da
velha. Na verdade, deu no escapado.

CORONEL: Que diabo esta velha tem que estar metida no assunto?

ZÉ CASTIGO: Tem e muito, assim como o filho da velha.

RASGA BUCHO: E mais os burreiros.

CORONEL: Que burreiros?

RASGA BUCHO: Que burreiros?

ZÉ CASTIGO: Que burreiros?

LIMINÃO: Que burreiros? Os que traziam cachaça.

ZÉ CASTIGO: Maldita cachaça, que uma cartolinha, assim, tinha mais de vinte e tantos litros.

RASGA BUCHO: Uma danada cachaça, que se refazia tanto mais dela se tomasse.

LIMINÃO: Eu bem que tinha dado aviso e prenúncio.

ZÉ CASTIGO: Isso tinha mesmo.

RASGA BUCHO: Verdade. Não fosse o filho da velha...

LIMINÃO: Mesmo apesar da cachaça estar na cartolinha, nós derrubamos um.

CORONEL: O filho da velha?

LIMINÃO: Não, o velho.

CORONEL: O velho quem? Que já não sei mais quem mais se mistura na narrativa.

LIMINÃO: O velho Ribano.

CORONEL: E a menina?

LIMINÃO: (*AOS JAGUNÇOS*) E a menina?

RASGA BUCHO: E a menina?

LIMINÃO: E a menina?

CORONEL: A menina sumiu!

LIMINÃO: (*AOS JAGUNÇOS*) A menina sumiu.

ZÉ CASTIGO: Não diga.

RASGA BUCHO: Pois é... Foi embora com o filho da velha.

ZÉ CASTIGO: E mais os dois burreiros.

CORONEL: E por que não seguiram no encalço?

ZÉ CASTIGO: E por que não seguiram no encalço?

LIMINÃO: (*AOS JAGUNÇOS*) E por que não seguiram no encalço?

ZÉ CASTIGO: Pois foi assim mesmo, que o sucedido é então, deveras.

RASGA BUCHO: Isso que está mesmo explicado, foi assim como foi, não é?

ZÉ CASTIGO: Demais que é... Porque se não fosse, tinha dado tudo certo.

LIMINÃO: O que seria por demais certo, é, sem dúvida, assim nos claros como está...

ZÉ CASTIGO: Certíssimo, como estou aqui em riba das pernas.

RASGA BUCHO: Das pernas.

LIMINÃO: É isso...

CORONEL: Isso nem mais aquilo, corja de pinguços, beberam e caíram e os tais se sumiram no mato. Tirem as jaquetas e as camisas. Fiquem em fila um detrás do outro. Peguem os reios! Podem começar.

LIMINÃO: O que, pois sim.

CORONEL: Vão batendo até eu mandar parar. E logo.

*Começam a bater devagarinho. Militão,
que é o último, bate com fé.*

ZÉ CASTIGO: Parada! Desculpa, meu Coronel, mas eu só apanho e não dô.

CORONEL: Vira a fila e bate mais forte.

RASGA BUCHO: Parada, meu Coronel. Eu, ficando aqui no meio, já levei couro dobrado. Não há justiça neste castigamento?

CORONEL: É justo! Liminão e Zé Castigo, fiquem de banda!
(*PARA RASGA BUCHO*) Agora, bata nos dois.

*O bate que bate degradingola. Eles acabam em luta franca,
quase se matando. Param quando caem de cansaço.*

CORONEL: Agora, salmoura nas feridas. Depois, encham o bernal e sigam na pista da menina e mais o velho, mais o filho da velha. Mais os burreiros também. Vão até o inferno, mas não me apareçam aqui sem toda essa tralha.

LIMINÃO: Aqui pra tudo, patrão.

ZÉ CASTIGO: Pronto pra castigar!

RASGA BUCHO: Onde é o fogo?

*Os jagunços se levantam, um arruma o outro,
repetem as filas para passar salmoura, enquanto
cantam a Canção da Vida de Jagunço:*

JAGUNÇOS: *(CANTAM)*

Nós somos três jagunços
Nosso chefe é Liminão
Mas quem paga a jagunçagem
É o Coronel Militão
Viva! Três vezes viva
Viva! Três vezes viva
Viva nosso patrão!

CENA II OITAVO EPISÓDIO: RIPIÓ VIRA CEGO

122

CONTADOR: Oitavo episódio

No qual se verá
Em seguimento a esta emocionante lendagem
De como, e assim será visto,
Rosinha, Zileu e Gogão se perdem
Na rota da caverna da pedra furada.
Veremos também que encontrarão um cego
E, deste encontro,
Nascerá a descoberta do caminho.

Um local na mata. Encruzilhada.

GOGÃO: Já rodamos horas e horas e acabamos dando de encontro
nas paragens parecidas, sempre as mesmas.

ZILEU: Eu, por mim, arriscava dizer que a gente deu de se perder.

ROSINHA: Já olhou bem certo nos mapas, seu Gogão?

GOGÃO: É certo e claro que olhei, peçonha do
tinhoso! Esse mapa está errado.

ZILEU: Ou, então, o senhor não soube ler certo o caminho.

GOGÃO: Demos de andar onde estava marcado.
Se quiser, leia você, se puder.

ZILEU: Vamos seguir em nova tentativa, às vezes erramos um pouco.

E seguem pela trilha em frente. Parado no meio da estrada está um ceguinho. Os três param.

ZILEU: Olhe lá!

GOGÃO: Parece que é cego...

ZILEU: De nada pode servir.

ROSINHA: Mas de alguma coisa deve saber.

Os três descem dos cavalos e se aproximam do homem que permanece sentado, descansando.

ZILEU: Boas, meu senhor!

GOGÃO: Somos de paz.

ROSINHA: Estamos perdidos neste mato...

GOGÃO: Quem é o senhor?

CEGO/RIPIÓ: Como vai, gente boa?

GOGÃO: Quem é o senhor?

CEGO/RIPIÓ: Sou um cego andejo, que vive por estas bandas. E vocês, quem são?

ZILEU: Somos três viajantes. Buscamos um tesouro.

O Cego ri.

GOGÃO: Quem sabe, senhor cego, vós podeis nos ajudar?

ROSINHA: Procuramos um tal Fazendão. Nos ajude, meu sinhô.

CEGO/RIPIÓ: Um tal de Fazendão?

GOGÃO: O senhor conhece por estas bandas, um tal de Fazendão?

CEGO/RIPIÓ: Conheço um que vive cheio de cego, e tem um tal de Coronel...

GOGÃO: Vamos logo, seu ceguinho, pra que rumo fica esse tal?

CEGO/RIPIÓ: Sigam em frente, só entrem na estrada quando avistarem uma roça de algodão. Mas, cuidado que lá é terra de cego, e em terra de cego, quem tem um olho é rei.

ROSINHA: Que Deus nos ajude.

ZILEU: Vamos embora! A pista parece certa.

Os três montam em seus cavalos e saem à procura do tesouro que está no Fazendão.

O Cego pega a viola e, com ares de satisfação, começa a cantar a Canção do Cego/Ripió.

CEGO/RIPIÓ: (*CANTA*)

Cada qual no seu caminho
Eu também já tenho o meu
Vou andando devagarinho
Pra chegá onde vou eu.

Aproximam-se três cavaleiros.

LIMINÃO: Boas, meu sinhô. Mora nestas paragens?

CEGO/RIPIÓ: (*CANTANDO*)

Andando devagarinho,
Vou seguindo o meu caminho...

RASGA BUCHO: Conhece este lugar, então?...

CEGO/RIPIÓ: Si cunheço? Até demais!

ZÉ CASTIGO: Procuramos um tal Fazendão Santa Luzia, que parece ser nestas paragens.

LIMINÃO: Será que vossa sinhoria pode ajudar estes jagunços?

CEGO/RIPIÓ: Posso sim, meu sinhô. Deixe vê... Fazendão Santa Luzia... Ah, é só segui em frente, por ali, sempre em frente. Quando avistá uma porteira, é lá o tal Fazendão.

LIMINÃO: Galope, minha gente!

Os três cavaleiros saem na disparada, gritando.

CEGO/RIPIÓ: Olhe que foram e nem agradeceram. Também, não sei se seria certo agradecer a informação de um cego que bem podia ter-se enganado de direção.

CEGO/RIPIÓ: (*CANTA*)

Cada qual no seu caminho
Eu também já tenho o meu
Vou andando devagarinho
Pra chegá onde vou eu.

CENA 12 CHEGADA AO FAZENDÃO

CONTADOR: Rosinha, Zileu e Gogão

Iniciam uma porção de acontecimentos terríveis,
Jamais vistos e vividos.
Primeiro, vamos ver a chegada em um fazendão
Perdido no meio do sertão
Que, nos mapas e nos escritos,
Era o ponto marcado “xis”.

CONTADOR: E mais,

De como pedirão emprego ao capataz caolho.
E mais,
Que aparecerá um retratão maldito.
E mais,
Que haverá a mais extraordinária festa,
A qual se possa imaginar.
E mais,
Que verão jagunços cegos e um garimpeiro.
E mais que mais,
Que só vendo para acreditar.

*Uma roça de algodão, tendo ao fundo uma casa negra
de fazenda. Entram os três num canto da cena.*

GOGÃO: Demos, sem dúvida, de chegar certo. Este deve ser o tal Fazendão de Santa Luzia do qual fala o escrito.

ROSINHA: O que mais dizia o indicado?

ZILEU: Se bem me lembro, estava escrito de que aqui encontraríamos indicação certa de onde estava o tesouro. E tinha aquele verso...

GOGÃO: O que será tem de ver o verso com o tesouro... (LÊ)

“Em terra de cego
Quem tem um olho é rei
Um dia terei dois olhos
E mais do que rei serei.
Procurar o caminho
É de fácil solução
Desde que procure
Bem no olho do patrão
Todo tesouro escondido
Não se alcança fugindo do perigo.”

ROSINHA: Por que será que meu pai assim deixou escrito? Bem que seria mais fácil um indicado claro, que este, assim, é confuso.

GOGÃO: Foi pra atrapalhar a vida da gente!

ZILEU: Eu acho que foi na intenção de fazer a gente dar mais no pensamento e achar de modo mais perfeito.

ROSINHA: Pode ser que, assim, seja mais certo.

GOGÃO: Estamos no Fazendão. Vai ver que vamos ter que arrancar o olho do patrão pra dar de encontro com o tesouro. Enfim, todo o sacrifício será recompensado.

ZILEU: Quem é essa gente?

GOGÃO: São lavradores.

Vêm os camponeses cantando. Vêm em fila, um segurando no outro, pois são todos cegos. Vestem-se de andrajos. São magros e amarelos e estão com vendas de pano preto cobrindo os olhos. Cantam a Canção dos Cegos Indo pro Eito.

CEGOS: (CANTAM)

Toca para o eito
Ei lá, ei lá...

Nascer pra comer pouco
É a sina do sujeito
No eito daná louco
Com bandulho insatisfeito
Toca para o eito
Ei lá, ei lá
O mundo já está feito
Afeito e refeito
Então não tem mais jeito
Toca pro eito
Nessa vida tudo morre
Morre bicho, morre flor
Nós também vamos morrer
Morre riso, morre amor
Nós também vamos morrer
Então toca companheiro
Toca pro eito
Toca pro eito
Ei lá, ei lá.

*Os cegos chegam no eito e começam a trabalhar
em silêncio. Num canto da cena, os três.*

127

GOGÃO: Que acontecido mais diferente! São todos cegos...

ZILEU: Mas têm tanto costume da enxada que nem precisam de visão.

ROSINHA: Que gente mais triste!

GOGÃO: Vamos perguntar onde é a casa do patrão. Olá!

CEGON.º1: Quem está?

GOGÃO: Uns viajantes de passagem.

CEGON.º1: É bom desviar seu caminho deste lugar, enquanto é tempo.

GOGÃO: Este não é o Fazendão Santa Luzia?

CEGON.º1: É aqui mesmo. Desde onde se pode andar em
cada direção, é tudo terra do nosso patrão.

GOGÃO: Eu preciso falar com o vosso patrão.

CEGON.º1: O patrão não está. Não vive aqui. É melhor que vão
embora, esta é uma terra de cegos. Os de visão não são
bem recebidos, só trazem desgraça para si mesmos.

ROSINHA: É melhor a gente ir embora.

GOGÃO: E deixar o já feito por nada? Esses cegos não sabem de nada! Olha aqui, meu caro, será que a gente podia parar um dia ou dois nesta terra para descansar da nossa viagem?

CEGÃO^{№1}: Acho melhor que os viajantes sigam seu caminho. O patrão não gosta de gente com visão... Os que passam aqui se dão mal toda vida.

GOGÃO: Não tem um que não seja cego por estas bandas?

CEGÃO^{№1}: Só o capataz, é caolho. Ele é que vê tudo para o patrão.

GOGÃO: E o patrão, onde vive?

CEGÃO^{№1}: Dizem que num lugar muito longe daqui, na beira do mar, tão longe que nem se andando um ano se chega.

ZILEU: A gente podia dar uma conversa com o capataz?

CEGÃO^{№1}: Poder pode, mas aconselho a darem no pé de volta, e sumirem neste mundo.

ROSINHA: Por que os daqui todos não têm visão?

CEGÃO^{№1}: O que se conta é que, no tempo de dantes, vieram trabalhar nesta fazenda umas famílias de cegos... E todos os filhos nasceram cegos e os netos, mais os bisnetos e mais nós agora e por diante, nossos filhos...

GOGÃO: Que fenômeno mais extraordinário!

ZILEU: Acho melhor a gente mudar de rumo e pensar outra coisa.

ROSINHA: A gente perde o rumo do caminho de meu pai.

GOGÃO: O que tem acontecido às gentes com visão que encontraram por aqui?

CEGÃO^{№1}: O certo, ninguém sabe, mas se fala muita coisa. Uns dizem que morrem, outros que ficam cegos. Muitos causos se contam, mas a gente não sabe ao certo. Vão de uma vez que é melhor.

GOGÃO: Estou concordando também que seria melhor a gente sair daqui.

ZILEU: Me deu na cabeça que a gente podia dar um jeito de ficar aqui uns dias.

ROSINHA: O qual é?

ZILEU: Se a gente fosse cego também?

GOGÃO: Mas não somos.

ZILEU: Mas a gente pode fingir. É só eles não falar.

CEGON#1: Por nós, se é assim que querem, podem ter confiança que ninguém fala nada.

Vem um outro cego e cochicha no ouvido do Cego#1.

CEGON#1: A gente não fala nada e até ajuda. Mas, em troca, vão ter que fazer uma coisa que a gente pedir.

GOGÃO: Dinheiro não tem.

CEGON#1: O que é isso?

GOGÃO: Então, não sabe o que é dinheiro?

CEGON#1: Não. E como não sabemos, não é isso que vamos pedir. O que queremos, depois saberão.

ZILEU: Então, toca a se fantasiar de cego pra falar ao capataz.

CEGON#1: Tomem cuidado, que se alguma coisa acontecer, nós não poderemos ajudar em nada.

129

O cego que cochichou reúne os outros e combina alguma coisa. Fazem um burburinho de aprovação e riem um pouco.

GOGÃO: A gente diz que somos pedintes... E tomem cuidado pra não deixar perceber que não somos cegos.

ZILEU: A gente conta que ouviu dizer que aqui se dava trabalho aos cegos.

CEGON#1: Hoje é um dia de festa... É o dia do patrão, logo mais à noite vai ter os festejos. Prestem bem atenção em tudo o que vai acontecer, pois nosso pedido tem coisa com o que se vai passar.

GOGÃO: Vamos vender os olhos, mas com jeito pra espiar por baixo. Quem é que vai levar a gente ao capataz?

CEGON#1: Eu mesmo... Vamos!

CENA 13 DÉCIMO EPISÓDIO

CONTADOR: Décimo episódio,
No qual voltamos a encontrar
Liminão e seus jagunços
Que não desistem da procura por nada deste mundo.
Onde veremos que,
Após encontrar a caverna da pedra furada,
Seguirão também para o fazendão dos cegos.

Na caverna da pedra furada.

RASGA BUCHO: Não há dúvida que o rastro vinha até aqui.

ZÉ CASTIGO: Que diacho teriam os danados encontrado aqui?

RASGA BUCHO: Abrigo, ao de certo. É um lugar bem escondido.

Na frente da casa do capataz.

130

CEGON^o1: É por aqui que mora o capataz.

GOGÃO: Aqueles são presos? Por quê? *(OLHA OS
GEMIDOS POR BAIXO DA VENDA)*

CEGON^o1: Não é boa hora de fazer perguntas. Vou chamar o capataz.

GOGÃO: Aí que eu me borro todo. Cuidado, vocês dois, que senão a gente acaba ali preso, igual a eles.

CEGON^o1: Seu Ciclópio! Ó seu Ciclópio! Ó de casa!

*Aparece o enorme homem com um olho
vendado e uma cara de mau.*

CICLÓPIO: O que é que vem fazer na casa grande, deixando o eito de lado? Quem são esses aí?

CEGON^o1: São três viventes que se achegaram para estas bandas, em busca de trabalho. Disse que ouviram que aqui davam trabalho aos cegos.

CICLÓPIO: Ah, muito bem! Não vivo eu dizendo a todos vocês que se não tivessem um patrão tão jovem e tão belo e generoso iam morrer de fome? Ninguém quer saber dessa raça assombrada que não pode enxergar o mundo... De onde vem essa gente?

GOGÃO: De muito longe, atrás da serra. Andarilhamos quase trinta dias e trinta noites pra chegar por aqui.

CICLÓPIO: E como souberam chegar por aqui?

GOGÃO: Demos de ouvir falar.

CICLÓPIO: Quem falou?

GOGÃO: Um outro cego que encontramos na estrada.

CICLÓPIO: Mau, mau, mau... Estamos ficando conhecidos... Pois emprego tem, que o patrão dá trabalho a todo mundo. Desde que sejam cegos. São parentes?

GOGÃO: São meus filhos.

CICLÓPIO: Pois podem ficar. Mas quero que saibam qual é a lei aqui. Ali tem um tronco... Para que saibam, é um lugar de prender o pé, mão e pescoço e ficar de pança ao sol até secar bem sequinho, sem água e sem comida. Isso é pra quem amolece no eito. Quem rouba semente e vai fazer roça no mato por conta própria. Tenho um olho só, mas está olhando tudo e sempre. Pra vocês, que não têm nenhum, não se façam de besta que o castigo é duro! Se ficam aqui, podem catar madeira, barro e capim na mata pra fazer casa.

CICLÓPIO: Comida é aqui que tem, no armazém, e só se come o que se dá. Uma vez se come, o resto trabalha pra merecer a vida e dar honra ao patrão. E chegaram num dia muito especial de bom. Hoje é o dia da festa do patrão. Logo mais, à noite, haverá canto e dança. A menina também pode vir, viu ceguinha? Leve os três para o eito pra conhecer a lidaça. Ah, e antes que me esqueça, não quero uma palavra entre os cegos novos e a cegaiaada velha que está aí. Se pegar, o tronco e o pau estão esperando. Podem ir.

Os quatro se afastam.

CICLÓPIO: *(BATENDO COM UM RELHO, UM POUCO, NOS PRESOS)* Toma seus danados, vão aprender a criar galinha escondido do patrão.

PRESOS: Piedade Deus... Ai meu lombo... Nossa Senhora!

CICLÓPIO: Pode esgoelar de chamar quem quiser na terra ou no céu! Aqui o Deus e a Nossa Senhora são nosso santo patrão e como eles estão no céu, no lugar deles fico eu.

CENA 14 COMEÇA A FESTA DO PATRÃO

Desce um cartaz. Começa a festa do patrão. Todos os cegos reunidos. Zileu, Gogão e Rosinha também. Vem Ciclópio, todo vestido de gala. Os cegos cantam na chamada de Ciclópio: Canção do Patrão.

CICLÓPIO: (*CANTA*)

Seus cegueiros imundos, danados e vagabundos
Me respondam que dia é hoje?

CEGOS: (*CANTAM*)

Dia de festa, de respeito e diversão
É o santo dia do nosso patrão.

CICLÓPIO: (*CANTA*)

Quem é o mais bom e mais justo e mais certo?

CEGOS: (*CANTAM*)

É o nosso santo patrão!

CICLÓPIO: (*CANTA*)

Quem manda, enxerga e vigia?

CEGOS: (*CANTAM*)

É o nosso santo patrão!

CICLÓPIO: (*CANTA*)

Desde muitos anos e muitos dias,
Neste mesmo dia do ano se faz esta festa.
Que sempre é do comando de quem?

CEGOS: (*CANTAM*)

Do seu Ciclópio, nosso santo capataz!

CICLÓPIO: (*CANTA*)

E, antes de mim, foi outro
E, antes de antes do outro,

E, antes de antes de antes,
Inda foi outro,
Sempre de um olho só.

CEGOS: *(CANTAM)*
De um olho só
Mas tudo vê
Vê tudo que a gente faz
Esse um sempre foi sempre
Nosso santo capataz.

CICLÓPIO: *(CANTA)*
Seus cegueiros imundos,
Danados e vagabundos,
Pra quem não enxerga,
Onde é que termina o mundo?

CEGOS: *(CANTAM)*
Termina logo além da cerca
Quem sair não volta mais
Ficará sempre perdido
No poder do satanás!

CICLÓPIO: *(CANTA)*
Então, viva nosso patrão!

CEGOS: *(CANTAM)*
E também o capataz!

CICLÓPIO: Vamos continuar a festança. Como é sabido,
neste santo dia o patrão não quer ninguém no
tronco, nem no pau. Pode soltar os prendidos.

O pessoal solta.

CICLÓPIO: E agora, vamos entrar no ponto mais
importante do festejo. Tragam o retrato.

*Vêm dois cegos trazendo um enorme retrato
de corpo inteiro de um latifundiário: baixo,
feio, balofo, subdesenvolvido, fim de raça etc.
Colocam de um lado. Todos murmuram.*

CICLÓPIO: Como em cada festa, em cada dia, de cada ano, eu vou ter a honra e a alegria de contar a todos os infelizes sem visão como é a figura grandiosa do nosso grande e santo patrão! Ah, se vocês e sua corja pudessem dar pelo menos com meio olho neste maravilhosos retrato! Começa.

Cegos e Ciclópio cantam a Canção do Retrato I.

CEGOS: (*CANTAM*)

Não vemos essa nobre cara
Essa nobre cara
Pois nossa vista está coberta de um véu
Nos alumeia, nos alumeia
Nos alumeia com seu olho só...
Como é nosso patrão?...

CICLÓPIO: É alto como um gigante, quem é, quem é?

CEGOS: É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO: É forte, esguio e altivo, quem é, quem é?

CEGOS: É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO: Tem o rosto como o dos anjos, quem é, quem é?

CEGOS: É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO: Um sorriso de amor e bondade, quem é, quem é?

CEGOS: É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO: Um olhar de santidade, quem é, quem é?

CEGOS: É o nosso santo patrão.

CICLÓPIO: Tem no mundo vivente mais perfeito?

CEGOS: Ter é que num tem não!

CICLÓPIO: Por isso, damos graças a Deus!

CEGOS: Dele ser nosso patrão!

CICLÓPIO: Viva o santo nome do Coronel Romilo Sá
de Albuquerque Rego de Alcântara!

CEGOS: Viva, reviva, treviva!

CICLÓPIO: Viva o nome do santo capataz Ciclópio Santo dos Bispos!

CEGOS: Viva e reviva!

CICLÓPIO: Viva o santo tronco que conserta o mal e só faz o bem de todos.

CEGOS: Viva!

CICLÓPIO: E agora, bebida para a cegaiada toda, mais dança e canto pra quem quiser, pois mandei vir um cego musicista com sua viola, para alegrar o dia do patrão.

CEGO/RIPIÓ: (*CANTA A CANÇÃO DO MESTRE INÁCIO*)

Aqui estou,
Meus iguais de infortúnio
Sou o cego Mestre Inácio
Cantador e tocador
Quando chego numa festa
O povo muda de cor
Sou filho de Malaquias
Neto sou de João Ubaldo
Primo irmão de Ananias
Sobrinho de Aderaldo.

CEGO/RIPIÓ: Esse é quem foi mesmo na verdade o rei dos cegos. Quando meu tio abraçava a viola e cantava e desafiava na roda mais sabida, ninguém mais piava.

135

Zileu, Gogão e Rosinha conversam num canto.

ZILEU: É o cego que topamos na estrada.

GOGÃO: Se ele descobre a gente, vamos se dar de mal a pior!

ROSIHA: Se a gente não fala, ele não conhece.

GOGÃO: Então, é ficar de bico fechado.

ROSIHA: Acho que não pagou a pena vir na busca do tesouro.
Parece que não vamos mais adiante na busca.

ZILEU: Tenha fé que a gente ainda dá com ele quando menos esperar.

GOGÃO: Fica quieto que o Ciclópio vem aí...

Vem Ciclópio se arrumando todo.

CICLÓPIO: É muito bonitinha. Quer ter a honra de dançar comigo?

GOGÃO: Ela tem muita honra sim!

ZILEU: Não...

CICLÓPIO: O quê?!

GOGÃO: Ela tem a honra, sim.

CICLÓPIO: Então vamos, ceguinha. *(GRITA)* Oh, cego do inferno, puxa uma dança pra todos, que o baile vai começar.

CEGO/RIPIÓ: É pra já, meu patrãozinho!

CENA 15 COMEÇA O BAILE: O CAPATAZ DANÇA...

Começa a tocar e cantar uma dança. Os cegos bebem e dançam. Zileu morde os lábios de raiva, Gogão o acalma, enquanto Ciclópio dança e bebe. Logo aperta a boca de Rosinha e a levanta nos braços e carrega com ela pra dentro da casa da fazenda. Zileu corre em cima, mas Gogão o segura. Logo o cego cantador entra atrás de Ciclópio e da menina na casa. Zileu rola no chão, lutando com Gogão. Logo Zileu se solta e corre para a casa. Topa com Rosinha que vem saindo meio assombrada.

136

ZILEU: Filho da peste. O que ele te fez?

ROSINHA: Nada.

ZILEU: Mas ele levou você pra dentro.

ROSINHA: Pois fiquei apavorada. Logo que ele me botou no chão, deu uma risada. Eu, então, saí correndo por um corredor, mas ele não veio atrás. Levantei a venda dos olhos e voltei: ele estava carrapachado na rede dormindo.

ZILEU: Dormindo?

ROSINHA: Dormindo.

GOGÃO: Foi melhor assim.

ZILEU: Não entendo como ele foi dormir de uma hora pra outra.

Enquanto falam, sai ao fundo o cego com o violão arreventado. Joga o violão de lado e se aproxima.

CEGO/RIPIÓ: Estou conhecendo essas vozes. Raios me partam se não são os amigos que topei na estrada, há uns vinte dias. Como vai a mocinha? Como estão, gente boa?

GOGÃO: Não somos não.

CEGO/RIPIÓ: Somos sim, como não! Somos nós mesmos. Como vai mocinha e você, meu rapaz? Como vieram parar aqui neste fim de mundo? E agora eu os encontro nesta festa de cegos. Que coisa mais extraordinária!

Vem uma comissão de quatro cegos.

CEGO.№1: Olá vocês três, está na hora de pagar nossa ajuda. O capataz bebeu demais e foi dormir. Os cegos estão esperando.

GOGÃO: O que estão esperando?

CEGO.№1: Todos querem saber a verdade: como é o retrato do patrão. Está aqui pra vocês dizerem pra gente.

ZILEU: Por quê?

CEGO.№1: Porque nosso patrão é ele que manda botar no tronco, bater, matar de fome e que só manda plantar coisa que não se come, tendo tantas terras em volta, mas deixa os cegos morrer de fome, não dá remédio, não pode ser assim, como desde sempre foi contado.

ROSINHA: Na verdade, não é não.

CEGO.№1: Espere que vou pedir silêncio e depois diga como é, então, o retrato do patrão. (*AOS CEGOS*) Silêncio, minha gente, que o Ciclópio está dormindo. Pode contar moça, todos estão na escuta.

Faz-se grande silêncio. Rosinha fala bem baixo.

ROSINHA: Pois vou contar...

Rosinha e Cegos cantam a Canção do Retrato II.

CEGOS: (*CANTAM*)

Não vemos essa nobre cara
Essa nobre cara
Pois nossa vista está coberta de véu
Nos alumeia, nos alumeia
Nos alumeia com sua visão
Como é nosso patrão?

ROSINHA: (*CANTA*)

É baixo como que nem um anão.

CEGOS: (*CANTAM*)

O carrasco do patrão?

ROSINHA: (*CANTA*)

É gordo que nem um capão.

CEGOS: (*CANTAM*)

O porco do nosso patrão!

ROSINHA: (*CANTA*)

Tem a cara muito feia.

CEGOS: (*CANTAM*)

O diabo do nosso patrão?

ROSINHA: (*CANTA*)

Um olhar de jagunço assassino.

CEGOS: (*CANTAM*)

O triste do nosso patrão.

ROSINHA: (*CANTA*)

Um sorriso de maldade.

CEGOS: (*CANTAM*)

O doente do nosso patrão.

ROSINHA: (*CANTA*)

Enfim, nunca botei os olhos
Num homem tão feio e terrível.

CEGOS: (*CANTAM*)

É o nosso patrão?!

*O cego músico vai até o retrato, tateia,
encontra o olho, fura-o.*

CEGO/RIPIÓ: *(CANTA)*

Tem o olho de galinha.

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

CEGO/RIPIÓ: *(CANTA)*

Pescoço de abobrinha.

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

*Os cegos avançam no retrato e vão rebentando tudo e
cantando. Num canto, ficam Zileu, Rosinha e Gogão.*

ZILEU: *(CANTA)*

Olha lá.

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

ROSINHA: *(CANTA)*

Que foi?

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

ZILEU: *(CANTA)*

No olho furado do retrato,
Está aparecendo uma tira de papel.

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

GOGÃO: *(CANTA)*

E isso é o verso no olho do patrão.
(VAI ATÉ LÁ E PEGA)

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

ROSINHA: *(CANTA)*

É a continuação do mapa. *(ABRAÇA ZILEU)*

CEGOS: *(CANTAM)*

O nosso santo patrão.

ZILEU: *(MEIO SEM GRAÇA)* Agora, está tudo bem.

*Rosinha percebe que estava abraçada e se solta.
Vem Gogão e os cegos continuam a festa.*

CEGO/RIPIÓ: Como é, seu mascate. O que é que o senhor tirou lá do retrato?

GOGÃO: Nada que lhe interesse.

CEGO/RIPIÓ: Se precisarem de mim, estou por aí.

GOGÃO: *(LÊ)* “Quem encontrar esta, sabente de que a situação deste povo não mudará pelos anos. Fica aí escondido pra quem quiser de encontrar este escrito, o segredo deste fazendão que é triste mas trará alegria a muita gente, assim como um tesouro escondido que aqui mesmo se encontra. Antes, é preciso que se conte a grande verdade. Ninguém aqui é cego, apenas são vendados desde o nascimento e o capataz coloca cera nos olhos. Faz isso a mando do patrão, para que nunca vejam a miséria em que vivem e continuem acreditando que a única salvação é o santo patrão. Assim é desde muito tempo, de pai para filho, o patrão é sempre o patrão. O capataz é sempre caolho e os lavradores são filhos dos cegos. Até que se diga a verdade, pois serão precisos todos para encontrar o tesouro. Pois ele está enterrado”...

GOGÃO: Está meio rasgado o papel.

ZILEU: Precisamos dar a boa nova aos cegos!

ROSINHA: E o capataz?

CEGO/RIPIÓ: *(QUE ESTAVA ESCONDIDO)* Está amarrado na rede.

GOGÃO: Você estava aí, seu danado de uma figa.

Entram os cegos com o retrato furado.

CEGO/RIPIÓ: Cheguei agora...

ZILEU: Vamos contar aos cegos a descoberta.

GOGÃO: Deixa que eu falo. Peça silêncio.

ZILEU: Silêncio de novo, gente. Tem uma nova para ser ouvida.

CEGO/RIPIÓ: *(CANTA A CANÇÃO DE SILÊNCIO)*

Faz silêncio minha gente
Faz silêncio neste instante
Vamos ouvir notícia urgente
Que é muito importante

(FALANDO) Tem a palavra o mascate Gogão.

GOGÃO: Meus respeitáveis amigos cegos. Uma coisa muito importante foi descoberta por mim e fará mudar muito o rumo de vocês. Peço apenas que, depois que lhes der a notícia, todos se proponham a me ajudar a encontrar um enterrado que está na fazenda. E agora, tirem as vendas, molhem os olhos com panos d'água e eu vou fazer um milagre acontecer.

CEGO.№1: É preciso fazer tudo isso? Todos sabem que não devem tirar as vendas dos olhos, que dá uma ferida braba que come a cara inteira.

ROSINHA: Podem tirar, sim. Por confiança no meu pai, que deixou uns escritos, sabemos a verdade sobre esta terra de cegos.

CEGO/RIPIÓ: Acho melhor ouvir a mocinha e fazer o que ela diz.

CEGO.№1: Deixe então só eu tirar. Se não acontecer nada, os outros vão atrás.

Rosinha vai até ele, tira a venda, molha um pano e vai removendo a cera e termina.

ROSINHA: Abra os olhos devagar, quem nunca viu luz pode deslumbrar de tanto brilho.

CEGO.№1: Vou abrir... Então é assim, meu Deus... *(GRITA CHORANDO)* Vamos minha gente, venham comigo ver o mundo, que se deu um milagre.

Todos correm a fazer o mesmo.

CEGO/RIPIÓ: Toca buscar o Ciclópio, antes que ele venha estragar a festança do milagre.

CEGO Nº1: Vamos, gente, buscar o danado do Ciclópio.

CEGO Nº2: Vamos dar o gosto do tronco ao desalmado.

CEGO Nº3: Melhor é matar de uma vez.

Ciclópio é trazido com rede e tudo.

CICLÓPIO: Que é que se deu? Santa Maria, Cruz credo em Deus padre, Santo Patrão. Isto virou um inferno, só vejo alma penada em torno de mim!

CEGO Nº1: Alma penada é a sua, e a do santo patrão. Um milagre se deu a gente passou a ver as coisas do mundo. Agora são dois olhos de cada um contra esse seu olho danado.

CICLÓPIO: Me soltem, seus cegos danados, que eu pego um por um e dou o merecido.

CEGO Nº1: Vai pegar mais ninguém e nunca mais. Ficamos toda vida no escuro, por vosso trabalho na nossa vista. Mas agora vendo tudo e mais de sobra uma bruta vontade de ver e apreciar e mais entender tudo de novo. O que fazemos com ele?

POVO: Mata, esfola, capa, tira o couro, bate nele, fura o outro olho, mete cera nele, o tronco, o tronco, o tronco...

CEGO Nº1: É melhor que, de acordo com a vontade da maior parte, se bote ele no tronco a fim de experimentar o castigamento que sempre houve de dar pra nós no tempo da cegueira. Ponha ele no tronco.

CICLÓPIO: Seus danados. (*LIBERTA-SE E ENFRENTA O PESSOAL*)

*É vencido pela maioria e o colocam no tronco.
Apanha com galhos das mulheres. Jogam pedras.
De repente, ouvem-se tiros. Todos se escondem.*

CENA 16 OS JAGUNÇOS ENTRAM NA DANÇA

Três jagunços entram atirando para o alto.

LIMINÃO: Parada! Que ninguém se mexa, senão vai bala em toda direção.

ZÉ CASTIGO: Olha lá os burreiros e a menina.

GOGÃO: Pelo amor de sua mãe e da santíssima, não me mate!

RASGA BUCHO: Pois se depois desse tempão a gente volta a se encontrar.

LIMINÃO: Separa os nossos desse resto.

Zé Castigo separa.

LIMINÃO: Amarra bem, que desta vez ninguém escapa. Dá uma olhada e vê se o filho da velha está por aí.

RASGA BUCHO: Que conheça, tá não.

LIMINÃO: Que é que faz este homem amarrado? Pelo semblante, parece ser pessoa de bem.

RASGA BUCHO: Verdade, parece muito distinto.

LIMINÃO: Que é que faz aí preso, bom homem?

CICLÓPIO: Sou o capataz desta fazenda. Esses danados lavradores me prenderam aqui e querem acabar comigo e com a lei do patrão. Soltai este homem de bem, meus salvadores!

LIMINÃO: Quem é o seu patrão?

CICLÓPIO: É o santo Coronel Romílio Sá de Albuquerque Rego de Alcântara.

LIMINÃO: Pois nós somos jagunços do Coronel Militão Buarque Correia de Melo Brito. Estamos aqui prendendo estes dois burreiros e a menina, por ordem do Coronel. Rasga, solte este nosso companheiro. Gente de bem ajuda gente de bem. E até pode ser que o Coronel patrão dele seja amigo e parente do nosso Coronel.

CICLÓPIO: Agora, seus danados, vocês me pagam. Vou com eles defendido até o santo patrão e volto com mais gente pra me ajudar. Na volta a gente acerta.

LIMINÃO: Melhor é matar de uma vez os burreiros e só levar a menina.

ZÉ CASTIGO: Taí uma medida boa.

Os jagunços levantam as armas. Nisso, entra um garimpeiro, com as mãos cheias de pepitas de ouro.

GARIMPEIRO/RIPIÓ: É ouro, minha gente, na flor da terra. Tem para todos, é só pegar e ficar rico. Tem ouro que não acaba mais.

GOGÃO: O tesouro!

LIMINÃO: Ouro na flor da terra... Toca, minha gente danada, no galope!

Saem em disparada. Ciclópio corre atrás. Gogão hesita entre os dois grupos, pois o outro correu para o lado oposto e acaba seguindo os jagunços. O garimpeiro joga as pepitas fora e vai, calmamente, encontrar os jagunços.

144

CENA 17 RIPIÓ VIRA CANGACEIRO

Os jagunços procuram o ouro.

LIMINÃO: Onde se meteu o ouro que estava à flor?

RASGA BUCHO: Talvez cavando um pouco...

GOGÃO: Talvez se olhando ali mais embaixo.

LIMINÃO: Já olhei, não estava.

GOGÃO: Tem que estar, é o tesouro.

LIMINÃO: Você já estava sabendo deste ouro?

GOGÃO: Pois foi atrás dele que cheguei aqui.

ZÉ CASTIGO: Veja só, ouro nenhum. Será aqui mais acima?

GOGÃO: Já escrafunchei...

LIMINÃO: Só se...

RASGA BUCHO: Só se...

ZÉ CASTIGO: Só se...

GOGÃO: Só se...

LIMINÃO: Só se o garimpeiro deu de...

RASGA BUCHO: Deu de...

GOGÃO: Deu de o que, pois não?

CICLÓPIO: De mentir e enganar a gente.

LIMINÃO: Canalha miserável, filho da peste!

RASGA BUCHO: Reboque de igreja, sapiquá de lazarento.

ZÉ CASTIGO: Muro de igreja, corrimão de escada de quartel.

CICLÓPIO: Nojento, desgraçado, vagabundo.

GOGÃO: Filho da mãe, filho da égua, sacripanta, filho do satanás. Onde é que já se viu dar engano numa coisa desta. Se eu pego esse miserável, torço a cabeça, depois jogo no rio. Vê lá se isso é possível!

*Todos olham para ele como que achando
que ele não é do bando.*

GOGÃO: Filho da égua, eu bem que queria pegar o danado. Nós precisamos fazer alguma coisa. Vamos, nobres jagunços e também o senhor, seu capataz, correr atrás do tal e pegar para dar o justo castigo. Que se não pego ele hoje, não durmo.

LIMINÃO: É o fim?

GOGÃO: Fim nada. Fim só depois de pegar o tal garimpeiro.

LIMINÃO: Acabou de fazer o seu discurso?

GOGÃO: Tinha mais o que falar, mas já todos estão sabendo.

RASGA BUCHO: Pois é...

ZÉ CASTIGO: Pois é...

LIMINÃO: Pois é...

CICLÓPIO: Pois é...

GOGÃO: Pois é... Pois é o que, pois não?

LIMINÃO: Rasga, joga uma corda aí na árvore.

ZÉ CASTIGO: Dê um laço primeiro.

GOGÃO: Se quiser, eu sei dar laço forte, tô acostumado a fazer embrulho.

LIMINÃO: Pois pode dar o laço. E faça bem forte,
pra que aguente um porco gordo.

GOGÃO: É pra já.

CICLÓPIO: Deixe que eu amarro na árvore.

LIMINÃO: Zé, traga aquele tronco.

GOGÃO: Está bem forte o laço?

LIMINÃO: Você é quem vai saber.

GOGÃO: Eu?

LIMINÃO: Pois então se meteu no meio dos jagunços e do capataz e
pensou que ia sair vivo daqui? Inda mais que os outros escaparam.
Vou descontar toda raiva em você, seu burreiro. Levem ele.

GOGÃO: Ave Maria, cheia de graça... Não me mate...
Pelo amor de vossos filhos.

LIMINÃO: Aqui ninguém quer mordê Deus não.
Pronto, então vai, empurra o tronco.

GOGÃO: Santa Rita dos Afogados!

*Vem da mata dois tiros, e logo atrás, o mais temível
cangaceiro que se possa imaginar, armado até às
gingivas, com duas garruchas em cada mão.*

CANGACEIRO/RIPIÓ: Qual é o perigo?

LIMINÃO: Quem é você, cabra?

CANGACEIRO/RIPIÓ: O que é que estão fazendo na minha mata? Não sabem que esta mata pertence ao cangaceiro Pescocinho Taturana?

ZÉ CASTIGO: Pescocinho Taturana?

RASGA BUCHO: O Taturana em pessoa.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Ao primeiro movimento falso, meu bando está escondido no mato com um trabuco em cima de cada um de vocês. Vou dar um sinal, (*ASSOVIA; UM OUTRO ASSOVIIO RESPONDE*) Tá vendo? O estripador já deu o recado que o cerco está feito. Que absurdos são esses de invadir sem mais nem menos minha mata?

LIMINÃO: Que muito me perdoe, mas o senhor é mesmo o Pescocinho? O mesmo que tacou fogo na igreja velha, lá na Vila das Dores?

CANGACEIRO/RIPIÓ: Taquei fogo na igreja só, não. Queimeí o padre também e fiz o povo comer o churrasco dele.

LIMINÃO: É o mesmo que cortou as duas orelhas e o nariz do delegado e da guarnição de Pião Batido?

CANGACEIRO/RIPIÓ: Cortei só isso não, cortei mais. Mas o principal o jornal não deu.

LIMINÃO: Eu me apresento. Sou Liminão e esses são meus comparsas. Somos jagunços do Coronel Militão.

147

CANGACEIRO/RIPIÓ: Esse caolho aí, quem é?

CICLÓPIO: Sou capataz do Fazendão Santa Luzia.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Não gosto de caolho.

LIMINÃO: E este, que está na corda, é um mascate miserável, culpado de vários crimes contra o Coronel e a jagunçagem.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Cabra ruim está aí. Só que não gosto de morte assim, sem mais diversão. Matar na corda é coisa que me dá *gerisa*.

LIMINÃO: É que a gente estava apressado...

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pois então, vão se embora que eu mato esse danado.

CICLÓPIO: Melhor matar agora mesmo.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Não gosto de caolho...

LIMINÃO: Se a sua senhoria mostrasse um jeito melhor...

CANGACEIRO/RIPIÓ: Eu, por mim, gosto de tirar primeiro a pele dos braços e das pernas pra começar e depois momelar de melaço e tacar formiga. E assim deixo três dias, que é boa conta.

CICLÓPIO: É que a gente tem que acabar logo com ele, pra voltar.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Não gosto de caolho.

LIMINÃO: Então, a gente dá um jeito de matar ele agora, de uma vez.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Aqui na minha mata, quem tira a vida sou eu.

CICLÓPIO: Então, tira de uma vez.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Não gosto de caolho.

Cangaceiro/Ripió dá um tiro em Ciclório, que cai morto.

LIMINÃO: Pra falar a verdade, eu também não gostava muito não.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Vê lá se a gente pode gostar de alguém que tem um olho só e, ainda por cima, a gente nunca sabe certo pra que lado está olhando. Me dá nervoso.

LIMINÃO: Então, peço licença e levo o prisioneiro pra matar mais adiante, fora de sua mata, a qual respeito.

CANGACEIRO/RIPIÓ: O Senhor Liminão não sei por que anda em jagunçagem. Dava mesmo era para um belo cangaceiro. Jagunço é criado de Coronel, cangaceiro é livre. Pra dar susto até no governo. Não lhe atrai?

LIMINÃO: Na verdade, eu já tinha pensado nisso.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pois pense... Se quiser, tem uma vaga no meu exército.

LIMINÃO: Eu acho que não...

CANGACEIRO/RIPIÓ: Tem razão, sua dignidade de chefe não pode ser perdida. Forme o seu bando, que já tem aí dois jagunços que serão grandes cangaceiros, e pra começar pode atacar até seu próprio Coronel, pois conhece a região muito bem.

LIMINÃO: Não podemos não. Somos jagunços do Coronel Militão. Ele não haveria de gostar de saber que deixamos o serviço dele.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Ah, já sei, já percebi. É um homem muito macho o tal de Coronel Militão.

LIMINÃO: Oi lasca, está querendo dizer que eu não sou?

CANGACEIRO/RIPIÓ: Virgem Nossa Senhora, nem me passou pela ideia de ofender. Sei que o companheiro é muito por demais macho, também.

LIMINÃO: Sei lá o que há de ser.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pois se não tem confiança na machidão de seus dois cabras, eu até aconselho a não encetar luta contra o Coronel.

RASGA BUCHO: Olha aqui, ô Pescocinho... Está chamando a gente de ximbungo não, não é?

ZÉ CASTIGO: Não haveria de ser coisa boa que, mesmo tendo bando, muito sangue corria.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Eu mais meus companheiros de decidido, não me dão desentendimento. Vê lá se ia chamar dois cabras tão valentes e sacudidos de essas coisas. Chamei não. Estou só meio desconfiado do medo que todos têm do tal Coronel.

LIMINÃO: Pois fique sabendo que eu mais os dois aí não temos medo de Coronel nenhum.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Que gente macha. Nunca vi tanta machidão junta. Meus respeitos e minhas penas de saber que três cabras tão assim machíssimos estão posando de jagunços do Coronel. É uma coisa triste!

LIMINÃO: Falar verdade, essa estoriada de virar cangaceiro está me dando nas vontades.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pois é certo que tem que dar. É uma profissão por demais dignificante trabalhar por conta própria.

LIMINÃO: Pois olhe que já estou mudando!

CANGACEIRO/RIPIÓ: Isso homem, esteja decidido.

ZÉ CASTIGO: Por mim, também aceito e faço fé.

RASGA BUCHO: Eu ia ficar de fora? Nunca, estamos juntos companheiros!

CANGACEIRO/RIPIÓ: Muito bem, meus filhos. E já que deram decidimento, vou dar uma ajuda para o início desse novo exército. *(VAI A UM CANTO E VOLTA COM UM SACO)* Parece que tinha pensado em tudo. *(ABRE E VAI TIRANDO APARATOS DE CANGACEIRO: CHAPÉUS, ROUPAS, CARTUCHEIRAS, FACAS, ETC)* Se sirvam. É um chapéu que foi de presente do Pescocinho Taturana. *(PEGA UM CHAPÉU)* Este chapéu foi de Hildebrando, o Forra Tripa, meu braço direito, cabra morto em um ataque em Cariri. Tome, Zé, e honre este chapéu, que foi de um cabra mais macho e de melhor pontaria que conheci. Este outro aqui, com este furo de bala, foi do falecido Chico Cutucão, cognominado Surjão, por manias de tirar a pele sem machucar a carne. Apanhe, seu Rasga, e use dignamente. Este aqui é muito especial, foi o chapéu que Lampião usou no dia em que morreu.

É uma relíquia do cangaço, que passo para suas mãos, chefe Liminão. E mais estas roupas e mais as cartucheiras estão aí para que levem. Foram todas de gente corajosa, que morreu na luta e na guerra do cangaço. Agora, segundo o costume que todos têm que obedecer, vou apadrinhar e sagrar o bando. Acocorem-se, jagunços do Coronel Militão. Eu, Pescocinho Taturana, que sagrado por Lampião, venho com todo poder sagrar estes cabras na Ordem do Cangaço. Para tanto, eu bato que bato e torno a bater (*DÁ UM LAMBADA NOS TRÊS*) e faço que se levantem Capitão Liminão, Tenente Zé Castigo e Contramestre Rasga Buchó.

LIMINÃO: Todos os agradecimentos são pouca coisa pelo que fez por nós.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Tem nada, não. Quanto mais gente no cangaço, melhor. Maior será nosso poder.

LIMINÃO: Agora temos que partir em busca de ataques.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pra começar, pode atacar o próprio Coronel Militão, pois conhecem tudo por lá tão bem.

ZÉ CASTIGO: Inda mais que estou lembrando de uma certa sumanta de fila, um atrás do outro, que até agora me dá vergão.

RASGA BUCHO: Pois não é que também a tal de sumanta não me passou na goela.

LIMINÃO: Pois é, também pra mim a tal de sumanta não passou na goela. Vamos devolver a surra que ele fez a gente se dar.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pois, então, vá com seu exército cangaceiro e faça o que deve.

ZÉ CASTIGO: É verdade, estou lembrando da surra que ele fez a gente dar na gente mesmo.

RASGA BUCHO: Pois não é que me veio na lembrança isso também!

CANGACEIRO/RIPIÓ: Pois, então, vá com seu bando, cangaceiro Liminão, e faça o que deve. E deixe este comigo, que dou um bom fim nele.

LIMINÃO: A cavalo, minha gente, meus exércitos. Em nome do cangaço, rumo ao Coronel Militão, nosso antigo patrão, que tantas contas velhas me deve. Por minha honra, Seu Pescocinho Taturana, ainda vai ouvir falar de mim.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Já estou ouvindo... Liminão, o grande matador de coronel. Felicidades.

LIMINÃO: Toca, minha gente danada. Galope, em nome do cangaço.

Cangaceiro olha Gogão, que se mijou de medo.

CANGACEIRO/RIPIÓ: E tu, meu caro, vais entrar na faca agora mesmo...

Gogão não consegue falar. Cangaceiro pega a faca e vai até ele. Gogão treme, uiva. Cangaceiro dá um golpe soltando Gogão, que cai no chão.

CANGACEIRO/RIPIÓ: Só digo uma coisa, mestre Gogão. Mestre em burros, preços e lábias. Só lhe digo que, no dobrar das esquinas, às vezes a gente dá de cara com o que nunca esperou, portanto, quando se tem a alma carregada, o melhor é tomar cuidado com a pele. Vai, cagão, e se torne um homem de bem.

Gogão beija os pés dele e sai correndo.

CENA 18

EPÍLOGO E NARRATIVA: ONDE TUDO
SE ENCERRA DA MELHOR MANEIRA

151

Um local no mato.

CONTADOR: *(CANTA A CANÇÃO DO QUE SE LEVA DESTE MUNDO)*

Deste mundo a gente leva
Só o bem vivido e rido
Deste mundo a gente leva
O que se fez divertido
Deixa pra lá...

Entram cegos.

CONTADOR: *(CONTINUA CANTO)*

Tudo que for sem graça
Bota pra trás

O que for triste passa
O que não presta
Não serve pra ser vivido
A vida tem de ser festa
Viver é tão divertido
Olhar o céu é riso
Cheirar o mato é riso
Correr no campo é riso
Tomar cachaça é riso
Beijar mulher é riso
Contar estória é riso
Brigar de faca é riso
Fazer trapaça é riso
Dormir na palha é riso
Viver assim é riso!

Assim que sai Cangaceiro, entram Rosinha e Zileu.

ZILEU: Pois é como eu digo, o tesouro está enterrado
em alguma parte da fazenda.

152

ROSINHA: Mas a terra não é nossa, não podemos cavar e procurar.

CEGON^o1: Moça, quem foi desde o começo que trabalhou aqui nela?

ROSINHA: Os cegos!

CEGON^o1: Quem foi enganado durante todo o tempo,
e lidando, plantando e colhendo?

ROSINHA: Os cegos.

CEGON^o1: Quem sabe agora, com visão melhor que nunca, ela pode dar...

ROSINHA: Os que eram cegos e não são mais.

CEGON^o1: É por isso que digo agora, na frente de todos: vamos
todos juntos procurar o tesouro de que falamos.

ROSINHA: E, quando achado, cada um terá sua parte.

CEGON^o1: Viva o tesouro!

TODOS: Viva!

CEGON^o1: Amanhã mesmo a gente começa na cerca norte a cavar a terra.

ZILEU: A gente pode ficar aqui e trabalhar juntos.

CEGON#1: Quanto mais, melhor. Agora que a terra é nossa... Inda mais que trouxeram essa mudança em nossa vida!

ZILEU: Moça Rosinha, eu não tenho ninguém por mim. Gostaria de ter.

ROSINHA: Moço Zileu Rojão, filho de Mané Rojão, é como também acontece comigo.

ZILEU: Tinha pensado que neste tempo curto de andar junto, já tinha dado pra gente se conhecer.

ROSINHA: E já deu.

ZILEU: Quer ser minha mulher?

ROSINHA: É o que mais quero nesta vida.

Os dois se abraçam e os outros batem palmas.

ZILEU: Então, é pra já. Gente, onde tem um padre?

CEGON#1: Aqui não tem, meu filhos, só a dez dias de viagem.

ROSINHA: Que pena!

ZILEU: Então, como é que a gente faz?

ROSINHA: Olha lá!

Súbito aparece, andando pela estrada e lendo um breviário, um padre.

ZILEU: Parece até um milagre, é um padre!

PADRE/RIPIÓ: Meus filhos, eu sou o missionário Josimar de Jesus, em viagem por estas bandas. Sabem onde posso descansar por esta noite?

CEGON#1: Aqui mesmo, padre. Contanto que nos faça um favor... Case estes filhos de Deus.

PADRE/RIPIÓ: Casar? É simples, meus filhos. Ajoelhem. Deusorum olharum por estesorum filhorum que querem casorum e abençorum, enquanto é temporum, senão eles vão se amarzorum aí no matorum sem a vossa bençorum. A menina aceita o moço como esposo e promete ser fiel a vida inteira?

ROSINHA: Aceito e prometo.

PADRE/RIPÍÓ: O rapaz aceita a menina e promete
amá-la sempre, a vida inteira?

ZILEU: Aceito e prometo.

PADRE/RIPÍÓ: Eu te casorum em nome do amorzorum e
deixorum eu ir emborum logorum, antes que descubrorum
que eu não sou padrorum. Pronto, meus filhos.

ZILEU: Quanto é, seu padre?

PADRE/RIPÍÓ: Qualquer coisa serve, é pra Deus mesmo.

ZILEU: É tudo o que tenho.

Padre pega, embolsa e sai.

CEGON^o2: Na zona norte é meu lugar de procurar tesouro.

CEGON^o3: Não sei por que eu também moro deste lado.

154

*Começa uma gritaria generalizada. Cada qual
quer uma parte da terra, que só cessa quando
uma luz vermelha da aurora invade a cena.*

CEGON^o1: O que é isso?

ROSINHA: É nada, é só o dia que está nascendo. O sol vem vindo.

MULHER: O sol é aquele calor que dana a gente.

CEGON^o2: Que faz o corpo deitar água no cansaço da lida.

CEGON^o3: Que bate na testa, faz gotejar e cair de queimado.

CEGON^o1: Agora é diferente. É esta luz bem-vinda que alumia nossa visão.

Os camponeses cantam baixo a canção final: Canção Final.

CAMPONESES: (CANTAM)

Quem é seu Ripió?

O seu Ripió quem é?

Já foi padre, foi ceguinho
Foi homem, já foi muié
Quem é seu Ripió
O seu Ripió quem é?

Foi juiz já foi soldado
Foi jagunço e coroné
Quem é seu Ripió
O seu Ripió quem é?

Foi de antes e de agora
E será de sempre até
Quem é seu Ripió
O seu Ripió quem é?

É o grito do menino
É o amor de uma muié
É o canto do caboclo
É um gole de café
Quem é?

É um beijo, uma trapaça
Uma vontade de viver
É um gole de cachaça
É criança a nascer.

155

CONTADOR:

Seu Ripió é bem como se fosse
Alguém que só vivesse
Uma vida vivida grande
É como se alguém juntasse
De cada homem de bem
Os pontos de sua vida
Os mais melhores e belos
O melhor do mais melhor
De cada homem de bem
Seu Ripió é todos
E também não e ninguém.
Assim é seu Ripió
Ripió assim que é.

CENA 19 FINAL

CONTADOR:

E assim chegam ao final
Estas aventuradas e lendagens.

Se perguntam se encontraram o tesouro,
Posso dizer que procuraram muito,
Cavaram a terra e a revolveram.
Nada estava.

Então, plantaram e assim foi indo
Até que ninguém mais se importava com o tesouro...
Existem tesouros e tesouros.
A terra, os homens irmanados são tesouros...

Isto eu sei pois sou assim como Ripió,
Que dizia assim:

Eu me fiz ser como semente de paineira
Estalo no alto, e me mando a voar.
Largo um voo no vento, até dar no chão.

Aí viro plantinha, paineira pequena.
Quando a paineira ganha tamanho,
Disposta a dar lenha
Ou paina ou sombra ou flor,
Subo do chão, me estalo no ar
E me mando de novo a voar.

De vez em quando dá um só. Então parto
E são gente e estórias de gente.
Paro, conto.

São uns fatos que, de passagem,
Se vê, se ouve, se guarda,
Depois se junta tudo.

Mais uma bossa, um jeitão de recontar
E são os causos, estórias, lendagens.

Todos cantam a Canção de Retirada.

TODOS: *(CANTAM)*

Retirada Iaiá, retirada
Acabou a nossa função
Retirada Iaiá, retirada
Acabou a nossa função.

Acabou a nossa função, oilerê
E também nossa satisfação
Acabou a nossa função, oilerê
E também nossa satisfação.

Agora vamos embora
Por outro caminho qualquer
Adeus, adeus, senhores
Adeus, adeus, senhoras
Amanhã tornaremos a voltar.

157





**FARSA COM
CANGACEIRO,
TRUCO E PADRE**

(XANDÚ QUARESMA)

FARSA COM CANGACEIRO, TRUCO E PADRE

PERSONAGENS

MESTRE XANDÚ QUARESMA

CABO

APARECIDA

DELEGADO

TIA

PADRE

CABRA

DEODORO, O MARECHAL

VIRGULINO, O CANGACEIRO LAMPIÃO

ANTONIO, O CONSELHEIRO

PADRE CÍCERO

O DIABO

NOSSA SENHORA

A FALSA FILHA DO CANGACEIRO

SÃO SEBASTIÃO DA ENCRUZILHADA

FARSA COM CANGACEIRO, TRUCO E PADRE

CENÁRIOS

ENCRUZILHADA DA CAPELINHA DE SÃO SEBASTIÃO DA SERRA BAIXA
PRACINHA E CADEIA
SACRISTIA

A AÇÃO SE PASSA ALI POR MIL NOVECENTOS E POUCOS,
EM UMA CIDADEZINHA QUALQUER DO BRASIL

A primeira cena se passa na encruzilhada onde está um nicho abrigando uma imagem de São Sebastião em tamanho natural. É o padroeiro da cidadezinha. Ao abrir a cena vem chegando Mestre Xandú, com uma braçada de flores e vassoura, escova, balde de água, panos etc. Vem cantarolando e para na frente da imagem, depositando os trens no chão.

162

XANDÚ: Bom dia, meu santo, vamos se aprontando que é o dia do banho semanal. *(RETIRA A IMAGEM DO NICHOS)* Pois não é, meu santinho, meu compadre, que esta amizade já vai indo pra dois anos? Na hora do pega pra capá, vê se não vai se esquecer do amigo. Esse trabalhinho conta, num conta?... Afinal, é uma exploração. Eu devia ser uma espécie de hóspede da Prefeitura nestes dois anos. Já contei por que foi? Já contei, não contei? Pois foi por causa do cavalo que vendi ao vigário. Ah, negócio bom. Nunca ninguém comprou um cavalo tão barato.

XANDÚ: O vigário comprou, montou e saiu com o cavalo; foi dando em frente, seguindo até bater com a cara numa árvore. O Padre botou a boca no mundo que nem deu tempo de eu seguir minha viagem. Um escândalo. Injustiça. Disse que eu tinha vendido um cavalo cego e lesado à paróquia. Verdade verdade, aqui entre nós, que o santo sabe tudo, não quero dar na mentira que é pecado: a visão do cavalo perfeita, perfeita, não era não. Enxergar no escuro, não enxergava.

XANDÚ: Mas quem é que quer um cavalo com vidência perfeitíssima? Num vai ser relojoeiro, nem escrivão. Um cavalo é pra montar e bem montado, nem que num enxergue nada a gente leva ele certo. Pois eu então não vim cinquenta léguas no cavalo depois dito cego? Inda se eu tivesse vendido um cavalo manco a um padre cego, era crime. Mas um cavalo cego a um padre manco é bem outra coisa, e meu santo há de convir que dois anos é pena puxada por tal azar da sorte.

XANDÚ: Depois, eu disse ao Padre que era só botar óculos no bicho que virava perfeição. Pois o tal animal já tinha usado óculos muito tempo, mas quebrou. Não fosse o cavalo ter morrido de velhice um mês depois, eu botava um óculos nele, pra ver como o bicho enxergava até no escuro.

XANDÚ: Aqui entre nós, o Padre rouba no jogo, não vá comentar aí em cima, que é desdouro pro santo vigário. Mas que ele rouba, rouba. É um tal de espadilha rolando na manga daquela batina que num acaba mais. Santo homem, é seu único pecado... Esse e a cachaça... Coisa pouca, sabe como é... Mas não diga nada aí em cima, senão é capaz de mandarem o Padre pro inferno invés do purgatório, que disso ele não escapa...

XANDÚ: Mas deixa pra lá, que falta só um mês e eu fico em liberdade, e vou correr mundo que é minha felicidade. Num diga nada da espadilha na manga da batina do vigário, viu? Coisa de padre manco. Só dá mancada. Vamos voltar pra casinha... *(COLOCA A IMAGEM DE VOLTA NO NICHOS)*

Chega o Cabo.

163

CABO: Oh, desinfeliz... ainda nessa limpeza! Já disse que hoje era pra ir depressa que o delegado novo deve chegar pra tomar posse e a cadeia está um chiqueiro.

XANDÚ: Tá vendo, meu santo... Ah, Cabo da molesta, acostumou a posar de Delegado.

CABO: Vai se virando, vai...

XANDÚ: Tá por um mês... Daí acaba o criado de graça.

CABO: Devia se dar por feliz. Pensa que é em qualquer cadeia que tem hora pra sair? Aí mesmo em Santa Rita, preso só sai uma vez por semana e, em Muzambinho, só sai pra varrer a rua e volta. Vê se preso de Taquaral joga truco na cadeia com o Vigário e o Cabo e o Delegado.

XANDÚ: Pois aqui, jogo truco em má companhia e mais que obrigado. Por minha vontade, procurava pra jogar truco umas pessoas; que não querendo acusar ninguém; não vou dizer o nome, mas tira espadilhas da manga da batina.

CABO: O Padre trapaceia?

XANDÚ: Não quis acusar ninguém, se você adivinhou, guarde pra si. Não quero me meter em complicações com o Padre, que apesar de manco é meu amigo.

CABO: É mais uma história sua, Xandú.

XANDÚ: É mais uma história sua, Xandú... O que é que há com minhas histórias... Eu vivi a vida, meu filho, tenho o que contar. Se você e o Padre pensam que não é verdade, a culpa não é minha. Mas é que a gente nunca saiu de São Sebastião da Serra Baixa, não pode mesmo dar fé com os extraordinários da vida. E sei que se eu disser que o São Sebastião aí fala comigo, já sei que ninguém vai acreditar, por isso mesmo num abro a boca sobre tal acontecimento.

CABO: E o São Sebastião fala com você, Xandú?

XANDÚ: Fala não... Imagine se esta imagem vai se dignar a falar com alguém como este aqui, tão humilde. Preso, ainda por cima... Imagine se este São Sebastião ia até me contar coisas que ninguém sabe. Conta de jeito nenhum. É possível que, na semana passada, ele tivesse me dito que a cria do vigário, a Aparecida...

CABO: O que é que tem ela?

XANDÚ: O que é que tem ela, o quê? O santo não disse nada não. Imagine um santo de tal porte dar conversa a um mentiroso como eu, que vive inventando cousas. É mais uma história minha. Onde é mesmo aquela murada da descida das pedra?...

CABO: O que é que tem a murada?

XANDÚ: Imagine se o santo me contou que naquela murada... Contou não, Seu Cabo, nem ia contar que era quase que falar mal da menina Aparecida, que foi criada pelo santo vigário desta paróquia. Mesmo que São Sebastião tivesse visto tinha calado, isso eu posso garantir. E se tivesse que falar, só falava pra outro santo ou então pra uma pessoa quase santa. Mas eu não sou nem santo, nem quase santo... Sou preso até o fim do mês. Contou nada, não.

CABO: Ainda bem, Seu Xandú, ainda bem...

XANDÚ: Olha só, falou no diabo, apareceu o rabo... Olha só, quem vem lá: o Vigário mais a Aparecida.

CABO: Ai, meu Deus.

XANDÚ: Está amarelo, Cabo... Vá desamarelar... Bom dia,
Seu Vigário... Bom dia, menina... Estamos aqui a
enfeitar o São Sebastião um pouco, né...

PADRE: Muito bem, meus filhos... Como é, já chegou o novo delegado?

CABO: Até agora não tinha chegado... Talvez na jardineira das dez.

PADRE: Estou ansioso para conhecer o novo delegado... Será que ele?...

CABO: Vai ver...

XANDÚ: Mas claro que sim, ora essa!

PADRE: Tenho até rezado, Deus me perdoe, para que sim...

XANDÚ: Aproveita e reza um pouco por mim, que sempre estou precisando,
Padre. Ainda outro dia, no caminho daqui topei com uma onça.

PADRE: Onça por aqui, meu filhinho?

XANDÚ: Onça, Seu Padre. Mas eu sei lidar com onça.
Não sei se eu já contei o caso...

CABO: De onça de sela? Contou sim, Seu Xandú, não
precisa se cansar de contar de novo.

XANDÚ: Pois é, mas essa que eu topei era das grandes, Seu
Padre. Pra lá de umas cinquenta arrobas...

PADRE: Cinquenta, meu filho?...

XANDÚ: Cinquenta é muito... Olha, tinha mais ou
menos vinte e seis arrobas, por aí...

CABO: Vinte e seis arrobas ainda é muito.

XANDÚ: Se é muito, fica por dez, e por menos não posso fazer
que onde é que já se viu uma onça de pra mais de
quatro metros com menos de dez arrobas?...

PADRE: Quatro metros, meu filho?...

XANDÚ: Quatro metros de frente e de lado... De comprido, tinha uns dez.

CABO: É muito... Eta Xandú contador de lorota...
Mentir não é pecado, padre?

PADRE: Enorme, meu filho...

XANDÚ: E roubar, Seu Padre?

PADRE: Pior, meu filho. Um pecado horrível.

XANDÚ: Mesmo que seja numa porcariazinha de um joguinho de truço, a tostão a queda?

PADRE: Olha aqui, Seu Cabo. Chegando o novo delegado, diz que logo passo na cadeia para ter uma conversa com ele. Vamos, Aparecida.

APARECIDA: Vou só arrumar umas flores na imagem de São Sebastião.

PADRE: Vou indo... Olhem lá que talvez hoje à noite mesmo, a gente ferre.

CABO: É pois.

XANDÚ: Na manga... lazarento.

APARECIDA: (*REZANDO ALTO*) Meu São Sebastião, fazei com que o jasmineiro da ladeira das pedras esteja florido ali pelas cinco da tarde. (*DESAPARECE*)

XANDÚ: Tá vendo, São Tião? Olha aí só.

CABO: Se você abrir a boca, eu te capô, sô.

XANDÚ: Abro não, eu fecho, sô... Miserável.

CABO: O quê?

XANDÚ: Falei como vai a senhora sua tia, sarou do antraz?

CABO: Está melhor.

XANDÚ: Fala pra ela fazer emplastro de fumo de rolo com bosta de galinha, que é um tiro.

CABO: Falo...

XANDÚ: Coma um pouco que é bom.

CABO: Que foi?

XANDÚ: Caridosa, vaca...

CABO: O que foi?

XANDÚ: Deus a proteja, e mais São Sebastião.
E faça com que ela morra depressa.

CABO: Morrer quem?

XANDÚ: Falei que quando ela morrer, ela vai direitinha.

CABO: Sim, pro céu!

XANDÚ: Justamente, pro fundo do céu, nos quintos dos céu, nas nuvens que a partam.

CABO: Outro dia, ela se queixou de que você não quis varrer a igreja de tarde.

XANDÚ: Santa criatura, não pode ver a igreja suja que logo vem me procurar: varra aqui, limpe ali; qualquer dia eu sacudo a vassoura no rabo dela.

CABO: Ouvi mal?

XANDÚ: Não posso olhar a vassoura que lembro dela e de sua santa limpeza.

CABO: Vamos indo... Toca você pra cadeia, que eu vou dar um giro.

XANDÚ: Tá certo, seu corno.

CABO: Heim?

XANDÚ: Se o senhor quer, eu torno...

CABO: Se o Delegado chegar, você recebe...

XANDÚ: E faço a sua caveira, seu corno.

CABO: Toca logo pra lá, seu moleque.

CENA 2 PRAÇA E CADEIA

Entra o Delegado, com malas, suado, cansado. Olha em volta. À direita está o prédio da cadeia. Ele entra na cadeia. Olha, vê a cela aberta, olha dentro da gaveta: armas largadas, baralho, cachaça, etc. Logo sai. Vem a tia do Cabo e governanta do padre.

DELEGADO: Bom dia, minha senhora.

TIA: Mais ou menos umas dez horas, olha a altura do sol.

DELEGADO: Não tem ninguém na cadeia.

TIA: Tem cidade até mais feia do que essa. O senhor, quem é?

DELEGADO: O novo Delegado.

TIA: Honório Delgado... Muito prazer. Semíramis da Silva Freitas.

DELEGADO: A senhora não escuta bem?

TIA: Não senhor, aqui é a cadeia, o prefeito mora no bairro do Borba.

DELEGADO: Estou bem arrumado...

TIA: Não senhor, não está abandonado. O Cabo e Seu Xandú devem ter saído um pouco.

DELEGADO: Menos mal, que pergunto uma me responde outra.

TIA: Seu Honório Delgado, o que veio fazer em nossa cidade?

DELEGADO: Sou o novo Delegado.

TIA: Eu sei, já ouvi, pensa que eu sou surda? Honório Delgado. Mas eu perguntei o que veio fazer na cidade?

DELEGADO: (*GRITA*) Sou o novo Delegado.

TIA: Ah, estúpido. Não sabe fazer outra coisa que gritar seu nome. Pergunto o que vem fazer em nossa cidade.

DELEGADO: (*BERRANDO*) Sou o novo Delegado.

TIA: Está maluco, rapazinho... Pensa que eu não entendi, Honório Delgado.

DELEGADO: (*DESISTINDO*) Está certo, minha senhora, sou Honório Delgado.

TIA: Ah, é o novo delegado. Muito prazer, meu filho, nós estávamos esperando por estes dias. Então, é Honório Delgado, o novo Delegado.

DELEGADO: Sou... que alívio. Onde estão os responsáveis pela cadeia?

TIA: Já disse que tem cidade mais feia.

DELEGADO: Nunca vi cidade mais feia...

TIA: Devem ter ido até à encruzilhada de São Sebastião e logo voltam. Olha, lá vem vindo o Seu Xandú; cuidado com ele, é o maior vagabundo e loroteiro da cidade. Bem, eu vou indo. Até mais, Seu Honório.

DELEGADO: Até.

XANDÚ: (*SORRINDO*) Como vai essa cabeça de coco, velha cretina.

TIA: Passar bem, Seu Xandú, e amanhã à tarde limpeza geral na igreja...

XANDÚ: Deus lhe dê a pior hora de morte.

TIA: Sorte tem o senhor... Fosse em Santa Isabel ou Pedra Viva...

Xandú entra na cadeia e o Delegado o segue.

DELEGADO: (*ENTRANDO*) Então, é costume deixar a cadeia abandonada?

XANDÚ: Costume do Cabo, sim senhor. É um muito desleixado e surdo que nem a tia, que é mal de família. Pelo que vejo o senhor é o novo Delegado.

DELEGADO: Eu mesmo, e o senhor?

XANDÚ: Xandú Quaresma, seu criado e servidor...
Então, o senhor vem de onde?

DELEGADO: Do Rio. Me formei há um ano.

XANDÚ: Muito bem, muito bem, cuidado com essa botija que é minha e muito preciosa.

DELEGADO: Que botija?

XANDÚ: Essa aí... Parece qualquer uma, mas é daquelas feitas pelo Tinoco Papaterra. Aposto que o senhor conhece já, não é, o Papaterra. O famoso.

DELEGADO: Não conheço, não senhor.

XANDÚ: Mas não é possível, pois ele esteve muito tempo na capital. Tinoco Papaterra, o senhor conheceu e não lembra... O senhor, olhando de qualquer lado da botijinha, bem parece dessas comuns, feitas no torno e secadas ao sol. Pois parece, mas não é. Esta é de Tinoco Papaterra.

DELEGADO: O que é que a botija tem de diferença?

XANDÚ: Mas então o senhor não sabe?

DELEGADO: Não sei, não insista.

XANDÚ: O Papaterra não faz botija com o torno, não.

DELEGADO: Faz como?

XANDÚ: Fazendo. (*MEXE AS SOBRANCELHAS*)

DELEGADO: Fazendo como?

XANDÚ: É pois... Ele não se chama Papaterra de família, não. Ele papa terra ali no duro. Pois é...

DELEGADO: Pois é o quê?

XANDÚ: Papaterra toma um pouco d'água, descansa um pouquinho e passadas umas três horas, faz uma moringa ou botija, conforme o gosto.

DELEGADO: O senhor está querendo brincar comigo.

XANDÚ: Queria ver o senhor morto, duro aí no chão, se estou brincando. Essa mesma eu vi fazer... Tem gente que diz que ele faz mais de vinte por hora. Essa é uma mentira danada... faz só uma, de três em três horas... Por isso que é uma careza que só vendo... Se o senhor quiser ficar com esta... Eu tenho duas.

DELEGADO: Eu gostaria de saber quem é o senhor e por que tem suas coisas aqui na cadeia.

XANDÚ: Eu sou Xandú Quaresma.

DELEGADO: E que faz na cadeia?

XANDÚ: Vivo aqui, ora!

DELEGADO: Vive como?

XANDÚ: Mal como um corno, se é que o senhor pergunta. Queria ter uma cama, em vez de esteira. Há quase dois anos que eu durmo em esteira.

DELEGADO: Não estou entendendo... Por que o senhor mora aqui?

XANDÚ: Onde é que ia morar, então?

DELEGADO: Olha aqui: o negócio mudou, viu?! O senhor faça já a sua trouxa, arrume as suas coisas que a cadeia não é lugar de se morar. Dou quinze minutos para o senhor arrumar seus trens e sumir.

XANDÚ: Mas Seu Delegado...

DELEGADO: Nem mais, nem menos. Fora daqui! Vou limpar esta porcaria. Morar na cadeia, onde já se viu... Vamos lá, e tome lá sua botija. *(PEGA COM A PONTA DOS DEDOS, COM NOJO)*

XANDÚ: O senhor é quem manda, doutor.

DELEGADO: Vamos logo...

XANDÚ: *(COM A TROUXA FEITA)* Até logo então, doutor. Obrigado. *(CAI FORA)*

DELEGADO: Passa daqui, sô! Onde já se viu morar na cadeia. Já vi que, por aqui, está tudo errado.

Entra o Cabo empurrando Xandú.

CABO: Entra aí, seu desavergonhado!

XANDÚ: Eu juro pela minha mãe que o Delegado me mandou embora. Não é verdade, Seu Delegado?

DELEGADO: Então, o senhor é o Cabo?

CABO: Sou eu mesmo... Vá para dentro!

DELEGADO: Para dentro coisa nenhuma, ele vai para fora e não me pisa mais aqui.

CABO: Pois não pode, não senhor.

DELEGADO: O senhor está teimando comigo...

CABO: Quem está teimando não sou eu, é o Juiz de Direito da Comarca.

DELEGADO: E que é que tem o Juiz de Direito?

CABO: Pois se ele condenou o Xandú a dois anos de prisão, por falcatrua... e o senhor, já dois meses antes, quer soltar.

DELEGADO: Ah sei, está certo. Isso é uma coisa que está certa, pois então ele tem dois anos... O queeee?! Este é um preso?

XANDÚ: Preso número um e único, às suas ordens. Bem que quis avisar, mas o senhor não deixou.

DELEGADO: E desde quando preso anda solto?

CABO: Aqui? Desde sempre...

DELEGADO: Está me deixando maluco. Então, é costume deixar preso sair da cela sozinho e ir passear?

XANDÚ: Passear uma pinoia. Trabalhar. Eu não vejo a hora de cumprir a minha pena e dar o fora daqui. Limpa santo, varre igreja, e a rua, e a cadeia. Se pelo menos prendessem mais gente... Mas aqui é um parado.

DELEGADO: É incrível... Quantas vezes eles sai por semana?

CABO: Sai todo dia... Mas, à noite, vem dormir na cadeia...

DELEGADO: Um verdadeiro hotel.

XANDÚ: Hotel, com essa cama?! Dá uma deitadinha aí, doutor. Olhando, é mole; deitado, é que é uma dureza.

DELEGADO: Isso é o cúmulo.

XANDÚ: É o que eu sempre digo.

DELEGADO: Chega!

XANDÚ: Muda a cama?

DELEGADO: Ponha este indivíduo imediatamente na cela.

CABO: Toca, Seu Xandú.

DELEGADO: Tranque a cela.

CABO: Isso já é mais difícil. A fechadura da jaula há mais de três anos que não funciona...

DELEGADO: Dê um jeito.

XANDÚ: Pode deixar que eu não saio.

DELEGADO: É muita gentileza de sua parte.

XANDÚ: Amigo é amigo, né, doutor? Eu já fui amigo até de uma onça. Pois é, já tive até uma onça de sela.

CABO: Deixa a lorota pra lá, seu preso.

XANDÚ: Agora é preso, não é, seu... Na outra hora... Saia da cela, Seu Xandú, que a gente está esperando...

CABO: Cale a boca.

XANDÚ: Tá calada.

DELEGADO: De hoje em diante, eu quero ver esta cadeia funcionando na forma da lei. Tudo limpo, todo dia. Preso sempre preso.

CABO: Sempre?

DELEGADO: Sempre.

XANDÚ: Eh, vidão.

DELEGADO: Que significa este baralho?

CABO: A gente costuma...

DELEGADO: Costumava. (*JOGA O BARALHO NO LIXO*)

Entra Aparecida, trazendo tigela e panela.

APARECIDA: A comida...

DELEGADO: Que comida é essa?

APARECIDA: Do Cabo e do Seu Xandú.

DELEGADO: Pode trazer todos os dias comida pra mim também, que eu vou fazer minhas refeições aqui.

APARECIDA: Tá certo, sim senhor... (*ARRUMA A MESA, PUXA UNS PRATOS, ARRUMA DOIS LUGARES*)

DELEGADO: Hoje não ponha o meu lugar pois a comida está medida.

APARECIDA: Eu vou trazer para o senhor daqui a pouco...

Cabo senta-se para comer. Xandú sai da cela.

DELEGADO: O que é isso?

XANDÚ: Nada, só que vou comer.

DELEGADO: Coma na cela. Cabo, leve a comida dele pra cela. Não quero que o senhor ponha o pé fora dessa cela.

XANDÚ: Traga aqui, Seu Cabo!

CABO: Preso da peste.

Entra o Padre.

173

PADRE: Bons dias. O senhor deve ser o novo Delegado. Eu sou o Padre desta paróquia. Bem-vindo a São Sebastião da Serra Baixa.

DELEGADO: A bênção, Padre. Ainda bem que o senhor veio. Nem bem cheguei, já tive milhares de complicações nesta cidade.

PADRE: Tudo se arruma, tudo se arruma.

DELEGADO: Isto aqui é uma cadeia que não é cadeia, Padre. O preso sai quando quer, onde já se viu?

PADRE: Ah sim. Pois é... Não é, então?... O senhor me parece muito jovem, doutor.

DELEGADO: Nem tanto, Padre...

PADRE: Me diga uma coisa, meu filho... Como era a sua vida na capital?

DELEGADO: Como a de todo mundo...

PADRE: Claro... Cidade grande, divertimento... O senhor se divertia, não é?

DELEGADO: Às vezes, um pouco, nada de exageros...

PADRE: Um bailezinho...

DELEGADO: Às vezes.

PADRE: Uma bebidinha...

DELEGADO: Isso não, Padre...

PADRE: Nem de vez em quando?

DELEGADO: Nem ao menos...

PADRE: Vamos lá, confesse ao padre.

DELEGADO: Se o Padre quer saber se tenho vícios, posso dizer que fique descansado, não os tenho. Minha vida sempre foi estudar e trabalhar, não tenho família rica, sempre precisei lutar para vencer.

PADRE: Um rapaz exemplar... Mas sempre sobrava um tempinho para as conversas com os amigos... É bom ser sociável.

DELEGADO: Isso sim... Não há pecado nenhum.

PADRE: Pois está falando certo. Não há pecado nenhum... E o senhor, me diga, doutor, o senhor... como direi... apreciava um... como seria... um joguinho?

DELEGADO: Joguinho como?

PADRE: Assim, por exemplo: de cartas.

DELEGADO: Na minha opinião, Padre, o jogo é o pior dos vícios. Pois no jogo, o homem adquire todos os outros.

PADRE: Sem dúvida. Isto é, nem tanto. Digo joguinho entre amigos, nada de apostas altíssimas... Coisinha assim de vintém a queda.

DELEGADO: Padre, sempre soube muito bem que o jogo começa a vintém a queda e termina a conto de réis.

PADRE: É bem verdade. Quando não se tem, à mesa de jogo, uma cabeça serena, uma vigilância constante, bem pode acontecer... Mas imagine que fosse um jogo simples divertimento, aí então não haveria perigo...

DELEGADO: Há sempre perigo, Padre. A religião mesmo diz que devemos evitar a tentação.

PADRE: Sem tentação não há virtude. É muito mais, aos olhos de Deus, um homem que joga a vintém a queda todos os dias e nunca cede à tentação de subir a aposta, do que aquele que nunca joga. Este sim, um dia se afoga no que nunca fez, e sem mérito nenhum...

DELEGADO: Afinal, o jogo não é necessidade da imperiosa para ninguém. Jogar ou não jogar, dá na mesma como na mesma dá.

PADRE: Falou bem, meu filho. Veja aqui, por exemplo, uma terra perdida nos confins do mato... Nada muda, tudo igual... Um joguinho é um divertimento.

DELEGADO: Padre, se o senhor está me experimentando para saber de minha moral, pode ter confiança. Sou cristão, não fumo, não bebo, não jogo. E, raramente, penso em mulheres: ainda não estou no tempo de me casar.

PADRE: Aqui entre nós, meu filho: você não fuma, não bebe e não joga e não tem namoradas... O que é que você faz, meu filho?

DELEGADO: Trabalho... Estudo...

PADRE: Só?

DELEGADO: Só.

PADRE: O que espera com isso?

DELEGADO: Ser um homem de bem.

PADRE: Quer dizer que alguém que fuma um pouco, bebe um biquinho antes da comida e joga truco de vez em quando, não é uma pessoa de bem?

DELEGADO: Pelo menos, está mais sujeito a tentações do que alguém como eu.

PADRE: As tentações nos dão grandes lições... Veja Santo Agostinho... São Francisco de Assis... Foram santos porque conheciam a vida, quem não conhece não pode saber o que é o pecado.

DELEGADO: Pode ficar descansado, Padre. Eu terei um comportamento exemplar aqui nesta cidade. Acho muito louvável seu temor a meu respeito mas, na nossa convivência, o senhor irá ver que me comporto como digo. Sou e sempre quero ser um homem de bem. Por isso, segui esta carreira.

PADRE: Aqui nesta região, não se joga muito, não. O único joguinho é o tal de truco. O senhor conhece?

DELEGADO: O meu pai jogava.

PADRE: E nem por isso deixou de ser homem de bem. Não dizia que o pecado...

DELEGADO: Foi nesse jogo que ele perdeu toda a fortuna da família. Tenho horror a esse jogo em particular.

PADRE: Toda a fortuna?

DELEGADO: Toda, Padre.

PADRE: Azar da peste.

DELEGADO: Jogo e azar são sinônimos.

PADRE: Tem certeza que foi no jogo de truco, mesmo. Às vezes, pode ter sido na sueca, que é um jogo parecido. Este sim, é de azar.

DELEGADO: Sei muito bem, pois joguei muito truco com meu pai. E era criança ainda.

PADRE: Que coincidência extraordinária... Azar danado.

DELEGADO: Fique descansado, Padre. Tenho bons motivos para ter ojeriza ao jogo.

PADRE: E essa, agora.

DELEGADO: O quê, Padre?...

PADRE: Pois é, meu filho. És um santo homem... Que é que eu vou fazer?

DELEGADO: O senhor vai me desculpar, Padre, eu vou até o hotel tomar um banho para almoçar. Seu Cabo, quero esta cadeia arrumada até que volte para comer. Até mais ver, Seu Padre.

PADRE: Apareça na igreja...

Delegado sai.

PADRE: Cáspite! Esse talzinho quer ser mais santo que os santos. Logo mando tirar São Sebastião do altar e botamos ele, que dá na mesma... É um pecado tanta virtude. Orgulho, soberba... E o pai dele, que perdeu tudo no truco! Não era pecador, era burro...

CABO: Acabou-se o joguinho...

PADRE: Que saudades do doutor Demerval... Belo parceiro.

XANDÚ: Já terminei de comer, aqui está o prato para lavar.

CABO: Lave você, que aqui ninguém é seu criado.

XANDÚ: Eu, por mim, fazia gosto de lavar, mas é que em não podendo botar nem o pé fora da cela, só se for pelo ar... Toma o prato, Seu Cabo.

CABO: Esse Delegado novo, com suas mudanças.

PADRE: Então, o Xandú não sai mais?

XANDÚ: De jeito nenhum.

PADRE: Quem faz a limpeza na igreja?

XANDÚ: Penso que a senhora dona Semíramis.

PADRE: Mas é um absurdo. É a tirania que se aproxima de nossa pacata cidade.

CABO: É o que penso. Se o Xandú nem sai da cela, não varre, não limpa...

PADRE: E não joga.

CABO: Isso nem adiantava, que não tem mais parceiro.

PADRE: Vou tentar ensinar truço ao Militão. Talvez aprenda.

CABO: Mas se ele já está com noventa e seis anos, padre. Não aprende mais nada.

PADRE: Tenho é que dar um jeito de convencer este doutorzinho a jogar conosco, ele e sua soberba... Excomungo no sermão de domingo quem não jogue truço ao menos três vezes por semana.

CABO: Só três?

PADRE: É um bom começo... Quem diria que meu problema nesta paróquia, ao invés do pecado, ia ser a virtude. Qual... Este está virado. Por falar em mundo virado... Você notou que a Aparecida anda diferente?

CABO: Quem, eu? Notei, não; eu nem noto nela...

XANDÚ: Verdade, Seu Padre. Sabe que ela passa na frente aí do Cabo, às vezes até esbarra nele, e ele me pergunta: que foi que passou por aqui, Xandú, e me esbarrou?... Eu digo: foi a menina Aparecida. E ele diz: nem vi. Nunca vi uma coisa destas. Além de meio surdo, ele está ficando meio cego. Não vê as pessoas.

CABO: Seu Xandú, preso não entra na conversa.

PADRE: Que é isso, meu filho, quer agir como o novo delegado?

XANDÚ: Eu, por mim, estou com o mocinho. Preso é preso. Onde já se viu um preso que se preze estar varrendo rua, limpando igreja. Preso é preso, o próprio nome está dizendo. Pê, rê, ê, pre. Sê, ô, sô. Preso! É o que é. Varredor de rua e limpador de igreja é outra coisa. Aí, estou de acordo.

CABO: Imagine se preso tem que ter melhor vida que um homem honesto, cabo ainda por cima.

PADRE: A mim me parece que mestre Xandú está se aproveitando do tal acontecido para cair no pecado da preguiça.

XANDÚ: Eu, padre? Deus lhe mande um tombo que desmunheque a perna boa se eu estou com preguiça. Então, estes tempos todos, eu não tenho feito o que me obrigam? É bem por outra. Pois se eu sou preso, não posso ser duas coisas ao mesmo tempo. Pois o padre já não ouvir falar do Anastácio Pororoca?

CABO: Lá vem lorota.

PADRE: Deixe ele. (*PUXA UMA CADEIRA*) Conte, meu filho. Um bom causo nunca se dispensa de ouvir. O Nosso Senhor mesmo falava em forma de parábolas.

XANDÚ: Se o Cabo se desagrada, então não acho bom contar, que pode fazer mal. Uma outra hora, que a gente estiver sozinho, eu conto. Aquele é que foi um causo mesmo formidável... Um dia eu conto, se não esquecer, Padre.

CABO: Por mim, pode contar agora mesmo. Para quem ouviu tanto causo, um a mais não aperreia.

XANDÚ: Conto não, pode ficar descansado. Vou dormir um pouco.

PADRE: Mestre Xandú. Exijo que conte o causo!

CABO: O Padre quer, conte então!

XANDÚ: É uma história muito sem graça, que nem vale a pena.

CABO: Ou conte ou não conte!

XANDÚ: Melhor não...

PADRE: Então não conte!

XANDÚ: Espera aí, Padre, vou deixar o senhor aguado, sem ouvir o causo. Uma vez, uma comadre minha estava esperando criança e me pediu para não contar um causo, eu não contei, a criança veio de sete meses. O Padre não é bem o mesmo causo, mas sabe a gente o que pode acontecer. Eu conto pra não dar alguma desgraça. Quando eu vivia à tripa forra — era rico, pois meu pai era grande fazendeiro lá pelos lados de Sergipe — tive conhecimento com um tal chamado Anastácio Pororoca, que era amigo de meu pai. Este Anastácio era um homem muito rico e poderoso, mas tinha uma grande infelicidade: quando ele nasceu e foi batizado, quem batizou ele foi um padre gago, que só falava meias palavras. Pois se então o padre batizou ele com meias palavras e ele ficou só meio batizado.

PADRE: Isso não pode, meu filho.

XANDÚ: Se pode ou não pode eu não quero discutir. Só sei que foi assim a história de Anastácio Pororoca. Já que o Padre não acredita, paro por aqui e vou dormir.

PADRE: Então pode! Vá adiante, meu filho. Oh, peste!

XANDÚ: Pois então, como eu disse, foi assim que se deu. Pode perguntar em Sergipe se não foi verdade: o Anastácio ficou só meio batizado. Logo já menino, enquanto foi crescendo, o meio batismo foi se acomodando no próprio corpo dele. Metade do corpo dele, a metade direitinha, era muito boa. A mão direita pedia a bênção ao padre, agradava cachorro, o joelho direito se dobrava na missa, o olho direito via tudo como Deus quer. Era um santo lado. Já o lado canhoto era de amargar. O olho esquerdo olhava só o que não devia, a mão esquerda era um perigo e o joelho esquerdo, na missa, não ia ao banco de jeito algum: pelo contrário, com o perdão do padre, ficava cutucando as moças do banco da frente. Os pés era igual, a mesma coisa. No domingo, vinha Anastácio no largo da Matriz e, quando passava justo entre a igreja e o botequim, lá ia o pé direito pra igreja e o canhoto pro bar. E nessa luta dos pés, ficava o Anastácio rolando no chão que nem um possesso.

PADRE: Ele ia à igreja, afinal...

179

XANDÚ: Carregado. Pegavam o tal nas costas e puxavam à força pra dentro da igreja, onde lado direito se portava com respeito. Depois, largavam ele e os amigos gaiatos carregavam ele pro bar, onde o lado esquerdo se regalava.

CABO: Essa está demais.

XANDÚ: Pois era o que todo mundo achava. Demais que fosse de tal maneira. Assim passou a vida inteira o Pororoca. Quando ficou velho, lá estava ele: a mão direita a dar esmolas e agradecer crianças, e a esquerda a dar relho nos criados, e o pé a chutar até a mãe dele.

CABO: Pois ele, velho assim, ainda tinha mãe viva?

XANDÚ: Oh, cabra burro. É um jeito de falar. "Até na mãe dele" quer dizer que em todo mundo. Vou falar bem explicadinho, viu padre, que alguns não entendem se a gente não bota ali no certo... Pois um dia, como tinha que ser, Anastácio Pororoca bateu as botas... Expirou diante do padre, a mão direita e a esquerda se separaram e ele ficou que nem um crucificado. Sabe o que era?... Pois de um lado, o direito, um anjo puxava pra levar pro céu, e do outro um capeta puxava pra levar pras profundas.

CABO: E quem ganhou?

XANDÚ: Os dois...

PADRE: Os dois, como?

XANDÚ: Seu Cabo, quer fazer o favor, mande me esticar um café desse bule.

PADRE: Eu pego... Como foi?

XANDÚ: Frio...

PADRE: Frio como? De que lado?

XANDÚ: O café está uma frieza... Podia me passar um naquinho daquele pão...

CABO: Está aí... E depois?

XANDÚ: Mais nada não, era só café com pão.

PADRE: Conte logo o resto, Seu Xandú.

XANDÚ: Estão querendo mesmo? É uma história, apesar de verdadeira, muito simples, e não agrada ninguém. História boa é do tempo que eu tinha onça de sela.

PADRE: O Anastácio, meu filho. O Pororoca.

XANDÚ: Ah, o Anastácio. Pois é... Naquele puxa que puxa o homem já morto, de repente se ouviram vozes. Uma, muito celestial, que dizia: solte; e outra, cavernosa, que retrucava: não solto. Solto e não solto, puxa e que puxa, de repente, num zás, naquele momento... em certo instante...

PADRE: Conta.

XANDÚ: Espere, padre, que aquele momento foi o principal... Num zás, ali, rrraaaac, rebentou-se pela metade o corpo do Anastácio. E metade voou pela janela, ganhando o céu, e a outra metade mais que depressa se enterrou no chão, a caminho das profundezas. E é por isso que eu digo: se sou preso, não quero ser outra coisa, que acabo que nem o Pororoca, metade gozando o céu, metade queimando no inferno.

CABO: E é verdade, Xandú, essa história?

PADRE: Claro que não, meu filho, são exageros. Alguma coisa podia ser...

XANDÚ: Por isso que não gosto de contar meus causos. Também, foi a última vez. Nunca mais conto causo, já que preso é preso e não contador de causo.

PADRE: Deixa pra lá, que um causo agrada sempre... Um pouco de verdade sempre tem. No fundo está uma verdade.

CABO: Pois sim...

XANDÚ: A gente burra não agrada ouvir esses tratos. Aposto que quando ele vai à missa e, no sermão, o Padre diz que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um cabo de polícia ir entrar no reino do céu...

PADRE: Cabo de polícia, não... Um rico, entrar no reino do céu.

XANDÚ: Pois é a mesma coisa... Se ele ouve isso não acredita, e não é história de Seu Xandú não, é do Cristo ali no duro.

CABO: É, pois é, não é? Me desculpe, Seu Xandú, não incomodando, uma perguntinha só.

XANDÚ: Manda.

CABO: E o tal padre gago das meias palavras, que fazia só meios batismos, não continuou batizando mais gente depois do Pororoca?

PADRE: Aí está uma boa pergunta.

XANDÚ: Que tem uma boa resposta. Pois descobriram a coisa e deram solução. Pois em uma vila perto da cidade tinha outro padre gago e de meias palavras. Quando havia batismo, os dois se juntavam e batizavam ao mesmo tempo, e dava tudo certo. E não adianta perguntar mais, que eu já disse que agora sou preso e não contador de causos.

PADRE: Essa dos dois padres gagos, é forte, Xandú.

XANDÚ: E a do Cristo caminhando por riba das águas, também não é? Então, fica uma pela outra, que duvidar que se mele. E não quero conversa, estou aqui matutando o que deve fazer um preso que se preze.

PADRE: Bem, vou para a igreja. De qualquer forma, à noite apareço por aqui.

CABO: Precisamos arrumar um parceiro novo...

PADRE: Se Deus quiser...

APARECIDA: Onde está o aparelho?

TIA: Ahn? Fale mais alto.

APARECIDA: O aparelho.

TIA: Quer um conselho?

APARECIDA: (*FAZ MÍMICA DO APARELHO DE SURDEZ*) O aparelho.

TIA: Ah! O aparelho, eu não preciso daquela coisa horrrosa. Estou bem melhor da surdez.

APARECIDA: (*VAI BUSCAR O APARELHO*) Está ouvindo?

TIA: Estou...

APARECIDA: Nós precisamos fazer a limpeza na igreja. O novo Delegado não deixa o Mestre Xandú sair da cela.

TIA: Verdade?

APARECIDA: Verdade. Diz que preso tem que ficar preso.

TIA: É um absurdo.

APARECIDA: Mestre Xandú está se regalando de dormir, fumar e tocar viola.

TIA: Que despropósito.

APARECIDA: Nem para comer ele sai da cela. O Arlindo botou uma bacia na cela pra ele lavar o prato em que come. É a única coisa que ele faz.

TIA: Que Arlindo?

APARECIDA: O cabo.

TIA: Que história é essa de Arlindo. Fica mal para uma moça solteira chamar o cabo de polícia pelo nome próprio. Afinal, meu sobrinho é uma autoridade, na falta do delegado ele esteve nas funções.

APARECIDA: Pois é, o senhor cabo Arlindo.

TIA: Também não precisa exagerar.

APARECIDA: Sabe, tia. Eu quero muito bem ao primo Arlindo.

TIA: Nada demais, é seu primo de criação.

APARECIDA: Quero muito bem mesmo.

TIA: Contanto que esse querer bem não chegue às vias do pecado.

APARECIDA: O que é pecado, tia?

TIA: Tudo o que é bom, feito sem licença. Sem bênção da igreja, consentimento de Deus.

APARECIDA: O padrinho padre Jeremias também peca?

TIA: É padre, não devia, mas tem seus pecadinhos. Nenhum homem é bom.

APARECIDA: Então, ele não vai pro céu.

TIA: Se continua com essa mania de jogo de truço, acaba dando cartas no inferno.

APARECIDA: Credo. (*BENZE-SE*)

TIA: Um velho, e ainda por cima padre, com vícios de rapaz.

APARECIDA: Ele gosta e não faz mal a ninguém. E sempre é tempo de se arrepender. Ele confessa, reza a contrição, Deus perdoa.

TIA: De um bom purgatório nenhum homem escapa.

APARECIDA: Sabe, tia, eu queria ir sábado até Muzambinho, pra comungar domingo.

TIA: Confessar em Muzambinho, por quê? Não tem o padre mesmo em casa?

APARECIDA: É que eu não gosto de confessar com o padrinho. Afinal, ele é como que nem meu pai... A gente sempre tem vergonha.

TIA: A vergonha depende do tamanho dos pecados.

APARECIDA: Não é isso. É que eu já estou moça e não tenho jeito de confessar com o padrinho.

TIA: Então, tem pecados feios que tem medo de contar.

APARECIDA: Tenho não, tia... Mas quero confessar sábado em Muzambinho.

TIA: Mau, mau... Não estou gostando nada disto...

APARECIDA: Eu acho justo ter vergonha.

TIA: Por que até agora não havia batido a vergonha?

APARECIDA: Das duas últimas vezes eu confessei em Muzambinho. Foi na festa de Corpus e na do Pentecostes. Acostumei melhor assim. A senhora vai comigo, tia?

TIA: Vou ver se vou. Mas ainda acho melhor que você se confesse com seu padrinho mesmo. Isto esta me cheirando a coisa feia.

APARECIDA: Coisa feia?

TIA: Feiíssima... Não quer me contar nada?

APARECIDA: Não tenho nada para contar à senhora, tia.

TIA: Nada mesmo?

APARECIDA: Mesmo.

TIA: Mesmo?

APARECIDA: Não sei...

TIA: Você foi criada sem mãe, menina. Quem mais te serve de mãe sou eu mesma, não acha que se tem algum problema deve contar a mim?

APARECIDA: Acho... Isto é... Não sei se eu tenho problema.

TIA: Se tiver, pode me contar, eu te dou um conselho e pronto, já fica tudo mais fácil.

APARECIDA: Sabe, tia... Eu acho que não vou ficar solteira sempre.

TIA: Eu também acho. Uma menina bonita e viçosa como você deve se casar, ter muitos filhos. Crescei e multipliquei-vos, a lei do Senhor.

APARECIDA: A senhora acha que eu cresço mais do que esta altura a que cheguei?

TIA: Sei lá, a gente cresce até os vinte anos. Às vezes, até mais.

APARECIDA: Quer dizer que primeiro é preciso crescer e depois, então, multiplicar?

TIA: Pois é...

APARECIDA: Quer dizer, então, que se a gente multiplicar antes de crescer é um pecado daqueles?

TIA: Sei lá... O que sei é que a multiplicação depende de um casamento cristão.

APARECIDA: Um bom casamento cristão... A senhora acha que eu já podia casar?

TIA: Você ainda é muito criança, minha filha... Só tem dezoito anos.

APARECIDA: Primeiro crescer, depois um bom casamento cristão e, enfim, multiplicar.

TIA: Isso mesmo. Gente honrada e temente a Deus é assim...

APARECIDA: Tia, sábado a senhora me leva em Muzambinho, para confessar, por favor?

TIA: Vou falar com seu padrinho. Se ele deixar, eu levo.

APARECIDA: (*ABRAÇANDO A TIA*) Obrigada, titia. A senhora é um anjo.

TIA: Se ele deixar... Não se esqueça... E aí vem ele, saia que eu pergunto agora mesmo.

APARECIDA: Vou levar a comida na cadeia.

TIA: Diga ao novo Delegado que eu mandei dizer que é um absurdo a gente ter que sustentar Seu Xandú sem fazer nada na cadeia.

*Aparecida sai.
Entra o Padre.*

185

TIA: Boa tarde, padre.

PADRE: Boa tarde...

TIA: A bênção...

PADRE: Deus te abençoe.

TIA: Como está tudo?

PADRE: Tudo virado. Este novo Delegado é um problema.

TIA: É um viciado?

PADRE: Não.

TIA: Mal educado?

PADRE: Não.

TIA: Mau-caráter?

PADRE: Coisa nenhuma. É um modelo de virtude.

TIA: Então, não vejo onde está o problema. O outro, o Demerval, sim, era um problema. Bêbado, mulherengo e jogador...

PADRE: Ah, o Demerval...

TIA: Que é que o senhor queria? Um igual a ele?

PADRE: Eu já estava acostumado... Olhe que ele melhorou muito com a convivência. Quando partiu, eu havia mostrado a ele o caminho do céu.

TIA: E ele, em troca, mostrou ao senhor o caminho do inferno.

PADRE: Vade retro! Eu te perdoo a blasfêmia. Infeliz.

TIA: O Padre está contrariado porque o novo Delegado é um rapaz virtuoso. Aposto que não bebe, não fuma nem joga.

PADRE: Nem nada. Um tipo muito pouco humano. Isso é pecado de soberba. Pecar, o homem peca... Está no mundo, não no céu. E pois é... Soberba... Atrevimento querer ser santo... Já se foi longe o tempo dos santos... Era um mundo diferente. Havia oportunidades... Martírios... Hoje em dia, todo mundo é cristão... Uma virtude a mais ou a menos.

TIA: Herético.

PADRE: Te perdoo. Só eu sei que, quanto mais gente humana fui ficando, mais fui entendendo Deus. E os homens. Você não entende disso.

TIA: Blasfemo.

PADRE: Surda.

TIA: Apóstata.

PADRE: Beata burra, que pensa que o Senhor se comove com o inchaço dos seus joelhos: ele tem o que fazer. Um mundo tão grande, tanta coisa acontecendo e os joelhos machucados da senhora Semíramis.

TIA: Imoral!

PADRE: Te excomungo e a todas aquelas velhas que vem viver a vida na casa de Deus, ao invés de viver a vida na casa de seus homens. Andam todos maltratados por aí. Hipócritas.

TIA: Está perdido.

PADRE: Tenho horror a dia de procissão... As velhas vêm ajudar. Deus me perdoe, isso não tem nada a ver com a religião.

TIA: Está caduco...

PADRE: Estamos... Eu te perdoo, tu me perdoas, e acabamos com a discussão.

TIA: Como sempre...

PADRE: Somos boa gente. Pacífica.

TIA: Mansa.

PADRE: Cordeiros de Deus.

TIA: Tirai os pecados do mundo.

PADRE: Só uma dúvida permanece.

TIA: Qual?

PADRE: Quem vai fazer a limpeza na igreja, já que o senhor doutor novo delegado não quer deixar o nosso bom Mestre Xandú sair da cela, nem para as mais preciosas necessidades.

TIA: Ai também concordo com ser virtude em demasia.

PADRE: O pecado da soberba.

TIA: Ele não sabe que sempre foi assim?

PADRE: Sabe e não concorda. Quer cumprir a lei no bico da pena. Ah, se eu fizesse o mesmo. Fechava a igreja.

TIA: É jovem ainda... É isso.

PADRE: Contra o truço... O soberbo. Um joguinho inocente.

TIA: Pois é.

PADRE: Pois é mesmo... Tenho que dar um jeito nesse moço.

TIA: Ele precisa soltar o pobre do Xandú de vez em quando.
É desumano prender assim, o tempo todo.

PADRE: Aparecida vai levar a comida?

TIA: Foi...

PADRE: Você não acha que a Aparecida anda meio mudada?... Eu andei reparando.

TIA: Pois é... Também acho... Sabe, ela me pediu para arrumar com você para irmos no sábado até Muzambinho. Ela quer confessar.

PADRE: É natural... Está ficando mocinha... Tem vergonha... Eu, afinal, sou como um pai... Criei ela desde nenezinha... Dezoito anos... Semíramis, domingo agora não é dia de São Sebastião?

TIA: É certo... Festa...

PADRE: É aniversário da Aparecida... Dezoito anos atrás... Encontrei ela berrando, enroladinha num pano, junto à estátua de São Sebastião da Encruzilhada. Tinham jogado um bilhete na igreja, dizendo que estava lá. O pai pedia que cuidasse dela, que não tinha mãe, e ele era um pobre miserável.

TIA: E você acha que criou ela bem?

PADRE: E não?... Ela não é igual, é até melhor que as outras moças da idade dela... Séria, trabalhadora, virtuosa... Tenho orgulho dela...

TIA: Logo ela casa...

PADRE: Pois é... O que é? Ela disse alguma coisa disso?

TIA: Disse nada, não. Disse só que quer ir sábado a Muzambinho, se confessar.

PADRE: Pois que vão. No domingo, é aniversário dela, é bom que ela confesse.

TIA: E a limpeza da igreja?

PADRE: Vou tratar com o Delegado. Com um tipo como aquele, a gente tem que ser fino...

TIA: Espero que você o convença primeiro a soltar o Xandú para limpar a igreja e, depois, para o joguinho de truco.

PADRE: Que truco? Ele é contra o truco. Soberba. Vamos lá...

CENA 4 CADEIA: JOGO DE TRUCO

*Cabo varre a cadeia. Delegado escreve.
Xandú dorme, roncando.*

CABO: (*ESPETANDO XANDÚ COM A VASSOURA*) Olha o barulho! O doutor está escrevendo.

XANDÚ: Mais respeito com os presos.

CABO: Te dou o respeito.

XANDÚ: Ponha-se no seu lugar, que me ponho no meu.

DELEGADO: Vamos parar com essa conversa. Cabo, eu já não disse para não conversar com o preso?

CABO: Com todo o respeito, doutor, mas acho uma injustiça eu limpar a cadeia e ele, ali na viola.

DELEGADO: Faça o que deve e deixe o preso em paz.

XANDÚ: É como eu digo, em paz.

DELEGADO: Cale a boca.

XANDÚ: Está calada.

DELEGADO: Nem mais uma palavra.

XANDÚ: Nem mesmo uma. É o certo.

DELEGADO: Cale-se.

XANDÚ: Estou mudo.

DELEGADO: O senhor está brincando comigo.

XANDÚ: Eu?... O senhor está enganado comigo. Lhe tenho o maior respeito. Estava até pensando em lhe dar uma botija do Papaterra.

DELEGADO: Muito obrigado, fique com ela.

XANDÚ: Pois fico, se ela é minha mesmo. Primeira vez que vejo alguém renegar uma botija do Papaterra, e mais que de graça.

DELEGADO: Se o senhor continuar a falar, eu agravo a sua pena em mais um ano.

XANDÚ: Siiiiuuuuu.

Entra o Padre.

PADRE: Bom dia, doutor.

DELEGADO: Bom dia, padre.

PADRE: Mais ou menos bom... Como é, já arrumou tudo por aqui?

DELEGADO: Pouco a pouco a gente vai botando tudo nos eixos.

PADRE: Pois é... Como vai, Mestre Xandú?

DELEGADO: Padre, o senhor me desculpe, mas eu achava melhor que o senhor não conversasse com o preso.

PADRE: Desculpe, meu filho. Mas não faço mais do que a obrigação: assistir aos desesperados.

DELEGADO: Então, o senhor me desculpe, mas vou marcar dia e hora certos para a assistência aos desesperados.

PADRE: O desespero não tem hora, meu filho.

DELEGADO: Mas uma repartição do governo, sim.

PADRE: Posso falar com o preso?

DELEGADO: Por hoje, pode. Seja breve.

PADRE: Serei. (*ACERCA-SE DE XANDÚ*)

XANDÚ: Bom dia, padre.

PADRE: Bom dia, meu filho... Vim para lhe trazer a assistência espiritual.

XANDÚ: Obrigado, Padre.

PADRE: Sei que o meu filho está sofrendo muito, aí trancado.

XANDÚ: De jeito nenhum, Padre. Está bom que só a peste. Uma calma.

PADRE: Por um ou dois dias, o meu filhinho vai achar bom. Mas daqui a uns dez dias, sem fazer nada aí dentro...

XANDÚ: Está aí uma coisa que não tinha pensado, Padre.

PADRE: Se arrependa, meu filho.

XANDÚ: Este Delegado novo é uma dureza.

PADRE: É, precisa dar um jeito na situação. Atente bem a isto, meu filho. Quebrantárem durezórum doutorzórum. Vamos pensar, vamos pensar.

XANDÚ: Talvez, se a gente molhasse o bicórum dele...

PADRE: Como, meu filho?

XANDÚ: Sei lá. Domingo é dia de São Sebastião, podemos começar hoje a festejar.

PADRE: Não é que você me deu uma ideia, meu filho. Tem cachaça aí?

XANDÚ: (*PUXA A BOTIJA*) A última botija... Toma cuidado, que é...

PADRE: Já sei... Do Papaterra.

XANDÚ: Pois é... Estou vendendo.

PADRE: Obrigado, meu filho. Doutor Delegado, não sei se o senhor sabe que domingo é a festa do padroeiro da cidade.

DELEGADO: Não sabia.

PADRE: Pois é... A gente costuma aqui... É de tradição... Na quinta-feira que precede, de brindar o santo padroeiro... Que Deus me perdoe... Não é, Seu Cabo?

CABO: O quê?

DELEGADO: Não é???

CABO: O que o senhor queria, Padre?

DELEGADO: Pois então?

PADRE: Eu trouxe aqui uma aguardente da região. Muito leve. Para que o senhor, e eu, e o Cabo, e o preso possamos cumprir a tradição.

DELEGADO: Já disse ao senhor que não bebo, Padre.

PADRE: Nem eu... É apenas para cumprir a tradição.

XANDÚ: Lembra, Padre, o outro delegado não quis cumprir a tradição e o povo ojerizou. Ninguém falou com ele nos três anos que estava aqui.

PADRE: Isso mesmo... Foi assim, o senhor sabe, o povo quer respeito...

DELEGADO: Está certo... Um golinho só.

PADRE: Então, vamos lá. Em homenagem do glorioso São Sebastião da Encruzilhada.

DELEGADO: Seja. *(BEBE)*

PADRE: Agora, a segunda parte. Saudamos a pátria.

DELEGADO: À pátria

PADRE: A terceira parte... A família.

DELEGADO: À família... E chega, que esta cachaça está forte demais para mim.

PADRE: Meu filho, sem a quarta parte é como se não fosse nada. Saudamos as autoridades policiais.

DELEGADO: Obrigado. *(BEBE)*

PADRE: E agora...

DELEGADO: Agora, eu faço um brinde ao Padre e a sua paróquia.

PADRE: Menos mal...

XANDÚ: Aos presos da paróquia...

TODOS: À saúde.

PADRE: Ao antigo delegado, que era um homem de bem.

XANDÚ: Ao novo Delegado, que acha que preso é preso.

CABO: A Apar... papapraraprarrrrr...

PADRE: É pois, então...

Seguem-se os brindes. Vê-se que o novo Delegado mostra-se muito à vontade: tira o paletó, abraça o Padre e o Cabo.

DELEGADO: Vamos tirar esse infeliz aí da cadeia, pra festejar também. Sai daí...

XANDÚ: Muito obrigado, estou bem aqui mesmo. Que preso é preso, e não festeiro.

PADRE: Sai daí, Xandú... Olha a saidinha de quando em vez.

XANDÚ: Fico muito comovido, mas não estou querendo sair não...

DELEGADO: Sai daí, rapaz, eu estou mandando... Oh, preso mais insubordinado... Te tacho pra fora, hein rapaz... Já sei que o senhor está apavorado, Padre. Pois está aí. Não adianta fingir. Vou confessar. A gente se confessa ao Padre, não é?

PADRE: É claro, meu filho. Toma mais uma aí.

DELEGADO: Eu adoro uma cachacinha e, desde que cheguei a este fim de mundo, que não consigo achar jeito de tomar uma... Sei que o senhor vai me dar um sermão, pois outro dia me preveniu tanto a respeito da cachaça, do jogo...

PADRE: E o jogo, meu filho... Também joga?

DELEGADO: Sou maluco por um truço bem gritado... Aquela história do meu pai, foi papagaiada, só para impressionar... Sabe como é, afinal, eu sou a autoridade...

PADRE: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

CABO: *Amem.*

PADRE: Me dá um abraço, meu filho... Que alívio.

DELEGADO: Qual é a minha penitência pelas mentiras, Padre?

PADRE: Primeiro, um joguinho de truco por noite...
Segundo: soltar o Xandú para trabalhar...

DELEGADO: Quanto ao truco, eu concordo... Mas a soltar o preso, já é contra a lei...

XANDÚ: Aí, batuta... Cumpre a lei no duro, preso é preso.

PADRE: E se Mestre Xandú sair com escolta?

DELEGADO: Daí talvez, pensaremos em uma solução.

XANDÚ: Estava durando muito minha flauta. Inda bem que está por um mês só.

DELEGADO: Padre, depois desta nossa conversa, eu me sinto bem melhor.

PADRE: Eu também, meu filho... E que tal um truquinho, pra sentir a nova parceria.

DELEGADO: Pois não é que eu estava mesmo pensando... Agora me lembro, joguei o baralho no lixo.

PADRE: (*TIRANDO BARALHO DO BOLSO DA BATINA*) Não seja por isso.

Sentam-se os três.

193

PADRE: Ah, é verdade... Evidentemente, o outro parceiro é Mestre Xandú.

DELEGADO: É um problema.

CABO: Se ele sair para jogar truco e não sair pra trabalhar é injusto.

XANDÚ: Não quero nem jogar truco, nem nada. Preso é preso, e está acabado. Eu rebusquei, pensei e achei que preso tem que ficar fechado, parado, pensando no mal que fez... Que é pra quando sair da cadeia não voltar mais. Muito obrigado, mas não estou com vontade nenhuma de jogar...

PADRE: Xandú, meu filho, que ingratidão... Então, você que tentou me vender um cavalo cego... Por quinhentos mil réis...

XANDÚ: Cego uma pinoia, de vista fraca... Não enxergava à noite.

PADRE: Eu que consegui que o Delegado deixasse você sair da cadeia quando quisesse. Agora você me faz uma coisa desta...

XANDÚ: Tá certo, Padre, não quero bancar o mal agradecido. Aceito, com uma combinação: todo o trabalho que eu tiver que fazer, o Cabo faz junto.

CABO: Epa...

XANDÚ: E se dê por feliz, Seu Cabo, por eu não
larilará da ladeira das pedras.

CABO: Tá certo...

XANDÚ: Tem mais... A igreja, só limpo junto com a tia Semíramis.

PADRE: Está acertado.

DELEGADO: Pode sair, preso....

*Formam a mesa de truco. Padre cochicha com
Delegado, combina tática e sinais. Todos se sentam.*

PADRE: Tostão a queda... Pouquinho, só para não ser de graça.

DELEGADO: É bom...

XANDÚ: Ah, meu dinheirinho. Olha na manga, cabo.

*O padre dá as cartas. Primeira mão: jogam as cartas,
Padre faz sinais. Segunda mão: Xandú truca.*

194

XANDÚ: É truco... Sapiquá de lazarento, reboque de igreja velha...

PADRE: Tu bate comigo no chão, eu bato contigo no bucho: retruco de três!

XANDÚ: Leva.

PADRE: Ah, lá em casa, filho de burro não cria asa.

CABO: E vai meu rei, o meu Pedro II.

XANDÚ: (*ENQUANTO EMBARALHAM*) Não venha com rei, que
aqui somos todos republicanos... Não é, Padre?

PADRE: Pois é...

DELEGADO: A república é o nosso patrão.

XANDÚ: Ainda mais comigo, esta história de reis... Ainda não contei
de que maneira eu me meti na república. Conte já, Padre?

CABO: Contou não, e é hora de jogo...

PADRE: Deixa ele contar, o nosso novo Delegado ainda
não conhece os causos de Mestre Xandú.

XANDÚ: Até eu não sabia se contava este da república ou outro, mais recente, de certo dia na ladeira das pedras...

CABO: Conta o da república, mano Xandú.

XANDÚ: Se o cabo, que não gosta de causo, pede, então eu conto. Não sei se o Padre já sabe, mas eu já fui militar. Era ainda menino e estava servindo ao império. Bom soldado que fui cheguei a ser ordenança do Marechal Deodoro. Bom homem estava lá. Apenas um pouco indeciso. Certa feita, estava eu no quartel com o Deodoro quando...

CENA 5 MARECHAL DEODORO

Xandú sai de lado. Entra Deodoro.

XANDÚ: Soldado trezentos e quarenta e seis, Xandú Quaresma, ordenança de vossuria. Às ordens.

DEODORO: À vontade, Xandú, à vontade... Xandú, meu caro, estou em palpos de aranha... Esta noite num pude conciliar o sono.

XANDÚ: Que é isso, Deodoro, você precisa descansar...

DEODORO: Xandú, meu velho... Bem que eu queria, mas estes republicanos não me dão mais trégua... Olhe só os jornais... Veja o Benjamim, o Almeida Prado, estão com a França na cabeça.

XANDÚ: Deodoro, meu velho, se você quer um conselho... Eu vou dar...

DEODORO: Fale, Xandú, estou precisando.

XANDÚ: Não tem por onde... Mande arrear seu cavalo e proclame a república.

CENA 6 VOLTA AO TRUCO

XANDÚ: E foi assim que a república foi proclamada. Na verdade, não foi mérito meu porque, mais cedo ou mais tarde, o Deodoro, que era um homem inteligente, dava acerto na solução.

DELEGADO: Então, foi o senhor quem aconselhou o Deodoro a proclamar a república?

XANDÚ: É, não foi outro, não... Mas depois, passados alguns anos, eu me amolei com a república... Senti saudades do rei... Foi justamente quando andei junto com o Maciel.

PADRE: Que Maciel?

XANDÚ: O Antônio Mendes... O Conselheiro.

DELEGADO: Então, você conheceu o Conselheiro?

XANDÚ: Se conheci? Então quem é que dava conselhos ao Conselheiro?

CENA 7 ANTONIO CONSELHEIRO

Xandú se afasta. Entra o Conselheiro.

196

XANDÚ: Termina com isso, Maciel... Termina com isso.

CONSELHEIRO: Já venci as duas primeiras expedições do governo... Vou até o fim.

XANDÚ: Venceu porque eu te disse como.

CONSELHEIRO: Isso é verdade, e agora vem a terceira, a maior, preciso dos teus conselhos.

XANDÚ: Só posso lhe repetir o que disse antes: o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão. E se você seguir meu conselho, entre em um acordo com a república, senão você vai se dar mal.

CONSELHEIRO: Está me aconselhando a voltar atrás?

XANDÚ: É isso mesmo, e eu já vou, que já sei que você é teimoso. Depois, não diga que eu não avisei...

XANDÚ: Xandú, volte, Xandú... O mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar.

CENA 8 VOLTA AO TRUCO

XANDÚ: Pois foi assim que o Conselheiro foi derrotado. Coitado, morreu chamando meu nome... Enfim, era um rebelde, teve o fim que merecia... A gente viveu bastante... Mas o principal da minha vida não foi nada disso. O principal foi quando servi de julgador para uma contenda entre o Padinho Padre Cícero e Lampião... Pois foi ainda não faz quatro anos, estava eu...

CENA 9 LAMPIÃO E PADRE CÍCERO

Lampião e Padre Cícero, os dois armados, de cara feia.

PADRE CÍCERO: Tu não vai atacar Pedra Bonita,
Virgulino... Ou vai me encontrar lá.

LAMPIÃO: Meu padinho Padre Cícero, com todo o respeito
que tenho, não trate de me impedir, que vou em
vingança da morte de um cabra meu.

PADRE CÍCERO: Faça o que quiser, só sabe que,
chegando lá, me encontra pela frente...

LAMPIÃO: Meu padinho, não queria terminar nossa
amizade... Um de nós vai pro céu...

PADRE CÍCERO: E o outro pro inferno, é assim mesmo que vai ser.

LAMPIÃO: Então, nem precisa ser lá, a gente tira a diferença agora.

PADRE CÍCERO: Como quiser, que estou com Deus...

LAMPIÃO: É pra já o desencarne...

PADRE CÍCERO: Já ou daqui a pouco...

Os dois se preparam. Entra Xandú.

XANDÚ: Quê é isso? Não é possível... Botem as armas pra baixo. Já!

PADRE CÍCERO: Pois é o que você está vendo, Mestre Xandú.

LAMPIÃO: Saia da frente, Mestre Xandú. Tenho muito respeito pelo senhor, mas a nossa questão é a última.

PADRE CÍCERO: Isso mesmo, saia da frente, Xandú, que pode sair ferido sem ter nada com o causo.

XANDÚ: Sem ter nada com o causo... Virgulino! Quem foi que te ensinou a atirar, meu mano?

LAMPIÃO: Nenhum outro que Xandú Quaresma...

XANDÚ: E tu, Cicinho, não lembra quando vinha me perguntar: Mestre Xandú, quantas são as pessoas da Santíssima Trindade?

PADRE CÍCERO: E eu dizia que eram três: o Padre, o Filho, o Espírito Santo.

XANDÚ: Bom menino... Sabia que terminava brabo e fazendo milagre. E tu, Virgulino, me envergonho de ver brigando com o Cicinho.

LAMPIÃO: Se é tu quem pede...

PADRE CÍCERO: Pedido de Xandú é ordem.

XANDÚ: Vamos nós três tomar uma talagada e terminar com essa briga de criança.

CENA 10 VOLTA AO TRUCO

XANDÚ: E foi assim que resolvi o causo entre o Padinho Cícero e meu padrinho Lampião.

PADRE: Está vendo, doutor, são os causos do Mestre Xandú.

DELEGADO: Espera aí, Mestre Xandú... Se estamos agora em mil novecentos e trinta, o senhor, na proclamação da república, tinha quantos anos?

XANDÚ: Menti a idade na vontade de ser soldado...

CABO: Quer dizer que Mestre Xandú tem mais de quarenta anos... Não parece...

XANDÚ: Pois se eu não contei que bebi da fonte do CuraTudo, e remocei?

PADRE: Essa é nova...

XANDÚ: Mas essa fica pra outro dia... Como também quero contar a história da onça de sela para o doutor... É, já tive uma onça de sela... Aliás, tive um bode de sela também... Mas bode já é mais comum. Outro dia, com calma, eu conto...

CENA II SACRISTIA: APARECIDA GRÁVIDA

Tia arruma. Entra Aparecida.

TIA: Que foi, menina? Está com uma cara tão pálida?

APARECIDA: Ah, minha tia. (*ABRAÇA-A*) Uma coisa terrível aconteceu...

TIA: O que foi?

APARECIDA: Estou desesperada...

TIA: Conte, menina. Você me mata de susto.

APARECIDA: Aconteceu...

TIA: Aconteceu o quê?

APARECIDA: O multiplicai-vos antes do crescer-vos e de um bom casamento cristão...

Tia desmaia. Entra o Padre.

PADRE: O que foi, minha filha... Que aconteceu com ela...

APARECIDA: Quando ela acordar ela conta...
Adeus padrinho, até nunca mais.

PADRE: Adeus, como? O quê?... Semíramis!!! Aparecida, minha filha!!!

TIA: Onde está ela?

PADRE: Saiu correndo, disse adeus!!!

TIA: Oh, aconteceu...

PADRE: O que aconteceu? Pelo amor de Deus!

TIA: O multiplicai-vos antes do cresci-vos e de um bom casamento cristão...

PADRE: Não entendi coisa alguma.

TIA: Aparecida está...

PADRE: Está?...

TIA: Esperando um filho...

PADRE: Miserável...

TIA: Quem?

PADRE: Seja quem for...

CENA 12 CADEIA

200

PADRE: Uma semana sem notícias dela...

TIA: Tenho medo que ela faça uma loucura...

PADRE: Outra é demais... Ela que volte, a gente perdoa...

DELEGADO: Minhas investigações estão como *ab initio*...

PADRE: Muito latim e pouca procura.

DELEGADO: Onde ela poderia estar... Eu não conheço a região.

XANDÚ: Convém dragar o rio... Sabe como é? Capaz...

PADRE: Em nome de Deus, deixa de ser agourento.

TIA: Se a gente encontrasse o miserável culpado, talvez fosse mais fácil.

PADRE: Quem seria?

Entra o Cabo.

CABO: Quem teria sido o canalha? Será que o Cabo não tem nenhuma suspeita de quem teria sido?

CABO: Juro pela minha mãe que eu não suspeito de ninguém.

XANDÚ: Vamos lá, cabo, nem uma suspeitazinha de nada.

CABO: Eu juro que não sei de ninguém. Penso que deve ter sido um tropeiro ou viajante de passagem.

TIA: É bem capaz.

PADRE: Oh, a vileza do ser humano!

CABO: Sabe... Tem um tipo muito estranho vagando pela cidade. Parece um bandido, um cangaceiro... Vi ele rondando a igreja...

DELEGADO: É um suspeito... Prenda e traga ele aqui.

CABO: É pra já... Onde será que ele foi se esconder?

TIA: Pobre menina.

Quando o Cabo vai sair, dá de cara com o Cabra.

CABRA: Depois se é bom dia...

CABO: É este o tal que estava na igreja.

CABRA: Tal pode ser teu pai. Eu tenho nome: Adijalma Matias, cognominado "o chegador".

DELEGADO: O que o senhor está querendo em São Sebastião?

CABRA: Vim à procura do cura... Trazer um mandado.

PADRE: Sou eu mesmo. O que é que traz?

CABRA: Uma carta de meu chefe. Está aqui. Está entregue. Adeus...

CABO: Vamos deixar ele ir embora?

DELEGADO: Prende esse homem.

CABRA: *(MORRE DE RIR, PUXA A PEIXEIRA, DÁ CUTUCADA EM TODO MUNDO, SAI)* Ele logo virá, tenham respeito. *(SOME)*

PADRE: Que será esta carta?... Será que diz do paradeiro de Aparecida?

TIA: Leia logo...

PADRE: De algum lugar do sertão... vinte e sete de junho de mil e novecentos e trinta e oito... Reverendíssimo Vigário de São Sebastião da Serra Baixa. Há dezoito anos atrás, deixei um recado na sua igreja para que fosse recolher uma criança que larguei aos pés da estátua de São Sebastião da Encruzilhada. Era minha filha. Minha mulher tinha morrido e fiquei sem poder criar a menina.

Deixei em suas mãos por ter sabido ser o vigário um homem humano e de grande bondade. Sabia que ela seria criada dentro da lei e dos sentimentos cristãos. Certo de que ela está bem cuidada, volto ao depois de tanto tempo pra rever minha filha e abraçá-la... Virgulino - Lampião... P.S.: Chegarei na madrugada do dia quatro. Não temam, vou em missão de paz.

CABO: Ah, minha nossa senhora do bom parto... O Lampião, o próprio.

DELEGADO: Estamos perdidos...

TIA: Primeiro mulheres e crianças.

PADRE: Esta é a minha provação.

CABO: O Lampião, o próprio Virgulino. Estamos perdidos. Minha mãe santíssima.

TIA: Creio em Deus padre...

PADRE: Ave Maria, cheia de graça.

DELEGADO: Salve rainha, mãe de misericórdia.

CABO: Santificado seja o vosso nome... Mestre Xandú!...
Mestre Xandú é amigo do Lampião!

XANDÚ: Ah, tenha a santa paciência, contei causo até mais não poder e o senhor nunca me acreditou, Seu Cabo. Agora, que virou bagunça, deu crédito em tudo de uma vez.

CABO: Mas você disse que era amigo dele, não disse?

XANDÚ: Disse que era... Era... Não sou mais... Há algum tempo tivemos uma briga...

PADRE: Um amigo é sempre um amigo...

DELEGADO: Fala com ele, Mestre Xandú... Fala com ele.

XANDÚ: Pois se ora veja o que o cagaço transtorna nos viventes. Nunca me acreditam e agora: por favor Mestre Xandú, pelo amor de Deus.

PADRE: Xandú, meu filho, és a nossa última esperança.

TIA: A única esperança.

XANDÚ: A velha surda acha que sou a única esperança... Vá varrer a rua, surda, vá já... Você aí, cabo, varra minha cela.

CABO: É pra já... Mestre Xandú, a esperança de São Sebastião da Serra Baixa.

XANDÚ: Pra dizer a verdade, eu não sei o que vai dar isso, não.
Mas, já que sou a única esperança porque sou amigo
do Virgulino — coisa que aqui ninguém duvida...

DELEGADO: Amigo do Deodoro e do Conselheiro.

XANDÚ: Pois é, já que sou amigo de todo mundo, neste caso não me meto.

PADRE: Não faça isso, meu filho.

CABO: Eu me mato.

XANDÚ: Na ladeira das pedras, não é, seu rebotalho. Deixa pra lá...

DELEGADO: A república convoca seus serviços.

XANDÚ: Já disse que rompi com a república, há muitos anos.
Mas se é para o bem do povo e felicidade geral da
nação, diga ao povo que falo com Virgulino.

CABO: Graças a Deus.

PADRE: Bravos, meu filho.

DELEGADO: A república, penhorada, agradece.

TIA: Em nome das mulheres de Serra Baixa...

XANDÚ: Já mandei a senhora varrer a rua, não ouviu, sua
surda... Pode deixar, falo com ele, é meu amigo...
Mas quero ficar desde já em liberdade.

DELEGADO: Está em liberdade... E vou mandar
providenciar uma cama em seu quarto.

XANDÚ: Pois não é que a jaula virou quarto... Me tratem bem, seus
cretinos, menos o senhor padre... Que não é cretino... Mas o
mais importante é continuar procurando Aparecida. Cabo.

CABO: Pronto, sua excelência.

XANDÚ: Cagão. Vá procurar a menina Aparecida e, se
não aparecer com ela dentro do prazo marcado,
entrego sua figura a meu amigo Virgulino.

CABO: Vou logo, acho de qualquer jeito.

XANDÚ: Vai, crápula... Você também, Seu Delegado de meia
pataca... Toca a procurar a menina. Eu e o Padre
vamos discutir o assunto enquanto almoçamos.

PADRE: Vamos, Mestre Xandú.

XANDÚ: Oh padre, não fica bem me chaleirar... *Dominus vobiscum*

PADRE: *Et cum spiritu tuo.*

XANDÚ: Está afiado, heim meninão.

TIA: O que será de nós... Todas as donzelas serão violadas.

XANDÚ: Violada eu vou te dar na cabeça, velha, se tu não for correndo varrer a rua.

TIA: Vou convocar as mulheres da cidade e vamos todas procurar Aparecida.

XANDÚ: E se não achar todas varrendo a rua, entrego tudo pro Virgulino, que quem manda na cidade sou eu agora.

PADRE: Meu filho, cuidado com o exagero.

XANDÚ: Então não falo com o meu amigo Virgulino coisa nenhuma.

PADRE: Eu estava só falando. O que importa eu falar ou não falar, dá na mesma.

XANDÚ: *Dominus vobiscum.*

PADRE: *Et cum spirito tuo.*

XANDÚ: Da outra vez estava melhorzinho.

PADRE: Treinando, eu vou ficando bom.

XANDÚ: Que é que o Delegado está fazendo ali?

DELEGADO: Fazendo minha mala.

XANDÚ: Se o senhor pensa que vai dar o fora daqui está muito enganado. É ou não é a autoridade? Medo, todos nós temos, que o caso não é de brincadeira. Até eu estou com medo, imagine se o Virgulino me desconhece. Principalmente se souber o que aconteceu com a Aparecida. É capaz de perder as estribeiras e matar até a mim, que sou seu amigo. Mas se eu vou, vai todo o mundo junto, ninguém sai da çarola.

DELEGADO: Eu tenho mãe...

XANDÚ: E tu pensas que o restante aqui é filho de chocadeira? Todo mundo tem mãe. Só tenho minhas dúvidas desta velha surda, que parece que brotou de um faxeiro...

PADRE: Calma, o mais importante é conservar a calma.

XANDÚ: Vamos lá a esperar o dia marcado. Mas, antes disso, temos que encontrar a Aparecida.

PADRE: Se encontramos Aparecida tudo fica bem.

XANDÚ: Bom qual nada... Que ela está prenhe e este é outro problema.

PADRE: Quem teria sido?

XANDÚ: Isso, pode deixar também por minha conta que na hora precisa eu encontro o culpado.

CENA 13

SACRISTIA. NOITE ANTERIOR
À CHEGADA DO CANGACEIRO

XANDÚ: Mandei chamar todo mundo aqui para verificar como está nossa procura, que já amanhã é o dia do júízo final. Pois chega na madrugada o Lampião.

CABO: O seu amigo Virgulino.

XANDÚ: Encontrou algum sinal da Aparecida desaparecida, seu canalha?

CABO: Encontrei não senhor. Mas ela aparece.

XANDÚ: Aparece, não é?

PADRE: Se, pelo menos, ela voltasse.

TIA: É o fim.

XANDÚ: Varreu a rua, com as corocas todas, velha surda?

TIA: Estivemos procurando Aparecida.

DELEGADO: Neste momento de desespero geral, queria, em nome da república, depositar toda a confiança...

XANDÚ: Já sei, em mim... Tem direito de falar, porque, afinal, me comprou a botija do Papaterra por cinquenta mil réis.

DELEGADO: O Papaterra, o famoso...

XANDÚ: Sabe como é, não é no torno.

DELEGADO: Pois é, ele faz fazendo.

XANDÚ: Oh, felicidade. Nunca ninguém me deu tanto crédito.

PADRE: Seja tudo o que Deus quiser. E o Seu Xandú arrumar.

XANDÚ: Muito bem, agora quero dizer que amanhã chega o Virgulino. Vão tremer em casa, seus danados. E amanhã de manhã todo mundo na sacristia, aí em frente à praça, pra receber o Virgulino. Se alguém fugir, eu boto a culpa do sumiço da menina e o Virgulino vai até o inferno procurar.

CABO: Ah, minha Nossa Senhora do Bom Parto.

XANDÚ: Bom parto, você vai ver é que te parto a cara se não te encontro amanhã esperando o Virgulino. A sorte está lançada. *Dominus vobiscum.*

PADRE: *Et cum spiritu tuo.*

CENA 14 NA ENCRUZILHADA, COM LAMPIÃO

206

Madrugada na encruzilhada da estátua de São Sebastião. Ouvem-se passos. Logo aparece, imponente, o Virgulino, armado até às gengivas. Para em frente à imagem e se ajoelha. Poético.

VIRGULINO: Dezoito anos são passados, desde o dia em que aqui, aos pés da imagem de São Sebastião, deixei minha filha. Naquele tempo, pobre lavrador corrido depois da matança de minha família. Hoje, retorno para rever minha única filha. O sentimento paterno animou o coração do cangaceiro... Por vezes já mandei espiar, e tive notícia de que estava muito bem cuidada pelo vigário. Logo estarei abraçando aquela que é o sangue do meu sangue e a carne da minha carne. Agradeço a vós, meu São Sebastião, pela proteção que deste a minha filha.

SÃO SEBASTIÃO: Não tem o que agradecer a mim, meu filho... Mas sim ao Vigário, que tomou conta dela.

VIRGULINO: Céus. Milagre. O santo falou comigo.

SÃO SEBASTIÃO: Falei sim, meu filho... Falei porque foste um bom pai e voltaste para encontrar tua filha.

VIRGULINO: Deus seja louvado.

SÃO SEBASTIÃO: Louvado seja.

VIRGULINO: Bendito.

SÃO SEBASTIÃO: Louvado seja.

VIRGULINO: Louvado seja.

SÃO SEBASTIÃO: *Amem...* Escute, meu filho. Ao chegar a esta cidade encontrarás muitas pessoas. Quero que me faça uma vontade santa.

VIRGULINO: Todas, meu santo.

SÃO SEBASTIÃO: Encontrarás nesta cidade um bom homem, de nome Xandú Quaresma, que é meu protegido. Quero que trates este santo homem como se fosse teu próprio irmão. Pois, se alguma coisa acontecer, só ele poderá te dar ajuda.

VIRGULINO: E Xandú Quaresma é meu irmão?

SÃO SEBASTIÃO: Trata-o assim e ele compreenderá. Ele se apresentará como velho amigo teu. Trata-o como velho amigo, com muita amizade e intimidade.

VIRGULINO: Se o santo pede... Farei como se sempre tivesse conhecido Xandú Quaresma, meu amigo e meu irmão...

SÃO SEBASTIÃO: Agora vai, meu filho, com a minha bênção. Não digas a ninguém de nosso encontro.

VIRGULINO: Assim será... Mandarei rezar minhas missas pelo santo.

SÃO SEBASTIÃO: Vai, meu filhinho, vai...

Virgulino beija o pé do santo e se vai.

CENA 15 NA ENCRUZILHADA, COM O PADRE

Após a saída de Virgulino, a imagem do santo sai do nicho. Ouve-se um barulho e a imagem retorna ao nicho. Padre chega desesperado.

PADRE: (*AJOELHA-SE*) Meu São Sebastião, santo de minha devoção. Perdoa este ministro de Deus na terra, que não teve competência de criar uma moça e que agora enfrenta a pior hora de morte nas mãos de um terrível cangaceiro.

SÃO SEBASTIÃO: Estás perdoado, meu filho.

PADRE: Quem falou?

SÃO SEBASTIÃO: Eu, meu filho... São Sebastião.

PADRE: Hosana... Milagre...

SÃO SEBASTIÃO: Há muito tempo queria te falar... És um bom padre, mas tens teus pecados.

PADRE: (*BATE NO PEITO*) Minha culpa, mea culpa, mea maxima culpa.

SÃO SEBASTIÃO: Talvez, o pior de todos seja o roubo, meu filho.

PADRE: O roubo, São Sebastião?

SÃO SEBASTIÃO: Sim, o roubo. Pequeno, mas diário... Falo do jogo de truço, meu filho.

PADRE: *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.*

SÃO SEBASTIÃO: Isso não se faz... Perdoo-te, contanto que não tornes mais a roubar.

PADRE: *Mea culpa.*

SÃO SEBASTIÃO: Vai, meu filho. E confia no santo homem que resolverá tudo.

PADRE: Que homem?

SÃO SEBASTIÃO: Quem podia ser? O meu eleito e favorito: Xandú Quaresma. O que foi amigo de Deodoro, de Conselheiro, do Padre Cícero etc., etc., etc...

PADRE: Tudo, então, vai dar certo?

SÃO SEBASTIÃO: Tudo, meu filho. Confie no meu amigo Xandú. Não diga a ninguém que eu falei a você, é um segredo entre nós.

PADRE: *Amem...* Adeus, e me proteja, meu santo.

SÃO SEBASTIÃO: Vai, meu filho...

O Padre sai.

CENA 16 NA ENCRUZILHADA, COM O CABO

A imagem do santo sai novamente do nicho. Ouvem-se passos, ele volta para o nicho. Entra o Cabo, desesperado.

CABO: Me dê a extrema-unção, meu São Sebastião.

SÃO SEBASTIÃO: Canalha.

CABO: Quem falou?

SÃO SEBASTIÃO: Eu.

CABO: Eu, quem?

SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião.

CABO: Então o santo já sabe?

SÃO SEBASTIÃO: Desde o início.

CABO: Eu caso-me com ela, se ela voltar.

SÃO SEBASTIÃO: Eu já sabia, tinha até comentado com meu amigo Xandú Quaresma.

CABO: Então, era verdade?

SÃO SEBASTIÃO: Do que presenciei na ladeira das pedras? Verdadíssima.

CABO: Perdão e extrema-unção, que eu não escapo...

SÃO SEBASTIÃO: Se você casa com ela está muito bom, mas terá que encontrá-la.

CABO: O santo não pode me indicar?

SÃO SEBASTIÃO: Poderia... Poderia facilmente... Mas é que aí estraga o mérito de sua procura... Vá, meu filho, e, com a ajuda de meu protegido Xandú, encontre Aparecida.

CABO: Eu tenho medo.

SÃO SEBASTIÃO: Não tenhas medo, que tudo terminará bem.

CABO: Estou mais confortado... Adeus, meu santo.

SÃO SEBASTIÃO: Não conte a ninguém que esteve comigo... É um segredo entre nós. Pode contar só a Xandú Quaresma, que para ele não tenho segredos.

O Cabo se vai. São Sebastião sai do nicho, veste a roupa de Xandú e coloca a imagem do santo no nicho.

Virgulino está só.

VIRGULINO: Oh, diacho. Eu então não avisei que queria que me esperassem? *(DÁ VÁRIOS TIROS PARA O AR)*

Logo, um por um, todos vão saindo das tocas.

VIRGULINO: Oi lá, que estava todo mundo acordado. Cadê o Xandú, que é com ele que falo primeiro. *(TODOS BATEM PALMAS)* Onde está Xandú Quaresma, meu amigo e meu irmão, que quero ver mesmo antes que minha própria filha.

Todos chamam Xandú. Logo, num canto da praça, aparece Xandú.

XANDÚ: Meu amigo, meu irmão Virgulino, o Lampião! Chegue aqui pra um abraço e um aperto de mão.

VIRGULINO: Como está, depois de tanto tempo, meu parente?

XANDÚ: Assim, assim. Na bênção de São Sebastião.

VIRGULINO: Na bênção de São Sebastião, irmão. Onde está minha filha, que deixei com o padre.

XANDÚ: O padre está ali... Agora, quanto à sua filha, meu amigo, como só hoje eu soube de sua chegada através de um nosso amigo comum, mandei a menina comprar umas roupas e vestidos novos, para recebê-lo condignamente, como me foi contado por nosso grande amigo comum.

VIRGULINO: Se foi o Xandú que fez, está bem feito.

XANDÚ: Quero apresentar aqui os amigos. Este é o Padre Jeremias, que cuidou todo esse tempo de sua filha.

VIRGULINO: Que os céus o bendigam, Padre. Se precisar sumir algum herege, é só dizer a direção dele que o tal some. Some, Padre.

PADRE: Não tive culpa... Aliás, obrigado...

XANDÚ: Este é o Delegado da cidade. Boa gente, embora do governo.

VIRGULINO: Como tem passado?...

XANDÚ: Este é o Cabo Arlindo. Um dos melhores amigos de sua filha. Não é, Seu Cabo?

CABO: Amicíssimo...

VIRGULINO: Em Cabriopó matei um cabo muito parecido com você.

Cabo desmaia.

VIRGULINO: Eta frouxo... Macaco frouxo... Esta velha aí?

TIA: Eu sou a tia.

VIRGULINO: Que é que faz com essa corneta no ouvido?

XANDÚ: É surda como uma porta... Ela gosta muito de ver faca de cangaceiro, mostra a sua a ela, eu te peço.

Virgulino tira a arma e mostra. A tia desmaia.

VIRGULINO: Tá todo mundo caindo... Quando vem minha filha?...

XANDÚ: Logo mais... Logo mais, meu amigo, meu irmão.
Você fica hospedado comigo na cadeia.

VIRGULINO: Na cadeia?

XANDÚ: Na cadeia. Não gostou?... Eu faço já uma queixa a São Sebastião.

VIRGULINO: Não, pode deixar. Se fica comigo, é lugar honrado.

XANDÚ: O mais honrado... Pois se é a cadeia.

Lampião descansa na cadeia. Entra Xandú.

XANDÚ: Oh, Virgulino... Está dormindo... E a menina que não aparece. Só tem um jeito de salvar a situação. (*ROUBA OS ÓCULOS DE LAMPLÃO*)

CENA 18 PRAÇA

212

Dia seguinte. Na praça, Lampião e toda a gente, menos Xandú. Vem o cabo.

CABO: Seu Excelentíssimo Virgulino!... Vem aí a sua filha querida.

Todos batem palmas. Gritos de alegria.

VIRGULINO: Onde diacho foram parar meus óculos, que sem eles não enxergo nada, ou quase nada?

CABO: Aí está sua filha querida.

Entra uma mulher magra, com a cara igualzinha à do cangaceiro, inclusive com chapéu igual.

VIRGULINO: Minha filha.

FILHA: Papai.

VIRGULINO: Minha filha.

FILHA: Papai.

VIRGULINO: Minha filha.

FILHA: Enfim reunidos...

VIRGULINO: Dezoito anos de separação. Me dê um beijo.

FILHA: Essa é que é forte.

VIRGULINO: Me dê um beijo...

FILHA: É que eu fiz uma promessa, que se chegasse a encontrar meu pai, nunca o beijaria. Uma promessa que fiz a São Sebastião.

VIRGULINO: Pois eu respeito. Dê cá um abraço.

FILHA: Um abraço vá lá...

VIRGULINO: É o dia mais feliz da minha vida. Onde está meu irmão Xandú Quaresma?

FILHA: Foi ali, já volta já.

VIRGULINO: Se alguém encontrou meus óculos é preciso que devolva, que assim não posso ver minha filha.

CABO: Eu vou procurar.

FILHA: Arlindo, meu primo.

CABO: O que foi?

FILHA: Já conhece meu pai?

CABO: Já tive o prazer ontem.

VIRGULINO: Em Cabriobó matei um cabo que tinha a voz igual à tua.

CABO: Pois é... (*DESMATA*)

VIRGULINO: Onde ele foi? Cade ele, sumiu?

FILHA: Ele é muito rápido.

VIRGULINO: Não quero ir embora antes de resolver os problemas de minha filhinha. Vou dar a ela cem contos de dote, mas quero que ela case ainda antes de eu ir embora.

FILHA: Eu ainda não estou na idade, meu pai.

VIRGULINO: Casei com sua mãe quando ela tinha treze anos de idade. Você já tem dezoito... Com quem é que você quer casar?

FILHA: Não tenho preferência... Ainda sou muito menina, papaizinho.

VIRGULINO: Então, escolho eu... Ora, para casar com minha filha precisa ser uma pessoa importante, o mais importante.

FILHA: A mais importante é o Padre.

VIRGULINO: Ah, sim, o padre. Não, o Padre não pode.
Depois, há de vir aqui o nosso amigo Delegado...

DELEGADO: Eu?...

VIRGULINO: O senhor mesmo... E olhe que são cem contos de dote, mais a honra de casar com minha filha que, sendo meu genro, não morre assim com facilidade.

DELEGADO: Eu?...

VIRGULINO: Nem eu nem mais nada. Padre! Onde está o Padre? Quero que faça o casamento agora mesmo, e na minha frente.

PADRE: (*À FILHA*) Eu não posso.

FILHA: Dá a batina pro cabo.

214

O Padre troca de roupa com o Cabo, enquanto se organiza o local. Logo Virgulino dá início à cerimônia, vindo de braços com a filha. O Cabo, vestido com a batina, faz o casamento da Filha com o Delegado.

Depois do casamento, chega a tia com Aparecida chorando. O Cabo, ainda vestido de padre, corre para ela. Filha abraça Virgulino para que ele não veja o que se passa.

VIRGULINO: Vou ver se encontro meus óculos...

Virgulino sai e, quando volta, Aparecida está de braço dado com o Cabo, que tirou a batina e veste o paletó do delegado. Xandú volta.

XANDÚ: Cheguei no fim, mas cheguei a tempo de cumprimentar meu amigo Virgulino pelo casamento de sua filha. Pena que perdi o casamento...

VIRGULINO: Por isso, não. A um amigo como Xandú Quaresma a gente faz tudo. Vamos repetir o casamento!

O Padre casa, agora de verdade, o Cabo com Aparecida. Festa final.

CENA 19 CADEIA

PADRE: E assim, com o coração pequeno, nos despedimos deste amigo que se vai: querendo que ele ficasse...

DELEGADO: Em nome da república, agradeço a Xandú Quaresma o que fez por nós todos.

Aparecida dá um beijo em Xandú. O cabo o abraça.

XANDÚ: Pois é assim que é, um dia chega e a gente tem que partir. Tenho que ir, pois tem muita gente à minha espera por tantos lugares que nem sei... Quero, antes de ir, doar à municipalidade local esta botija feita... Pelo Tinoco Papaterra... Ele não faz com torno... Ah, velha, aponta a corneta para mim... Quem é que vai limpar a igreja? Em todo o caso, embora surda, é muito boa, assim como todos. Cheguei aqui querendo vender um cavalo cego.

PADRE: Cego, não. De vista fraca. Enxergar no escuro, não enxergava.

XANDÚ: Pois é o que sempre disse. E agora eu vou com uma saudade...

DELEGADO: Vamos deixá-lo sozinho para que arrume suas coisas.

Xandú fica sozinho. Arruma suas coisas. Vai sair e vê um bolo de dinheiro em cima da mesa da cadeia. Segue, volta, para.

XANDÚ: Afinal, trabalhei como um burro estes dois anos. Não é tirado, é cobrado. Inda mais que livre a cidade de Lampião.

*Pega o dinheiro e embolsa. Vai saindo
alegremente quando entram todos.*

DELEGADO: Preso por dois anos, por roubo!

TODOS: Viva!

CENA 20 ENCRUZILHADA DE SÃO SEBASTIÃO

Entra Xandú, velho.

XANDÚ: Bom dia, meu santo. Acho que hoje é o dia da minha visita final... Sabe, já estou dando o prego de uma vez. Vinte anos trabalhando para a prefeitura. Contando causo até mais não poder. Não há causo que aguente. Acho que chegou a hora da ida. E não queria embarcar na cama mas aqui, olhando o céu, sentindo o cheiro do mato... Sinto que minhas forças se vão... (*VAI MORRENDO*)

216

De um lado, surge Nossa Senhora.

XANDÚ: Quem é?

NOSSA SENHORA: Sou eu, meu filho, que vim atendendo a tudo que fizeste de bom na vida, para te levar a contar causos no paraíso.

XANDÚ: Obrigado, madrinha. Graças a Deus.

Um explosão. Entra o diabo.

XANDÚ: E quem é o outro?...

DIABO: Sou eu, meu filho, que, como prêmio por todo o mal que fizeste, vim te buscar para contar causos no inferno...

NOSSA SENHORA: É meu, metade é minha...

DIABO: Metade é minha...

NOSSA SENHORA: A metade direita, do lado do coração, é nossa.

DIABO: E a esquerda é nossa.

XANDÚ: Não é que isso está igual ao caso do Pororoca?

NOSSA SENHORA: É nosso...

DIABO: É nosso...

XANDÚ: Pois não é... Olha aqui os dois, esperem um pouquinho só. Cada qual quer me levar a metade, eu acabo rebentando que nem Pororoca... Mas é que vou fazer uma coisa na qual o Pororoca não pensou. Madrinha, este meu lado direito é o bom, o seu.

NOSSA SENHORA: É o seu lado sagrado, Xandú.

XANDÚ: Seu Cachorro, este lado esquerdo é o meu lado mau.

DIABO: É seu lado amaldiçoado, meu filho.

XANDÚ: Então, vamos fazer o seguinte: vou dar um, dois, três e no três os dois puxam com fé, quem arrastar levou.

NOSSA SENHORA: Certo.

DIABO: Aceito.

XANDÚ: Um... Dois... Três...

217

Xandú dá os braços cruzados, invertidos: os dois, ao pegarem nos lados contrários, dão um berro e somem.

XANDÚ: Já que não sou de um lado nem do outro, mais vale ficar um pouco mais por aqui e esperar tempo mais oportuno. Já contei pra vocês da minha onça de sela? Eu tive um bode de sela, também, mas bode já é mais comum...





**PROMETEU
ENGAIOLADO**

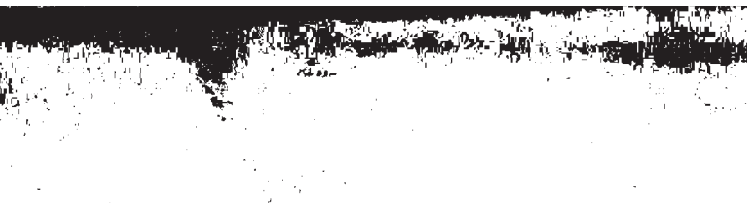
UM DECAMERON CAIPIRA

PROMETEU ENGAIOLADO
UM DECAMERON CAIPIRA

PERSONAGENS

PROCUSTO
MINERVINA
PROMETEU
ZEFA
VIOLEIRO

PRIMEIRO ATO



CENA I

Sala da fazenda de Procusto Ramalho. Tem lugar para rede. Tem mesa. Tem uma vitrola, tem ligação com a alcova de Procusto. Tem janela que dá para a plantação.

Ouvimos, ao abrir da cortina, ruído de canto e sanfona lá fora. E vozes.

POVO: *(FORA)* Viva Seu Procusto Ramalho!... Vivaaaaa!
Viva sua noiva Minervina... Vivoooo!

Procusto entra bêbado que nem um gambá, levando sua noiva Minervina nos braços. Está vestido de terno branco e ela de noiva. Põe ela no chão... Ela está muito se fazendo de envergonhada.

223

PROCUSTO: *(FALANDO DA PORTA E DA JANELA)* Obrigado, minha gente! Muito obrigado pelas palmas e vivas! Agora, vocês sigam na festa, que tem comida e bebida à vontade! Quero que vocês comam até estourar de tanto comer, e bebam até cair de tanto beber! A festa do meu casamento tem que ser de muita alegria, porque eu vou dar seguimento à descendência dos Ramalho. Logo daqui a um tempo, esta fazenda vai ter um herdeiro... Meu filho!!!!

POVO: *(FORA)* Viva o filho do seu Procusto Ramalho!!!! Vivoooooooo!!!!

PROCUSTO: Muito obrigado!!! Agora, se me desculpam, eu vou fechar a porta e a janela, que é para eu e a minha noiva Minervina tirarmos uma pestana... E já que vamos tirar pestana, seria bom vocês irem cantar e dançar lá no Galpão... Vamos, seus danados, vão se divertir em minha homenagem!!!

POVO: *(FORA)* Boa noite, Seu Procusto!!! Viva Seu Procusto, mais dona Minervina!!!! Vivoooooooo!!!!

PROCUSTO: *(FECHA A JANELA E VEM PRA PERTO DE MINERVINA)* Tá rindo do que, Minervina?

MINERVINA: É que o senhor falou que a gente ia tirar uma pestana...
O que é essa brincadeira, que eu não conheço?

PROCUSTO: Tirar pestana quer dizer o mesmo que
dormir... Mas eu acho que ainda não estou com
sono, não... Você está com sono, Minervina?

MINERVINA: Nem um pouco...

PROCUSTO: Então, antes da gente pensar em tirar uma pestana, seria
bom a gente brincar de tirar uma outra coisa qualquer...

MINERVINA: Tirar o quê?

PROCUSTO: Bom, pra tirar o que eu estou pensando... E, é bom que
tenha o que tirar... Porque se o que eu vou tirar já tiver sido
bulido... Ah, eu nem sei do que sou capaz, Minervina...

MINERVINA: O que é que está bulido, Seu Procusto?

PROCUSTO: Nada não... Você nunca andou com homens
antes de mim, não é, Minervina?

MINERVINA: Andei sim.

PROCUSTO: E com que homem você andou, sua desgraçada?

MINERVINA: Com meu pai... Andei muito com ele. Andei a
cavalo... Andei a pé... Andei de carro... Andei muito.

PROCUSTO: Você me dá cada susto, mulher... Mas não é isso
que eu estou dizendo, não... Eu perguntei se você nunca
andou com homem, fazendo libidinagem aí por aí?

MINERVINA: Mas o que é isso, libidinagem? Eu nem sei o que é isso...

PROCUSTO: Não sabe hoje, mas amanhã vai saber muito bem. *(RI)* Ora, se
vai... Vem cá, Minervina... Olha, senta aqui comigo na cadeira...

MINERVINA: Não vai caber os dois...

PROCUSTO: Dá um jeito que cabe... Vem sentar no meu colo...

Minervina senta no colo de Procusto.

PROCUSTO: Eu só me casei com você, Minervina, porque o padre,
seu confessor, me garantiu que você era uma moça pura
e virgem. Eu não sei como é que uma mulher, linda assim
como você, conseguiu ficar virgem tanto tempo... Virtude?

MINERVINA: Eu jurei pra minha mãe que, um dia, ia me casar pura e virgem e mais donzela... Jurei no leito de morte dela...

PROCUSTO: E fez muito bem de fazer essa promessa... Mas agora que você está casada comigo, as coisas vão mudar... Você gosta de mim, Minervina?

MINERVINA: Gosto demais... Desde que eu via o senhor passar em frente à casa do meu pai, montado em seu cavalo branco...

PROCUSTO: E você pensava muito em mim?

MINERVINA: Demais... Pensava demais...

PROCUSTO: E o que é que você pensava?... Me conte aí tudo de uma vez...

MINERVINA: Pensava muita coisa.. Pensava em ser sua namorada...

PROCUSTO: E foi...

MINERVINA: Pois é... Fui... Tão bom...

PROCUSTO: Que é mais que você pensava? Vamos, diga aí pra mim tudo o que você pensava...

MINERVINA: Pensava que eu ia ser sua noiva...

PROCUSTO: Pois é, e foi... Deu tudo certo...

MINERVINA: Fiz até promessa...

PROCUSTO: Pois deu certo, sua promessa... Mas, me diga aí o que mais é que você pensava fazer comigo?

MINERVINA: Pensava em ser sua mulher...

PROCUSTO: Pois já é... Mas, me diga o que mais que você pensava... Coisas que você pensava de noite, na sua cama... Eu e você... Você nunca imaginou?

MINERVINA: O quê?

PROCUSTO: Olha aqui, mulher... Eu te respeitei no namoro, no noivado, mas agora a gente está casado pelo padre e no cartório... Agora a gente tem que falar feito marido e mulher... Eu e minha finada Maria Rosa...

MINERVINA: Gostava muito dela...

PROCUSTO: Não gosto de falar de quem o Diabo já levou... Mas se você quer saber, eu fui o viúvo mais alegre de que já se ouviu falar... Maria Rosa era um traste. Não gostava do que eu mais gostava... Por causa dela eu até fiquei meio triste e doente... Era tão jararaca, a Maria Rosa, que eu cheguei até a perder a vontade de mulher... Mas já tô recuperado... E chega de falar dela, que só a lembrança daquela megera me faz perder o aprumo...

MINERVINA: E o que é que está aprumado?

PROCUSTO: Ainda não tá muito não, mas daqui a pouco você vai se admirar com a aprumação...

MINERVINA: Nossa, o senhor está com o olho vermelho, parece que vai me comer com os olhos.

PROCUSTO: Não é com os olhos, não... E olha aqui, vê se não me trata mais de "senhor" e "seu" Procusto... Pra você, eu sou Procusto Ramalho. Agora você é minha mulher. Me respeite sem me chamar de "senhor"... Me respeite, porque homem macho como eu deve ser muito respeitado... Eu já fiz o diabo, Minervina... Já revirei o sertão com bala de rifle e já fiz meu cavalo pisar muito inimigo. Eu já acabei com festa a tiro... Eu já fiz tremer o sertão inteiro, só com o meu nome... Quando alguém, mesmo hoje em dia, diz meu nome: Procusto Ramalho!... Se é mulher, se benze... Se é homem, tira o chapéu... Então, um homem assim famoso e valente, tem que ser admirado pela mulher... Com que então, você me respeita, Minervina?

MINERVINA: Como se o senhor fosse meu pai...

PROCUSTO: Que pai o cacete! Você tem que me respeitar como seu marido... Seu macho!!! Seu homem!!! E não me chame mais de "senhor", que me envelhece.

Minervina chora.

PROCUSTO: Que é isso, menina? Não chora, não... Eu gritei só por causa que bebi mais que a conta... Não te assusta antes da hora... Vai te despir, vai... Tira seu vestido de noiva, que daqui a pouco eu vou pro quarto...

MINERVINA: Vou indo... Até logo...

PROCUSTO: Até logo, loguinho... Vai, meu benzinho, vai que eu já vou indo...

Minervina entra no quarto. Procusto fica olhando quando ela fecha a porta. Ela começa a tirar o vestido na penteadeira.

PROCUSTO: Oi lasca! É hoje, Seu Procusto... Que gracinha... Tão bobinha... Vou ter que botar cátedra e dar umas lições bem dadas. Mulher vivida já vem com bastante repertório... Mas não tem muita graça. Eu sou daqueles que gosta de coisas muito imaginosas. Livro aberto, com figura escancarada, não me faz ficar tinindo... Primeiro tenho que adivinhar o que tem dentro... Abrir página por página, bem devagarinho... Vamos, seu Ramalho!... Parece que a bebida te arreiou um pouco... Toma brio, seu vagabundo!... Ergue a cabeça, porque hoje é noite de inauguração... Oi lasca!... Deixa eu tomar mais um gole, que é pra ver se engrosso o tutano e o sangue esquenta... *(BEBE NA GARRAFA)* Meu pensamento anda fugindo que nem boi crioulo da laçada... Tudo o que penso, escapa que nem vento da ideia... E assim, sem poder amarrar a vontade numa coisa só, não tem jeito de botar o "seu Ramalho" pra funcionar... Ah, meu Deus!?... Será que vai me dar a mesma moleza que eu tinha com a Maria Rosa... Só se for mandinga do diacho... Pode ser a alma penada de Maria Rosa, vindo devagarinho, invisível. Só pra dobrar minha macheza... Ai, Maria Rosa desgraçada... Você não me larga... Cadê força pra cumprir com a obrigação... Deixa eu dar uma olhada pela fechadura, talvez assim... Alguma coisa...

227

Vai olhar Minervina, que está acabando de colocar a camisola... Reza.

PROCUSTO: Isso é hora de pensar em reza?... Parece que agora não tem mais jeito... Ô merda!!! Ela ali, esperando e eu aqui, neste "não posso"... Talvez, se eu lembrasse de alguma coisa muito gostosa dos meus tempos de putanheiro... Ah, Joana Paraguaia... Não, a Joana não convém lembrar... Me largou uma pingadeira que deu três meses para curar... Filha da puta!... Com essa, eu acabei de esfriar pro resto da noite...

MINERVINA: *(NA PORTA DO QUARTO)* Procusto... Eu estou bem pronta, te esperando...

PROCUSTO: Já vou indo, meu bem. Estou acertando algumas coisinhas aqui comigo mesmo...

MINERVINA: Venha logo, que a cama está muito fria, eu sozinha nela...

PROCUSTO: Já vou te esquentar.

MINERVINA: (*MINERVINA SE DEITA*) Procusto... Já estou te esperando...

Minervina se deita e espera.

PROCUSTO: "Procusto... Já estou te esperando..." Qual, nem pro custo nem pro gasto... "Seu Ramalho" não quer nada de guerra... Que tristeza... Também, "seu Ramalho" é cheio de dengos e vontades... Basta ouvir uma estória do danado do Prometeu e já fica todo animado... Você gosta de estória, não é, seu safado... Mas hoje não é noite de estória, hoje é noite de inauguração da minha nova mulher... Que puta vergonha... O que é que eu faço?... (*VAI ATÉ À PORTA E OLHA PELA FECHADURA*) Tá quentinho aí, minha noiva?

MINERVINA: Que nada, meu marido... Tá frio que está danado... Venha logo, pra gente se esquentar...

PROCUSTO: Já vou... O que é que eu faço? Só se... Pois é.. Só se... Mas não, aquele vigarista do Prometeu ia contar pra todo mundo que eu fracassei logo na primeira noite... Mas bem que se ele me contasse uma estória safada, daquelas bem animadas, eu... Com certeza... Daí, "seu Ramalho" criava vergonha e se animava... Mas eu não posso. Prometeu é um falador... Pra mim mesmo, ele já contou tantas estórias de gente conhecida... Ah, se eu tivesse certeza de que ele não ia dizer nada... Eu chamava aquele peste pra me contar uma estória... Eu podia era dar alguma coisinha pra ele... Um dinheiro... Ele sempre quis as terras da Mata da Anta, pra fazer uma casa... Se eu desse as matas... Mas as matas são muita coisa pro safado do Prometeu. Mas eu estou que nem bobo... Estou que nem caçador que acuou uma paca e cadê chumbo pra derrubar a bicha... Que nada... Estou mas é pisando o primeiro degrau da escada da má fama... Procusto Ramalho... Esse só mija no pé!... Que tristeza... Quanto mais eu meu preocupo, mais a vontade encolhe e, com a vontade, encolhe tudo... (*VAI ATÉ À PORTA DO QUARTO E OLHA NA FECHADURA*) Minervina, meu bem...

MINERVINA: Fale, meu marido.

PROCUSTO: Olha, vai tirando uma pestaninha aí que eu já volto. Eu deixei uns assuntos na fazenda pra tratar e quero tratar agora... Mas eu já volto, viu?...

MINERVINA: Eu tenho medo de ficar sozinha...
Nunca dormi neste quarto...

PROCUSTO: Não tenha medo não, que eu já volto... Vou só buscar o meu empregado Prometeu pra passar serviço pra ele... Vou num pé e volto no outro... Até já-já, minha florzinha...

MINERVINA: Até já-já, meu amorzinho...

PROCUSTO: Quanto mais a cama esquenta, mais ela fica no ponto... O remédio é chamar o canalha do Prometeu... *(SAI PELA PORTA)*

Fora, som de cachorro ganindo.

PROCUSTO: *(FORA)* Passa daqui, seu cachorro!... Vai dormir longe da minha porta...

POVO: *(FORA)* Viva Seu Procusto!!! Vivooooo!!!

MINERVINA: *(LEVANTA-SE, ABRE A PORTA DO QUARTO E VAI ATÉ À JANELA... FECHA A JANELA)* Ai, minha mãe... Que eu quero, eu quero... Mas que eu tenho medo, eu tenho medo... Seu Procusto me dá medo... Ouvi dizer que quem tem pé grande, tem tudo grande... Olha só o tamanho da bota do Seu Procusto Ramalho... Enfim, tudo tem uma primeira vez... Ai, ele vem vindo... *(CORRE PARA O QUARTO, DEITA-SE E SE COBRE)*

229

CENA 2

Procusto entra pela porta, seguido de Prometeu.

PROCUSTO: Entre, compadre Prometeu.. Temos muito o que falar...

PROMETEU: *(ENTRA METICULOSO, FALSAMENTE PUDICO E EDUCADO, CHAPÉU NA MÃO)* Com sua licença, patrão...

PROCUSTO: Vai chegando... Mas não fale muito alto que Minervina, minha querida esposa, está dormindo... Pois é... Foi uma enxurrada de cansaço. Vai no cartório. Casa na igreja. Festa... Come e bebe... Muita emoção... Caiu dura na cama e dormiu.

PROMETEU: É, só podia ser assim mesmo... Muito tralalá... Muito xeréteté... Muita confusão... Pode acontecer... É raro, mas pode acontecer...

PROCUSTO: O que é que é raro, mas pode acontecer?

PROMETEU: É uma bobagem que a gente sabe, por causa de ter vivido muito... Mas não vale a pena contar... Ainda mais na noite principal do casamento... Daqui a pouco, ela acorda direitinho, e péf...

PROCUSTO: Pois conte o que não vale a pena contar. Conte, porque eu estou mandando. Obedeça ao seu patrão!

PROMETEU: Olha aqui, Seu Procusto Ramalho, eu sou seu empregado pra tomar conta dos peão e tocá as roças... Eu não sou seu empregado pra contar estórias.

PROCUSTO: O que é isso, Seu Prometeu, não se zangue... É que o senhor me deixa preocupado com o que disse sobre raridade...

PROMETEU: É uma coisa que todo mundo sabe...

PROCUSTO: Todo mundo menos eu...

PROMETEU: Pois então o senhor não sabe que mulher, quanto mais cansada, mais confusionada, mais triquetriquiteada... Mais assanhada?... Não me diga que não sabia? Uma coisinha assim, sem valor, que qualquer menino sabe.

PROCUSTO: Não sabia, não... E é verdade, Seu Prometeu?

PROMETEU: Em mil mulheres, pode acontecer de ter uma que seja diferente... Mas é muito raro...

PROCUSTO: Me conte mais... Conte aí uma estória de uma dessas mulheres cansadas e estropiadas na noite do casamento...

PROMETEU: Olhe aqui, Seu Procusto. Eu bem que fazia gosto de contar, mas é que hoje foi um dia de muito trabalho... A peonada e o pessoal da roça se divertiu muito e ainda estão se esbaldando na festa... Mas eu tive que fazer as compras e ajeitar tudo pro seu casamento... Estou arriado... Aguado... Com o perdão da palavra, eu estou mesmo é fodido de uma vez...

PROCUSTO: Pois, se você não me contar a estória da mulher assanhada de cansaço, eu te arrevento o lombo, moleque! Será que você já se esqueceu da surra que eu te dei quando sumiu aquele boi corneta?!

PROMETEU: Eu não esqueci, não... Nem podia esquecer... Até hoje eu sinto uma dor nas costelas por causa das pauladas...

PROCUSTO: Pois então, se lembre bem direitinho de como eu sou quando fico bravo, e abra a cachola pra contar a tal de estória...

PROMETEU: Um dia, eu vou embora das suas terras... Eu juro que, um dia, eu sumo no mundo e nunca mais o senhor vai botar os olhos na minha pessoa... Eu pareço mais um escravo, aqui nesta fazenda, do que capataz... Nem ganhar bem eu ganho.

PROCUSTO: Eu estava até pensando em te aumentar o salário...

PROMETEU: De ouvir falar isso eu já tenho a orelha empanturrada...

PROCUSTO: Pois eu vou te aumentar agora... Pode botar mais quinhentos cruzeiros no teu ganho.

PROMETEU: Será que alguma alma se salvou do purgatório neste instante? Será que isso é bebedeira e amanhã o senhor esquece tudo?

PROCUSTO: Procusto Ramalho nunca esquece do que promete... Vamos lá, conte a estória.

PROMETEU: Assim, de pé?

PROCUSTO: Pode ir sentando... Fique a gosto...

PROMETEU: Assim, sem tomar nada? De goela seca?... Quem é que pode contar um caso como foi aquele da Zélia Descarada na sua noite de núpcias com o Duartino Barbosa, mais conhecido como Judas Iscariotes da Zona do Barro Preto?...

PROCUSTO: Por que ele era conhecido como Judas Iscariotes da Zona do Barro Preto?

PROMETEU: Porque, com mulher, ele começava encarando a situação de frente, mas logo que podia, atacava à traição...

PROCUSTO: Tá esquentando, tá esquentando... Tome aí uma cachaça...

PROMETEU: Eu preferia da outra garrafa... Aquela garrafa fantasiada...

PROCUSTO: Mas, daquilo você não vai gostar... É uísque... Uma bebida de gringo...

PROMETEU: Mas eu gostava de experimentar...

PROCUSTO: Tá certo... (*SERVE NUM COPO*)

PROMETEU: (*BEBE*) Eta prego sem estopa... Desce bem... E dá uma careta bem diversa da careta de cachaça... De onde vem essa maravilha?

PROCUSTO: De um lugar chamado Escócia...

PROMETEU: Ah, sei... Já li a respeito no almanaque do Capivarol...
É um país onde os homens vestem saia... Mas como é
que homem de saia pode tomar um troço tão forte?

PROCUSTO: Não quero falar de homem de saia. Quero que você me
conte a estória da tal Zélia Descarada mais o Judas Iscariotes...

PROMETEU: Pois se o causo da Zélia Descarada quando casou
com o Duartino Barbosa foi conhecido de todos que
souberam dele... Ou seja... Da Zélia, do Duartino e de
mim, Prometeu dos Santos... Isso, porque por causa de
uma aposta que eu tinha feito com uns amigos... Eu apostei
que ficava a noite inteira no quarto dos noivos...

PROCUSTO: E ficou mesmo?

PROMETEU: Se eu não tivesse ficado, quem é que estava
aqui pra contar o causo?... Olha, Seu Procusto, se
atrapalhar meu causo, eu paro por aqui!

PROCUSTO: Continue, continue...

PROMETEU: Então, me estique mais um pouco do tal de visque...

PROCUSTO: (*SERVE*) E como é que foi a noite da
Zélia Descarada mais o Duartino?

PROMETEU: Bom, eu me enfiei num armário que tinha um buraco
e dali dava pra ver tudo o que acontecia... Eu entrei, eles
nem estavam no quarto... Daí, chegaram os dois... A Zélia
Descarada mais Duartino Barbosa, apelidado de Judas...

PROCUSTO: Já sei!... De Judas Iscariotes da Zona do Barro
Preto, porque costumava atacar à traição...

PROMETEU: E não é que o senhor sabe mesmo?... Se já sabe, deve saber
o resto. E se sabe de tudo, não precisa deste humilde artista pra
contar o causo... Boa noite. Boa noite... Eu já vou saindo...

PROCUSTO: Olha aqui, Prometeu, eu não dou mais palpite... Pode
contar o causo sossegado. Eu não digo nem um "A".

PROMETEU: Onde é que eu estava?

PROCUSTO: Dentro do armário...

PROMETEU: Pois é... Eu estava dentro de um armário que tinha um buraco que eu mesmo tinha feito para espiar o que ia acontecer lá naquele quarto, na noite de núpcias da Zélia Descarada mais o Duartino Barbosa, que era conhecido com Judas Iscariotes da Zona do Barro Preto. Porque, quando já tinha explorado bastante o polo norte, passava a explorar o polo sul... Isso, só entende quem tem alguma luz em geografia... Nem um "A"? Pois muito bem... Daí, quando eles chegaram de roupa e tudo certinho... A Zélia foi logo dizendo pro Duartino: "Olha aqui, Duartino, vamos ver se você é bom de cama mesmo... Eu hoje estou que nem queimada de verão em roça de cana... Pois é, não vou descansar de botar fogo enquanto houver uma cana de pé."

PROCUSTO: Eiiii lascaaaa...

PROMETEU: Daí, o Duartino respondeu pra ela: "Pois olha aqui, Zélia, hoje eu estou que nem locomotiva a vapor... Quanto mais fogo na fornalha, mais força eu tomo no embôlo..."

PROCUSTO: É êmbolo...

PROMETEU: Parei...

PROCUSTO: Tá certo, embôlo. Eu já sei o que é...

PROMETEU: Então, a Zélia foi logo tirando a roupa... O Duartino só olhando ela... Com uma fome, que só mesmo abstinência de beato, de meia vida ou mais sem ver mulher...

PROCUSTO: Como era Zélia?...

PROMETEU: Boa pergunta... Convém dizer que a Zélia Descarada era muito magrinha...

PROCUSTO: Ihhh...

PROMETEU: Na cintura... Porque, descendo pelas ancas, formava um redondismo. Era uma égua baia bem criada... Ali tinha muito onde segurar... Coisa bem feita... Umas coxas que eram...

MINERVINA: (*PÔE A CABEÇA NA PORTA E CHAMA*) Seu Procusto... Eu já estou cansando de esperar por sua companhia... Ah, boa noite, Seu Prometeu...

PROCUSTO: Boa noite, Dona Minervina... Eu só estou aqui pegando o serviço de amanhã e já vou saindo... Afinal, esta noite é muito especial... Desculpe...

PROMETEU: Eu já vou indo, minha flor... Eu já vou indo... Vai deitar, vai...

MINERVINA: Venha logo, meu marido... Está tão frio aqui...

PROCUSTO: Já vou indo...

Minervina fecha a porta.

PROMETEU: Não disse que era uma raridade... Pode ir lá, Seu Procusto... Eu vou indo... Que tudo esteja bem certo e direito... Afinal, uma noite assim a gente não aproveita muitas vezes na vida... Digo isto com muito respeito...

PROCUSTO: E as coxas?... As coxas da Zélia
Descarada!... Você estava nas coxas!...

PROMETEU: Estava, mas já não estou mais... Acho que o senhor quer ir dormir cedo, que é pra amanhã estar bem lépido, correndo a roça... *(RI)*

PROCUSTO: Do que é que você está rindo?

PROMETEU: Não estou rindo... Estou sorrindo para o senhor, patrão. Boa noite...

PROCUSTO: Não vai ainda, desgraçado! Me conta o resto da estória!...

PROMETEU: É até uma falta de respeito com sua esposa Minervina, Seu Procusto... Eu aqui contando uma estória boba e ela lá, esperando o senhor pra... Um homem como o senhor não pode ter vontade de ouvir um caso destes, que é só conversa, e deixar sua noiva nervosa, querendo coisa... Desculpe... Mas eu falo essas coisas santamente. O senhor me conhece e sabe que, se existe um homem respeitador, esse sou eu.

PROCUSTO: Ahhhh... Noite amaldiçoada... *(VIRA A CACHAÇA NO GARGALO)*

PROMETEU: Que é isso, patrão... Assim, bebendo, o senhor é capaz de não ter sustança pra dar conta do recado... Assim, o senhor é capaz de perder a pontaria... E olha, patrão, que Dona Minervina é moça virtuosa... Não vai ser "badalo no sino"... Ali, a coisa é mais "linha na agulha"...

PROCUSTO: Pobre de mim... Ai, pobre de mim...
Me ajude, meu amigo Prometeu...

PROMETEU: Ué... Que será que deu nele?... Nunca fomos tão amigos assim... Qual é o mal que lhe ocorre, Seu Procusto?...

PROCUSTO: Eu só conto se você jurar por tudo o que é sagrado, que você não espalha por aí o que me aconteceu nesta noite...

PROMETEU: Olha, Seu Procusto... Negócio entre patrão e empregado é que nem aquela sociedade que o pai fez com o filho... Compraram uma vaca... Daí, o pai disse que era metade de cada um... Então, o pai disse que a parte da frente, onde tinha a cabeça da vaca, era do filho porque a parte da frente da vaca era mais importante... Daí, ficou com a parte de trás, porque era menos importante... E o pai falou que cada um devia cuidar da sua metade... Era um sociedade perfeita... Pela parte da frente, o filho dava torta e ração pra vaca, e, pela parte de trás, o pai tirava o leite e o esterco... Pois é, negócio entre patrão e empregado é sempre assim, sempre tem um que sai perdendo... Portanto, é melhor não me contar nada, assim a gente não faz negócio nenhum... E, boa noite.. Durma bem, Seu Procusto...

PROCUSTO: Não vá, Prometeu!... Eu preciso de alguém para conversar um pouco. Se eu ficar agora sozinho com a Minervina, vai ser um fracasso danado...

PROMETEU: Faça de conta que nem ouvi o que o senhor disse... Porque, se é mesmo verdade o que senhor disse, então as coisas não estão como estão, nem como estavam e nem como estariam... Eu faço de conta que nem ouvi o senhor, Seu Procusto Ramalho, dizer aí que, apesar de ser noite do seu casamento e de ter uma mulher nova e quentinha esperando na cama... Pois é, apesar de tudo isso, o senhor não encontrou jeito de armar o circo... E de circo desarmado, realmente, não é possível... Faça de conta que nem ouvi... Isso, porque o senhor, apesar de me ter dado uma surra de pau por causa de um boi corneta que sumiu... Apesar de ter me desancado com um pedaço de pau... Pois é, apesar do senhor ter sempre pagado uma miséria de salário... Pois é, apesar de tudo, o senhor é um homem de respeito... O que é que o povo da fazenda e dos arredores ia dizer, se soubesse que o famoso fazendeiro Procusto... O homem mais valente e macho que já existiu por estas bandas... Pois é... Que um homem que, de tanta estória contada de suas aventuras, até lenda já virou... O que todos diriam se soubessem que, com tudo ali na chinha... Com perdão da palavra... Brochou...

PROCUSTO: Não pronuncie essa palavra...

PROMETEU: Este verbo, o senhor quer dizer?! Pois não estou nem aqui... Não vim aqui. O senhor nem me chamou pra contar o caso da Zélia Descarada e do Duartino... Amigo é amigo e por isso, eu já me esqueci de tudo... Boa noite...

PROCUSTO: Não saia daqui... Agora, que você já sabe, tem que me ajudar... Prometeu, eu te dou as terras da Mata da Anta se você me ajudar...

PROMETEU: Tocou no meu fraco... Desde a fonte até a margem do rio?

PROCUSTO: Desde a fonte até a margem do rio...

PROMETEU: Só pra mim não falar nada sobre o que eu testemunhei aqui, na sua noite de núpcias?

PROCUSTO: Não é pelo que você pode dizer!... Se eu tivesse medo que você fosse contar para os outros, era mais fácil... (*TIRA O REVÓLVER*) dar um tiro na sua boca.

PROMETEU: Santa Bárbara!... Guarde esse revólver, Seu Procusto!...

PROCUSTO: Eu sei que você não vai falar nada, mas o que eu quero de você é outra coisa... Se você me atender, eu te dou de papel passado a Mata da Anta, desde a fonte até o rio...

PROMETEU: Guarde a sua arma, pelo amor de Deus... Assim, não dá pra gente fazer negócio...

PROCUSTO: Vamos logo, eu não posso perder muito tempo... (*VAI OLHAR NA FECHADURA*) Ela adormeceu... Temos tempo...

PROMETEU: Temos tempo para quê, patrão?...

PROCUSTO: Pra você me contar como foi o entrevero entre a Zélia Descarada e o Duartino Barbosa...

PROMETEU: Patrão, me desculpe, mas eu não estou chegando onde o senhor quer chegar.

PROCUSTO: Você se lembra quando eu ia te procurar de noite na biboca do Comercinho?

PROMETEU: Lembro. O senhor gostava de tomar uma pinga comigo...

PROCUSTO: Pois é. Eu estava casado com aquela jararaca da minha mulher...

PROMETEU: Dona Maria Rosa, que Deus a tenha...

PROCUSTO: E que o Diabo a conserve... Você não sabe,
porque eu nunca contei, mas eu não gostava dela...
Eu tentava, tentava fazer minha obrigação de marido,
mas não tinha jeito... Aí, eu saía e te procurava...

PROMETEU: Pois é, e me encontrava...

PROCUSTO: E, então, tudo mudava de figura...

PROMETEU: Ainda que mal lhe pergunte, doutor... O que é que
mudava de figura quando o senhor me encontrava?

PROCUSTO: Aí eu ficava com vontade... O sangue esquentava nas veias...

PROMETEU: (*SENTANDO NA CADEIRA*) Espera aí, Seu Procusto... Eu
sou é homem... Se o senhor quer me dar as Matas da Anta,
desde a fonte até o rio, em troca da minha dignidade... Mas
onde é que eu fui me meter?... Podia já estar dormindo...
Eta mundo, quanto mais se vive, mais se aprende... Eu vou
embora da sua fazenda amanhã... Amanhã de manhã cedo,
bem cedinho, eu arrumo a trouxa e dou o fora... Quem diria,
hein, Seu Procusto?... Quando a gente estava pensando que
o senhor queria rosa o que o senhor queria era o espinho.

PROCUSTO: O que é que você está dizendo aí...
O que foi que você entendeu?

PROMETEU: Entendi o que era pra entender... É a mesma coisa que
chegar pro boi que a gente vai derrubar com o varejão pra
matar ele e comer, e perguntar se ele entendeu... Eu, hein?...
Eu sou homem, doutor. Não é porque o senhor já me deu uma
surra de criar bicho que eu vou fazer o que o senhor quer.

PROCUSTO: Deixe de ser besta, Prometeu. O que eu disse a você é que,
quando eu estava sem vontade de deitar com Dona Maria Rosa...

PROMETEU: Ia me procurar... Que é isso, doutor? Tenha
vergonha na cara... Além de brocha é veado?

PROCUSTO: Seu filho da puta! Repete isso que eu te dou um tiro na boca!
(*TIRA A ARMA*) Repete, se for homem!... Repete! Seu asno!...

PROMETEU: Pois eu prefiro que me mate!... Eu não gosto disso
não. Antes morto assassinado do que... Enrabado...
Ainda se fosse ao contrário... Mas de jeito nenhum...

PROCUSTO: Cala a boca!...

PROMETEU: Tá calada...

PROCUSTO: Você não entendeu nada... Quando eu ia te encontrar na biboca, era para ouvir as suas estórias safadas... Daí, você contava e eu me aprumava... Ficava em forma pra contentar Dona Maria Rosa... Entendeu?...

PROMETEU: Ahhhh... Vira esse revólver pra lá, Seu Procusto... Agora, eu estou entendendo melhor...

PROCUSTO: O que é que você estava pensando de mim, hein, seu safado?

PROMETEU: O senhor falou de um jeito... O senhor sabe, tem gente que gosta... Mas tem gente que não gosta... Um que não gosta de confundir rachado com brotado, sou eu... Mas, agora eu já sei que não é nada do que eu pensei...

PROCUSTO: Eu devia te dar um tiro, só por causa de você ter pensado mal de mim, seu corno!...

PROMETEU: Corno por que, patrão? Eu nem sou casado...

PROCUSTO: Pois se eu te prometi dar as Matas da Anta, desde a fonte até o rio, foi pra você pegar mais serviço nesta fazenda...

PROMETEU: Mais serviço ainda, patrão?

PROCUSTO: Mas é um servicinho leve, que você vai até gostar de fazer...

PROMETEU: Pois fale! O que é?...

PROCUSTO: Eu agora estou na mesma que eu estava com minha primeira mulher... Tenho uma moça nova, casada comigo no cartório e no altar e, por muita infelicidade... Pois é, eu não consigo...

PROMETEU: O que é que senhor quer que eu faça? Não, não é possível!!!

PROCUSTO: Fale baixo que ela acorda... É claro que é possível... É um serviço como outro qualquer...

PROMETEU: Se é o que estou pensando, já me agrada mais... Mas é muito perigoso o serviço... Vai que um dia o senhor se arrepende... Brabo como o senhor é, patrão, me mandava esfolar vivo... Não vou aceitar, não...

PROCUSTO: O que é que você não vai aceitar?

PROMETEU: O negócio que o senhor está me propondo, patrão. Olha, eu até que fazia gosto em ajudar... É um servicinho até bom demais pra alguém como eu, assim humilde e abandonado pela sorte. Eu sei que muita gente podia achar isso um maná que caiu do céu, mas... Desculpe, patrão, não posso não. Um dia pode estar certo, no outro incerto... Um homem assim brabo, como o senhor. Vai que começa a ter ciúmes de mim. Afinal, não é pra menos...

PROCUSTO: Mas, ciúmes por quê?

PROMETEU: Eu sei que é um gesto muito bonito do senhor, já que não pode agradar a sua mulher, me convidar... Mas eu digo que isso não vai dar certo, porque por mais que eu faça sem gosto... Vai que um dia eu deixo escapar qualquer coisa... A gente pode ser bom profissional até certo ponto... Por favor, não se ofenda, não é que ela me desagrade... E uma coisa eu digo, se fosse a finada Dona Maria Rosa, eu nem estava aqui aguentando a conversa. Não é por estar na sua presença, mas o senhor teve toda a razão de se alegrar com o passamento dela... Mas, já com a Dona Minervina a coisa muda... É jeitosa, mocinha ainda em flor, e eu bem que podia fazer o serviço... Mas eu acho que o senhor, um dia... Não ia gostar...

PROCUSTO: Mas o que é que você botou na sua cabeça maluca, seu idiota? O que é que você pensa que eu estou te oferecendo?

PROMETEU: Tá vendo... Já zangou-se. Imagine depois de tudo o que ia acontecer...

PROCUSTO: Mas não ia acontecer nada... Por acaso você está pensando que eu queria entregar minha mulher para você?

PROMETEU: Por acaso eu estava, sim senhor...

PROCUSTO: (*PEGA O REVÓLVER*) Eu te dou um tiro na boca!!

PROMETEU: De novo!... Ficou louco de novo!...

PROCUSTO: Você, seu nojento! Não se enxerga, não?! Imagina se a minha pura donzela, a minha mulher Minervina ia querer ter alguma coisa com um sujeito horroroso e fedido como você!!

PROMETEU: Que é isso, patrão? O senhor está me ofendendo... Horroroso, está certo, é questão de gosto... Mas fedido, não... Fedido, não!... Eu tomo banho todos os dias com o sabonete Linda Ross... Cheira... Pode cheirar... Em certos lugares, meu apelido é cheiroso...

PROCUSTO: Cheiroso, pra mim, é nome de bode! Você é muito metido!...

PROMETEU: Posso ser horroroso, mas se fosse comigo,
o casamento já estava executado.

PROCUSTO: Cala a boca... Se eu não precisasse de você, juro que te matava... Mas eu não estou em condições de brigar por coisa alguma. Minha noiva ali está, intacta e adormecida, e aqui estou eu, Procusto Ramalho, o homem mais famoso destas bandas, sem poder fazer o que eu tenho que fazer... O que eu quero de você é o seguinte servicinho... Como eu já te disse, a única coisa que me faz ficar pronto para o amor é você.

PROMETEU: Lá vem ele de novo... Rodou, rodou, rodopiou...
E voltou no assunto. Mas por que, oh, meu Deus, este homem tem isso comigo? Me chama de horroroso, mas na hora do aperto, é trequéqué corocócó.

PROCUSTO: Cale a boca, eu te aviso pela última vez!!!

PROMETEU: À força, o senhor não vai conseguir o que quer... Eu sou que nem Joana D'Arc, morro na fogueira mas não mudo o meu caminho...

PROCUSTO: Eu quero apenas que nós sejamos bons amigos, e que você continue contando suas estórias safadas... Sabe por quê? Seu imbecil! Cretino! Porque quando você conta suas estórias, eu fico com o circo armado!... Agora entendeu direitinho?... Pois então, eu explico melhor... O serviço que eu vou te dar é ficar sempre às minhas ordens para contar uma estória safada quando eu tiver que cumprir com minha obrigação de marido... Entendeu de uma vez por todas, você entendeu?

PROMETEU: Entendi mais ou menos... Quer dizer que o senhor gosta é das minhas estórias?...

PROCUSTO: Justamente... Essas suas estórias me deixam no ponto.

PROMETEU: E, pelo que o senhor falou, patrão, vai me dar as Matas da Anta, desde a fonte até o rio...

PROCUSTO: Só para você contar os seus causos safados e me deixar no ponto pra... Você já sabe...

PROMETEU: Quer dizer que o servicinho é deixar o senhor, patrão... Desculpe a palavra, mas... De pau duro?

PROCUSTO: É isso mesmo... Agora entendeu direitinho?

PROMETEU: Ô trabalhinho sujo, hein, patrão?...

PROCUSTO: Sujo por quê?

PROMETEU: Não é por nada, mas fazer isso é a mesma coisa que...

PROCUSTO: Que o quê?

PROMETEU: Que passar a peninha na mangueira no boi... Esperar ficar de acordo e quando o boi é meio bobo tem que levar ele até na vaca... Apontar e empurrar... Comigo, não... Eu sou é gente.

PROCUSTO: Não é a mesma coisa... Contar causo safado é uma coisa que você faz de graça... Toda a hora está contando pra quem quiser ouvir...

PROMETEU: Só que agora eu não estou achando muita graça... Que papel feio... Eu, Prometeu dos Santos... Capataz desta fazenda... Botando o patrão pra cobrir...

PROCUSTO: Te dou as terras da Anta e o aumento...

PROMETEU: Mas o senhor gosta mesmo das minhas estórias, tanto assim?

PROCUSTO: Eu não gosto! Eu preciso!...

PROMETEU: Que sucesso! Se bem que muita gente já me disse que eu devia escrever minhas estórias... Tá certo que são estórias todas verdadeiras, mas eu bem que podia fazer um livro, pegando as estórias verdadeiras e pendurando uma mentirinha aqui, uma sacanagem ali... Um sarrinho do outro lado, um piciricozinho de banda... Talento, o padre me disse, uma vez, que eu tinha talento...

241

PROCUSTO: E você contou estórias safadas para o padre?

PROMETEU: Deus me livre... Para ele, eu conto a vida dos homens santos e dos beatos que, desde sempre, têm caminhado nestes sertões... Eu tenho uma estória para cada momento, Seu Procusto... E tenho muito talento. Não sei se simplesmente a Mata da Anta poderá pagar este talento. Talvez...

PROCUSTO: Talvez, se eu te desse outra surra de pauladas... Talvez, se eu te desse um sova de criar bicho, daí você se contentasse com as Matas da Anta e com o aumento...

PROMETEU: Que é isso, patrão?... Uma mão lava a outra e as duas lavam a bunda. Como dias Lily Galope de Potro Brabo, a que foi chamada de Avião da Zona de Campo Anastácio...

PROCUSTO: Por que Avião da Zona?

PROMETEU: Porque só andava por cima, num galope de potro brabo... Mas dessa eu tenho um causo...

PROCUSTO: Vamos lá, eu quero fechar negócio com você... Você aceita?...

PROMETEU: Já que o senhor me pede com tanta atenção... Já que o senhor vai assinar o papel me dando as Matas da Anta... Já que o senhor precisa mesmo de um herdeiro para os seus domínios... Quem sou eu, mísero e pobre mortal, para me voltar contra a sua vontade... Inda mais que o senhor é o patrão bom e generoso que vai aumentar o meu ordenado em mil cruzeiros...

PROCUSTO: Quinhentos...

PROMETEU: Tá certo, por causa de quinhentos cruzeiros é que a gente não vai brigar. Tá certo, patrão. Aceito o serviço, com uma condição...

PROCUSTO: E qual é a condição?

PROMETEU: A condição é do senhor não contar a ninguém essa sua mania de só ficar de circo armado com a minha conversa... Vai que a moda pega e daqui a pouco vai ter romaria aqui pra fazenda, para mim contar estória para todos os velhos do lugar...

PROCUSTO: Está certo, eu guardarei segredo... E você vai guardar segredo também...

PROMETEU: Mas se eu sou o mais interessado de ficar na sombra... Quando é que eu começo...

PROCUSTO: Agora!... E você, pra dizer a verdade, já tinha começado... Como é que continua a estória da Zélia Descarada mais o Judas Iscariotes? Você estava nas coxas... Vai contando...

PROMETEU: Posso tomar mais um visque? Só para maciar a fala...

PROCUSTO: Pode tomar o resto.

PROMETEU: Pois então. *(BEBE)* Vamos lá... Eu estava no guarda-roupa que tinha um buraco...

PROCUSTO: As coxas!... Como eram as coxas???

PROMETEU: Louco por coxa... Pelo senhor, a galinha tinha quatro patas, não é, patrão?

PROCUSTO: Vamos lá... E as coxas da Zélia Descarada? Como eram... E o resto?

PROMETEU: Vamos por partes... As coxas da Zélia Descarada eram grossas e macias... Daquelas coxas que não tem vão no meio... Quando ela andava, uma raspava na outra: rap rap rap rap. O Duartino estava pra despejar o molho. Ela veio vindo, os dois peitos que eram dois mamão macho balançando... Daí, foi um zapt. O Duartino se transformou em Adão em menos de um segundo... Ela viu o que estava arvorado e o Duartino jogou ela por cima da cama e...

PROCUSTO: Puta merda! Agora foi! (*SAI CORRENDO, ENTRA NO QUARTO*) Minervina... Acorde... Vamos logo...

MINERVINA: Ah... Tenha dó de mim, meu marido.
Eu nunca vi uma coisa destas...

PROCUSTO: Agora você vai ver quem é Procusto Ramalho...
Vamos lá, meu amor... Segura que eu sou um potro selvagem em busca dos campos floridos do teu amor... (*SE EMBOLA NA CAMA COM MINERVINA*)

PROMETEU: Do que é que eu sou capaz e não sabia... Bom, eu espero que o meu patrão Procusto não goste muito da dança... Porque, se gostar... Onde é que eu vou arrumar tanta estória pra contar?... Quem diria que, depois de tantos anos sendo peão, roceiro e capataz, eu fosse um dia tomar outro rumo de profissão... Agora eu sou o que se podia chamar de... Tesão de encomenda.

243

Luz black out.

CENA 3

A luz se acende no mesmo cenário. Minervina está sozinha, acabando de servir a mesa do café. Está muito serelepe.

MINERVINA: *(CANTAROLA)*

Tu perguntas se eu gostei
Se eu gostei do teu amor
Tu perguntas se eu gostei
Se eu gostei do teu amor
Se respondo que não sei
É mentira, meu amor
Mas que dói, dói
Mas que dói, dói
Amor com saudade
É coisa que dói
Mas que dói, dói
Mas que dói, dói
Amor com saudade
É coisa que dói.

PROCUSTO: *(ENTRA PISANDO DURO)* O que é que
está doendo aí, meu benzinho?...

MINERVINA: É uma canção sobre o amor... Um beijo...

PROCUSTO: Como é? Como é que você está nesta manhã?...

244

MINERVINA: Maravilhosamente bem...

PROCUSTO: Quando saí de manhãzinha, você estava dormindo
tão bonitinha que eu nem quis te acordar...

MINERVINA: Se quisesse, podia.

PROCUSTO: Santa Bárbara... Você ainda queria mais?

MINERVINA: Estou errada em querer o amor do meu marido?..
Eu vou querer sempre. Foi como um sonho...

PROCUSTO: Agora você já sabe o valor do amor de um homem
macho como eu... Muito respeito, comigo... E trate de
servir o meu café... Ah, eu preciso fazer uma coisa...
(VAI ATÉ À JANELA E CHAMA) Nhá Zefa, ô velha surda!...
Venha cá, que eu tenho um serviço pra senhora.

MINERVINA: Pra que está chamando a velha Zefa?

PROCUSTO: Você já vai saber...

Entra a Velha Zefa, muito velha.

ZEFA: Bom dia, sinhá... Bom dia, patrão. O senhor chamou a velha Zefa?

PROCUSTO: Chamei sim. Vá arrumar a cama de Dona Minervina...

MINERVINA: Oh, não faça isso!

PROCUSTO: Vamos, Zefa. Vá arrumar logo...

ZEFA: Tá certo, patrão... Vou indo...

*Zefa entra no quarto e tira a roupa de cama.
Antes, dá uma olhada nos lençóis. Ri.*

MINERVINA: Está vendo o que você fez, Procusto...

Ela está rindo, e eu sei de quê.

PROCUSTO: Pois também rio eu... Deixe que ela vá contar que nossa primeira noite foi como devia ser: a de uma mulher virgem com um garanhão selvagem. Deixe que ela mostre as manchas nos lençóis...

MINERVINA: Eu tenho tanta vergonha...

PROCUSTO: Vergonha, que nada! Vergonha seria não ter manchas a mostrar.

MINERVINA: Dona Zefa, por favor, eu mesma lavo estes lençóis...

ZEFA: De jeito nenhum, menina... Pode deixar que isso é serviço meu... Tá feliz, tá Dona Minervina?... Eu acho que está... Se precisar de alguns conselhos, pode pedir que a velha Zefa já passou por tudo isso... Só que faz tanto tempo...
(*RI*) Ih, o senhor, meu patrão, é mesmo o homem mais homem que já apareceu por estes lados... Felicidades!...

PROCUSTO: Pode ir, velha Zefa... Não conte nada do que viu aqui!...

ZEFA: Não conto nada, não... (*RI*)

MINERVINA: Será que ela não vai contar, mesmo?

PROCUSTO: Daqui a meia hora, a vinte léguas daqui já todo mundo vai estar sabendo da nossa grande noite inaugural... Passa o bolinho...

MINERVINA: Que apetite!

PROCUSTO: Apetite de homem...

PROMETEU: (*FORA*) Ó, de casa... Posso entrar, patrão?

PROCUSTO: Entre, Prometeu...

PROMETEU: (*CHAPEUZINHO NA CABEÇA, MUITO ANIMADO*) Bom dia, Seu Procusto. Bom dia, Dona Minervina... Passaram bem a noite?

MINERVINA: Muito bem... Quer café?

PROMETEU: Eu vou aceitar...

PROCUSTO: Não vai aceitar, não, que tem que trabalhar... O que é que você quer?

PROMETEU: Sabe, patrão, eu vim pedir um pouco daquele aumento adiantado, que é pra mim comprar arame farpado pra cercar as minhas terrinhas... As Matas da Anta... Desde a fonte até o rio...

PROCUSTO: Minervina, meu bem... Você quer ir um pouco para o seu quarto, que eu quero discutir um negócio com o Seu Prometeu... Não fica bem a gente falar com os empregados na frente da mulher...

MINERVINA: Quando terminar a conversa, venha me encontrar... No quarto... Eu tenho um segredinho para te contar...

PROCUSTO: Claro, meu bem... Pode ir indo, que eu já vou...

PROMETEU: Danadão! (*DÁ UM TAPINHA NAS COSTAS DE PROCUSTO*)

PROCUSTO: Deixe de intimidades comigo!... Vamos lá, o que é que você está exigindo aí?

PROMETEU: É só um adiantamento, que é pra mim comprar arame farpado pra cercar as Matas da Anta... Não é que eu desconfie do senhor, patrão... Mas é que, bem cercadinha, a minha terrinha fica muito mais a gosto... Danadão! Como é? Eu ouvi Dona Zefa falar que o lençol tá que nem uma bandeira... O que é que minhas estórias não fazem... Quem diria?!

PROCUSTO: Olha aqui, seu cabeça de mamão... Não quero estas intimidades comigo, não!

PROMETEU: Desculpe, patrão, mas ontem a gente estava tão amigo... Lembra da estória que eu contei?...

PROCUSTO: Se você pensa que foi a sua estória que me deixou bom pra cumprir a primeira noite do meu casamento, você é um louco furioso...

PROMETEU: Ah, não foi não? E o que foi, então?

PROCUSTO: Eu estava só um pouco bêbado... A bebedeira passou e eu fiquei como sempre fui... Macho até debaixo d'água.

PROMETEU: Ah, eu sei...

PROCUSTO: O que é que você sabe?

PROMETEU: Pelo jeito, o senhor parece que está querendo desfazer o negócio que tratamos ontem...

PROCUSTO: Que negócio? Então, Procusto Ramalho é homem de fazer negócio com um pilantra como você? Não tem nem teve negócio entre nós...

PROMETEU: Quer dizer que não precisa mais de mim?

PROCUSTO: Nem nunca precisei... Se é que você quer saber de uma coisa... Eu sou mais macho do que você pensa... Dei duro a noite inteira e ainda estou de circo armado pra mais alguma coisa que venha por aí!...

PROMETEU: O que é que uma estorinha não faz...

PROCUSTO: Estorinha qual nada... E olha, se você andar por aí contando mentiras aos empregados da fazenda, eu...

PROMETEU: Já sei... Me dá uma surra de criar bicho...

PROCUSTO: Pois é isso mesmo... E vê se tira da cabeça que eu te dei as Matas da Anta...

PROMETEU: E o aumento?

PROCUSTO: Que aumento?

PROMETEU: Os quinhentos!

PROCUSTO: Eu te dou quinhentos murros na cabeça!... Seu vagabundo!... Trabalhar, você não quer!... O que é que está fazendo aqui?!... Vá trabalhar... Senão, eu desconto do seu salário, metade do ganho, por horas de vagabundagem...

PROMETEU: Já falou tudo, patrão?

PROCUSTO: Já.

PROMETEU: Posso falar uma coisinha só?

PROCUSTO: Fale e dê o fora...

PROMETEU: O senhor tem certeza de que não precisa mesmo de mim?

PROCUSTO: Preciso de que você faça o seu trabalho de capataz bem feito... Isso é que eu preciso...

PROMETEU: Olha, patrão, eu aqui de meu, só tenho o cavalinho punga que eu comprei com meu dinheiro... Se o senhor não faz questão... Será que podia me pagar o salário que me deve? Que é para mim ir embora, já e depressa, pra longe daqui das suas terras?

PROCUSTO: Você é quem está pedindo a conta... Eu não vou te dar mais do que o salário do mês...

PROMETEU: Pois é...

PROCUSTO: Está aí... (*PAGA*)

PROMETEU: Foi muito bom trabalhar pro senhor, patrão, agora pode arrumar outro capataz. Eu, me vou pelos caminhos sem destino, em busca de uma explicação...

PROCUSTO: Que explicação?

PROMETEU: Por que o bem se paga com o mal?...

PROCUSTO: Vá, vá, vá... Vai saindo, vai... E, se alguma vez eu souber que você abriu o bico... Eu te busco onde você estiver e te meto...

PROMETEU: Já sei, Seu Procusto... Uma bala na boca... Adeus...

PROCUSTO: Adeus, uma bosta... Vai saindo, vai...
(*EMPURRA PROMETEU PORTA AFORA*)

Ouve-se o galope do cavalo.

MINERVINA: (*SURGINDO NA PORTA, JÁ MEIO DESPIDA*) Procusto Ramalho... Sua mulherzinha está esperando você...

PROCUSTO: Logo de manhã... Se é assim, o que teremos na hora do almoço?

MINERVINA: A mesma coisa...

PROCUSTO: Meu amor...

Os dois se embolam.

MINERVINA: Ai, meu bem, que forte que você é...

PROCUSTO: Eu sou é o homem mais macho que já existiu por estas bandas.

MINERVINA: Vamos... Como ontem...

PROCUSTO: É já já... Lá se foi o circo!...

MINERVINA: Que circo?

PROCUSTO: Santa Bárbara!... Que loucura!... *(SAI PARA A SALA)*

MINERVINA: O que foi, meu amor?

PROCUSTO: Eu acho que fiz um mau negócio, e acabo de me arrepender...

MINERVINA: O que foi que aconteceu?...

PROCUSTO: *(PELA JANELA)* Belarmino! Arreia meu cavalo que eu vou sair... *(SE ARMA DE UM LAÇO E DE UM ESPINGARDA DE DOIS CANOS)*

MINERVINA: Meu amor, o que foi que aconteceu?...

PROCUSTO: Nada, minha vida... Apenas o safado do Prometeu que fugiu e me roubou um monte de dinheiro... E desarmou meu circo... Mas eu busco ele, nem que tenha criado asa... Prometeu, seu desgraçado, lá vou eu no teu encalço...

249

FIM DO 1º ATO

SEGUNDO ATO



CENA 4

Minervina está na sala, rezando diante do oratório. Velha Zefa está com ela. É noite.

MINERVINA: Minha Nossa Senhora, fazei com que o meu marido volte... Já são três dias e três noites desde que ele partiu para trazer de volta o Prometeu...

ZEFA: Pobre menina... Está com saudades do seu marido, é?

MINERVINA: Estou...

ZEFA: Está sentindo falta dele na sua cama também, não é?

MINERVINA: Se estou... Também, quando ele voltar...

ZEFA: Aproveite, minha filha... É o que se leva desta vida... Ah, eu na minha juventude... Mas, agora, eu não tenho mais divertimento... Quanto foi que o Seu Prometeu roubou do patrão?

MINERVINA: Nem sei o quanto, mas deve ter sido muito... A senhora precisava de ver a raiva que ele saiu...

ZEFA: O Seu Prometeu sempre foi um bom homem, honesto... Pra senhora ver... Um dia, santo e no outro, ladrão...

MINERVINA: Eu estou ouvindo tropel... Deve ser ele... Vá ver se é ele, Dona Zefa...

ZEFA: Já vou indo...

MINERVINA: Minha Nossa Senhora, fazei com seja ele, o meu marido... Nestes três dias e três noites eu não pensei em nada que não fosse nele... Estou louca de amor por ele... É tanto amor, que até pode parecer pecado... Faizei com que seja ele, são e salvo... *(VAI ATÉ À JANELA E DEPOIS ATÉ À PORTA)*

MINERVINA: É ele, com o seu prisioneiro...

Entram Procusto e Prometeu. Prometeu está todo amarrado no laço, puxado por Procusto. Os dois estão sujos e cansados. Quase mortos de cansaço.

MINERVINA: Procusto, meu amor.. Ainda bem que você voltou...

PROCUSTO: Até no fim do mundo eu ia atrás deste peste do capeta!...

MINERVINA: Que coisa feia, Seu Prometeu... Eu sempre pensei que o senhor fosse um homem honesto!

PROMETEU: Que coisa feia, digo eu...

PROCUSTO: Vamos lá, Seu Prometeu... Conforme eu lhe mandei!...

PROMETEU: Dona Minervina... Tudo o que está acontecendo comigo, que a senhora está me vendo assim amarrado, amassado, batido... sujo e danado... Pois é, tudo o que está acontecendo comigo, é só por causa de eu ser um ladrão desgraçado, que não teve nem vergonha de roubar um patrão bom, que nem é o Seu Procusto Ramalho... Homem bom tá aí... Por isso, quero dizer que estou arrependido de ter roubado... Ah, meu Deus...

PROCUSTO: Vamos Seu Prometeu, conte tudo conforme deve... Senão!...

PROMETEU: Já sei, me dá mais uma surra de criar bicho... Ou então, um tiro na boca... Pois é, Dona Minervina... Eu mereço tudo isto... Por isso...

PROCUSTO: Por isso, voltou pra ficar e se arrepender, preso aqui na fazenda...

MINERVINA: Deixe ele ir embora, Procusto meu marido... Já se vingou dele...

PROMETEU: Isso nunca... Vai pagar aqui o que fez aqui... Não é, Seu Prometeu?

PROCUSTO: É sim...

MINERVINA: Mas como é que você vai fazer para prender ele aqui?...

PROCUSTO: Eu já sei bem direitinho como é que vou fazer... *(VAI ATÉ À JANELA)* Belarmino!... Erisgeu!... Venham aqui, que eu quero encomendar um trabalho urgente pra vocês...

PROMETEU: O que é que o senhor vai fazer comigo, patrão?

PROCUSTO: Vou dar um jeito de te castigar, pra você não sumir daqui da minha vista... *(RI)* Ora, seu vou...

PROMETEU: O que será que me espera mais, nesta vida... Oh, grande desgraça!.

A luz se apaga. No escuro ouvimos o Canto do Violeiro.

VIOLEIRO: (*CANTA*)

Sendo um forte e outro fraco
Um que pode e outro que não
Sendo um fraco e outro forte
O destino vira a mão
Mas o forte tem um fraco
Isso muda a situação
Mas o fraco tem o forte
Que equilibra a questão
Mas vamos ver só agora
Procusto e sua invenção
Prometeu Engaiolado
Vai ter a continuação.

CENA 5

A luz se acende. Na sala está armada uma enorme gaiola de passarinho. Procusto experimenta a porta da gaiola, sob o olhar meio assustado de Minervina. Prometeu não está.

253

PROCUSTO: Daqui, o passarinho não foge... De jeito nenhum que ele foge...

MINERVINA: Procusto, vai deixar Seu Prometeu preso nessa gaiola?

PROCUSTO: É o castigo que tenho para ele...

MINERVINA: Mas é uma coisa terrível e desumana...

PROCUSTO: Mais terrível ainda é o que ele me fez.. Ingrato... E depois, eu preciso dar o exemplo... Vai ficar aí preso que nem um passarinho... E só vai cantar na hora certa...

MINERVINA: Vai cantar?...

PROCUSTO: Só quando eu quiser... Agora, eu vou buscar o danado que eu deixei amarrado aí fora... Pode ficar tranquila que ele está bem-vestido... Mande dar um banho nele, também...

MINERVINA: E quanto tempo ele vai ficar preso nessa gaiola?

PROCUSTO: Isso, só Deus sabe... (*SAI*)

MINERVINA: (*OBSERVANDO A GAIOLA*) Meu marido é muito vingativo... Mas, enfim, ele é um homem que sabe o que faz... Mas eu nunca ouvi falar de ninguém que prendesse um ladrão numa gaiola de passarinho... Se não fosse pelo amor que sinto falta, até podia achar estranho o procedimento de Seu Procusto Ramalho. Mas ele é o meu marido, o meu homem... E que homem!

Entra Procusto com Prometeu amarrado pelo pescoço com o laço.

PROMETEU: Boa noite, Dona Minervina... Como tem passado?...

MINERVINA: Boa noite...

PROCUSTO: Não responde a este desabusado... Vamos lá!...

PROMETEU: Vamos lá, aonde?... O que é isso, aí?

PROCUSTO: É a sua gaiola, Prometeu.

PROMETEU: E o que é que eu vou fazer com uma gaiola, se eu não tenho passarinho? E de mais a mais, pra ficar bem nesse gaiolão, só mesmo uma cegonha... Ou mesmo uma ema. Por que é que ela é minha?

PROCUSTO: Porque o passarinho que vai ficar nela é você mesmo...

PROMETEU: Eu?!... Não é possível!... Mas eu não posso nem pensar em ficar dentro de uma gaiola dessas... Eu não sou passarinho...

PROCUSTO: Não era... Eu resolvi que você vai ser meu passarinho de estimação. Vamos, entre na gaiola!...

PROMETEU: Dona Minervina, não deixe ele fazer uma coisa desta comigo. Meu Deus, que humilhação... Que é que os meus amigos vão dizer... Eu, Prometeu dos Santos, numa gaiola, preso que nem passarinho... Não deixe, Dona, eu lhe peço...

MINERVINA: Procusto, meu marido...

PROCUSTO: Silêncio!... Vamos, Prometeu, vá entrando depressa...

PROMETEU: Errei a porta...

PROCUSTO: Entra, vamos, senão...

Prometeu entra e Procusto fecha a jaula e põe a chave no pescoço.

PROCUSTO: Pronto, aí está, Minervina... Prometeu Engaiolado!...

MINERVINA: Não gosto de ficar aqui olhando pra ele... Vou para o nosso quarto... Venha logo, meu marido... Há três dias e três noites que eu o espero. Você nem pode saber das saudades que eu tive...

PROCUSTO: Eu imagino... Vá e me espere, minha mulher... Daqui a pouco, estaremos juntos, no mais delicioso abraço de amor... *(RI)*

PROMETEU: Às minhas custas, desgraçado...

PROCUSTO: O que foi que você falou aí?

PROMETEU: Nada, não. Estava só pensando meio alto...

PROCUSTO: Contente com sua gaiola, Prometeu?

PROMETEU: Quanto tempo eu vou ter que ficar aqui?

PROCUSTO: Vai ficar aí enquanto eu precisar de você...
Você é apenas o meu passarinho de estimação...
Quando eu disser pra você cantar, você canta...

PROMETEU: Cantar o quê?... Eu nem sei cantar direito...

PROCUSTO: O canto de que eu gosto, você sabe bem direitinho... Vai é contar as suas estórias safadas, pra armar meu circo.

PROMETEU: Nunca, jamais, em tempo algum de minha vida eu assim o farei!... Já que eu estou preso mesmo... Não vai poder me obrigar...

PROCUSTO: Você é que pensa... Passarinho que não canta, não come.

PROMETEU: Danado!...

PROCUSTO: *(TRAZ UMA CAIXA)* Olha só... Uísque escocês... biscoitos... Bolachas... Isto tudo é pra você... Claro, se você cantar do jeito que eu gosto...

PROMETEU: Agora eu já entendi tudo, bem direitinho... Se eu canto, o senhor come. Se o senhor come com meu canto, eu como... Mas se eu não canto, o senhor não come... Mas aí, eu não como também... Não tenho escolha...

PROCUSTO: Se você ficar bem bonzinho, um dia eu te solto...

PROMETEU: Então, me solta agora. Eu juro que não fujo... Eu conto as estórias safadas e tudo... Eu juro que não fujo...

PROCUSTO: Nada disso. Por enquanto, você vai ficar é engaiolado mesmo... E vá preparando uma estória pra me contar, daquelas mais safadas que você sabe... São três dias e três noites longe de minha mulher... Ela deve estar pegando fogo...

PROMETEU: Está certo... Isso eu faço, mas me diga só uma coisa... Eu já vi que vou comer e beber, porque o senhor, patrão, me mostrou a comida e a bebida... Mas eu ainda não vi onde é que eu vou... Com perdão da palavra... Descomer o que vou comer... Não vejo nada parecido com um penico ou coisa parecida...

PROCUSTO: Todos os dias, eu vou levar você pra passear... Aí, você faz o que tem que fazer... Depois, volta...

PROMETEU: Uma vez por dia? É pouco... Eu faço pelo menos três...

PROCUSTO: É muito.

PROMETEU: Duas vezes... É o mínimo.

PROCUSTO: Está certo... E tem que tomar banho, para estar sempre “cheiroso”. Não é este o seu apelido, em alguns lugares?

PROMETEU: Era, não é mais. Agora eu sou um passarinho preso nesta gaiola. Que tristeza... (*CHORA*) Que é que eu fiz para merecer este destino malvado...

PROCUSTO: Não chore... Pior que você estou eu, que sem você não funciono... Não vê que o meu destino é muito mais triste? Você devia se envergonhar, Prometeu... Mas, vamos lá, que minha mulher me espera há três dias e três noites... Tome seu uísque, coma suas bolachas e conte uma estória safada... Vamos, Prometeu, está na hora de armar o circo...

PROMETEU: Eu queria mais é sair daqui, pra nunca mais voltar... Também, o meu mal sempre foi este, de falar muito... Se, um dia, eu escapar desta, nunca mais conto estórias, safadas ou limpas, pra ninguém. Que isso só me trouxe aborrecimento... (*BEBE*) Oi bebida danada de boa... Pelo menos isto eu tenho... Gaiola, comida e roupa lavada... Nada mal pra um passarinho.

PROCUSTO: Vamos, me conta lá a estória da Lily Galope de Potro, aquela que era o avião, porque só andava por cima...

PROMETEU: Bom, a Lily Galope de Potro eu conheci na zona de Campo Anastácio... E esta estória foi comigo mesmo que aconteceu... Foi no tempo que eu nem conhecia o senhor, Seu Procusto, nem sua fazenda... Foi no tempo em que eu era livre como um passarinho... Pois é, quando eu era um passarinho desengaiolado... Eu nunca tinha ido naquela zona. Logo quando eu cheguei lá, sentei numa mesa, pedi uma cerveja e fui só olhando pra mulherada... Foi quando eu taquei o olho em cima da Lily... Chamei ela na mesa... Ela veio se rebolando, muito marota... E eu lá...

PROCUSTO: Vai pro quarto logo, de uma vez...

PROMETEU: Assim não dá! Além de tudo, quer mandar na minha estória?!... Eu conto como foi, senão pode me matar com tiro na boca ou dar surra de criar bicho!...

PROCUSTO: Fala baixo, canalha!... Se a Minervina desconfia de alguma coisa, eu te capto.

PROMETEU: E aí, a gente fica quase igual...

PROCUSTO: Eu não sou capado...

PROMETEU: Mas o seu negócio é só que nem enfeite... Só funciona com as minhas estórias...

257

PROCUSTO: Pois é isso mesmo. *(BEBE)* Não me ofende, é a pura verdade.. Vai contando a estória aí... Eu já estou começando a gostar...

PROMETEU: Daí, ela veio na minha mesa e teréteté... Cocorocó... Fui pro quarto com ela. Ela parecia muito mansinha... Era loura...

PROCUSTO: Ela tirou a roupa?

PROMETEU: Se ela não tivesse tirado a roupa, não podia ter acontecido o que aconteceu entre nós... Quer dizer: entre eu e ela... Tirou a roupa e eu fiquei até vesgo, só de olhar pra ela... Muito branca... Os peitinhos eram como duas peras d'água, com as pontas cor de rosa... Tinha a barriguinha bem chatinha... E umas pernas...

PROCUSTO: Como eram as pernas?

PROMETEU: As pernas mais lisas e bonitas que eu já vi na minha vida... Daí eu já estava de Adão, e ela deitou, e eu butucum... Mas no que eu caí por cima dela, ela se revirou e veio de avião, galopando por cima, que nem um potro a galope...

PROCUSTO: Armou! Lá vou eu!... Minervina, meu amor!!! (*SAI
CORRENDO, ENTRA NO QUARTO E SE ATIRA NA CAMA*)

A luz fica só na gaiola.

PROMETEU: Dona Minervina não vai escapar de virar avião nesta
noite... E daqui por diante... O que o destino me reserva?!

Luz se apaga.

CENA 6

VIOLEIRO: (*CANTA NO ESCURO*)

Triste destino o de Prometeu
Tão cheio de penas preso na gaiola
A noite inteira a cama rangeu
Lily do Galope fez mais escola
Dona Minervina virou avião
Foi um pega mata esfola
Que abalou todo o sertão.

*A luz se acende. Prometeu dorme na gaiola. No quarto,
Minervina dorme e Procusto está se vestindo.*

PROCUSTO: Minervina, acorda...

MINERVINA: Já é dia?...

PROCUSTO: Fique dormindo... Olhe, eu vou ter que fazer um negócio
na cidade. Você cuida de não falar muito como o Prometeu.

MINERVINA: Eu tive um sonho tão bonito... Sonhei que era um avião...

PROCUSTO: Não foi sonho, não... Foi verdade mesmo...

MINERVINA: Eu te amo tanto... Não vá demorar na
cidade... Eu estarei esperando por você...

PROCUSTO: Não demoro, não... (*BEIJA*)

MINERVINA: Vem, meu amor...

PROCUSTO: Mas que é isso?... Não tem paradeiro o seu desejo?

MINERVINA: Não, estou morrendo de paixão...

PROCUSTO: Mas agora não pode ser... Guarda o desejo pra mais tarde, quando eu voltar da cidade... (*SAI DO QUARTO PARA A SALA E BATE NA GAIOLA DE PROMETEU*) Acorda, vagabundo...

PROMETEU: Tô acordando... Ai, que dor de barriga...

PROCUSTO: Vamos andando... (*ABRE A PORTA DA GAIOLA*)
Tá na hora de você fazer suas necessidades.

PROMETEU: Estou todo torto de dormir no chão da gaiola...

PROCUSTO: Se você não der muito trabalho, eu vou mandar colocar um poleiro na gaiola. (*RI*) Vamos lá, deixa eu passar a corda no teu pescoço...

PROMETEU: Pode deixar que eu não fujo, eu juro que não fujo, patrão!

PROCUSTO: (*JOGA A CORDA NO PESCOÇO DELE*) Esse Prometeu! Tá laçado, agora vamos fazer as desobrigações. Pode ir saindo que a corda é comprida e eu cuido de sua figura de longe mesmo.

PROMETEU: Está afogando meu pescoço! Quer me matar?

PROCUSTO: Não quero, não. Não ia matar o meu passarinho predileto, que canta os cantos de que eu mais gosto... E cada vez que você canta, aí na sua gaiolinha, Prometeu, o circo arma e eu viro naquilo que sempre fui... O homem mais macho que já nasceu por estas bandas!...

PROMETEU: Deixe eu ir, que estou apertado... (*SAI*)

PROCUSTO: Vai indo, Prometeu... (*VAI SOLTANDO A CORDA*)

MINERVINA: (*ENTRANDO*) Eu tenho muita pena do pobre do Prometeu.. Solta ele, vai, Seu Procusto.

PROCUSTO: Não me chame de “seu” que me envelhece... Não posso, não...

MINERVINA: Mas até onde vai sua vingança?

PROCUSTO: Vai até onde eu quiser, que eu sou o patrão daqui.
E quer saber mais?... Não quero mais falar nisso...

ZEFA: (*ENTRANDO*) Bom dia, Seu Procusto Ramalho...
Bom dia, Dona Minervina.

PROCUSTO: Bom dia, Zefa...

MINERVINA: Bom dia, Dona Zefa.

ZEFA: Estou trazendo um recado do Seu Prometeu... Ele mandou pedir pro senhor soltar um pouco a corda, que senão ele vai ter que fazer no chão, porque não dá pra ele chegar no vaso.

PROCUSTO: (*SOLTA UM POUCO A CORDA*) Tá solto...

ZEFA: Como a senhora está bonita, Dona Minervina...

PROCUSTO: Está mesmo, não é, Zefa?... Mulher bem cuidada está aí... Nada falta pra ela...

ZEFA: Quando será que a gente vai ter notícia que vem aí o herdeiro do Seu Procusto Ramalho?

MINERVINA: Ainda é cedo, Dona Zefa...

PROCUSTO: Olha aqui, não se meta nisso, velha Zefa... Pode estar certa que eu estou cumprindo a obrigação de marido. Se a barriga não cresceu ainda, é porque ainda não está no ponto. Não é, Minervina?

MINERVINA: Me deixa envergonhada.

PROCUSTO: Melhor envergonhada do que sem vergonha. Bom, antes de viajar, eu queria dar umas ordens aqui na casa. Dona Zefa, a senhora me faz o favor de tratar do Prometeu bem direitinho. Na hora do almoço, a senhora serve o que ele quiser, porque eu sou vingativo mas não sou tirano. Pode dar também um pouco de bebida daquela garrafa ali. De sobremesa, dá banana que o meu passarinho gosta de banana.

MINERVINA: Meu marido, por que é que não solta ele, de uma vez. Eu não gosto de ficar aqui na casa, sozinha com ele.

PROCUSTO: E quem foi que disse que você, minha mulher, vai ficar sozinha nesta casa com aquele indecente do Prometeu? Mesmo que ele estivesse com o pé grudado no cimento eu não ia deixar, não. Isso pode comprometer um homem como eu.

ZEFA: Mas se ele está engaiolado, não pode fazer nada... Tá na gaiola, que nem passarinho.

PROCUSTO: Pode cantar... Pode cantar... Deixe comigo, Zefa, que eu sei o que é que devo e o que é que eu não devo fazer. Você arrume lá a sua casa, Zefa, que Dona Minervina vai dormir com você lá na sua casa. Eu saio agora, vou pra cidade, durmo no hotel e, de madrugada, eu já estou de volta. É uma noite só, meu amor.

MINERVINA: Ah, mas eu vou ter saudades...

PROCUSTO: Mas onde é que vai parar tanto amor, meu bem...

ZEFA: Até rebentar...

PROCUSTO: Já ouviu as suas ordens. Pode ir velha Zefa, que eu vou despedir da minha mulher e engaiolar de volta o Prometeu. Diabo de obra que nunca mais termina. Pra desobrar desse jeito, é porque está comendo demais. Vai Zefa, e não se esqueça das minhas ordens.

ZEFA: Sim senhor... (*Sai*)

PROCUSTO: E você, Minervina, minha mulher, se comporte direitinho. Não olhe para homem nenhum, que eu sou o seu marido.

MINERVINA: Mas se eu nem quero olhar pra mais ninguém na vida.... Eu já encontrei o homem que me faz feliz. Ai, como eu gosto... Ai, como eu gosto...

261

PROCUSTO: Calma, Minervina... Calma, que eu preciso viajar... Olha aí a corda balançando. Tá na hora de recolher o Prometeu. Imagine se eu ia deixar você com esse porco aí. Vai que ele contasse alguma estória safada e imoral, que eu sei que ele conta para as mulheres da vida. Você sabe o que é mulher da vida, Minervina?

MINERVINA: As que estão vivas?

PROCUSTO: Nada disso. Mulheres da vida são aquelas que fazem do seu próprio corpo o motivo de ganhar dinheiro.

MINERVINA: O senhor está falando é de puta?

PROCUSTO: Minervina, o que é isso? Onde é que você aprendeu a falar essas coisas. Eu nunca imaginei que você soubesse de uma coisa dessas. Quem foi que te ensinou isso, que eu mato? Fala, Minervina.

MINERVINA: Pois eu digo ao senhor, Seu Procusto Ramalho, que antes de me casar com você eu nunca tinha ouvido isso. Aprendi com o senhor que, em certas horas, me diz: “Seja que nem puta, Minervina! Eu quero que você fique bem descarada... Vira avião, Minervina”. Eu sempre pensei que isso fosse coisa limpa.

PROCUSTO: Bom, é melhor a gente não levar esta conversa muito pra frente. O que você deve saber, Minervina, é que o que eu mando em certa horas, não tem nada a ver com o que você é em outras horas. E até mesmo você, devia fazer de conta que esqueceu o que aconteceu numa certa hora, e não misturar uma hora com a outra. Trocando em miúdos: você e eu lá na cama, é uma coisa. E você e eu, sendo eu o Procusto Ramalho, dono da fazenda e você, minha mulher, futura mãe dos meus filhos... Isso é tudo outra coisa. Entendeu?

MINERVINA: Não.

PROCUSTO: Mas, o importante é que você fique lá na casa da Zefa, para evitar de ficar aqui com o Prometeu, porque ele pode cantar de passarinho umas bobaginhas sujas e você, meu bem, pode ouvir sem querer.

MINERVINA: Seu Prometeu é tão educado... Ele conta estória suja?

PROCUSTO: Você nem imagina, meu bem! É por isso que eu estou castigando ele nessa gaiola. Boca suja está ali. Um antiCristo. Mas, pra você, ele não vai contar as sujeiras dele. E, se alguma vez ele quiser contar alguma coisa, você não ouve. Não ouve, porque ele não presta!

MINERVINA: Então, solta ele. E me deixa ficar aqui na nossa casa, te esperando.

PROCUSTO: Esse assunto de soltar o Prometeu, já está virando teimosia. Não solto, não solto, e não solto, e pronto. Eu vou dar um castigo nele do jeito que tem que ser dado. Ele vai ficar de passarinho, aí nessa gaiola, até eu não precisar mais dele.

MINERVINA: E precisa dele pra quê?

PROCUSTO: Eu não disse que preciso, eu disse que minha vingança precisa desse rebate. Vou recolher o safado... *(VAI PUXANDO A CORDA)*

PROMETEU: *(SURGE CHUPANDO UMA MANGA)* Devagar, patrão... Me esfola o pescoço. Quer um pouco de manga, Dona Minervina?

PROCUSTO: Ela não quer nada, não... Vai entrando na gaiola...

PROMETEU: Quer dar uma chupadinha, patrão?

PROCUSTO: Não gosto de manda...

PROMETEU: Mas acho que um dia ia gostar da estória da Zazá do Piriti, a maior chupadora de manga que o mundo já viu.

PROCUSTO: Tenha respeito, Seu Prometeu, ou eu te meto uma bala na boca...

MINERVINA: Ele não fez nada...

PROMETEU: Não fiz mesmo. Só porque eu falei da Zazá de Piriti, que era a maior chupadora...

PROCUSTO: Cala a sua boca, desgraçado... Entra na gaiola... Vamos entrando, logo.

PROMETEU: Preciso lavar a mão e a boca... Posso ir até lá fora, de novo?

PROCUSTO: Vai, lava e volta... Vai, lava e volta, imediatamente...

PROMETEU: Onde é que eu já ouvi essa frase, meu Deus, onde foi mesmo... Vai, lava e volta? Já vou indo, patrão...

MINERVINA: Pobre do Seu Prometeu... Eu tenho tanta dó dele. Não sei por que tanta vingança. Eu acho que ele não faz nada por mal. Um dia, vai deixar ele ir embora?... Quando será esse dia?

PROCUSTO: Não sei... E depois dessa da “Zazá da manga” aí, é que ele não vai embora, mesmo, antes de pagar por tudo o que ele fez.

PROMETEU: *(RETORNA ENXUGANDO A MÃO E A BOCA)*
Pronto, patrão, estou à sua disposição...

263

PROCUSTO: Entra na gaiola! Olha aqui, seu passarinho safado. Eu vou viajar e só volto amanhã de manhã. Você vai ficar aí, quietinho na gaiola, e Dona Zefa vai te dar comida.

PROMETEU: E quando eu quiser qualquer coisa lá fora, patrão, como é que eu faço? Eu sei, eu chamo Dona Minervina e ela me amarra na corda.

PROCUSTO: Só mesmo se eu fosse uma besta. Se eu deixasse ela fazer isso, você sumia num instante. Nada disso. Dona Minervina não vai ficar aqui na casa. Ela vai dormir quietinha na casa de Dona Zefa... Está entendido? Se você tiver alguma coisa pra fazer lá fora, guarde para amanhã e pronto. *(ACABA DE FECHAR PROMETEU E GUARDA A CHAVE NO BOLSO)* Pegue suas coisas e vamos saindo, Dona Minervina. Eu vou para a cidade, e Prometeu vai ficar cantando na sala, e a senhora vai ficar na casa de Dona Zefa. Quer alguma coisa da cidade, meu bem?

MINERVINA: Quero que volte logo, meu marido. Só isso. Volta logo, que eu não aguento mais de saudade.

PROCUSTO: Mas, eu nem fui ainda...

PROMETEU: Eu queria uma coisa da cidade...

PROCUSTO: Está bem, o que é que o meu passarinho de estimação quer da cidade? Se for coisa pouca e baratinha, eu trago.

PROMETEU: Queria que o senhor passasse na delegacia e dissesse pro delegado que, aqui na fazenda, tem um homem preso que nem passarinho numa gaiola!

PROCUSTO: Eu falo... Eu falo, sim. *(RI, CHAMANDO)* Zefa! Vem cuidar do passarinho... Vamos, Dona Minervina...

Procusto e Minervina saem. Zefa entra.

PROMETEU: Lazarento, desgraçado. Queria que ponte caísse com ele em cima e que morresse de uma vez por todas. Eu, Prometeu dos Santos... Preso, engaiolado e, ainda por cima, obrigado a contar estórias de sacanagem pra endurecer o pau do patrão. Quem diria que, um dia, eu ia chegar nesta profissão. E o pior de tudo, é que ele faz um sucesso danado com a Dona Minervina por causa das minhas estórias... Uma mulher tão gostosinha, que ela é... Gostando de trepar com esse monte de merda!... Se, um dia, ela me conhecesse, aí ela ia ver como é que é que o vento bate no coqueiro...

MINERVINA: *(ENTRA E PROCURA ALGO NO QUARTO, NA SALA)* Seu Prometeu, o senhor viu, por acaso, uma cestinha minha com uns bordados dentro?

PROMETEU: Não vi, não, Dona Minervina. Que eu, aqui preso, não tenho nem vontade de olhar pra fora desta gaiola. O Seu Procusto já foi?

MINERVINA: Já virou na curva da estrada...

PROMETEU: Depois da curva tem a rampa, e depois da rampa a descida, e depois da descida tem a ponte... Deus queira...

MINERVINA: O que é que tem a ponte, Seu Prometeu?

PROMETEU: Nada não, espero que esteja bem segura, assim não tem perigo de desabar por qualquer motivo.

MINERVINA: Seu Prometeu, que estória era aquela que o senhor disse que ia contar pro meu marido?

PROMETEU: Estória? Quem foi que falou em estória?... Eu não falei, não. Eu nem sei contar estória.

MINERVINA: Aquela da Zazá chupadora de manga... Que estória é essa?

PROMETEU: Ah, isso foi uma estória muito triste... Foi uma conhecida minha, muito gulosa, que adora chupar manga... Pois é, uma dia chupou mais que a medida... Pra diante de cinquenta manga espada, teve um bururu e bateu as botas...

MINERVINA: Eu gosto muito de ouvir estória. Desde pequena que eu gosto.

PROMETEU: Pena que eu não sei contar estórias, senão eu contava...

MINERVINA: Meu pai sempre me disse que o senhor, Seu Prometeu, era o maior contador de lorota da fazenda.

ZEFA: Mentira dele... Seu Prometeu é o maior contador de estórias que já se viu por estas bandas. Só que as estórias que ele conta, Dona Minervina... Gente de bem não pode escutar. E vamos saindo porque o patrão não quer que a senhora fique aqui sozinha com o Seu Prometeu... Ele pode contar alguma estória safada...

MINERVINA: Eu estava procurando a minha cestinha, mas não encontrei. Até amanhã, Seu Prometeu... Fique sabendo que, por mim, o senhor não estava nessa gaiola.

ZEFA: Vai indo, Dona Minervina.

265

Minervina sai. Zefa vai até a gaiola.

ZEFA: Ô, passarinho... O que é que vai querer de almoço?...

PROMETEU: Tô com tanta raiva que nem fome eu tenho. Pode trazer só uma carne assada com batatas, e salada de alface com tomate, arroz, feijão e dois ovos e, no ladinho do prato, põe duas bananas fritas, e mais meio pão. Tô ficando triste e sem apetite... De sobremesa, me traz aquele manjar branco tão gostoso que a senhora faz... Traz o manjar, meia dúzia de laranjas e, depois, um bulinho de café. Agora, me estique lá um gole daquela garrafa ali...

ZEFA: Ainda não está na hora do almoço, Seu Prometeu...

PROMETEU: Que é isso, velha Zefa... Eu sei que a senhora gosta de mim... Vamos lá, estique um copinho só, para tentar um pouco, e eu esquecer desta triste sina de ser passarinho com a minha idade...

ZEFA: (*ENCHE O COPO*) Pronto, está aí... A Dona Minervina está meio curiosa pra ouvir as suas estórias...

PROMETEU: Nem pense nisso. Eu nunca ia contar uma estória suja pra uma mulher bonita e boa como Dona Minervina...

ZEFA: Bonita e boa, sim, mas que ela gosta de um treme-treme, ela gosta... Parece que está sempre pronta para essas coisas... *(RI)*

PROMETEU: É natural... É moça, tem saúde... É que você, Zefa, já esqueceu de quando tinha essa idade... Vai ver que você era muito mais acesa que a Dona Minervina.

ZEFA: Punha ela no chinelo... Um dia te conto umas estórias... Vou buscar sua comida... Hoje, eu é que vou tomar conta do passarinho aí...

PROMETEU: Estou mesmo é fodido, Zefa... Se eu tivesse vergonha na cara, tinha é que me matar...

ZEFA: Não faça isso, Seu Prometeu!...

PROMETEU: Não se assuste, não. Porque eu nunca tive vergonha na cara e não era agora, de repente, que ia aparecer.

Luz se apaga.

266

CENA 7

VIOLEIRO: *(CANTA NO ESCURO)*

Passou
O dia foi, a noite chegou
E Prometeu na solidão
Pensando muito não descansou
Na gaiola de sua prisão
E o que ele nunca esperou
Foi de repente, de sopetão
Minervina na casa entrou
Vai na certa é confusão.

Vestida com capa de baeta de boiadeiro escura por cima das calcinhas e sutiã, Minervina entra pé ante pé. Prometeu finge dormir. Ela entra no quarto. Está muito assanhada. Sai para a sala. Procura algo, displicentemente, como quem não quer mesmo encontrar nada. Vai até a gaiola, espia Prometeu, que finge que ronca. Aí, ela vai até a mesa e derruba alguma coisa para que faça barulho. Prometeu “acorda”.

MINERVINA: Desculpe, Seu Prometeu, eu não quis acordar o senhor...

PROMETEU: Mas já que acordou, agora deixa eu dormir de novo, que amanhã o dia é cheio. O patrão volta. Eu tenho que ensaiar aqui uns cantos de passarinho pra cantar para ele. Boa noite, Dona Minervina...

MINERVINA: Eu fiquei sem sono. A velha Zefa dormiu e eu resolvi buscar minha cestinha de bordado, pra fazer alguma coisa pra dar sono...

PROMETEU: Se é que quer saber, a cestinha de bordado está ali embaixo da cadeira... Mais pra lá... Aí mesmo.

MINERVINA: Ah, muito obrigada, Seu Prometeu... Agora, eu já posso fazer alguma coisa que dê sono... O senhor está bem, aí?

PROMETEU: A senhora está brincando, Dona Minervina? Bem, aqui?! Se eu estou prisioneiro nesta gaiola! E a senhora ainda pergunta se eu vou bem?!

MINERVINA: Eu sempre peço ao Procusto para soltar o senhor, mas ele quer se vingar. E depois, eu gosto tanto dele, não posso brigar com ele por causa disso... Se o senhor soubesse que homem que é o Seu Procusto...

PROMETEU: O “meu” Procusto, não... O “seu” Procusto...

MINERVINA: Pois é, o “meu” Procusto... Que homem que ele é... Que falta que ele faz...

PROMETEU: Pois é... Agora, se me desculpa, eu vou dormir, Dona Minervina...

MINERVINA: Seu Prometeu, me conta uma estória, pra dar sono...

PROMETEU: Olha aí o que a velha Zefa vai arrumar na minha vida... Eu não sei contar estórias que sirvam pra dormir, não.

MINERVINA: Eu não conto pro Procusto. Conta, vai...

PROMETEU: Nunca...

MINERVINA: Se o senhor contar, Seu Prometeu, eu juro que faço força pra roubar a chave da gaiola e dar pro senhor escapar...

PROMETEU: A senhora faz isso? A senhora faz mesmo isso, Dona Minervina?... É uma santa... Eu não posso contar uma estória suja para uma santa. O que é que eu faço...

MINERVINA: Conte qualquer uma... (*PUXA UMA CADEIRA*)

PROMETEU: Vai que Seu Procusto chega de repente e me encontra aqui, contando estórias pra senhora. Era capaz de me matar na hora...

MINERVINA: Ainda é de madrugada, ele ainda está saindo da cidade. Vai demorar a chegar aqui. Conte, Seu Prometeu, conte que eu cumpro com o que prometi.

PROMETEU: Deixa ver... Tem a estória da menina do Chapeuzinho Vermelho... Uma vez, uma menina foi visitar a avó...

MINERVINA: Dessa eu já ouvi... Conta outra, Seu Prometeu, das boas... daquelas que meu pai não gostava de ouvir e nem Seu Procusto...

PROMETEU: Não posso, Dona Minervina. Se alguém fica sabendo...

MINERVINA: Conta, se não eu digo pro Seu Procusto que você quis dormir comigo. Eu agora parei com a brincadeira. Vai contando aí, Seu Prometeu, uma estória dessas que o senhor conta pra todo mundo, menos pra mim. O que é que o senhor pensa que eu sou? Eu também sou gente, viu?... Todos me tratam como se eu fosse um nem sei o quê... Pois então eu digo... Conte uma estória pra mim, senão eu invento pro Seu Procusto que o senhor me fez propostas indecentes...

PROMETEU: Oi mundo... Quanto mais eu nado, mais eu vou pro fundo... Está certo, Dona Minervina, eu vou contar uma estorinha pra senhora. Uma estorinha bem do jeito que os safados gostam e as pessoas de bem também gostam, mas falam que não gostam, porque se elas falarem que gostam, então as outras pessoas vão pensar que elas fazem na cama tudo aquilo que elas fazem mesmo. A senhora entendeu o prefácio da estorinha?

MINERVINA: Não entendi muito bem, não.

PROMETEU: Resumindo... Eu vou contar uma estória que eu não devia contar pra senhora, porque a senhora é uma senhora.

MINERVINA: Conte logo, que daqui a pouco raia o dia e Seu Procusto vem por aí...

PROMETEU: Havia um vez, no reino encantado...

MINERVINA: Não quero estória de carochinha...

PROMETEU: Fica firme aí, que esta que eu vou contar não é, não... Espera um pouco, que a senhora já vai ver o tamanho da carochinha. Um dia, no reino encantado, um velho feiticeiro se apaixonou por uma mocinha e, como ele tinha muito dinheiro, ela se casou com ele. Daí, ele, o feiticeiro, levou ela pra morar na casa da fazenda. Acontece que o feiticeiro era muito velho e frouxo. Na noite do casamento, ele não tinha força pra ficar no ponto e executar a donzela...

MINERVINA: O que é “executar a donzela”?

PROMETEU: Desculpe, tem alguma sombrinha? Eu vou deixar mais clarinho. Na noite do casamento, o feiticeiro encontrava-se de pau mole e não podia desvirginar a noiva. Está bom assim?

MINERVINA: Está muito bom, Seu Prometeu. E daí, o que é que aconteceu? Conta, vai...

PROMETEU: Esse negócio de gostar de estória safada deve ser de família... Bom, daí então, o feiticeiro chamou um príncipe, que morava ali ao lado, e disse pra ele: “Príncipe, olha só a minha situação! Eu sei que você sabe contar estórias de sacanagem melhor que qualquer um. Pois conte uma estória pra mim, que é pra ver se me dá sustança, pra poder executar a donzela.”

MINERVINA: Eu já sei o que é executar a donzela...

PROMETEU: Já não está ficando clarinho lá fora, não? Será que o Seu Procusto, daqui a um minuto, não entra aqui? E me mata e mata a senhora também... Ele é tão desconfiado, que pode até pensar que a gente arrumou um jeito de eu sair desta gaiola.

MINERVINA: Daí, o que foi que aconteceu com o príncipe?...

PROMETEU: O príncipe contou uma estória linda, da princesa dos longos cabelos que morava numa torre que não tinha escada nem por dentro nem por fora... E ela estendia os cabelos pela janela da torre e o namorado dela subia pelos cabelos dela e, quando ele pulava a janela e encontrava ela vestida só com os cabelos... Porque ela era muito cabeluda... Daí, ela arrumava uma cama com o próprio cabelo dela e se mostrava toda nua, no meio daquele cabelo que parecia ouro. Então, o príncipe tirava a roupa, ficava nu... Acho que eu esqueci o fim...

MINERVINA: Seu Prometeu, me conte já, eu quero saber tudo... Tudo...

PROMETEU: Em primeiro lugar, vamos acabar esta estória de Seu Prometeu pra lá e Dona Minervina pra cá... Eu sou Prometeu pra você, e você é Minervina pra mim, porque depois que eu contar esta estória, a gente vai ser muito íntimo...

MINERVINA: Está certo, mas conta, Prometeu. Eu quero saber como foi...

PROMETEU: Onde é que eu estava?

MINERVINA: O príncipe estava nu, com a coisa dura...

PROMETEU: Na minha estória, ele estava nu, a “coisa dura” já foi por sua conta. Mas eu concordo... Ele estava com o pau armado e daí, ele se deitou na cama dos cabelos da moça e... Vupt, entrou sem pedir licença.

MINERVINA: Conta mais, conta mais, Seu Prometeu...

PROMETEU: Bom, quando o príncipe contou esta estória para o feiticeiro, o feiticeiro sentiu que tinha recobrado a sustança e viu crescer o circo e correu pra executar a donzela. Mas eu esqueci que ele tinha prometido umas terras pro príncipe em troca da estorinha safada. Daí, o príncipe, no dia seguinte, foi cobrar a paga, que eram as terras da Anta. O feiticeiro não quis nem falar com ele. O príncipe fugiu do reino. O feiticeiro, então, quando foi pegar a noiva de novo, se estrepou de verde e amarelo... O pau não subiu. Então, ele saiu, perseguiu, laçou o príncipe. Botou ele numa gaiola que nem esta, pra contar estória safada pra ele poder comer a mulher.

MINERVINA: E daí?...

PROMETEU: Daí, um dia, a mulher do feiticeiro veio visitar o príncipe que estava preso na gaiola e o príncipe contou a estória da moça da torre pra ela, e ela ficou no ponto e deu pra ele...

MINERVINA: Como, se ele estava preso na gaiola?

PROMETEU: Vem cá, que eu vou te explicar... Vem Minervina, olha só como é que ele fez, sem sair da gaiola nem nada...

Minervina solta a capa, continuando com ela nos ombros, mas deixando ver que ela está só de sutiã e calcinha por baixo. Chega e se abraça a Prometeu. Beijam-se.

PROMETEU: Minervina, como você é gostosa, Minervina!

MINERVINA: Prometeu... Ai, estou apaixonada por você.

Continuam, ele dentro da gaiola, ela fora. A capa cobre o que acontece. Até que Procusto entra. Não acredita no que vê. É o fim do ato sexual, Minervina e Prometeu estão abraçados, exaustos. Ao mesmo tempo em que está louco de ciúmes, Procusto está muito excitado por aquele amor de gaiola.

PROCUSTO: Canalhas! Minervina, sua puta! Prometeu, seu corno, filho de uma boa puta!

MINERVINA: Nossa mãe! É o Procusto.

PROMETEU: Lá vem bala na boca!

Minervina vai se separando de Prometeu.

PROCUSTO: Não largue dele!... Você nunca fez isso comigo, Minervina. E me traiu, ainda por cima, fazendo amor de um jeito que nunca fez comigo. Amor de gaiola, eu nunca tinha imaginado numa coisa tão gostosa. Você estragou tudo... Mas eu quero experimentar isso... Nem que seja pra te matar depois, Minervina. Mas eu quero experimentar esse amor de gaiola. Eu quero tanto, que o circo já está armado, à sua disposição... *(TIRA A CHAVE DO PESCOÇO, ABRE A GAIOLA)* Agora, você vai fazer amor de gaiola comigo, na frente do Prometeu. Depois, eu vou te meter uma bala na boca... Deixa eu entrar... Deixa eu entrar... Agora, Minervina, vem, meu amor, minha puta... Pelo menos, eu quero experimentar como é isso, antes de matar vocês dois...

PROMETEU: E mata com toda a razão...

PROCUSTO: Pronto... Venha agora, Minervina, como fez com ele...

PROMETEU: Vai, vai que eu dou um jeito...

MINERVINA: Eu não quero... Eu não quero mais...

PROMETEU: Vai, sim... Deixe por minha conta...

Minervina vai e, do lado de fora da gaiola, se abraça a Procusto, do lado de dentro.

PROMETEU: (*PEGA A CHAVE, ESGUEIRA-SE, TRANCA A GAIOLA
E PUXA MINERVINA*) Pronto, agora não precisa
mais obedecer ao Seu Procusto Ramalho...

PROCUSTO: A chave!... Filho de uma puta!...
Você me fechou aqui na gaiola.

PROMETEU: Pois, se eu fechei... E a chave vai pro meu pescoço...

PROCUSTO: Me tire daqui! Vamos, me tire já daqui!!!

PROMETEU: Olha, se o senhor fizer um berreiro muito grande, vai chegar
gente pra ver o que está acontecendo. Daí, só mesmo contando a
estória... A gente conta tudo direitinho, não é, Dona Minervina?...

MINERVINA: O que é que eu vou fazer, meu Deus?

PROMETEU: Nada... O que tinha que ser feito, já foi feito... E não tem mais
jeito. Quando ele sair da gaiola, vai querer matar eu e a senhora.

MINERVINA: Me tire daqui que eu te perdo, o
Minervina. Eu juro que perdo...

MINERVINA: Me dê a chave...

PROMETEU: Olha... Ele só quer sair da gaiola.. Não vai perdoar ninguém...
É um corno furioso... Se ele sair da gaiola, mata nós dois na hora...

MINERVINA: O que fazer, então?

PROMETEU: Se a senhora quer, a gente pode fugir... Eu não sou
rico, mas posso sempre arrumar com o que viver...

MINERVINA: Você me leva junto com você, Prometeu?

PROCUSTO: Me tirem daqui!...

MINERVINA: Você me leva?...

PROMETEU: Eu levo, sim... Gostei do seu jeito...

MINERVINA: Mas aonde a gente for, ele virá atrás da gente...

PROCUSTO: Nem tenha dúvida... Nem que seja no
fim do mundo. Eu mato os dois...

MINERVINA: Ai, que desespero... Se a gente foge, ele vai atrás...

PROMETEU: Minervina, agora, nesta hora, eu
pergunto... Você gosta de mim?

MINERVINA: Não sei...

PROMETEU: Pensa bem...

MINERVINA: Acho que posso gostar...

PROMETEU: Então, faz sua mala pra gente ir embora...

MINERVINA: Mas, ele vai atrás da gente...

PROMETEU: Faz a mala, que eu estou mandando.

PROCUSTO: É só o trabalho de caçar vocês por onde vocês forem.. Só escapam de mim se virarem fumaça..

PROMETEU: Cala a boca! Eu disse pra calar a boca... Senão, eu te cutuco com a faca. Olha aqui, Seu Procusto Ramalho, o senhor já me bateu surra de criar bicho. Olha aqui, Seu Procusto Ramalho, o senhor já me enganou, me escravizou e até me engaiolou... Muito que bem... Eu, muito humildemente, levei pancada e mais pancada... Fui desmoralizado, fui feito de boneco de mola, fui o que nunca ninguém quis ser... Mas, agora, chegou num ponto que o senhor está aí na gaiola preso e eu estou aqui fora. Se a gente fica, morre... Se a gente foge, morre... Então, me diga o que é que o senhor, Seu Procusto Ramalho, quer que a gente faça.

MINERVINA: Pronto, peguei as minhas coisas...

PROMETEU: Pode despedir dele...

MINERVINA: Eu não quero...

PROMETEU: Então, Dona Minervina, me espera lá fora que eu já vou... Vai, vai andando e me obedeça, que o grande macho, aqui, agora, sou eu...

MINERVINA: Vou indo...

PROCUSTO: Eu te pego, Minervina!... Eu te pego!...

PROMETEU: Vai, vai... Vai indo, Minervina...

PROCUSTO: Você me paga, Prometeu...

PROMETEU: Não pago, não... Eu até já paguei tudo de adiantado. Agora que ela saiu, vamos falar sério... Eu gostei da sua mulher, viu... Pois é, e vou sair com ela por este mundo de Deus...

PROCUSTO: Se eu pudesse, eu te matava só com o ódio que estou agora...

PROMETEU: Cala a boca, que eu estou falando... E já que não tem outro jeito, eu vou me defender do único jeito que eu posso... Me desculpe muito, Seu Procusto, mas eu sou leão... Não vou querer viver a vida toda com medo de encontrar sua figura...

PROCUSTO: Me solte, que eu te perdoo... Eu juro que perdoo...

PROMETEU: Sua palavra é coisa que há muito tempo não vale nada... Pois é, Seu Procusto, tanto a gente pisa no capacho, que um dia o capacho se gasta e derruba a gente... Toma no bucho, danado! (*ESFAQUEIA PROCUSTO*)

PROCUSTO: (*DOBRA-SE, MUITO FERIDO*) Essa, eu não esperava... Juro por Deus, que essa, eu não esperava...

PROMETEU: Pois é assim mesmo... Foi o caminho que sobrou...

PROCUSTO: Bonito jeito de terminar uma comédia... Essa, eu não esperava... Você estragou tudo...

PROMETEU: Eu não vim aqui fazer comédia nenhuma... Se teve coisa engraçada, muito que bem... Quem riu, riu. Quem não riu, que chore agora.

PROCUSTO: Porra, Prometeu... Era uma comédia... Isso não é fim de comédia... Isso é uma puta duma tragédia...

PROMETEU: Pois foda-se... Seu Procusto bateu o rabo na cerca...

PROCUSTO: Belo fim para uma comédia... (*MORRE*)

MINERVINA: (*ENTRANDO*) O que aconteceu, você não vem nunca?...

PROMETEU: Cala a boca, mulher... Tem um morto em cena...

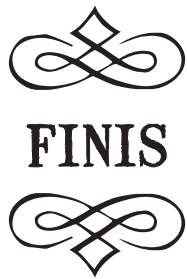
MINERVINA: Foi você?

PROMETEU: Fui eu... Agora vamos sair pelo mundo, penando o peso terrível deste assassinato... Seu Procusto Ramalho já não é mais homem, nem bicho... Que o céu o receba em sua glória...

MINERVINA: Vamos embora então, Prometeu?

PROMETEU: Vamos, mas antes, deixa eu dar uma palavrinha aqui ao pessoal... Olha aqui, gente... O que começa engraçado, pode terminar desengraçado... Eu sei que muita gente está aí dizendo: "Porra, que final pra uma comédia!..." Pois bem, se não querem este final, se não ficaram satisfeitos, só tem um final possível... Seu Procusto!... Seu Procusto!... Pode sair do tipo, que esta comédia acabou...

Procusto sai da gaiola. Os atores vêm para a frente da cena. Apaga-se a luz.



FINIS





GALILEU DA GALILEIA

GALILEU DA GALILEIA

PERSONAGENS

NARRADOR

GALILEU

ROSA MARIA

VICENTE

CARDEAL

ESTUDANTES: ARI, JÓ E BRUNO

TORTURADOR

REI

ZÉ GERMANO

CAGUETA

MONGE

INQUIRIDOR

INQUISIDOR

VIGIA

BRUXO

EDITOR

GARÇOM

ESTUDANTES

CORO DE MONGES

Peça de Cordel, escrita em 1978-1980, resultado dos estudos que levaram à “Trilogia do Cordel”. Elaborada em verso popular, narra as aventuras e desventuras de Galileu da Galileia, que não é outro senão Galileu Galilei.

É uma peça sobre a verdade e o medo. Tudo acontece sob alta pressão política repressiva: de como Galileu volta atrás de suas ideias, publicamente, para salvar sua pele.

É um Galileu brasileiro, com todas as forças e fraquezas de um herói latino.

NARRADOR:

Na esquina do terraço
Com a praça do destino
No limite do fracasso
Com a dor do intestino
Mora o filho de um veio
Que é casado com uma veia
Mora um velho menino.

Galileu da Galileia
Homem que perdeu o tino
Homem que perdeu a ideia
Que engoliu um saposino
Galileu da Galileia
Um terrível assassino
Que apresento à plateia

Pra mostrar que o libertino
Com sua prosopopeia
Apesar de ser franzino
Tinha força na traqueia
Era bruxo e tão ferino
Um só lobo em alcateia
Era mau bom e ladino.

E por esgotada rima
Ponha a história a começar
Atenção no que ela ensina
Se é que ela pode ensinar
Se não pode não aprenda
Siga assim sem se mudar
Mas pelo menos ai! compreenda!
Galileu e seu pensar.

CENA 2

O QUE É MELHOR: NADA SABER,
OU SABER POUCO?

*Entra Galileu na sua sala de alquimia
(Bruxarias e Químicas).*

GALILEU:

Oh, dor de vida assim em mim incrustada
Pior é saber pouco do que não saber nada
No penso que repenso eu gasto noite e dia
No pensamento denso da ciência da alquimia.

O pó da terra as ervas e o murmúrio das catervas
Remexo na vida, balanço no mundo e fervo no tacho
Tentando fazer das dominantes sombras minhas servas
Eu busco e rebusco, cato e procuro e não acho.

Experimentando misturas ao sabor da sorte
Para fugir do medo e descobrir a morte
Eu, se não sou outro... E se outro não for eu
Sou Galileu da Galileia ou somente Galileu.

Por determinação dos azares da vida
Eu acabei por ser conhecido como mágico
Embora a ciência tenho sido a minha lida
O povo me crê diabólico, cínico e trágico.

Contra mim se volta a turba ignara e tagarela
Com se eu fosse o maior cão inimigo
Vejam quando eu abro minha janela
Que provo a vocês tudo que digo.

*Abre a janela e entra o vozerio; jogam coisas como
crucifixos, livros negros, pedras e papiros. Fecha
a janela, mas conserva a mão no trinco.*

GALILEU:

Dizem que eu emprenho mulher só no olhar
Dizem que tenho tratos com Belzebu
Dizem que por arte distante consigo matar
Dizem que voo à noite com asas de urubu
Mas este povo pacóvio fala por falar.

Abre a janela e grita para fora:

GALILEU:

E eu quero que eles vão tomar no seu cu!

Dito isso com as devidas reservas naturais
De um homem de aprimorada educação
Passo em seguida aos quadros fatais
Das cenas que formam esta representação.

GALILEU:

Teremos aqui nesta minha história
Amor, sexo, violência, intriga e miséria
Teremos também: ouro, fama, riso e glória
E tudo o que dá prazer à humana matéria.

Teremos também combates com inimigos
Visíveis, invisíveis, concretos e imaginários
Passaremos por aventuras de mil perigos
Lutando contra: idiotas, santos, imbecis e salafrários.

E, antes que eu me torne em certeza
Ambiguidade, esperança ou dúvida sutil
Gostaria de mandar todos à puta que os pariu!

Não quero ser simpático
Nem que alguém torça por mim
Quero ser melodramático
Do princípio até o fim.

Muda-se o cenário para floresta. Entra o Narrador.

NARRADOR:

Causo primeiro no qual iremos ver a sensação
De Galileu da Galileia usando sua alquimia
Botar fogo no rabo do diabo capeta do cão
Sendo que o demo vem disfarçado de Rosa Maria
Fazendo malemolência, debochando a decência, puxando tesão
Por favor, notem o destino de cada momento agora
Pois quem não pegar o começo, não tem continuação.

*Entra Galileu na floresta com a mão na testa, em
atitude de pensador, muito ensimesmado.*

GALILEU:

Aqui estou eu, nos ermos desta floresta
Onde vim em busca de meditação serena
Para varrer da mente tudo que não presta
O que faz sofrer, morrer e enfim não vale a pena
Na pose de pensador, meditabundo, mão na testa
Eu vou a fundo no enigma do problema
Que a minha alma invade, suja e infesta.

283

*Galileu senta-se numa pedra para pensar. Entra no outro
lado Rosa Maria tomada pelo cão, muito safada.*

ROSA MARIA:

Oh, estou perdida nestes ermos, abandonada
Fugi de casa por medo de meu pecado
Estou sem pouso, sem arrimo, sem morada
Expulsa da casa paterna, aqui me evado
E busco na solidão desesperada
Encosto amigo para o corpo cansado
Mas vejo que encontro aqui, "além-do-nada"
Um homem só em seu pensar assim fechado.

Galileu, fingindo que pensa:

GALILEU:

Quem é que invade assim minha solidão
Sem nem convite, nem pedido, nem chamado
Siga seu caminho, tome sua direção
Não sou monge, nem capado, nem veado
Mas no momento me envolvo em meditação
Estou com o saco cheio de ser atrapalhado
Vai-te embora de repente, oh terrível tentação.

Rosa Maria choraminga:

ROSA MARIA:

Não, não me desprezes oh, viajante!
És minha única luz de esperança
Olha para mim, que já de ti estou diante
Sou só mulher, sou só tristeza, sou criança.

284

Galileu sente o aroma da perpétua:

GALILEU:

Foda-se o mundo e o saber do universo
Foda-se a dúvida que maltrata o pensamento
Cresce em mim neste momento o ser perverso
Me sinto Adão vivendo o Velho Testamento
E da vontade de saber eu me disperso
E me concentro num tacanho sentimento.

*Galileu se volta para admirar Rosa
Maria de todos os ângulos.*

ROSA MARIA:

Se olhas assim para meu corpo eu tenho medo
Sou quase virgem minhas pernas tão fechadas
Do amor não sei senão sonho e segredo
Não tenho em mim ideias sujas e safadas.

GALILEU:

Minha querida, minhas intenções são puras
Pois todo homem que nasceu tem esta sina
Todas as mulheres aceitam tais loucuras
Aceita tu que não és velha nem menina.

Dito isso, Galileu ataca mas logo sente que as luzes tremem e que Rosa Maria está ficando vermelha — percebe a manobra do demo. Rosa Maria é tomada pelo demo. Estertor.

ROSA MARIA:

Vem que eu queimo tal qual uma tocha!
Vem para enfrentar do amor a luta!
Vem senão eu espalho que você é brocha!
Corno manso, veado e filho de uma puta!

GALILEU:

Porra, que já estou desconfiado
Que esta mulher está tomada pelo cão
É ele que me quer bem agarrado
Nas malhas do pecado e da tentação
Para então amargar a minha alma de pecado
E me fazer entrar na eterna danação
Mas tenho pra o cão calmante pra tarado

Galileu faz um gesto e tira dois paus do bolso, arma uma cruz e Rosa Maria se embola no chão gritando. Daí, ele faz um círculo em torno dela com uma fita vermelha e preta e azul e branca — dali não pode sair.

ROSA MARIA:

Pare com isso, pare com isso Galileu
Você leva tudo a sério, eu só brincava
Confesse que eu quase te enganava
Que minha fala até te comoveu.

GALILEU:

A tua fala eu conheço e te esconjuro!
Bicho das trevas, agora eu te peguei!
Trata de abandonar este corpo puro!
Antes que te faça cagar fogo pelo rabo!
Vai embora, eu te expulso e te esconjuro!
Antes que eu te enfie no rabo até o cabo
Um cabo de enxada feito de pau duro!

ROSA MARIA:

Rio de ti, oh, pobre mortal
Não tens poder de lutar contra mim
Só a ela, a este corpo podes fazer mal
Lutarei com você até o fim.

GALILEU:

Oh, criatura que emporca e atenta
Tenho mais armas para lutar nossa guerra
Vamos ver quem é que mais aguenta
Pois quem cansar primeiro come terra
E trago no bolso água benta
Benzida pelo Bispo da Inglaterra.

286

Galileu esparge água benta e Rosa Maria sofre muito.

ROSA MARIA:

Não faça isso, olhe como ela sofre e chora
Não queime assim corpo tão lindo
Tira estas fitas e me deixe ir embora
Que eu aqui nem devia ter vindo.

GALILEU:

Então oh capeta que estás neste corpo de mulher
Escuta bem o que eu te digo e vamos fazer um trato
Se eu te solto vais fazer tudo o que eu quiser
Vais ser meu escravo, meu capacho meu sapato!
Vais lavar roupa cozinhar me dar de comer de colher!
Além de tudo vais ser meu ajudante
Nas magias negras que eu fizer.

ROSA MARIA:

Desculpe muito mas não posso não
Tenho um só chefe e só a ele obedeço
É bode macho o anjo negro o grande cão
Porque se de seu mando eu me esqueço
Ele bota a mim pra sofrer na danação.

GALILEU:

Ele não precisa saber do nosso trato
Virás me ver só quando eu mandar chamar
Te solto agora se assinas um contrato
Aceitando tudo e se botando a me ajudar
Mas se recusas a fazer o combinado
Um banho de água benta vou te dar
E vais ficar portanto bem lavado.

ROSA MARIA:

Não faça isso, eu aceito
Serei teu escravo Galileu
De medos de tais banhos tão fodidos
Clama por mim que virei e com respeito
E atenderei a três dos teus pedidos.

GALILEU:

Então some daqui volta às profundas
Que este corpo volte a sua dona
Me debes três pedidos não confundas!
Quando eu te mandar chamar à tona
Retiro a magia que te cerca
Podes ir lamber de fogo as tristes bundas
Dos pecadores da inférnea triste zona.

287

Rosa Maria gira e cai. Galileu vai a ela.

ROSA MARIA:

Onde estou? O que aconteceu?
Quem é você que vejo a meu lado
A mim um sonho tudo pareceu
E sinto agora, só o corpo tão cansado.

GALILEU:

Foi sonho sim, você aqui adormeceu
Mas não sou sonho sou até um bom rapaz
Me apresento, o meu nome é Galileu
E pergunto o que é que aqui te traz?
Se te traz aqui o mesmo que quero eu
Saiu de dentro Satanás e agora entra Galileu.

Galileu ataca. Luz apaga.

CENA 4 DESCOBERTA DO REBOLADO DOS ASTROS

NARRADOR:

Galileu e Rosa Maria
Tiveram que dar a mão
Ele precisava dela
Pra receber o cão.

Se juntaram de repente
Na cozinha mesa e cama
E na frente de toda a gente
Eram cavalheiro e dama.

Só não foram ao casamento
Porque Rosa não podia
Receber num tal momento
O capeta em qualquer dia.

Sem a santa bênção
Viveram juntos
Um tempão
Treparam juntos
Um tempão
Foram felizes
Um tempão
Até que um dia
Galileu precisou do cão.

*Casa de Galileu — Laboratório e cozinha tudo
misturado — Rosa Maria faz comida e ele faz suas
alquimias — Rosa Maria, contente, canta.*

ROSA MARIA:

Raio de lua, coração saudade
Tanta alegria amor felicidade
Contar estrelas meu sonho
Tanta esperança risonho.

GALILEU:

Vamos parar com a cantoria porra!
Quem que pode ser cientista!
Eu quero que você morra!
Com essa mania de artista!

Preciso das matemáticas ir à forra
Mas tenho em casa a concertista
Cantando na cozinha o tempo inteiro
Vamos parar com a cantoria porra.

ROSA MARIA:

Estúpido cavalo cretino burro!
Metido a merda, metido a besta, metido a prosa!
Só me calas quando me ameaça de murro!
Eu aqui... Eu aqui Rosa Maria!

GALILEU:

Não encha o saco, estou pensando
Em algo que abalará toda a humanidade
Eu pensei desde muito; estou cismando
Que esbarrei no encontro de uma verdade
O Sol não rodeia a Terra circulando
É a Terra quem o rodeia com humildade
O Sol é o centro e a Terra em torno vai rodando.

ROSA MARIA:

Não digas isso Galileu por nosso bem
Se o Papa ouve te manda pra fogueira
Eu faço de conta que não ouvi também
Tal blasfêmia tal mentira tal besteira.

GALILEU:

Um momento... Siga mexendo a panela
 Daquele seu jeito despudorado
 Observem amigos a bunda dela
 Pois nos movimentos existe um recado
 Como é linda a ciência... Oh, como é bela
 Por isso eu sou por ela tão apaixonado
 Mexe mais Rosa Maria, mexe mais nessa panela!

Notem só como ela mexe quente e macio
 A bunda roda de leste para oeste
 Percebam a verdade que anuncio
 Vejam que a colher vai de leste para oeste
 E roda e rebola esta bunda sol de luz sem fim
 E eu planeta louco em curva disparada à volta da panela
 Tolo seria pensar que ela gira em torno de mim
 Quando sou eu que giro em torno dela.

ROSA MARIA:

Galileu quanta poesia você diz agora
 Que mulher tal cantada aguentaria
 Larga o almoço e vem me leva embora
 Para a cama fria de lençóis cheirosos.

GALILEU:

Vamos Rosa Maria você é o Sol e eu sou planeta
 Em roda de ti sempre buscando o calor de teu amor
 E antes que me perca em rimas loucas e outra treta
 Vamos meu sol em busca de calor.

Preciso aprofundar a descoberta
 Que fiz agora neste instante
 Foi por amor que entrevi a porta aberta
 Do segredo do Universo num instante.

Mas antes de me perder na ciência incerta
 De saber dos astros e de seus caminhos
 Vamos ao que é maior que a ciência certa
 Aos transportes do gozo do amor e do carinho.

Narrador entra de mansinho.

NARRADOR:

Devo entreter vocês com um pouco de papo
Porque lá dentro na alcova está a ação
Este jogo que jogam lá dentro não requer sapo
E como dizia o grande rei da Bíblia Salomão
A sua mão esquerda debaixo da minha cabeça
E a sua mão direita abraçando a situação
E tudo mais que o peru louco e a pomba travessa
Tenham fervido no pensamento e na imaginação
Ouçam um pouco que a parede não é tão espessa.

Ruídos de Galileu e Rosa Maria, murmúrios de amor etc.

NARRADOR:

Esta é a mais estranha humana competição
Que vem do início do mundo até Galileu e Maria Rosa
Nesta luta toda mulher sai sempre vitoriosa
E todo homem é vencedor e campeão
É uma guerra, uma luta de quatro costados
E quando acaba a batalha e acalma o coração
Sobram um para cada lado ganhadores e derrotados.

291

Vem Galileu fumando depois... Depois de uma pausa:

GALILEU:

Agora toca a pensar
No mistério do Universo
E chega de verso
Maria Rosa... eu estou com fome.

Rosa Maria entrando dengosa:

ROSA MARIA:

Já vou indo Galileu meu bem
Estou feliz e você está feliz também.

GALILEU:

Vejam o que é a vida surpreendente
Já não sinto mais calor nem frio
Tudo tão morno, nem gelado, nem mais quente
E tudo é tão sutil fino como um fio
O que separa o gente bicho do bicho gente
Conforme esteja o saco cheio ou já vazio.

Batem à porta.

ROSA MARIA:

Ouçã Galileu, batem à porta
Atende tu que não estou vestida!

GALILEU:

Ora, porra, que hora mais torta
para uma visita intrometida
Vai já pra dentro Maria Rosa
Que eu atendo quem veio em busca de prosa.

292

CENA 5 INTRODUÇÃO À LUNETTA

*Galileu abre a porta. Entra o estudante Vicente,
traz esquadro e compassos e régua.*

GALILEU:

Entra, bisonha e inesperada figura
Com seus compassos, régua e esquadros
Pena que já não trago armada e dura
A coisa medir em centímetros bem contados
Mas passemos a coisas mais práticas
Quem és tu oh inesperado inoportuno?!

VICENTE:

Oh Galileu, vim para ser um seu aluno
Quero saber os segredos das matemáticas
E já que sois nisso o mestre, o mestre sumo
Quero tomar contigo as aulas práticas
E das teorias mais certas tomar o rumo
Entrar por dentro das estratégias e táticas.

GALILEU:

Mas que bela cara redonda de paspalho
Eu te asseguro que sou caro pra caralho
Fuçando em busca de sublime conhecimento
Que nas ciências queres fazer carreira
Vá logo sabendo que vou te esvaziar a carteira.

Maria Rosa venha cá um momento
Me traz um cinzeiro o fósforo e o baralho
Que eu e o meu aluno só por divertimento
Vamos jogar uma partida de brincadeira
E fique sabendo que é uma bela aula prática
De combinações arranjos e outras sacanagens
Que servem de base à ciência matemática
Que vieste buscar comigo por estas paragens.

293

*Rosa Maria vem de dentro com o baralho, o fósforo etc.
Vê o estudante Vicente e tem um arrepio de emoção.*

ROSA MARIA:

Ah... Deus meu que belo tipo faceiro
Tem os olhos morteiros nos quais me amarro
Parece gentil, sacana e muito do maneiro
E é lindo como um anúncio de cigarro.

*Galileu vendo os instrumentos matemáticos,
entre eles uma luneta:*

GALILEU:

Como é seu nome, decente?

VICENTE:

Meu nome é Vicente.

GALILEU:

Desculpe a pergunta mas o que é esse rolo?

VICENTE:

É uma novidade, na verdade um objeto meio tolo.

GALILEU:

E pra que serve tal mercadoria?
Vamos diz logo a serventia.

VICENTE:

É um presente que eu comprei pra minha tia
Numa viagem que fiz a Alexandria.

GALILEU:

Deixa ver este cano, mas que uso tem esta bosta?

VICENTE:

Venha à janela olhe por ele e tenha a resposta.

*Galileu vai à janela. Vicente olha Rosa
Maria, que olha para ele.*

ROSA MARIA:

Quer mais café, seu Vicente?

VICENTE:

Não me chame de "seu" Dona... Como é seu nome?

ROSA MARIA:

Maria Rosa ou Rosa Maria é indiferente.

GALILEU:

Incrível, fantástico, extraordinário
Esta merda aproxima qualquer distância
Vou pedir isto emprestado a esse otário
Pois tenho pra isto trabalho de importância.

ROSA MARIA:

Quanto anos você tem na verdade?

VICENTE:

Vinte e dois, estou na flor da mocidade.

ROSA MARIA:

Não quer saber qual é a minha idade?

VICENTE:

Mulher não diz os anos por ter muita vaidade.

ROSA MARIA:

Tenho mais de vinte menos de trinta, pela metade.

GALILEU:

Olha aqui meu querido aprendiz
Vou tomar a tua geringonça emprestada
Tenho uma vizinha que se chama Beatriz
Que tem o costume de dançar pelada
Vou espiar esta noite sua janela
Depois te conto como é a bunda dela.

VICENTE:

Com todo o prazer mestre eu empresto
Pode ficar com quanto quiser.

GALILEU:

Meus parabéns foi um bonito gesto
Agradou seu mestre e também sua mulher
Por hoje a aula está acabada
Pode ir pra casa meu bom aluno
Volte com hora marcada
Vais ter aula com o Ari, o Jó e o Bruno
Diga a tua tia que fique descansada
Vou te deixar sábio serás o suco e o sumo.

VICENTE:

Boa noite mestre, boa noite senhora.

ROSA MARIA:

Venha sempre será bem-vindo a qualquer hora.

Vicente sai. Galileu leva o óculo até à janela. Olha o céu.

GALILEU:

Vamos olhar o céu, olhos no infinito
Vamos trabalhar no silêncio noturno
Olhar o espaço para espantar o mito
Interrogar a Lua e investigar Saturno.

ROSA MARIA:

Anda Galileu, vem para a cama
É tarde estou tão cansada.

GALILEU:

Vai dormir, cara madame
Vou olhar o céu e mais nada.

CENA 6 O CARDEAL CONHECE A LUNETTA

*Cardeal sentado na sala. Maria Rosa
serve uma bacia de pipoca e café.*

ROSA MARIA:

Pronto, Seu Cardeal, aí estão café e mais pipoca
Espero que vossa reverendíssima goste
Vou lá tirar Galileu da sua toca
Dizer que tem visita do senhor preboste.

CARDEAL:

Vá chamar Galileu da Galileia
Diga que venha imediatamente
Preciso dele e de sua ideia
Porque o rei precisa urgentemente
De um invento para pôr na exposição
Que inaugura logo no mês vindouro
E Galileu recebe paga do Estado
Deve fazer algo em troca do ouro.

Rosa Maria vai.

CARDEAL:

Café com pipoca, que delícia
Me faz lembrar a infância distante
Que passei no país da Galícia.

Vem Galileu, vestindo calção, ajoelha-se e beija a mão do Cardeal.

GALILEU:

Bom dia, Vossa Eminência
Desculpe o atraso
E a minha pouca decência
Mas esta noite criei um caso
Não consegui dormir direito
Dormi aos poucos dormi a prazo
E acordei meio mal sem jeito.

CARDEAL:

Precisa dormir cedinho Galileu
E acordar cedo que é bom preceito
Para ser saudável e forte como eu
Que mesmo assim ando com dor no peito.

GALILEU:

Sabe Cardeal, eu descobri que a Terra
Não é o centro do Universo.

CARDEAL:

Galileu, cala sua boca, quer a guerra?
Nunca ouvi dito mais perverso
Como sou teu amigo finjo que não ouvi
Pensamento assim tão adverso.

GALILEU:

Mas eu descobri, por amor e olhando céu
Que o Sol é o centro do sistema eu juro
É preciso descobrir da verdade o negro véu
E dar saber aos homens deste momento puro
É Deus quem dá rumo a quem andava ao léu
E faz diferente o caminho do grande futuro.

CARDEAL:

Cala sua boca, ingênuo, ignorante e incrêdo
No que você fala existe um grande furo
Leia um pouco dos livros sagrados
E vais ver que existe desde sempre um grande muro
Entre o que dizes e os profetas iluminados
E mudando de assunto
O rei quer um invento
Funcione o bestunto.

GALILEU:

Então o Rei quer uma invenção
 Pois muito bem, eu inventei a luneta
 Está aqui Cardeal a nova sensação
 É um invento moderno e porreta
 Que vai tomar toda a nação.

CARDEAL:

E para que serve esta treta?
 É para usar no pé ou usar na mão?

GALILEU:

É para trazer perto a lonjura
 Para aproximar grandes distâncias
 Olhe lá na janela aquela criatura.

O Cardeal se assusta.

CARDEAL:

Oh Deus mas que circunstâncias!
 Este aparelho merece até censura
 O que vejo nele me dá nojo e ânsias.

GALILEU:

Olhe para o céu e verá até os anjos
 Olhe para o mar e verá os navios inimigos
 Verá até a cara dos marmanjos
 E isso diminuirá da guerra os perigos!

CARDEAL:

O Rei vai gostar disso, ora se vai
 É uma grande invenção Galileu!
 O Rei vai gostar, ora se vai.

GALILEU:

E o que ganho a mais eu?
 Estou quase passando fome Cardeal.

CARDEAL:

Não seja materialista, parece um ateu
 A nossa alma e não o corpo é o principal.

GALILEU:

Fala com o Rei, fala com o Papa
 Eu quero um aumento de salário.

NARRADOR:

Galileu se passou por inventor das lunetas
Porque precisava ganhar a vida para estudar
Seguiu observando no céu estrelas e planetas
Vendo que tudo aquilo dava muito o que pensar.

Então Galileu traçou as linhas do seu teorema
E fez contas de regra de três e de multiplicar
E assim provou que o Sol é o centro do sistema
E que a Terra em volta dele está sempre a girar.

Daí comprou uma esferográfica no empório
Mandou embrulhar uma resma de papel ofício
E se trancou no seu pobre escritório
Escrevendo dia e noite com muito sacrifício.

Quem não gostava muito era Maria Rosa
Que acordava à noite com certas vontades
Mas Galileu imerso na escrita não dava prosa
E ela calava pra não dizer umas verdades.

Galileu só parava de escrever quando tinha aluno
Aí dava sua aulas para ganhar um pouco mais
Mas quase sempre perdia o prumo
Por perceber que menos Vicente os outros eram boçais.

299

CENA 7 AULA: ATRAÇÃO GRAVITACIONAL

*Aula aos quatro alunos: Ari, Jó, Bruno e Vicente.
Galileu entra e demonstra sua teoria.*

GALILEU:

Hoje vou falar da minha nova teoria
E para começar faço uma boa pergunta
Para você Ari, você Jó, o Bruno e o Vicente
Pergunto a toda essa quadrilha junta
Se o Sol vem do nascente e morre no poente
Como é que ele se move em torno da Terra?

ARI:

Eu penso que é porque assim mandou o Papa
A Terra fica parada e o Sol roda cercando.

JÓ:

É isso aí meu bom, meu caro chapa
Eu também estou concordando.

BRUNO:

Bateu e disse está na Bíblia ninguém escapa
A Terra amarrada no meio e o Sol se rebolando.

GALILEU:

Mas agora vejam, considerando
Este exemplo que eu vou dar
Deixe que eu pegue uma roupa qualquer.

Galileu pega roupa em uma cesta.

GALILEU:

Segure uma ponta Vicente e eu seguro também.

300

A roupa é uma calcinha de Rosa Maria. Estudantes riem.

GALILEU:

Digam aí suas fôrmãs de fazer burros
O que é que tem de engraçado na demonstração
Quietos. Senão para ensinar eu vou dar murros
Até amaciar as mentes que vivem em inanição.

VICENTE:

Mestre veja bem por que eles riem, na minha mão
Olhe a peça que me deu para exemplificar.

GALILEU:

Mas o que é isso, meu Deus que confusão
Como é que eu fui logo essa peça pegar.

*Entra Rosa Maria e puxa a peça da
mão de Vicente, com raiva.*

ROSA MARIA:

Vejam só até onde vai a ciência
Um verdadeiro esculacho
Uma grande falta de decência
Usando minha íntima roupa de baixo.

Estudantes riem. Galileu bronqueia.

GALILEU:

Vamos seus caras de pau hoje acabou a lição
Vão para casa ou para o raio que os parta
Vão se mandando para não perder a condução
Vamos ver... Hoje é segunda, voltem na quarta
Estudem em casa para chegar a uma conclusão
Desenhem tudo, façam do céu a grande carta.

*Estudantes saem. Vicente olha Rosa Maria, que esconde
as calcinhas atrás das costas, envergonhada.*

ROSA MARIA:

Bonito, seu sacana descarado
mostrando minhas calças para o povo.

GALILEU:

Eu peguei desavisado
Nunca faria isso de novo.

ROSA MARIA:

Vicente foi tão delicado
Ficou até sem jeito
com o rosto ruborizado.

GALILEU:

Eu acho ele meio suspeito
Será que ele não é veado?

ROSA MARIA:

Só porque ele é um moço direito
Você fica assim desconfiado.

GALILEU:

Por que é que defende o sujeito
Já estou ficando invocado.

ROSA MARIA:

Ele sempre me teve respeito
Porque é muito bem educado.

GALILEU:

Eu sei que ele é um Deus perfeito
E eu sou o demônio encarnado.

ROSA MARIA:

Você fala é por despeito
Porque ele é alinhado.

GALILEU:

Você me deixa muito insatisfeito
Será que ele já é seu namorado.

ROSA MARIA:

Galileu, essa não. Eu não aceito
Que pensamento mais sujo e malvado.

GALILEU:

Ah se eu te pego com aquele sujeito
Ele sai daqui de saco recortado.

ROSA MARIA:

Você fala assim tão contrafeito
Porque não dá mais conta do recado.

GALILEU:

Rosa isso não é direito
Eu ando é muito cansado.

ROSA MARIA:

Pois descanse esse é o jeito
Agora vou ao mercado.

GALILEU:

Me compra um remédio pro peito
Eu ando meio adoentado.

ROSA MARIA:

Você caiu muito no meu conceito
Vicente não é bicha nem veado.

GALILEU:

Saia logo eu vou ao leito
Vou descansar um bocado.

*Rosa Maria sai. Galileu pega as calcinhas dela.
Olha, acaricia, beija, cheira e chora:*

GALILEU:

Rosa ai Rosa Maria
Será que ela gosta do Vicente
Rosa ai Rosa Maria
Eu estou ficando doente
Deixa eu ver onde vai ela
Cadê a bosta do canudo.

Galileu pega a luneta.

GALILEU:

Vou olhar desta janela
Vou seguir ela por tudo
Ah lá vai a minha Rosa bela
Com sua saia de veludo
Esta merda não funciona
Quero ver mais distante
Quero vigiar a cafona
Antes que ela me espante
Preciso melhorar esta sanfona
Pra seguir a minha amante
Senão ela acaba na zona
E eu um corno ambulante.

Galileu começa a tratar de desmontar a luneta.

Entra o Narrador.

NARRADOR:

E Galileu foi levando a vida
Inventando o já inventado
Pra defender casa e comida
Enquanto escrevia seu tratado
Passava as noites manejando a pena
Filosofando e cortando um recortado
Provando que o Sol domina o sistema
Dando aos homens um novo recado
Mas o Rei estava cagando pra tanta filosofia
Inventos para a guerra e pra vender é o que ele queria
Por isso mandou fazer uma grande festa em certo dia
Chamou o fogueteiro Raimundo e a banda do Romeu
Chamou todos na praça, o povo todo e até eu
E pra festejar a luneta fez uma homenagem a Galileu.

304

REI:

Com esta nobre doura e bela invenção
Será mais fácil combater os inimigos
Que vierem atacar nossa nação
Meus parabéns Galileu oh cientista
Porque descobriste um invento caralhal
Deus proteja sua alma de artista
E vamos brindar este invento imortal.

GALILEU:

Sua majestade eu agradeço
As belas palavras que me dedicou
Este dia eu juro que jamais esqueço
Porque pra mim muito representou.

CARDEAL:

E agora que toque a banda do Romeu
Em homenagem à inauguração desta luneta
A Igreja te agradece Galileu
Vamos Romeu, toca a trombeta.

A banda toca.

NARRADOR:

Mas enquanto Galileu recebia
Em meio a toda aquela gente
A mais excelsa honraria
Na sua casa o estudante Vicente
Em companhia de sua mulher Rosa Maria
Ali os dois sós e frente a frente
Tramando com toda a ousadia
O de sempre nem igual nem diferente
Que fazem a qualquer tempo noite e dia
O que ensinou a Adão e Eva a serpente
Vicente suava e Rosa respondia.

VICENTE:

Se Galileu descobre me corta o saco
Eu sei que ele te ama demais.

ROSA MARIA:

Galileu anda ficando fraco
E eu te amo como a ninguém amei jamais
Vamos fugir juntos e vivermos no sossego.

305**VICENTE:**

E aí que eu paro, breco e empaco
Ainda vivo a custo de meus pais
Eu nem ao menos tenho um emprego.

ROSA MARIA:

Então vamos nos encontrar aqui em casa
Quando não estiver por perto o cientista.

VICENTE:

E logo que eu puder a gente se casa
Fugimos juntos damos o fora fazemos a pista.

NARRADOR:

E Vicente e Rosa por baixo do pano
Fizeram muita da sem-vergonhice
E Galileu entrou pelo cano
E a vizinhança no disse me disse.

Galileu estava muito satisfeito com a homenagem
Isso garantia seu emprego por mais um ano
Por isso, resolveu beber só por sacanagem
Foi no botequim do Zé Germano
E mandou vir toda a beberagem
Logo ficou como o diabo gosta
Falando mais que uma vitrola.

CENA 10 BOTEQUIM, ONDE SE FALA DEMAIS

306

Botequim

GALILEU:

Enche o copo Zé Germano
Hoje eu vou beber de graça
Estou feliz a todo o pano
Por causa da festa na praça.

ZÉ GERMANO:

Aqui ninguém me dá o cano
Vais pagar tua cachaça.

GALILEU:

Mais respeito carcamano
Vamos enche a minha taça
Quero beber por um ano
Quero lotar a carcaça.

ZÉ GERMANO:

Mas o que foi que vendeu ao Rei
Eu não entendi aquele assunto.

GALILEU:

Foi um belo invento que bolei
Me dá um sanduíche de presunto
Mas importante é que eu achei
No Universo um novo assunto
Que envolve toda a Humanidade
Zé Germano capricha no presunto
Sabe eu descobri uma verdade
Que vai mudar o rumo do planeta
Isso sim é que é felicidade
Não esta bosta de luneta
Isso sim é que é verdade
Não esta bosta de luneta
Amigos da nossa cidade
O mundo novo vive o mundo velho morre
Sou eu Galileu da Galileia quem jura
Não pensem que eu estou de porre
Eu mudei a vida de toda a criatura
Descobri que o Sol é o verdadeiro centro
De tudo que existe lá no firmamento
A Terra em roda dele rebola a cintura
O Sol é o centro este é meu juramento
Vou mudar até a Santa Escritura.

CAGUETA:

Meu caro cientista um momento
Eu estou muito interessado
Traz mais um copo Zé Germano
Quero beber junto com tal talento
E ouvir dele seu novo tratado
Que contraria a voz do Vaticano
Sua ideia vem como um pé de vento
Mexer com tudo que estava parado
Fala mais oh meu portento...

GALILEU:

É isso mesmo meu prezado amigo
A Terra é uma bostinha à toa
Escuta bem porque sou eu que te digo
Estamos todos na mesma canoa
Canoa que em círculos navega
Em torno do Sol brilhante
Pode deixar eu estou numa boa
Quero ver quem é que nega
Esta ideia nova fulminante.

CAGUETA:

Como é seu nome meu gênio galante
E o teu endereço eu quero anotar
Vou te mandar um bom vinho frisante
Para sua ideia eu homenagear.

GALILEU:

Meu nome é Galileu da Galileia
Moro na Rua Mondolfo de Arruda Marinho
Se te faz bem eu aprovo a ideia
Manda pra lá uma caixa do seu vinho...

CAGUETA:

Me dá a conta seu Zé Germano
Eu pago tudo o que ele bebeu
E vou mandar vinho do Vaticano
Para o grande sábio Galileu.

NARRADOR:

E Galileu bebeu bebeu caiu e dormiu
Sonhando com seu livro e a glória
O homem do vinho de manso saiu
E foi ao Papa caguetar a história
Depois Galileu voltou pra Rosa Maria
Carregado e bêbado pra danar
Dormiu a noite e mais todo um dia
Acordou e foi trabalhar.

CENA II PRISÃO DE GALILEU

GALILEU:

Rosa Maria me dá café
Estou com um gosto ruim na boca
Nunca mais bebo, não dá pé
Não sei por que a bebedeira louca
Preciso meu livro escrever
Um cientista não dorme de touca
Minha teoria o mundo há de conhecer.

Batem à porta.

ROSA MARIA:

Quem será a esta hora?

Rosa Maria abre a porta e entram os monges.

MONGE:

Sou eu minha senhora
Está em casa Galileu?

GALILEU:

Pode entrar, aqui estou eu
Não deixa a visita fora.

MONGE:

Não toque em nada
Fique aí parado
Viemos dar uma espiada
Neste seu trabalho
Não fique espantado
Aqui está um mandado
Uma carta assinada
Pelo maior prelado
Da religião sagrada
Você foi apontado
Por um camarada
Como herege revoltado
Vamos dar uma olhada
No que você tem anotado.

GALILEU:

Mas seu monge isso é invasão
Eu tenho que me queixar ao Rei que é meu amigo
Tenho direito à minha solidão
E nesta casa da lei estou ao abrigo.

MONGE:

Você está criando confusão
Venha Galileu, venha comigo
Estou te dando voz de prisão
És da Igreja um grande inimigo
Pegue só umas roupas e um calção
Esses seus escritos vão comigo.

ROSA MARIA:

Meu Deus que triste situação
Não vou deixar levar o meu amigo.

GALILEU:

Rosa, não faça isso não
Eu vou e volto pra ficar contigo.

NARRADOR:

Por ter falado mais do que devia
Galileu acaba entrando pelo cano
E na tarde infausta de um maldito dia
Dum século negro de um triste ano
É convidado a deitar falação
Para os sábios lá do Vaticano
Donos das leis e do poder humano
Representantes da Inquisição
Agora é a hora da onça beber água
E de Galileu cortar o recortado
São gente dura que não arrefece
Não vale choro reza pena ou mágoa
E Galileu tem que ter cuidado
Porque essa turma é do dá ou desce.

INQUIRIDOR:

Galileu da Galileia
Nos responda por favor
De onde tirou essa ideia
de ofender Nosso Senhor.

CORO:

Galileu da Galileia
Nos responda por favor
De onde tirou essa ideia
de ofender Nosso Senhor.

GALILEU:

Se ofendi Nosso Senhor
Eu não sei nem tou lembrado
Me responda meu senhor
Do que sou acusado.

INQUIRIDOR:

Te acusamos de heresia
De porca literatura
De falsa sabedoria
Contra a Santa Escritura.

CORO:

Te acusamos de heresia
De porca literatura
De falsa sabedoria
Contra a Santa Escritura.

GALILEU:

O que eu disse está falado
Já provei em prosa e verso
Que o Sol brilha plantado
Lá no centro do Universo
E Terra é pequenininha
E nós somos pigmeus
A façanha não é minha
É milagre do meu Deus.

INQUISIDOR:

Escutaram meus irmãos
A palavra da anarquia
Galileu eu lavo as mãos
E te acuso de heresia
A resposta já foi dada
E a nós já satisfaz
Sua ideia está marcada
Pela mão do Satanás.

CORO:

Escutaram meus irmãos
A palavra da anarquia
Galileu eu lavo as mãos
E te acuso de heresia
A resposta já foi dada
E nos já satisfaz
Sua ideia está marcada
Pela mão do Satanás.

GALILEU:

Deus na sua divindade
Grande limpa eterna e pura
Nos ensina que a verdade
É mais sagrada que a Escritura.

INQUISIDOR:

A Sagrada Escritura
É a verdade que Deus nos deu
Abram a sala de tortura
Pra mostrar a Galileu.

CENA 13 TORTURA

A sala de tortura.

NARRADOR:

Galileu foi muito macho
Não foi fraco fresco e frouxo
Não nasceu pra ser capacho
Um homem do saco roxo
Vamos ver o seguimento
Desta bela aventura
Que tem seu prosseguimento
Numa sala de tortura
Ai ai ui ui...

Torturador mostra os aparelhos a Galileu:

TORTURADOR:

Bem-vindo ao meu humilde laboratório
Sei que é um homem de ciência e eu também
Já o conheço de fama e do falatório
Estou bem certo que vamos nos dar bem
Como vê por meus aparelhos livros e mapas
Pode entender que passo a vida estudando
Não é fácil saber os segredos da dor
Estudo psicologia, física e anatomia
Pois só assim posso exercer com eficiência
Minha profissão que é de grande valia

313

Para que no mundo reine a decência
 Pois Deus e sua Escritura são nosso guia
 Como vê aqui temos de tudo
 Estamos perfeitamente aparelhados
 Para dobrar a espinha de um homem de estudo
 E para fazer ver a verdade um pobre coitado
 É curioso mas às vezes uma ferramenta como esta
 Observe como é bruta, feia assustadora
 É uma coroa que esmaga a testa
 A cada volta que damos neste parafuso
 É curioso como uma pessoa modesta
 Resiste a tudo em seu mais forte uso
 E um homem de espírito ao primeiro aperto
 Mistura ideias fica tão confuso.

TORTURADOR:

Mas se resiste eu encontro o ponto fraco
 E mudo o jogo. Veja esta ferramenta
 É um punho de ferro para apertar o saco
 Esta experiência quase ninguém aguenta
 Mas o meu segredo consiste em ir aos poucos
 Sem pressa alguma devagar em forma lenta
 Se tiver pressa deixo os clientes loucos
 Se ficam loucos não podem mudar a razão
 O que acha da minha opinião.

GALILEU:

Não sei o que quer dizer com isso
 Mas adivinho toda sua intenção
 É seu trabalho, seu triste serviço
 Eu tenho nojo da sua profissão.

TORTURADOR:

Eu também, eu também Galileu
 Confesso eu queria plantar rosas
 Ninguém tem mais nojo disto do que eu
 A vida tem coisas mais gostosas
 Mas é o destino que Deus me deu
 Alguém tem que exercer a missão santa
 De fazer cumprir a lei da salvação eterna
 Alguém tem que criar o medo que o pecado espanta
 Para que reine na Terra a paz e não baderna
 E você, Galileu, trocou o Sol pela Terra
 Lançou nos livros esta ideia tão moderna
 Talvez sem saber o mal que ela encerra.

GALILEU:

Não acredita que isso possa ser verdade?
Não aceita duvidar de toda a história
Que a nova ideia possa dar à Humanidade
Novos caminhos para Deus e sua glória
Deus deu ao homem a graça da liberdade
Para ter sobre a natureza sua vitória.

TORTURADOR:

Vamos Galileu chega de brincadeira
Se eu duvidasse não estaria neste emprego
Ia plantar couves pra vender na feira
Já te mostrei o que era pra ver
Mas falta uma coisa: a fogueira
Vem Galileu, vem conhecer.

Torturador leva Galileu até à fogueira armada.

GALILEU:

Já vi muita gente ser queimada
Vocês fazem isso a toda hora.

TORTURADOR:

Galileu você não sabe de nada
A fogueira é outra coisa de dentro para fora
Vamos, entra aí dentro só para sentir
A sensação de ser sacrificado
E imagina:
Milhares de pessoas a assistir
O seu corpo ser assado
E cada um deles sentindo contigo
Queimar dentro de si cada pecado
A fogueira mais que castigo
Serve de exemplo ao povo assustado
São lições assim que desde o tempo mais antigo
Aos homens todos do mundo mais comoveu
Se for queimado diante de toda a população
Podes ter certeza podes mesmo Galileu
Será queimada em cada um a ideia de revolução.

GALILEU:

A fogueira não destruirá a minha razão.

TORTURADOR:

A razão Galileu para o povo
É a palavra de Deus e o pão
E agora fique à vontade de novo
Vou dar muito tempo para meditação
Espero que encontre logo a verdade
Me chame quando encontrar uma boa razão.

CENA 14 A SEGUNDA VISITA DO DEMO

A visita de Rosa Maria e o segundo pedido ao diabo.

NARRADOR:

Três dias e três noites
Galileu ficou na masmorra
Ouvindo os gemidos e açoites
Foi aí que recebeu a visita
De Maria Rosa sua mulher.

ROSA MARIA:

Galileu que saudade
Te fizeram mal, conta tudo
Falam de você em toda a cidade
Dizem que foi muito peitudo.

GALILEU:

Você trouxe o jornal?
Quero saber o que dizem.

ROSA MARIA:

Não deixaram trazer jornal
Só cigarros e bolinho de batata
Que eu sei que você gosta mais.

GALILEU:

Eu preferia carne com quiabo
Mas já que você está aqui
Eu vou cobrar o que me deve o diabo.

ROSA MARIA:

O seu segundo pedido
O diabo tem que atender
Senão você está fodido.

GALILEU:

Eu ordeno cão capeta das profundas
Que venha e tome o corpo desta mulher
Venha cumprir o trato.

Rosa Maria fica tomada pelo diabo. Ri:

ROSA MARIA:

Então seu grande veado
Precisa de mim pela segunda vez
Logo pedirá o terceiro
E levarei sua alma de vez.

GALILEU:

Cala essa boca, demônio cornudo
E vê se me atende o segundo pedido
Me tira desta enrascada
Senão eu estou frito e comido.

ROSA MARIA:

Você quer se livrar da fogueira
Seu cu está fechando de medo
Mas eu sei bem qual a maneira
Eu posso te dar o segredo.

GALILEU:

Fala de uma vez e cumpre o trato
E depois some para o fogo do inferno.

ROSA MARIA:

Está bem eu cumpro o contrato
Escuta bem o meu conselho
Só tem um jeito e uma só maneira
De você se livrar da fogueira
Vai lá nos homens e diz que era brincadeira
Que você só tinha falado e escrito besteira.

GALILEU:

Não posso mudar a minha heroica conduta
Arranja outro jeito seu filho da puta.

ROSA MARIA:

Você me faz rir cada vez que me xinga
Tenho pena de você pobre mortal
Mas se quer tirar o cu da seringa
Vai lá nos homens e abre o missal
Desmente as potocas dementes
Põe tudo no velho lugar
Aí eles ficam contentes
E podem até te libertar.

GALILEU:

E se eu não aceitar isso?

ROSA MARIA:

Vais virar chouriço
Ser moído de porrada
Nunca mais terás serviço
Vais dar aulas nas calçadas.

GALILEU:

Eu tinha tanto compromisso
Tanto dever, hora marcada.

ROSA MARIA:

Lembra bem só tens mais um pedido
Se quiser gastar agora é só mandar.

GALILEU:

Não, seu dever por ora está cumprido
Pode ir diabo espero não mais te encontrar.

Rosa ri.

ROSA MARIA:

Que é isso Galileu
Vamos nos ver um dia
Quem te diz sou eu
Achas que eu te mentiria.

GALILEU:

Não suporto esse cheiro de breu
Suma daqui figura sombria.

ROSA MARIA:

Até à vista Galileu
Até mais ver até um dia...

Rosa Maria volta a si.

ROSA MARIA:

O que foi que aconteceu
Minha pele se arrepia.

GALILEU:

Não foi nada, aqui estou eu
Olha aí vem o vigia...

ROSA MARIA:

Então, o que vai fazer da vida.

GALILEU:

Defender minha ideia proibida.

VIGIA:

A hora da visita está vencida
Sua mulher tem que ir embora.

ROSA MARIA:

O que é que eu vou fazer agora.

GALILEU:

Rosa Maria não chora.

VIGIA:

Vamos acabou a sua hora.

*Vigia leva Rosa Maria e Galileu fica ali
desanimado. Vem o torturador.*

TORTURADOR:

Eu sinto tanta pena Galileu
Gostaria de te mandar pra fora
Mas parece que você não se convenceu
De que suas ideias são erradas
Que solidão deve sentir sua esposa
Que falta ela sente de você Galileu
Em casa pelas horas tão paradas
Não sei o que te dizer agora
Senão que seu único amigo sou eu
Te peço, amigo, desiste da jogada.

GALILEU:

Vai daqui você não presta
Está querendo me enfraquecer
Saiba que tenho uma mulher honesta
Ela saberá bem sobreviver.

TORTURADOR:

Mas para que deixar ela sofrer
Bem, vou diminuir a tua solidão
Vou te dar um bom companheiro
Ele já vem e vai te conhecer
Não é um sábio, é um pobre bruto
Fica com ele neste meu viveiro
Vai ser bom, vai se entreter.

CENA 15 NO DOS OUTROS NÃO DÓI

320

*Entram os guardas e trazem um homem de calção.
Ele anda como se tivesse as pernas grudadas,
passos muito lentos e curtos, e sofre muito.*

GALILEU:

Como vai meu camarada
Eu sou Galileu o cientista
Vamos dividir esta cela
Como vê não é lugar de luxo.

Bruxo geme:

BRUXO:

Eu já o conheço de vista
Eu sou acusado de ser bruxo
Porque curei alguém de erisipela.

GALILEU:

Mas me diga por que está sofrendo?
É fome não te deram um pouco de comida?

BRUXO:

Não é nada, senhor, o que está doendo
Eu tenho no corpo uma atroz ferida.

GALILEU:

Estás pálido com o corpo tremendo
Em que parte está essa coisa dolorida.

BRUXO:

Senhor eu morreria envergonhado
Está em uma parte tão escondida.

GALILEU:

Você me deixa preocupado
Vamos conta sou teu camarada.

BRUXO:

Eu fui muito maltratado
Mas não quero dizer mais nada.

GALILEU:

Se quer assim eu fico calado
Mas onde estará essa dor danada?

BRUXO:

Deixe que a dor seja só minha
Esta dor tão desesperada.

GALILEU:

Estás branco feito farinha
Essa dor tem que ser curada.

BRUXO:

Conhece a tortura do pé de galinha
Foi essa que me foi aplicada.

GALILEU:

Tortura do pé de galinha
Disso eu nunca ouvi falar.

BRUXO:

Pois então vê se adivinha
Um pé de galinha onde pode entrar.

GALILEU:

Bem eu acho que um pé de galinha
Não... não consigo imaginar.

BRUXO:

Ah céus. Oh Deus oh vida minha
Não serei eu quem te vai contar.

GALILEU:

Meu Deus eu li na entrelinha
Acho que sei qual é o seu sofrer
Cruel tortura da mente tão mesquinha
Destes tiranos loucos do poder
Sei onde está o pé de galinha
Você não pode tanto assim sofrer.

BRUXO:

Mas nada podes fazer
Onde entrou fechado só aberto será tirado.

GALILEU:

Meu Deus como vai doer
Como sofre este coitado.

BRUXO:

Se fico quieto dói adoidado
Se tento tirar dói dobrado.

GALILEU:

Não pode ficar sofrendo
Vamos eu te ajudo puxo com jeito.

BRUXO:

Não aguento mais estou morrendo
Tenta, mas faz o trabalho direito.

GALILEU:

Deita aqui, vou fazer a operação.

BRUXO:

Na tua mão a minha salvação.

GALILEU:

Vamos baixa o teu calção.

BRUXO:

Meu Deus que grande humilhação.

GALILEU:

Quieto o orgulho agora não conta
Não se mexa que eu vou te curar
Agora já peguei à unha a ponta
Se segura que eu vou puxar...

Galileu puxa. O bruxo dá um grito lancinante. Galileu levanta com pé de galinha ensanguentado na mão.

GALILEU:

Cabeças doentes malditas
Inventores de martírios
Que será nessas almas habita
Que demônios que delírios
Está melhor meu camarada?

BRUXO:

A dor está aliviada...

GALILEU:

Vou pedir uma pomada...

Entra Torturador. Vem com uma latinha de pomada.

TORTURADOR:

Eu sabia que você era um bom rapaz
Está aqui a pomada para seu amigo.

323

Torturador dá a pomada ao bruxo.

GALILEU:

Você é o próprio Satanás
Não merece ser chamado de gente.

TORTURADOR:

Eu sabia que serias capaz
De tratar do amigo tão doente.

Torturador pega o pé de galinha com muito nojo e mostra para Galileu.

TORTURADOR:

Você foi amigo e solidário
Eu fiquei muito admirado
Agora somente um comentário
Sobre este homem coitado
Um pobre bruxo, um otário
Que se voltou contra o sagrado
Um charlatão um salafrário.

GALILEU:

Um ser humano humilhado
Um Cristo no seu Calvário.

TORTURADOR:

Galileu está emocionado?
Pois eu tenho uma proposta
Diga que está errado
Quero ouvir sua resposta.

GALILEU:

Nunca, seu celerado
O Sol é o centro do sistema
É o centro lá parado
A Terra é que se move no esquema.

TORTURADOR:

Chega, Galileu
Estás vendo o pé de galinha
Agora responde uma pergunta minha
Responde Galileu
Onde preferes isto?
No cu dele, ou no teu?
Num dos dois vai o ouriço
Responde Galileu
Onde vai isto
No dele ou no teu?

GALILEU:

Pobre homem... pobre ateu
E você, triste serviço
Eu, Galileu com o meu compromisso.

TORTURADOR:

Vamos sábio sai do enguiço
Fala logo, no dele ou no teu...
Se não mudares tua ideia cretina
Vou botar isso no teu
Sem dó nem vaselina...

GALILEU:

E se falo eu
Perdoas ao pobre bruxo?

TORTURADOR:

Já disse, é no dele ou no teu
Não me venhas com luxo
Guardas segurem Galileu.

Guardas seguram Galileu.

TORTURADOR:

Vamos lá grande Galileu
Isso vai no dele ou vai no teu?

GALILEU:

No meu... No meu nãoooooooooo
Vai no cu do pobre bruxo ateu!

TORTURADOR:

E agora me diga Galileu
Enquanto o pé de galinha se enterra
O que está no centro do Universo
O Sol ou a Terra?

GALILEU:

É...

BRUXO:

Náooooooooooooooooo
Não enterraaaaaaaaa!!!

GALILEU:

É a Terraaaaaaaaaaaaa!!!

CENA 16 O SOL VOLTA A RODEAR A TERRA

NARRADOR:

Ah tempos negros e sombrios
Onde só a semente do mal vinga
Galileu jogou fora seus brios
E tirou o seu cu da seringa
Daí foi levado de volta à Inquisição
E diante dos monges deitou falação.

INQUISIDOR:

Galileu da Galileia
Me responda por favor
De onde surgiu essa ideia
De ofender Nosso Senhor.

GALILEU:

Eu estava assombrado
Encantado e enganado
Foi um erro um pecado
Pelo mal fui atentado.

326

INQUISIDOR:

Galileu em prosa ou verso
Me responda no momento
Se no meio do Universo
A Terra fica no centro.

GALILEU:

A Terra fica no meio
Como falam as Escrituras
O Sol se move de permeio
Dando luz às criaturas.

INQUISIDOR:

Galileu da Galileia
Escapou de ser queimado
Só porque mudou de ideia
Vai ser quase perdoado
Vai ficar preso em casa
Pra pensar no seu pecado
Pra nunca mais criar asa
Para merecer a graça
Vai fazer uma conferência
Para o povo lá na praça
Desmentindo a indecência
Na frente de toda a massa.

NARRADOR:

E Galileu foi levado ao meio do povo
Para desdizer tudo o que tinha dito
E os que tinham pensamento novo
Deram vaia no maldito
Colombo ganhou no ovo
Galileu perdeu no grito.

GALILEU:

Por isso eu devo dizer que foi mentira
Que eu escrevi no meu livro safado
A Terra não se move é o Sol que gira
Conforme está escrito no livro tão sagrado.

327

ESTUDANTES:

Cala a boca covarde
Cala a boca veado.

GALILEU:

Pimenta no cu dos outros não arde
Queria ver vocês cortar um recortado...

ESTUDANTES:

Cala a boca vendido
Cala a boca reacionário.

GALILEU:

Vendido, ora onde é que já se viu
E tem outra, reacionário é a puta que os pariu.

Apedrejam Galileu.

NARRADOR:

Galileu chora, se comove
E ninguém o escuta dizer:

GALILEU:

Mas apesar de tudo
A Terra é que se move.

CENA 17 AULA: COM A CIÊNCIA NA CABEÇA

328

NARRADOR:

Depois ele voltou à prática
Na sua prisão domiciliar
Dando aulas de matemática
Pra poder se sustentar
Vejam que situação dramática
Que agora vai se passar.

*Galileu e seus quatro alunos. Maria Rosa serve
café com bolinhos. Os alunos Vicente, Jó, Ari e
Bruno trazem as cabeças com tampas falsas.*

GALILEU:

Bom hoje é dia de sabatina
Vamos saber das coisas e medir o prumo
Ver quem sabe o rumo das ciências puras
Vamos ver qual é o seu prumo
E o que tem dentro destas cabeças duras...

Vai até Ari

GALILEU:

Meu bom aluno Ari, deixe ver seu coco.

*Abre a tampa e tira um bolo de barbante e
cordas cheios de nós. Joga dentro de volta e ainda
sobra muito para fora, como macarrão.*

GALILEU:

Estás com as ideias um pouco confusas
Mistura a paga e confundes o troco
Teu remédio aqui está meu oco
Usa isto no teu coco.

*Galileu joga uma tesoura dentro da cabeça
e fecha a tampa. Vai para Jó.*

GALILEU:

Vamos agora ver meu caro Jó
O que temos nesta sinagoga.

Abre, observa, cheira, põe o dedo e prova.

GALILEU:

Não é possível, tenha dó
É pura merda esta droga.

Galileu pega umas flores num vaso e planta na cabeça dele.

GALILEU:

Usa isto meu caro Jó
Aproveita o que te afoga.

*Galileu vai para Bruno. Abre a cabeça dele,
procura com lente e não vê nada.*

GALILEU:

Meu caro Bruno
Que maçada
Aqui dentro não há nada
Limpo como alma de criança
Mas se não há nada
Ainda resta uma esperança.

Fecha a cabeça de Bruno e vai ao seu favorito Vicente.

GALILEU:

Você meu bom Vicente
Não é qualquer bagulho
É o discípulo mais inteligente
De ti eu tenho muito orgulho.

Abre a cabeça de Vicente... Assusta-se e tira algo, devagar. É a calcinha de Rosa Maria.

330

GALILEU:

Então é nisso que você tem pensado
Fora daqui seu sujo, porco, ingrato.

VICENTE:

Mestre, estou envergonhado
Eu sei que isso é muito chato
Mas eu estou apaixonado
Amar não é proibido.

GALILEU:

E você Rosa Maria dê o recado
Me diga se ele é correspondido.

ROSA MARIA:

Quando estavas na prisão
Ele ficou ao meu lado
Ganhou o meu coração
O nosso amor é sagrado.

GALILEU:

Fora daqui sua prostituta
E você também seu gabiru
Fora sua puta fajuta
Te dou um pé nesse cu.

Vizinhos. Escândalo geral. Galileu quebra tudo.

CENA 18 GALILEU GIRA SOZINHO

NARRADOR:

Galileu ficou sozinho mais sozinho do que era
Rosa Maria e Vicente mandaram pé neste mundo
Galileu não mais amou nem andou buscando quimera
Escreveu e estudou levou sua teoria a fundo
Terminou seu livro e hoje está à espera
Do maior editor de todo o grande mundo
É um dia limpo e claro de uma primavera
Galileu espera aflito segundo após segundo.

331

Galileu já bem velho, com seus originais:

GALILEU:

Oh Deus meu eu estou nervoso
À espera desse homem importante
Mas como vai ser gostoso
Ver meu livro em cada estante
Eu vou ficar orgulhoso
E o mundo vai ir pra diante.

Batem à porta. Galileu vai atender. Entra o Editor.

GALILEU:

Entre meu amigo a casa é sua
Sou Galileu da Galileia em pessoa.

EDITOR:

Vamos logo, dê pra cá a obra sua
Posso ser preso e o tempo voa.

GALILEU:

Está aqui meu caro nesta embalagem
Para disfarçar e dar mais segurança
Eu sei que é preciso muita coragem
Para levar essa obra de esperança
Vai com cuidado ela está bem fechada
Dentro desta caixeta de goiabada.

EDITOR:

Oquei, oquei quanto a seus direitos autorais
Eu já vou dizendo que são só dez por cento
Eu vou ter gastos grandes monumentais
Para dar à luz este seu rebento.

GALILEU:

Será que não pode ser um pouco mais
Eu não posso viver de comer vento.

EDITOR:

Esses pedidos são imorais
Mas eu dou mais dois por cento.

GALILEU:

Agora está bom, está bom demais
Leva isto, terminou o meu tormento.

*O Editor leva a caixeta de goiabada. Galileu
toma um trago e faz um brinde:*

GALILEU:

Doze por cento... Porra!
Vai dar pra pagar a senhoria
Vamos viver antes que eu morra
Ah se estivesse aqui Rosa Maria.

Fim da história de Galileu da Galileia.

NARRADOR:

A velhice foi chegando para o pobre Galileu
Ele foi sobrevivendo dando aula à juventude
Vivia na solidão de um quarto de pensão
Não mais viu Rosa Maria ela como que morreu
Andava mal e capengando tendo falta de saúde
Até que ficou sabendo que o amor de seu coração
Trabalhava como puta num puteiro em Viamão
Galileu seguiu depressa no primeiro lotação
Ainda estava apaixonado por sua Rosa Maria
E a cena aqui começa na tarde daquele dia.

*Galileu chega ao puteiro, a mulherada numa
mesa. O garçom bicha vem atender.*

333

GARÇOM:

Boa tarde cavalheiro
O senhor chegou bem cedo
Mas toda hora é boa hora
Pra quem quer tirar um sarro
Mas diga logo o que quer
Cerveja, sanduíche ou cigarro
Se é comigo a sua simpatia
Já sabe que mais do que tenho
Infelizmente não posso dar
Mas no trabalho me abstenho
Por isso não queira me tentar.

GARÇOM:

Temos louras, morenas e mulatas
 Temos ruivas, cafuzas, negrinhas
 Todas elas muito safadas
 E todas muito escoladinhas
 Vê lá naquela mesa a mulherada
 Pode escolher que eu levo o recado
 E logo ela será apresentada
 E depois de uma cerveja e do preço tratado
 Pode levá-la ao quarto dezenove
 E fazer com ela o que der na suja mente
 O doze, o onze, o vinte e dois e o sessenta e nove
 Na frente como Deus permite convenientemente
 Atrás que a mim francamente mais comove
 Vamos doutor diga logo por qual delas se decidiu.

GALILEU:

Vim até aqui em busca de Rosa Maria
 A quem não vejo desde que partiu
 Se ela não está eu volto noutro dia
 Não a estou vendo parece que saiu.

GARÇOM:

Muito ao contrário, ela está por aqui mesmo
 Está lá em cima atendendo a um bom freguês
 Já já que ele acaba e goza
 E ela vem atender ao marquês.

GALILEU:

Não sou marquês bicha louca
 Eu sou um professor arruinado
 Não aparece porque sobrou muito pouca
 A dignidade que eu tenho como letrado.

GARÇOM:

Mas veja, é ela quem entra no salão
 Rosa Maria, meu bem está aí um fã seu
 Diz que é professor o paspalhão.

ROSA MARIA:

Meu Deus, é ele... É Galileu
 Há quanto tempo eu não te via.

GALILEU:

Sim Rosa Maria sou eu
Há quanto tempo não te via.

ROSA MARIA:

Você foi um ingrato
Me abandonou na vida.

GALILEU:

Depois daquele feio ato
O que eu podia, querida.

ROSA MARIA:

Como você está velho Galileu
Muito mais velho do que eu.

GALILEU:

E seu grande amor, o Vicente
Parece que também te deixou.

ROSA MARIA:

Ele era um veado indecente
Foi ele que aqui me jogou.

GALILEU:

Pobre Rosa Maria eu tenho dó
Quanto deves ter sofrido.

ROSA MARIA:

Não precisa ter tanta dó
Você está ainda mais fodido.

GALILEU:

Lembra do pacto com o cão
Ainda me resta um terceiro pedido.

ROSA MARIA:

Não faço mais aquilo não
Nisso você não vai ser atendido.

GALILEU:

Se não faz isso faça comigo
O que faz sempre por dinheiro
Deixe que vá pra cama contigo
E eu te pago em muito bom dinheiro.

ROSA MARIA:

Cuidado que eu não sou de brincadeira
Se você está duro não vou te dar fiado
Vamos lá, abre e mostra dentro da carteira
Que eu quero ver a cor do seu trocado.

GALILEU:

Pois veja, Rosa Maria, aí está
Esta grana será toda sua
Vamos que eu quero te amar novamente
Quero te ter em meus braços toda nua.

Rosa Maria levando Galileu pela mão:

ROSA MARIA:

Fique sabendo velho muxibento
Que pra tirar a roupa inteira
Eu cobro taxa de mais cem por cento
E mais duzentos para virar a traseira.

GALILEU:

Eu pago tudo, amor da minha alma
Eu pago tudo e mais o que pedir
Mas vamos ter uma noite calma
Há tanto o que lembrar, tanto o que sentir.

ROSA MARIA:

Se você ficar a noite e a madrugada
Vou ter que te cobrar mais uma taxa
Mas vamos logo que eu estou cansada
De bater papo grátis, só na faixa.

O último pedido ao diabo.

NARRADOR:

Galileu ali diante de sua Rosa Maria
Fica sem saber o que fazer com ela
Sua pica aposentada encolhida mole e fria
Ali na frente, ainda boa de comer e quase bela
A puta Rosa Maria lembrou sua tesão
E Galileu diante dela numa tal situação
Vejam agora meus amigos como foi que tem fim
A história de Galileu.

ROSA MARIA:

Vamos Galileu, seu velho brocha
Você nem parece mais aquele que eu vi
Você está mole, está um chato de galocha
Se não dá no couro, por que é que veio aqui...

337**GALILEU:**

Não me resta outra coisa senão pedir ajuda
Eu tenho um terceiro desejo a pedir ao Satanás
Fique quieta, cale a boca sua velha linguaruda
Eu invoco neste instante o cão negro, o mau rapaz
Que te tome por inteira vindo aqui se apresentar
Temos trato tão antigo que talvez não vá lembrar.

Rosa tem estertor. Numa gargalhada:

ROSA MARIA:

Não tenha medo Galileu, eu nunca me esqueço
Eu lembro de tudo desde o começo da história
Eu tinha medo que não me desses o que eu mereço
Podia ser que tivesses perdido a memória
Ah Galileu, eu te segui pela vida na minha televisão
Eu vi como te foderam depois que saiu da prisão
Eu vi como teus seguidores te chamaram de traidor
Só porque você teve medo de enfrentar o torturador
E agora você me invoca para o último pedido
Vamos lá, eu estou aqui a seu inteiro dispor.

GALILEU:

Eu quero, demônio negro e fodido,
Apenas um minuto de amor.

*Luzes. Galileu volta à juventude. O diabo abandona
Rosa Maria e eles se enlaçam no mais furioso amor.*

338

CENA 21 ENFIM, O FIM

Cena final.

NARRADOR:

O diabo deu até mais do que Galileu pediu
O amor durou três dias e três noites não dormiu
Era um fole resfolegando num forró desesperado
Era um ai, um ui, um nossa, um suspiro entrecortado
Mas até que enfim se deu o entrevero por acabado
Galileu e Rosa Maria desceram para o salão
Era noite saturnina de muita animação
As putas e os estudantes em alta comemoração.

ESTUDANTE:

Olha lá minha gente vocês veem como eu
Quem vem ali com madame depois de uma boa foda
É o professor Galileu
Inventor até da roda
Como todos sabem, o Professor
Foi sempre um bom covarde
Foi canalha e delator
E muito reacionário.

ESTUDANTE:

Ele mesmo quis fazer uma grande revolução
Mas depois se cagou todo e se vendeu à reação
E agora que está velho vive de uma sinecura
Presente desta porca e suja situação
Diante dele qualquer puta é pura
O professor é lama, cancro e podridão
Eu peço a todos aqui presentes
Que ignorem este ser perverso.

GALILEU:

E quem é que provou matematicamente
Que o Sol era o centro do Universo?
Fui eu, Galileu da Galileia, porra
E quem é que inventou a luneta
Pra olhar de perto os astros em seu passeio
Fui eu que fiz o lindo, o belo, o horrível e o feio
Mas fui do meu tempo o mais inteligente
E que se fodam vocês todos e mais toda gente
Eu acabei de acabar... Eu acabei de acabar
É chegada a hora, é chegado o dia
A alma sai do corpo, a carcaça se esvazia
Oh Deus infinito
Ouça meu alto grito
Quero um lugar no Paraíso.

Cessa todo meu juízo
Eu morro assim aflito
Sem mistério nem aviso
Estou na merda estou frito
Mas eu sei que é preciso
Me libertar de tal conflito.

Se vou para o céu
Deixo minha alma voar
Mas se ela vai para o inferno
Então...
Então, preciso acender uma vela
Também para Satanás
Me dê mais um minuto seu puto
Dou em troca a luneta o compasso
A descoberta do Universo
Dou tudo isso por um minuto de amor
Oi vida
Melhor é saber nada
que saber pela metade.

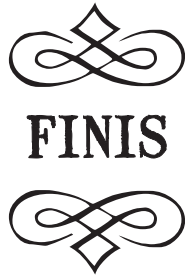
340

*Galileu cai. Estudantes pegam copo,
enquanto Rosa Maria o abraça.*

ESTUDANTES:

Galileu é bom companheiro
Galileu é um sujeito batuta
Galileu é um bom companheiro
Galileu é um filho da puta.

E vão seguindo, até que termine tudo.



FINIS





**O COCÔ DO CAVALO
DO BANDIDO**

O COCÔ DO CAVALO DO BANDIDO

PERSONAGENS

CONTADOR

CEARIM

MADRINHA

CEGO

CANGACEIRO

CABO

SARGENTO

PROSTITUTA

ERCÍLIA

SACRISTÃO

VIGÁRIO

IRMÃO DO CANGACEIRO

BODEGUEIRO

CACHORRO

CAMPONESES

E MAIS NINGUÉM, APENAS UM

NARRADOR

Obs.: O papel do irmão do cangaceiro poderá ser interpretado pelo mesmo ator que fizer o cangaceiro. O papel do bodegueiro poderá ser interpretado pelo narrador. Os camponeses poderão ser atores dobrando papéis.

CHICO DE ASSIS

APRESENTA:

O COCÔ DO CAVALO DO BANDIDO

com:

KID TALAGARÇA, O BANDIDO

TROPICANTE ALBERICO, O CAVALO

LINDA, A MOCINHA

E

ANINHA, O COCÔ DO CAVALO DO BANDITO

Uma peça teatral que eleva à categoria
de arte o “inútil e o desagradável”.

Esta peça é dedicada a toda
a crítica
especializada ou não.

Peça sobre as relações de classes e política. Fantasia de base realista.

O Bandido, a Mocinha, o Cavalo do Bandido e o Cocô do Cavalo do Bandido vivendo fugas no deserto, em busca da verdade de cada um.

O COCÔ DO CAVALO DO BANDIDO



CANÇÕES

O COCÔ DO CAVALO DO BANDIDO

CANÇÃO DO CAVALO (POR CAVALO, SOLO)

CANÇÃO DO CAPIM (POR BANDIDO, SOLO)

CANÇÃO DA COMIDA SAUDÁVEL (POR MOCINHA, SOLO)

CANÇÃO DAS ORAÇÕES (POR COCÔ, COM TODOS)

CANÇÃO DO CAVALO FIEL (POR CAVALO, COM CORO)

CENA 1

PRÓLOGO NO PALCO:

O CAVALO DO BANDIDO SE APRESENTA

CAVALO: Senhores e senhoras, eu recebi a missão de explicar a todos aqui presentes algumas convenções necessárias ao entendimento da peça que iremos levar dentro em pouco, neste mesmo palco. Eu sou o cavalo do bandido e, portanto, esta é a roupa de cavalo do bandido. Evidentemente, se eu fosse o cavalo do mocinho, a roupa seria bem diferente. O fato de um cavalo falar pode ser considerado estranho para muitas pessoas. Mas eu confesso que, sendo cavalo, eu estranho muito o que certas pessoas falam. Mas o que difere essencialmente o cavalo do ser humano não é positivamente a fala. Eu creio que existe um sistema sutil que pode mostrar, muito mais facilmente, a diferença entre um cavalo e um ser humano. Se, num momento e espaço dados, existem um cavalo e um ser humano, podemos afirmar que o ser humano nunca será montado pelo cavalo. O cavalo é muito mais pesado. Sendo o cavalo desta peça, eu sou cavalgado pelo bandido, como diz o título. E eu gostaria que todos vocês conhecessem Kid Talagarça, o bandido mais feroz que o cinema jamais ousou mostrar. Com vocês!... Kid Talagarça!...

350

CENA 2

APRESENTAÇÃO DE KID TALAGARÇA,
O BANDIDO

*Entra Kid Talagarça, vestido de bandido,
dando tiros para o alto.*

KID: Yheeeeruuuu!

CAVALO: Um belo tipo de homem, capaz de enfeitiçar todos os corações femininos. E eu, como cavalo, posso garantir que Kid Talagarça nunca poderá ser acusado de “bunda mole”. É, sem dúvida, um dos cus mais duros do velho e do novo oeste e cercanias. Alguns calos que eu tenho no lombo atestam a veracidade de minhas palavras. Agora, uma pequena entrevista combinada para que vocês conheçam um pouco sobre a vida de Kid Talagarça. Alô, Kid, você está pronto a responder às minhas perguntas?

KID: Mande lá.

CAVALO: Como começou a sua vida de crime, Kid Talagarça?

KID: Bem, eu fui, ainda bebê, com apenas quinze dias de vida, abandonado no deserto por minha mãe. Ela fez aquilo porque meu pai não quis casar com ela. Mamãe era filha da mulher do pastor da paróquia com um índio que vendia escalpos na porta da igreja. O marido dela nunca soube por que mamãe, às vezes, nos dias mais secos de verão, corria para o quintal e dançava a dança da chuva.

KID: Abandonado no deserto, eu fui criado por uma cascavel que amamentava duas cobrinhas... Logo que consegui andar nos dois pés, matei mamãe cascavel a pisadas. Quando fiz doze anos, fui trabalhar como office-boy de um banco... Alguém sumiu com dois centavos da caixa e me acusaram. Fugí para não ser enforcado precocemente.

KID: Andei pelas regiões mais perigosas do país até que, aos quinze anos, eu me apaixonei perdidamente por Lulu La Belle, a cantora do saloon. O amante de Lulu era o xerife. Quando ele nos pegou em flagrante, não pude fazer outra coisa senão me deixar levar para o patíbulo. Quando ia começar o enforcamento, um ataque de índios me salvou. Saí pelo mundo, com a cabeça a prêmio em todos os estados. E agora, estou aqui com meu cavalo Tropicante...

CAVALO: Tropicante é o nome que ele me deu. Na verdade, eu me chamo Alberico, mas isso não vem ao caso. Mais uma pergunta, Kid Talagarça... Quais são seus planos para o futuro?

KID: Bom, eu não costumo fazer projetos... Eu gosto de viver o momento... Em todo caso, eu acho que o único plano que eu tenho em mente agora... É um plano para um assalto de banco e trem conjugado.

CAVALO: Obrigado, Kid, eu acho que o nosso público já o conhece melhor... Em seguida, eu gostaria de apresentar neste prólogo no palco, a mocinha... Entra a Mocinha!...

Entra a Mocinha, muito bonitinha e coisa e tal.

CAVALO: Na verdade, uma garota doce, bonita e sincera... Seu nome é Linda... Aliás, é um nome que lhe assenta muito bem... Linda, posso fazer algumas perguntas a você?

LINDA: Em primeiro lugar, eu quero cumprimentar o público do teatro... Boa noite, senhores e senhoras... E agora eu estou à sua disposição para algumas perguntas e respostas...

CAVALO: Ótimo, Linda. Vamos à primeira pergunta... Na sua opinião, o que é mais importante na vida de uma mocinha?...

LINDA: Bom, isso é bem fácil de responder... Eu acho que a coisa mais importante na vida de uma mocinha é o amor... Eu quero dizer o amor em todas as suas formas... O amor paterno, materno, fraterno e o eterno amor do amante...

352

CAVALO: Boa resposta, muito romântica... Agora, uma pergunta indiscreta... Você é virgem?

LINDA: Sou... E só deixarei de ser quando encontrar o meu herói... Você decerto pensou que eu fosse ficar embaraçada com a sua pergunta?

CAVALO: Francamente, eu pensei mesmo... Uma última pergunta... Qual é o tipo de homem ideal para você?

LINDA: Bom, tem que ser honesto, sincero, com muita personalidade, amoroso... Isso.

CAVALO: Ótimo, ótimo... Você podia ficar ali naquele canto, já que você não pode nem suportar a ideia de ficar perto do Kid Talagarça, porque ele é o contrário de tudo o que você disse sobre o seu homem ideal... E senhores e senhoras, deixei para o final a apresentação do quarto personagem da nossa peça de hoje. E é com satisfação que eu apresento o Cocô do Cavalo do Bandido... Entra, Cocô!...

CENA 4

APRESENTAÇÃO DE ANINHA,
O COCÔ DO CAVALO DO BANDIDO

Entra Cocô, que é uma humilde garota, pobrememente vestida e muito desgrenhada e relaxada.

CAVALO: Como vai você, Cocô? Está bem?

ANA: Não muito, Alberico... Eu ando sempre um pouco mal, você sabe.

CAVALO: Cocô é a única pessoa que me chama de Alberico, eu sou bastante grato a ela por esta consideração. Mas, Cocô, eu poderia entrevistar você para que o nosso público soubesse por que razão você é o Cocô do Cavalo do Bandido?

ANA: Pode perguntar, mas eu não sei se vou ter respostas agradáveis...

CAVALO: Vamos tentar... Cocô, por que é que você é o Cocô do Cavalo do Bandido?

ANA: Bem, eu conheci Kid Talagarça e me apaixonei por ele e temos andado juntos nesta vida de crimes. Acontece que, quando Kid viu pela primeira vez Linda, a Mocinha, ele olhou para mim, depois olhou para ela e disse com muita segurança: “Sabe, Aninha...” Ana é o meu nome... “Aquilo lá é que é mulher pra gente jogar numa cama. Perto dela, você é o cocô do cavalo do bandido”. Cocô daqui, Cocô dali, pegou... Mas eu quero dizer que já me acostumei com o apelido... às vezes, ainda sinto um pouco ser chamada de Cocô do Cavalo do Bandido, mas só às vezes... Minha maior alegria é que Alberico, o cavalo, me chama de Aninha... É o único que me chama pelo meu próprio nome...

CAVALO: Sim, é verdade, eu a chamo de Aninha, mas estava aqui chamando Aninha de Cocô porque tinha que apresentá-la a vocês todos... E já que estamos todos apresentados, vamos começar a nossa peça de hoje. A primeira cena tem o título de “O bandido solitário e seu cavalo”. O diálogo será feito em linguagem executiva, diante dos últimos acontecimento. Luzes!... Cortina!... Cenário!...

A cena mostra uma trilha abandonada na montanha. O cavaleiro dorme e o cavalo pasta.

KID: Tropicante... Eu estou muito preocupado... Muito mesmo.

CAVALO: É natural. Todos andam preocupados... Um bandido como você, com a cabeça a prêmio em todos os estados e cercanias... Bom, a preocupação deve ser grande...

KID: Sabe, Tropicante, o que me fode é a falta de capital de giro. Se eu tivesse um pouco mais de capital de giro, eu tirava o pé da merda! Esta minha vida é de encher um saco sem fundo... Você se vira, você produz, você sua sangue pra enfiar o produto no mercado... Gasta os tubos em propaganda... Vende o peixe e, quando você recebe — noventa ou cento e vinte dias depois da venda — já está pendurado pelos pentelhos nos papagaios da vida... Matéria-prima eu pago a trinta... O produto eu cobro a cento e vinte... Quem é que pode ser bandido nesta terra?...

CAVALO: Mas você está muito descrente, existem grandes esperanças.

KID: Que esperanças, vamos lá, diga aí?

CAVALO: O leasing, por exemplo... O leasing é uma esperança.

KID: Sei, sei... Pode ser esperança para você que é cavalo, mas pra mim, o leasing é apenas uma forma de comprar o que já é meu... Não tem jeito, enquanto eu não conseguir ter um capital de giro considerável, eu vou me foder sempre no mercado. E tem outra: calcula aí o quanto eu perco nas duplicatas que eu passo a sete e oito por cento ao mês... E não é só isso não... Soma aí quanto é que a grana desvaloriza a cento e vinte dias... Bota, por baixo, quatro por cento ao mês, fora a inflação... Somou?... Chegou no total? Então, chora comigo... Chora comigo...

CENA 6 O RAPTO DE LINDA, A MOCINHA

Entra Aninha (Cocô) com o revólver apontado para Linda, que está com as mãos amarradas nas costas. Linda está amordaçada.

ANA: Ela estava nos espiando, eu, então, resolvi sair na captura...

KID: Muito bem, belo trabalho, Cocô... Belo trabalho. Vamos ver quem é esta espia... Tira a mordaca da prisioneira, Tropicante...

CAVALO: É pra já! (*TIRA A MORDAÇA*)

LINDA: Socorro!!! Fui raptada por bandidos terríveis! Alguém na escuta? Alguém copia, Mocinha Linda... Alguém copiaaaaa?

KID: É ela... É Linda, a Mocinha que me enfeitiçou na Vila... Desamarrem as mãos dela...

ANA: Se eu soubesse que essa é Linda, aquela pela qual você me deu o cognome de Cocô do Cavalo do Bandido, eu a teria matado quando a encontrei...

KID: Você não vai matar ninguém, Cocô... Venha até aqui, Linda... Eu quero vê-la... Dê uma vultinha... Assim... Você, efetivamente, me fala ao pau!

LINDA: O que pretende fazer comigo? Sou virgem!

CAVALO: Pobre virgem. Onde veio cair. Nas garras de um bandido sem coração.

ANA: Grande glória ser virgem, isso eu também fui. Não é vantagem nenhuma, toda mulher nasce virgem...

LINDA: Está se vendo que você, há muito tempo, não é virgem...

KID: Não briguem... O que é que seu pai faz, meu bem?

LINDA: Meu pai é o dono do banco, da mina, do saloon e da estrada de ferro que os criadores de bois não querem deixar passar por suas terras.

KID: Então, o pai da mocinha aí é o manda-chuva da Vila? Muito bem... Cocô, vá até a Vila e entregue este recado ao pai da mocinha... (*ESCREVE ENQUANTO FALA*) Sua filha está em minhas mãos. Exijo para soltá-la o seguinte, dois pontos. Um empréstimo de dois bi e quinhentos a dois por cento ao mês, um contrato para fornecer proteção aos trabalhadores de sua mina e um pedágio de cinco centavos por cada metro de avanço da estrada de ferro e, mais ainda, boca livre no saloon. Se não concordar, sua filha será desvirginada. Assinado Kid Talagarça, bandido. Vai levar isto lá na Vila vai, Cocô...

Cocô sai.

LINDA: Me solte, pelo amor de sua mãe...

KID: Não mexe com a minha família, que você se estrumbica sem saber... Guenta firme aí, Mocinha...

LINDA: Eu sei que o mocinho virá me salvar. Daí, você vai ver com quantos paus se faz uma canoa.

KID: Veja o que é a vingança de um bandido, Tropicante... O pai dela colocou a minha cabeça a prêmio e agora eu coloquei o cabaço dela em pé de igualdade. Assim é a vida, puta e fodida.

CAVALO: Kid, eu sei que sou apenas um cavalo, mas eu acho que o que você está fazendo é desumano. Talvez eu não entenda o que venha a ser humano ou não, mas me parece... Um cavalo nunca faria isso a outro cavalo.

KID: Engraçado, você... Então, o pai aí da Mocinha pode empurrar a vaca de todo mundo pro brejo e tudo bem? Mas onde é que nós estamos, porra?! O pai dela é um bom sujeito a sete por cento ao mês na camisa de força da renovação. Ele tem um cartão de crédito, uma financiadora e uma importadora e exportadora. Ele é testa de ferro de mil multinacionais. Eu, pelo menos, sou nacionalista... Sou ladrão, sou bandido, sou o caralho, mas quando eu canto o hino, eu arrepio e choro. O pai dela aí é um apátrida...

LINDA: Não acredite nele, cavalo... Meu pai é um cavalheiro. Meu pai é um homem que nunca jogou um grão de arroz fora do prato. Meu pai estudou advocacia, filosofia e administração de empresas. Meu pai tem até tese em filosofia, sobre a dualidade do ser. Esse bandido grosso nunca poderá chegar aos pés de um homem como meu pai.

CAVALO: Eu acredito que seu pai seja um cavaleiro... Não chore, vamos... Tudo vai se resolver, seu pai vai aceitar as imposições de Kid Talagarça e você poderá ir embora livremente, com sua virgindade a salvo. Kid Talagarça pode ser um bandido, mas tem uma palavra só.

KID: Olha aí, o cavalo falou, falou e só disse mentira. Em primeiro lugar, eu nunca tive palavra na minha vida. Em segundo lugar, eu só pago no protesto. Eu tenho um amigo no Diário Oficial, trabalha na gráfica... Quando ele bota meu nome no chumbo, ele me telefona e eu vou lá e lasco um cheque... Só quando o nome sai no chumbo para ser impresso no jornal do dia seguinte... E tem mais, fornecedor que sai da linha eu não pago nem no pau... Não troco mercadoria, não faço desconto... Nada disso que ele falou aí.

LINDA: Eu sei que você não presta. Meu pai sempre me preveniu contra tipos como você, Kid Talagarça...

KID: E o que foi que ele disse, hein? O que foi que ele disse?

LINDA: Ele me disse que gente como você, sem capital de giro, sem nome na praça e sem prestígio político... Pois é, ele me disse que gente assim procura mocinhas como eu para dar o golpe do baú...

KID: Não vou dizer que não existe isso, porque existe... Só que eu não preciso disso... Se, um dia, eu desse o golpe do baú, seria por amor e não por causa de grana e prestígio e promoção pessoal...

357

Vem Aninha, muito cansada. Traz um envelope.

CAVALO: Aninha voltou...

KID: Fez o que eu mandei, Cocô?

ANA: Falei com o pai dela aí... Entreguei a carta, ele escreveu outra... Quer que eu leia?

KID: É melhor eu mesmo ler, senão a Mocinha aí pensa que eu não sei ler... Dá pra cá... Vamos ver aqui o papai dela falando mansinho... Ouçam... Prezado Senhor, Kid Talagarça, tanto de tanto de mil novecentos e tanto. Com referência à sua carta datada de tanto de tanto de mil novecentos e tanto, na qual se refere à virgindade de minha filha e faz algumas exigências, tenho a dizer que, examinando sua proposta de contrato, resolvo fazer uma contraproposta em vários itens.

KID: Primeiro: No que diz respeito a um empréstimo de dois milhões e quinhentos mil a dois por cento ao mês, proponho um empréstimo parcelado de um milhão a quatro por cento, com avalista. Tenho a dizer que, sendo um caso de minha pessoal negociação, aceito, também, hipoteca de imóvel novo de mais de oitocentos metros quadrados, em bairro da zona sul.

KID: Quanto à sua proposta para proteção dos trabalhadores das minhas minas, gostaria de informar que estão todos segurados. Não me interessa no momento qualquer concessão aos mineiros, porque os mineiros estão ameaçando greve e eu, com ameaça, não me movo. Fica, portanto, cancelada sua proposta.

KID: No que diz respeito ao pedágio de cinco centavos por metro de avanço da estrada de ferro, me interessei bastante. Tenho tido problemas com os criadores de gado que não querem que a estrada passe por suas terras. São atrasados e reacionários. Alguns, mais bem orientados, aceitam a ideia. Porém, como meu contrato com o governo é por metro construído, as curvas para escapar das terras dos criadores é negócio mais interessante que as retas possíveis, se eles concordarem com a estrada. Portanto, aceito pagar duas mil pratas por cabeça de fazendeiro “pra frente” que for convencido a não deixar a estrada passar pelas terras dele.

KID: Quanto à boca livre no saloon, não é coisa de decisão minha. Responda logo que puder... Abraços à minha filha Linda. Queira transmitir a ela este recado pessoal que vai incluso. Bom, pode ler aí o recado que seu pai mandou.

LINDA: *(PEGA O RECADADO E LÊ; CHORA)* Não, não é possível... Papai... Meu próprio pai!

CAVALO: Mas o que é que está escrito aí nesse bilhete? Posso ler?

LINDA: Não, eu teria vergonha pelo resto de meus dias...

ANA: Não adianta esconder, porque eu li tudo e conto pra eles. Quando eu quiser.

LINDA: Como você é má. É má porque é invejosa, é invejosa porque é feia, é feia porque é... Porque é o Cocô do Cavalo do Bandido...

ANA: *(ARRANCA A CARTA DAS MÃOS DE LINDA)* Olha aqui o que o pai diz...

LINDA: Não faça isso, não leia por favor. *(JOGA-SE AOS PÉS DELA)* Eu te imploro por tudo o que é mais sagrado! Não leia, não abra a cortina que esconde a minha grande vergonha.

ANA: Eu vou ler, sim. Porque o que existe de mais sagrado é a minha inveja, porque eu sou o Cocô do Cavalo do Bandido... Linda, minha filha — diz ele aqui: Por favor, não queira defender certas ideias do século passado. Eu penso que devo dizer-lhe que sua virgindade não tem o valor pretendido. Já teve. Mas quando eu me casei com sua mãe, o custo já não era essas coisas. Na verdade, a virgindade da sua mãe, conservada até os vinte e oito anos, data na qual eu tive que inaugurá-la, me custou muito. Me custou quase três horas de tentativas frustradas e uma operação cirúrgica muito delicada. Se não fosse o bisturi, você não poderia ter nascido. Um abraço e um beijo do papá... PS: Kid Talagarça é apenas um pequeno bandido, não tenha medo dele.

LINDA: Que vergonha... Que vergonha, meu Deus do déu... Não pode ser verdade. Não vejo a assinatura de meu pai e a carta está escrita à máquina. Foi você! Seu Cocô do Cavalo do Bandido! Foi você mesma quem escreveu esta carta! Meu pai é um cavalheiro, ele nunca veio para a mesa comer sem paletó, gravata e meia combinando.

LINDA: Meu pai fala inglês como os ingleses, francês como os franceses, e japonês como os japoneses. Meu pai joga golfe, bridge, críquete, pelota basca, monta a cavalo, salta, dança valsa como Fred Astaire, canta canções medievais suavemente picantes. Meu pai conhece vinhos pelo sabor. Nunca tomou um Chablis com a sopa, nem um bourgogne com o peixe e nem assado de carne com Carcavelos. Papai nunca toma uísque como aperitivo e nem champanhe demi-sec em qualquer circunstância. E, além disso, o que é mais importante, papai nunca descombinou um charuto havana de um licor secreto, feito para ele pelos frades descalços do monte Habatut.

KID: Isso tudo o que seu pai faz não me interessa a mínima... Eu como pizza com pão e arroz, tomo uísque com guaraná, misturo vinho com cerveja, palito os dentes com o garfo, limpo o nariz na toalha da mesa e, no entanto, ninguém pode dizer que eu não seja um perfeito cavalheiro.

LINDA: Por que é que ninguém pode dizer que você não é um perfeito cavalheiro?

KID: Porque eu, ao ouvir tal elogio, simplesmente saco do meu revólver e meto umas seis balas dentro da boca de quem ousar dizer uma coisa desta.

LINDA: Você quer resolver tudo com a força...

KID: Nem tudo, Linda... Nem tudo... Por mais incrível e paradoxal que nos pareça, eu não consigo ter o menor prazer em tomar uma mulher à força... Pois é para você ver como bandido sofre. Só consigo chegar ao auge da sensação maravilhosa do clímax total... Quando a mulher me ama...

ANA: Eu te amo, você sempre soube disso. Antes de você conhecer esta bruxa, quando era o teu único amor, eu te levava ao clímax do auge...

KID: Não se esqueça, Cocô, que antes de mais nada, eu só chego ao auge do clímax quando a mulher me ama e eu, em contrapartida, a amo de forma igual e contrária no sentido sexual direto. Portanto, não me encha o saco.

Kid se ajoelha diante de Linda, Cocô chora num canto.

CAVALO: O Kid gosta muito da Mocinha Linda, a Mocinha Linda gosta de não sei quem... Ou melhor... Ana, o Cocô do Cavalo do Bandido, ama o bandido que ama a mocinha que ama o mocinho, que ama a aventura. E eu, porra! Eu, o Cavalo do Bandido... Será que ninguém quer saber o que vai por dentro de mim?... Aguardem a próxima cena, que se chama: “As desventuras de um cavalo do bandido”. Essa próxima cena será em linguagem de marketing e mídia.

CENA 7 AS DESVENTURAS DE UM CAVALO DO BANDIDO

A cena se passa no saloon: mesa de jogo. Kid Talagarça bebe e joga com a Mocinha. Cavalo canta com um chapéu coco e colete bordado e aquelas ligas que se usam nas mangas da camisa.

CAVALO: *(CANTA A CANÇÃO DO CAVALO)*
 Na guerra da vida sempre fodido
 Não há descanso pouso ou trégua
 Sempre serei escravo do bandido
 Sempre serei o filho de uma égua.

Todos gostam das coisas que faço
Todos dizem que eu sou tão querido
Quando a galope a trote ou a passo
Levo nas costas o Cu do bandido.

Refrão:

Cavalo, cavalo, cavalo, seu destino é tão triste
Para tirar seu futuro no mundo é preciso
Cavalo cavá-lo cavalo num poço tão fundo.

CAVALO: (*CONTINUA CANTO*)

Durmo ao relento e como da relva
Tenho meus sonhos como todo animal
Sonho a liberdade dos bichos da selva
E na vitória do bem contra o mal.

Tenho respeito pela lei do homem
Tenho respeito pelas leis do deus
Tenho respeito pelos que matam e comem
Tenho respeito por pagãos e ateus.

Refrão.

*Ao findar a Canção do Cavalo, Linda percebe
que Ana ajuda Kid Talagarça a roubar no jogo,
mostrando seu pôquer no reflexo da bandeja.*

LINDA: Agora eu sei por que você ganha sempre, Kid Talagarça. Esse Cocô do Cavalo do Bandido fica aí segurando essa bandeja e, pelo reflexo do meu jogo, você pode saber que cartas eu tenho.

ANA: É mentira...

KID: Com reflexo ou sem reflexo, você já perdeu o jogo antes da gente começar a jogar. Os dados são dados. Se eu tenho os seguintes dados... Toma nota aí: "Em cada cem partidas de pôquer os bandidos ganham noventa e cinco. Das cinco que faltam para o cem por cento, o bandido não vai em quatro, ele passa. Fica uma possibilidade em cem. É por isso que a cada cem partidas que eu jogo, na noventa e nove eu me levanto e saio pra mijar. E aí estão papados os cem por cento, líquidos e brutos.

CAVALO: Você devia dar uma chance a ela. Afinal, você disse que, se ela ganhasse uma partida, você a deixaria ir embora e, se ela perdesse cem partidas, você a desvirginaria e ela teria que colaborar. Mas como você mesmo disse, ela não tem chance alguma.

KID: Como é que não tem chance... Ela tem chance de perder... A chance de perder é muito grande. Portanto, eu concluo que ela tem vocação pra perder... Temos que encontrar o que fazer com essa vocação de perdedora que ela tem. Vamos levá-la a perder nos grandes estádios, diante de multidões ululantes. Não existe um vencedor sem um perdedor... É por isso que eu odeio os empates de capital. Vamos ver a Mocinha perder na televisão, no rádio, nas revistas de capas coloridas, nos jornais diários, nos out-doors, na mala direta, nos cartazes dos homens-sanduíche, nos panfletos dos circos, no capacete do Emerson Fitipaldi, na locação do cinema nacional... Faremos esta perdedora famosa em mídia total.

ANA: O que é mídia? Você nunca me falou disso... Porque você fala disso a ela, que mal conhece, e nunca me falou nisso.

KID: Nunca te falei em mídia da mesma forma que não falei em penetração sutil no mercado, da mesma maneira que não falei no obsoleto planejado e da mesma maneira que eu nunca falei em ética publicitária. Porque você é apenas o Cocô do Cavalão do Bandido.

CAVALO: Bom, eu não sou o Cocô do Cavalão do Bandido, eu sou o Cavalão do Bandido e é bom que eu te lembre, Kid Talagarça, você nunca falou disso comigo...

KID: Eu não disse a você porque mercadologia não interessa a cavalos... Você é apenas um consumidor. Um bom consumidor tem que saber consumir. Portanto, a arte que você deve praticar é a arte de consumir... E você, Cocô, deve praticar a arte de servir as fontes do consumo. Por exemplo... Você quer capim, Tropicante?

CAVALO: Não era mau...

KID: Cocô, vá... Tome esta moeda e vá buscar capim para o meu cavalo.

ANA: Não vai mais precisar de mim?

KID: Não, vá buscar o capim aí para o cavalo Tropicante. Quanto a nós, Linda... Eu devo dizer que você perdeu...

LINDA: Eu não consentirei nunca em amar um bandido como você... Mais cedo ou mais tarde, o mocinho virá me soltar... Mocinhooooo!

KID: Pode gritar o quanto quiser, ninguém virá salvá-la. Eu expulsei todos do saloon... Dê-me um beijo de amor... Um beijo de amor para um bandido! Vamos, apenas um beijo de amor...

LINDA: Nunca, eu tenho nojo de você, seu sujo!

KID: Sujo, por quê? Eu tomei banho com sabonete Sovaco de Anjo, que contém super artolfebicolassenolbicol, que conserva por mais tempo a frescura do seu banho. Eu lavei meus cabelos com Shampoo Lily, que dá aos seus cabelos uma vida que nenhum outro shampoo dá. Eu usei desodorante Cola Mole, que não gruda os cabelos do seu sovaco. Eu polvilhei o saco com o talco Zulu, que faz deslizar o saco e perfuma o seu cu. Eu escovei meus dentes com a pasta dental Total, a pasta que afasta o seu péssimo hálito. Eu usei a colônia Jour D'Amour, que faz abrir as pernas até da mesa da sua sala. Eu me barbeei com a lâmina Zipt Zapt Zupt, que faz trezentas e cinquenta barbas e meia, e deixa a pele do seu rosto macia como a pele da bunda do bebê. E depois de tudo isso, você ainda diz que eu sou um sujo?!

CAVALO: Ela quis dizer sujo em um sentido figurado...
Moralmente sujo... Foi isso que ela quis dizer...

LINDA: Foi isso mesmo... Você pode tomar os banhos que quiser e nunca será limpo. Limpo é meu pai, que não deve a ninguém e perdoa seus devedores e não cai em tentação.

KID: Está certo, eu não sou um santo. Mas como existe lugar para os santos na porra do mercado, tem que existir lugar para sujeitos como eu. Eu sou um produto e o santo é outro produto. Os produtos têm que encontrar seus consumidores. Se tem gente que gosta de santo, tem gente que gosta de bandido. Uns compram santo, outros compram bandido... Se todo mundo comprasse só santo, este mundo seria uma puta duma brincadeira... Já imaginou a monotonia do ponto de venda?... Tá certo que poderia diferenciar o produto santo pela cor, pelo tamanho e por uma série de sutilezas, mas seria sempre santo. Santo baixo, verde e gordinho. Santo magro, alto e amarelinho. Santo de pau de metal, de plástico, de cerâmica... Mas, sempre santo... No fundamental, sempre santo... Mas não... O bandido também está aí... Você pode gostar de santo, mas tem gente que gosta de bandido.

LINDA: O mocinho virá me salvar. É um santo, eu tenho toda a certeza. Um santo vestido de branco, que virá com a espada do anjo flamejante me libertar das suas porcas mãos, bandido.

KID: Escreve aí, Cavalo, pra eu não esquecer de botar isso quando a gente entrar na linguagem psicológica... Escreve aí... Lembrar da espada flamejante e o escambau... Eu sei bem o que é essa tal de espada flamejante, no fim das contas.

Ana entra com o feixe de capim.

ANA: Aqui está o capim, Kid Talagarça...

KID: Pois então dê o capim para Tropicante, o meu cavalo, enquanto eu canto a canção do capim. Preste atenção na canção, Linda, porque eu canto muito bem, e sou muito sensual quando canto...

KID: *(CANTA A CANÇÃO DO CAPIM)*
Eu dou ao meu cavalo capim
E ele trabalha pra mim
Me leva nas costas
A correr pelos campos
Nas fugas que eu faço
Nos assaltos de bancos
Eu dou ao meu cavalo capim
E ele trabalha pra mim
Cavalo que ajuda que luta que fala
Cavalo que dá a vida por mim
Eu dou ao meu cavalo capim.

364

CAVALO: Pelo que ele disse, parece que a vida dele vale apenas um pouco de capim. Mas não é verdade. Eu sou um cavalo sincero. Eu levo a profissão a sério. O cavalo do mocinho geralmente é um frescão... Um bicha de crinas ao vento... Arreios de prata... Anda pra trás, anda pra frente, anda de lado... Um perfeito cavalo veado. Mas eu levo a sério isso de ser o cavalo do bandido. Um cavalo de bandido tem que ser ágil, esperto, veloz... Sei galopar em zig-zag para escapar das balas... Afinal, o meu corpo é maior do que o dele... Mas eu levo muito a sério esse papo de cavalo.

CAVALO: Meu pai foi um cavalo de carroça... Pobre pai, puxava a carroça com aquele peso em cima... Ficou com a coluna vertebral arruinada. Era ainda moço e já parecia um velho, doente e alquebrado. Meu pai, depois de ser cavalo de uma carroça de carga de madeira... Quando mais velho, pobre pai, foi cavalo de carroça de areia... Um dia, puxando a carroça cheia de areia até em cima... Choveu... A areia dobrou de peso e, no meio de uma ladeira, meu pai tombou... Aquele velho cavalo baio, as crinas grisalhas... Caiu com o coração estourado. Uma carroça de areia, molhada...

CAVALO: Eu, nessa época, era apenas um jovem potro de aluguel... As crianças montavam em mim... Leves, crianças como fatias de vento nas tardes. Eu ouvia seus risos... No dia em que meu pai morreu, eu vinha cavalgado por uma leve menina de tranças...

Ao chegar ao local do trágico evento, vi meu pai ali caído, ainda preso aos varais... Os olhos muito abertos, como são abertos os olhos dos velhos cavalos que morrem pelo excesso de carga. Parei tão violentamente que a garota caiu da sela... Não liguei a ela, fui até meu pai... Queria saber como estava... Com os olhos parados, disse: Filho... Foi a última carga... Foge disso... Nem que seja pra você ser um cavalo de bandido. Disse isso e tombou a grande cabeça de lado. E seus olhos embaçados refletiram as grossas lágrimas que correram dos meus olhos.

CAVALO: Fui para casa e encontrei minha mãe, a velha égua... Ali, tordilha, na sua baia, a cabeça baixa como sempre. O longo rabo desfiado batendo nas costelas e esmagando moscas. Disse: Mamãe... Papai morreu. Ela levantou a cabeça e olhou bem para mim e chorou em silêncio, aceitando tudo, como sempre aceitara tudo desde seu nascimento... Suas únicas palavras foram: Deus o tenha, filho, o grande e eterno DeusCavalo que um dia virá galopando do mundo do nada, trazendo à vida todos os cavalos mortos que fizeram o bem e não aceitaram o chamamento do mal. Então, naquele momento, nós nos olhamos de frente e mamãe abaixou a cabeça... Eu disse: Mamãe, eu vou embora... Ela não respondeu, abaixou a cabeça tristemente e eu acrescentei: Mamãe, eu vou ser um cavalo de bandido, porque meu pai quis isso e me disse em suas últimas palavras... Mamãe, aquela velha égua tordilha, disse triste: Volte antes que eu morra... Não olhei para trás, galopei em fuga daquele lugar até encontrar os campos livres... Lá estava eu, sem sela nem freio, até que...

KID: Até que eu, um dia, meio morto de cansaço e perdido no deserto, o encontrei. Encontrei, lachei, domei e montei... E saímos por aí na nossa vida de crimes e aventuras.

ANA: Daí, num dia de outono, você, Kid Talagarça, montado no cavalo Tropicante, me encontrou na beira da estrada e carregou comigo pelos caminhos da vida. E, enquanto houve amor, eu te dei tudo o que podia.

KID: Mas daí o amor acabou, e foda-se... Você não se emociona, Linda, com as histórias que estamos contando?

LINDA: Eu quero papai. Eu quero mamãe. Eu quero o mocinho...

KID: Ela quer, mas nada pode...

CAVALO: Bem, acho que agora podemos passar a mais uma emocionante cena desta peça teatral. O título da cena que vai se passar é: "O mocinho ataca pela primeira vez". Esta cena será em linguagem sociológica.

A luz se apaga e, quando se acende, rolam pelo palco aquelas bolas de capim seco que rolam quando há ventania no faroeste. Entram de um lado Kid Talagarça montado em Tropicante. Atrás, vem Ana, puxando Linda por uma corda. Kid desconfia e faz sinal para que se abaixem. Existem umas barricadas ao lado e Kid Talagarça disfarça, até se esconder atrás da barricada. Um tiro se faz ouvir com aquele silvado característico.

KID: Protejam-se, vamos! Ei, disse para você se proteger, Linda. Não ouviu a minha ordem?

LINDA: Sim, eu ouvi, eu não sou surda.

KID: Sabe quem está lá na colina, atirando em nós? É o seu belo santo, de espada flamejante... Veja só, Tropicante, como ela ficou toda arrepiada. Você não tem personalidade, Mocinha. Na verdade, o que está interessando mesmo a você é só a espada flamejante, mas... É preciso dar aquela satisfação ao grupo social.

LINDA: Eu dou a satisfação que eu quiser ao meu grupo social. Mas nunca darei satisfação alguma ao seu grupo social.

KID: Você é que pensa. Queira você ou não, nós caminhamos para um nível cada vez maior de equalização das nossas classes.

LINDA: Eu sei os valores da minha classe.

KID: Os valores da sua classe não existem mais... Os valores da sua classe são iguais aos valores da minha classe.

LINDA: Não acredito. Os valores da sua classe são desclassificados.

KID: *(DÁ UM TIRO NO MOCINHO E RECEBE OUTRO, QUE SILVA)*
Em que você acredita? Vamos, diga...

LINDA: Eu acredito em Deus.

KID: Eu também acredito. Vou na missa todos os domingos.

LINDA: Eu acredito na família.

KID: Mas eu também acredito. Você vai ver, no fim desta peça, como é verdade o que eu estou dizendo. Eu acredito que os homens têm que se fixar num pedaço de terra e casar e ter filhos e legar a eles o fruto criterioso de seu saque contumaz... Eu sou um bandido cheio de princípios. Você ainda vai me respeitar.

Mais um tiro de cada um e o Cavalo fala com Aninha.

CAVALO: Ana, quais são os seu valores de classe?

ANA: Bom, na verdade, eu também quero me casar, ser feliz... Levar os filhos à escola, de automóvel. Quero gastar fitas de um metro e meio no supermercado. Quero ir no salão de beleza antes do jantar de sábado. Quero fazer a digestão nos teatros. Quero esticar nas madrugadas das boates. Mas se não conseguir isso, aceito simplesmente casa própria, um carro e estudo para os filhos. Quero um marido, é claro, quem é que não quer?

CAVALO: Eu, por exemplo. Não me daria bem com um marido.

ANA: Eu quero um apartamento de quatro quartos, com cozinha Kitchens, e quero ter duas empregadas, para ser classe A na classificação da ABA.

367

CAVALO: Para quem não sabe, ABA quer dizer Associação Brasileira de Anunciantes. Como todos podem ver, Ana, que é chamada pelo bandido Kid Talagarça de Cocô do Cavalo do Bandido, também tem seus sonhos...

ANA: E você, Cavalo, quais são os seus valores de classe?

CAVALO: Bom, eu estou na base da pirâmide, Aninha... Tenho que carregar aí o amigo nas costas e, na verdade, acabo sustentando você também... Quantas vezes, você e Kid Talagarça, montaram os dois neste meu lombo machucado? Hein, quantas?... Eu sou o sustentáculo desta quadrilha... Mas na hora de dividir o bolo, o que é que sobra pra mim? Capim... Porque sem capim não dá pra mim carregar você e Kid e fugir dos tiroteios... Então, de certa forma, eu valho exatamente o capim que vocês me dão. Quanto aos meus valores... Eu não saberia explicar. Eu sempre andei muito confuso por aí... Talvez por ser um pouco marginal. Você não acha que eu sou muito marginal?

ANA: Não, Alberico, não acho não.

CAVALO: Sabe, Ana... Quando eu estive entre os cavalos selvagens... Eu aprendi algumas coisas com eles... Mas o que adianta pra mim ter os valores dos cavalos selvagens se eu não sou um cavalo selvagem. A primeira lei do cavalo selvagem é curta e grossa: “Cavalo, nunca se deixe montar!” Se eu transgredi nisso, tudo que era valor foi por água abaixo... Está certo que cavalo selvagem tem que cavar o seu próprio capim... Aqui, eu tenho a vantagem de ser alimentado... Um bandido não vai querer que seu cavalo morra de fome...

Mais um tiro de cada lado.

KID: Olha, chega desse tiroteio bobo... *(PEGA LINDA E A COLOCA NA FRENTE DO SEU CORPO, PROTEGENDO-SE)* Olha aqui, mocinho! Vai dando o fora, vai... Senão eu mato a Mocinha e acabo com a brincadeira. Dou-lhe uma... Duas e...

Ouve-se um galope de cavalo que se distancia.

KID: Pronto, podem chegar... O perigo já passou... Estou com fome.

ANA: Você quer que eu prepare alguma coisa?

CAVALO: Esta cena que teremos a seguir tem o título de: “A quadrilha se alimenta ao ar livre”, e será interpretada em linguagem alimentar.

368

CENA 9 A QUADRILHA SE ALIMENTA AO AR LIVRE

A cena é uma fogueira de papel vermelho com luz. Estão assando um porco selvagem e cozinhando batatas. Kid Talagarça fazendo ginástica.

KID: Um pouco de exercício, antes do almoço, é bom para melhorar o apetite.

LINDA: Você está gordo, devia fazer um regime. Gordo e feio.

KID: Não diga, Mocinha, você acha mesmo, é... Será que você está sugerindo que eu use os produtos dietéticos que seu pai fabrica?

LINDA: Meu pai faz os melhores produtos dietéticos do mundo. Ele manda vir laranjas da Califórnia, uvas da Itália, abacaxis do nordeste, bananas do litoral sul, cacau da Bahia, castanhas do Pará... Pega tudo, mói e tira o excesso de lipídios, protídeos e vitaminas e, depois, acrescenta um belo rótulo e vende para todo o mundo.

KID: Pois eu apenas consigo pegar o que sobra, jogar dentro de uma lata e mandar brasa no mercado interno... Mas, me diga aí, o que é que seu pai faz com os lipídios e protídeos e vitaminas e sais minerais que sobram aí dos alimentos dele?

LINDA: Meu pai faz comida para o gado vacum.

KID: Sabe, o seu pai às vezes me dá inveja... Qual é o calibre do revólver dele?

LINDA: Meu pai nunca usou uma arma na vida... Ele não é um rebelde bandido, como você... Meu pai só usa armas quando faz guerra contra os inimigos da pátria.

KID: Não mistura o papo, linguagem patriótica é na outra cena...

LINDA: Agora, se vocês quiserem, eu posso cantar a canção que meu pai mais gosta.

KID: Não se acanhe, pode dançar também, se quiser.

LINDA: (*CANTA A CANÇÃO DA COMIDA SAUDÁVEL*)
Papai é quem faz a comidinha do seu nenê
Papai é quem faz a papinha e quem compra é você...
Papai é quem diz e eu acredito em papai
Quem come certinho, cresce direitinho.

Papai é quem diz e eu acredito em papai
Quem come de latinha, fica mais fortinha
Papai é quem diz e eu acredito em papai.

Não coma as coisas assim naturais
Isso é caca, é perigoso demais
Você colhe e me vende, depois compra de mim
E tudo acaba bem no fim.

Você colhe e me vende, depois compra as latinhas de mim
E tudo, meu bem, será para sempre, um paraíso sem fim.

Todos batem palmas.

KID: Muito bem, Linda, agora vamos mastigar este porco selvagem com batatas. Você sabe que o porco selvagem tem muita proteína e a batata é amido necessário ao desenvolvimento dos meus negócios.

ANA: Eu não consigo comer coisas assim naturais, sabe... É como ela diz na canção, eu acostumei tanto que não consigo mais...

KID: E o que é que eu faço com o porco e a batata? Quer que eu queime e jogue fora?... Está certo, vou colocar dentro de umas latinhas, só para dar a impressão de que já foi tirado tudo o que era alimentício... E você, Tropicante, come com a gente?

CAVALO: Não obrigado, Kid, eu tenho aqui o meu capim na marmita... Se eu começo a comer essas coisas, posso me acostumar mal... Um cavalo mal acostumado pode colocar toda uma nação a se perder... Imagine se um cavalo como eu, assim, domado, que leva seu patrão por aí... Imagine se eu...

CAVALO: Estou me lembrando de uma estória que meu avô contava... Meu avô foi um cavalo importante... Era cavalo de corrida... Eu juro que é verdade... Eu, ainda pequeno, cheguei a conhecer meu avô, ele ficava num pasto separado e tinha até o nome dele numa placa na cerca, uma placa que dizia assim... “Flashlight, o mais coroadado dos derby winners”...

CAVALO: O patrão do meu avô, o seu dono, ganhou muito dinheiro explorando as qualidades do meu avô... E agradecido por tudo, deixou que ele findasse seus dias ali, naquele pasto tranquilo... Meu avô era um cavalo muito agradecido. Comia na mão do dono. Uma vez eu entrei no pasto do meu avô e fui lá bater o papo que os potros batem com os velhos cavalos, para aprender a viver...

CAVALO: Daí, meu avô me contou como ganhou o seu primeiro grande prêmio... E como seu paladar exigente só se satisfazia com aveia e maçãs... Meu avô era um vivedor... Aveia e maçãs, imagine só. Meu avô tinha muita dignidade... Quando, mais velho, eu o encontrei um dia encostado à cerca, os pelos brancos e molhados de suor... Estava há uma semana sem comer, porque o seu dono havia mandado cortar o fornecimento de aveia e maçãs, que haviam subido de preço.

CAVALO: E ali, com os pés se afundando no capim saboroso daquele pasto, o velho Flashlight morreu, depois de uma greve de fome de vinte e um dias... Suas últimas palavras foram: “Meu neto, a dignidade é o verdadeiro alimento da vida...” Dito isso, morreu e foi para o céu, sem dúvida. É por causa do exemplo do meu avô que eu nunca arrisco comer coisas diferentes, eu posso gostar e daí, das duas uma:

ou eu, um dia, morro de fome com capim aos pés, ou então... ou então... *(COBRINDO A BOCA COM A MÃO PARA NÃO SER OUVIDO)* Ou senão... Eu vou ter que inverter a pirâmide para comer o que gostar... Mas isto fica entre nós.

ANA: Eu ouvi o que você falou para a plateia... Eles estão comendo e não ouviram, mas eu estava aqui e ouvi... Olha lá essas ideias, hein. Você ainda pode se dar muito mal...

KID: Se não come o porco, coma a batata.

LINDA: Não quero porco, nem batata... Eu preciso manter a minha linha, porque quando o meu santo mocinho chegar...

KID: Lá vem você com seu mocinho, outra vez. Eu já cansei desse papo. Vamos resolver nosso problema agora mesmo. Eu te amo, Linda, e você tem que colaborar comigo. Vai tirando as calcinhas. Cocô! Vá dar uma volta a cavalo, e só voltem quando eu mandar chamar.

LINDA: Você não pode fazer isso! Eu tenho os meus direitos! Existe uma carta dos Direitos do Homem!

KID: Você disse muito bem: direitos do Homem. Do Homem! E você é mulher. Ou será que, no fundo, você é um caprichado travesti?

LINDA: O que você vai fazer comigo?

KID: Eu vou executá-la.

LINDA: Em nome de quê?

KID: Em nome do amor e da paixão furiosa que eu sinto por você. Vão embora, vocês dois. O que vai acontecer aqui é impróprio para menores até cento e cinquenta anos.

CAVALO: Kid, ela apelou para os direitos humanos...

ANA: É isso mesmo, você não pode, meu amor... Manda ela embora e vamos nós dois fazer a cena, proibida até duzentos anos.

KID: Sai daí, Cocô...

LINDA: Eu quero os meus direitos. Eu não fui julgada e já estou condenada.

KID: Diabo... Está certo. Cavalo, anuncia aí uma cena jurídico-circunstancial que, em três tempos, a gente julga e condena esta mocinha.

CAVALO: Enfim, uma abertura... A cena terá o título de: "Mesmo nas mais graves condições do poder, existe a luz dos direitos humanos brilhando no céu do universo".

MESMO NAS MAIS GRAVES CONDIÇÕES DO
CENA 10 PODER, EXISTE A LUZ DOS DIREITOS HUMANOS
BRILHANDO NO CÉU DO UNIVERSO

A cena agora se transforma. Tem uma mesa para Kid, o juiz; uma banca para Cocô, que advoga a acusação; e uma banca para o Cavalo, advogado de defesa. A Mocinha senta-se no banco dos réus, um banquinho muito pequenininho no qual ela não se ajeita, cruzando e descruzando as pernas o tempo todo; Kid tenta olhar as pernas dela enquanto julga.

KID: Muito bem. Está aberta a sessão deste júri. Em nome da “dura lex sed lex”, eu passo a julgar a Mocinha Linda por crime de omissão de socorro e também por falta de respeito ao juiz deste tribunal, que sou eu mesmo. Cocô, você faz a acusação e, para não dizer que você fica sem defesa, o Cavalo pode ser o seu advogado.

372

LINDA: Este banquinho é muito desconfortável, eu exijo uma cadeira melhor!

KID: Aqui você não exige nada. Esse aí é o banco dos réus. É um banco estreito, de poucos fundos. Na verdade, eu nunca bati à porta deste banco. Pode começar a acusação, Cocô. Mas antes, eu quero que você, Mocinha, me responda uma pergunta: a acusada se considera inocente ou culpada?

LINDA: Inocente, de todo o meu coração!

KID: “Manduco me flumem vobis”, ou traduzindo o latim: “como me rio de você”! Comece.

ANA: Eu acuso esta vaquinha de tentar roubar o coração do amor de minha vida.

KID: Muda o disco, Cocô. Vamos aos fatos...

ANA: Ela é uma aproveitadora capitalista. Ela é a representante direta daquele grupo de pessoas que fabrica guerras, fome e miséria por toda a terra...

KID: Isso é papo furado, eu quero que você acuse ela do fundamental... O crime dela é um só... Não quis dar pra mim! Entendido?!

ANA: Ela não quis porque ela é egoísta e pensa que é melhor que nós. Ela pensa que você não tem alma, só porque é um bandido. Eu sei que você tem alma. Mas ela não sabe e merece a morte por enforcamento, ou outra qualquer.

KID: Muito bem, já ouvimos a acusação. Vamos agora ao advogado de defesa. Cavalo Tropicante, defenda a Mocinha Linda, se puder.

LINDA: Um cavalo, como advogado. Você que me condenar de qualquer jeito...

KID: E o que é que você queria? Eu sei, você queria aqueles duzentos e vinte advogados que seu pai tem, só para livrar a cara dele das mumunhas internacionais que ele apronta. Aqui, ó... Tropicante, pode relinchar em defesa.

CAVALO: Quisera eu, neste momento, caros membros do júri, ter a imponência e o tamanho do cavalo de Troia, que levou em seu bojo os inimigos de Páris, que lá foram em busca da bela Helena, roubada de Menelau. Quisera eu, membros do júri, ter as asas de Pégaso, o mitológico cavalo do herói Perseu, para fazer voar as palavras que devo dizer em defesa a esta infeliz acusada. Quisera eu ser o cavalo branco de Napoleão, aquele que o carregou nas grandes batalhas que mudaram a face política do mundo ocidental, para dar força de guerra a meus argumentos. Quisera eu ter a poesia do Rocinante, que carregou a poesia louca do inesquecível Quixote de La Mancha, para derramar em figuras de palavras tudo aquilo que deve ser evocado na defesa desta pobre inocente.

373

KID: Espera aí, Tropicante. Assim, de cavalo em cavalo, você vai acabar chegando em qualquer cavalo inconveniente por aqui. Chega de retórica, vamos aos fatos.

CAVALO: Eu acho que a Mocinha Linda é culpada. Culpada de ser bela e, por ser bela, amada. Eu acho que a Mocinha é culpada por querer ser livre e querer amar o mocinho vestido de branco.

KID: E com espada flamejante. Termina logo, que você já esgotou seu tempo...

CAVALO: Eu peço a absolvição da Mocinha Linda por falta de provas...

KID: Muito bem, ouvidas as partes eu vou dar o meu veredicto. O júri aqui presente vai se basear nos direitos humanos...

CAVALO: (*BATE PALMAS*) Muito bem!...

KID: Eu tive os meus direitos humanos ofendidos. Isso mesmo, porque desde os tempos mais antigos que homem e mulher se destinam ao mesmo objetivo, que eu propus aí à mocinha. Eu a considero culpada de egoísmo e falta de naturalidade diante de trato simples e tradicional, consagrado pela prática e pelo uso mundial. E condeno a Mocinha, em nome dos direitos humanos, ao imediato exercício corretivo nos trâmites que a lei ordena.

LINDA: Que lei é essa?

KID: A lei do mais forte...

LINDA: Prefiro morrer a ter que ceder à sua intenção. “In hoc signo vinces”.

CAVALO: Dá pelo menos um tempo para ela pensar...

KID: Está certo... Mocinha Linda, você tem uma noite para considerar meu pedido e, se amanhã ao nascer do sol, não tiver decidido, eu a marcarei com ferro em brasa nas partes mais convenientes.

LINDA: Meu santo mocinho!... Meu cavaleiro sagrado, apareça!!!

CAVALO: Senhores e senhoras, esta é a noite que antecede o sacrifício maior que a Mocinha terá que ter. Por isso, anuncio agora uma cena em linguagem místico-religiosa, que leva o título de: “A Mocinha e o Cocô do Cavalo do Bandido reconhecem sua triste sina e caminham para suas cruzes”.

CENA II

A MOCINHA E O COCÔ DO CAVALO DO
BANDIDO RECONHECEM SUA TRISTE SINA
E CAMINHAM PARA SUAS CRUZES

A cena se passa em uma igreja em ruínas, abandonada no deserto. Tem apenas um muro e um velho altar, onde está um Cristo de um braço só. Todos entram cansados, a Mocinha com as mãos amarradas.

CAVALO: Uma igreja abandonada, podemos passar esta terrível noite aqui.

KID: Então, vamos nos encostando por aqui.

LINDA: Desamarre minhas mãos. Por favor, desamarre minhas mãos.

KID: Cocô, desamarre as mãos da Mocinha.

CAVALO: Esta imagem não tem um dos braços...

KID: Esse aí é o Cristo de um braço só. Foi dar a mão para esta merda de humanidade e levaram a mão e o braço dele. É isso mesmo que dá, ficar aí tentando salvar a humanidade. A humanidade é falsa e sacana. Um homem como este... Deu a vida por nós... Coitado.

ANA: Mas ele deu a vida por nós... Ele não morreu, ele ressurgiu dos mortos. Ele que me proteja... Cristo meu, do fim do mês e do começo do mês, fazei com que dê o ganho com o gasto.

KID: O que é que você está falando aí, Cocô?

ANA: Foi só uma oração que meu pai costumava dizer...

LINDA: Cristo meu da catedral, faça com que o mocinho venha e me salve, faça com que eu entre vestida de branco, de véu e de grinalda, para me casar diante de sua glória, com guirlandas nos bancos e toda a sociedade presente. Faça com que...

KID: Faça com que você desista da ideia de não dar pra mim, que é a única possibilidade da sua salvação...

CAVALO: Aí estão eles, diante do Cristo de um braço só. Eu li num livro muar da literatura cavalari sobre a história de um humilde burrico. Nossos antepassados burros viveram no oriente, onde o Cristo esteve em sua peregrinação por este mundo. Mas é bom que eu diga que nossa Bíblia é outra. Nós veneramos o nosso CristoBurro, que faz parte da religião muar. Sabem, o Cristo aí era muito humilde... Era mesmo o mais humilde dos homens... É por isso que veneramos o nosso CristoBurro, que serviu de montaria ao Cristo dos homens. Veneramos o burrinho no qual o Cristo montava, porque ele era ainda mais humilde... Muito mais.

CAVALO: Minha avó me contou um dia que o burrinho nem pôde morrer em cruz alguma para se eternizar. Morto o seu dono, ele seguiu entre os apóstolos. Pois é verdade, o burro foi a herança dos apóstolos e, então, ele seguiu com eles e não pregou evangelho algum, mas carregou a palavra de Deus... Nunca entendeu a palavra de Deus... Mas ajudou um bocado... A multidão dos burros mais humildes que suportam o peso do mundo deve venerar sempre seu "sanctus burrus exemplaris"... Mas não foi a cruz, pois não tinha braços... Nem sequer tinha um braço só... Tinha quatro patas. Às vezes eu penso que Deus criou os cavalos e burros com quatro patas para que eles possam aguentar melhor o peso do mundo.

KID: Linda, você sabe de uma coisa? Se eu estivesse lá, na minha frente não deixava crucificar o Cristo. Mandava bala em cima dos americanos.

LINDA: Foram os romanos que crucificaram o Cristo..

KID: Pois é a mesma coisa... Pensando bem, o Cristo também teve muita falta de visão. Aquela sandália andaram pisando por cima do petróleo, trinta e poucos anos! Pisou em cima do petróleo e não se mancou. Se ele tivesse furado um poço... Um porrinha de um pocinho mixuruca, duvido que a humanidade o tivesse traído. Mas também, naquele tempo não se fazia nada com o petróleo a não ser remédio para cabelo. Mas que papo furado, meu Deus.

LINDA: (*APONTA COCÔ*) Ela está rezando... O Cocô está rezando?

ANA: Por que está tão admirada? Por acaso é proibido? Eu não consigo sozinha, então eu peço a ajuda a Deus.

CAVALO: Igualzinho à minha mãe.

KID: Reze mesmo, Cocô, o mundo precisa de gente com fé. Eu já perdi a minha, foda-se o resto.

Cocô se prepara para cantar a canção das orações. O Cavalo ajuda na resposta da liturgia, assim como Kid e Linda.

376

ANA: (*CANTA A CANÇÃO DAS ORAÇÕES*)

Santo Antônio, São João e Santa Margarida
Eu peço a todos me ajudem a encontrar o amor
Eu só peço isso e grana para ser feliz na vida
E muita saúde e força, e muito pouca dor.

CAVALO: Amem nós tudo.

ANA: Eu pagarei promessa lá em Aparecida
Se receber aquilo que estou esperando
Eu só peço grana e amor pra ser feliz na vida
E alguma vingança pra quem está me atrapalhando.

CAVALO: Amem nós tudo.

ANA: Se, no meu pedido, não for atendida
Desculpe muito, Cristo, mas eu mudo a proa
Eu só peço grana e amor pra ser feliz na vida
Largo já da igreja, chego no peji, mudo de patroa.

CAVALO: Saravá, mia fia.

ANA: A felicidade não pode ser proibida
Eu vou chegar a ela de qualquer maneira
Eu só peço grana e amor pra ser feliz na vida
Apelo para tudo na religião tipo brasileira.

CAVALO: Amem nós tudo
Saravá, mia fia.

LINDA: Eu já tenho grana, pois sou bem-nascida
Amor, se não chegar, eu tacho ficha e banco
Eu não tenho medo de ser feliz na vida
Logo chega meu herói, com seu cavalo branco.

KID: Dólar chegou nos quarenta.

ANA: Saravá, mia fia.

CAVALO: Amem nós tudo.

LINDA: Pago em cash ao portador da letra
Juros de mora de dezesseis por cento
Sem choro, mumunha, gemido nem mutreta
O que cai da bolsa fora, na bolsa não entra dentro.

KID: Decaiu o índice do Bovespa
Abelha de mel disfarçada em vespa.

ANA: Puta merda, mais um grande aumento
Deixa o carro aí e vamo comê vento.

CAVALO: Cavalos do campo vindo pra cidade
A coisa está feia mesmo, de verdade.

LINDA: God Bless America.

KID: Salve o papagaio.

ANA: Saravá, mia fia.

CAVALO: Amem nós tudo.

TODOS: E tudo que não foi dito
Fica certo e combinado
Oi Yeeeeeeeeesssssss.

KID: Bem, vamos amanhecer logo esse dia. Agora chegou a hora
da espada flamejante do mocinho ir para o seu devido
lugar. Anuncia aí uma cena em linguagem sexual direta,
Cavalo, que está na hora de justiça a Mocinha Linda.

CAVALO: Bem, amigos, aceitando a sugestão de Kid Talagarça, vamos a mais uma emocionante cena desta... desta... desta... peça. A cena se intitula: “A tortura do desejo com suas implicações safo-sado-masoquistas”. Esta cena será em linguagem sexológica diferencial.

CENA 12

A TORTURA DO DESEJO COM SUAS
IMPLICAÇÕES SAFO-SADOMASOQUISTAS

A cena mostra o deserto com alguns cactos. Uma caveira de boi. A Mocinha está amarrada num poste, com as mãos para trás. Sua blusa está rasgada, deixando mais à mostra o seu decote. Aninha, com um fole, ativa um forno de pedras que pulsa mais vermelho a cada bufada. Kid Talagarça esquentando um ferro de marcar gado. O Cavalo está horrorizado; vai até a Mocinha:

378

LINDA: Ele não pode fazer isso comigo. Ele não pode me amarrar neste poste e me marcar com o ferro em brasa! Por favor, Cavalo, faça alguma coisa... Eu peço, encarecidamente, que faça alguma coisa... Se você me salvar, meu pai pode te dar um belo pasto... Você será o meu cavalo predileto e eu montarei em você e sairemos a passear pelas tardes de verão... E iremos à lagoa, e eu tirei minha roupa... Nadarei nua e crua, e depois cavalgaremos... Eu toda nua, nua como Lady Godiva, montando você, Tropicante, em pelo...

CAVALO: Por favor, não fale mais, Dona Mocinha... Eu não posso ouvir essas coisas. Não fica bem para um cavalo... Bom, eu também tenho sangue nas veias... Mas não posso me deixar levar por esta tentação...

LINDA: Você é um reprimido... Eu aqui te dando toda a esperança do mundo e você aí, nessa sua impotência...

CAVALO: Essas palavras não ficam bem na boca de uma virgem.

LINDA: Virgem, sim, mas você não sabe até que ponto vai minha virgindade... Você não conhece todas as minhas possibilidades...

CAVALO: Por favor, Dona Linda... Eu sou apenas um pobre cavalo de bandido e não posso me deixar cair em tentação...

LINDA: Covarde... Brocha!

CAVALO: Não fala assim, por favor, não fala assim...

Kid Talagarça esquentando o ferro com Aninha, que resfolega.

KID: Vou tacar o ferro nessa Mocinha... Ela vai ver só como dói uma saudade.

ANA: Marca ela na cara, de uma vez por todas... Acaba com aquela carinha de puta enrustida que ela tem...

KID: Cocô, eu acho um sarro torturar uma mulher... Fora de qualquer brincadeira. Eu fico mesmo fora de mim... Agora, vamos lá mostrar o ferro pra boneca...

Kid e Aninha se levantam. Kid empunha o ferro de marcar, com a ponta rubra. Caminha lentamente para a Mocinha, amarrada na árvore. A Mocinha, apavorada, se contorce. O Cavalo se afasta para não ver a horrível cena.

379

KID: Linda, meu amor.. Você está vendo bem este ferro em brasa que está aqui na minha mão?

LINDA: Canalha, você quer me marcar por toda a vida... Você quer destruir minha suave beleza clássica, só porque eu não quis dar para você.

ANA: Cala a boca, sua vaca! Mete o ferro nela...

KID: Calma, Cocô... Muita calma... Olha só como eu estou tremendo... Deixa eu escolher o lugar onde eu vou fazer a marca do meu rancho: Ká, Tê... Você ouviu, Cocô, está faltando uma letrinha só pra minha marca ficar no olho... Tá faltando um Cê... Porque daí, a marca ia ficar assim: Ká... Cê... Tê... Uma marca do cacete.

ANA: Mas se você um dia voltar a me amar, você pode pôr o Cê na sua marca...

KID: É verdade, porque seu nome começa com Cê, Cocô... Mas como isso nunca vai acontecer, eu nem penso... E vê se não corta a minha onda... Sai de lado, Cocô... Que eu vou tacar o ferro na Mocinha... No fundo, você está querendo é levar ferro mesmo... Pensa que eu não estou percebendo... Você está pensando, aí por dentro, que o meu ferro em brasa é igualzinho à espada flamejante do mocinho... Mas isso tudo, no fundo, é simbologia barata... O que você quer, eu sei...

LINDA: Olha, você está falando tanto na espada flamejante do mocinho que eu já estou desconfiada que você está é louco pra levar umas cutucadas com ela.

KID: O quê?! O que é que você está falando, aí? Se você pensa que vai me complexar com esse papo de espada flamejante, está muito por fora... Eu não me deixo levar por esse tipo de papo. E tem mais... Eu sou homem e sei disso... Sou macho e ninguém nunca duvidou... Se você pensa que eu vou ficar preocupado com esse papo de mocinho e espada flamejante, você está por foríssima... Se eu tivesse alguma dúvida da minha macheza, eu podia ficar aí numa pior... Se você quer saber quem eu sou, pergunta aí pro Cocô, como é a coisa...

ANA: Você é o maior amante que o velho e o novo oeste já conheceram. Eu nunca tive na cama um homem tão homem... Eu tenho saudades de você, meu amor... Quando a gente estava numa boa...

KID: Chega de propaganda sexual, Cocô... A Mocinha pode ficar com vontade de conhecer Kid Talagarça de mais perto... Mas agora chega de papo, vamos tacar o ferro nela... Olha só o ferro chegando perto de você... Está sentindo o calorzinho?...

LINDA: Socorro! Mocinho!!! O bandido está querendo me tacar o ferro quente!

KID: Grita mais... Grita que eu sou um sádico... Eu gosto de ver você gritar, me deixa numa boa... Porque quando você grita de medo do meu ferro, eu vejo a cara de idiota do seu pai, tentando acabar com a minha vida... Ele quer “mifo”, pois aí eu “tifo” e ele “sifo”...

LINDA: Tira esse ferro pra lá! Veado!

KID: Pronto, cortou a minha onda... Escuta aqui, meu bem... Veado por quê? Eu sou, por acaso? Estou desmunhecando? Eu, por acaso, estou de salto alto na porta do Hilton? Não? Então, não adianta me provocar...

LINDA: Bicha enrustida...

KID: Espera aí, assim não dá não... Bicha enrustida pode ser o pederasta do seu pai... Não vem que não tem... Se fosse homem que me tivesse falado isso, eu matava... Mas como é você, Linda, eu não ligo... Mas agora você cala a boca que lá vai ferro.
(VAI QUEIMAR A MOÇA, MAS NÃO AGUENTA SEGURAR O FERRO, QUE PENDE AO CHÃO) Não... Não é possível... Isso nunca me aconteceu... Já me aconteceu alguma vez isso, Aninha?

ANA: Você me chamou de Aninha!... Meu amor...

KID: Sai pra lá, Cocô... Eu te juro, Linda, é a primeira vez que me acontece...

LINDA: Brocha...

KID: Não fala assim comigo, porra! O que será que foi... Eu acho que você é um bagulho... E com bagulho do seu nível, não há quem possa com o ferro... E depois, eu sempre tive medo de pegar alguma doença... E tem mais ainda... Estou começando a desconfiar que o Cocô do Cavalo do Bandido anda botando salitre na minha comida pra evitar o inevitável.

O bandido vai até o Cocô... Enfia o ferro na cara dela e interroga:

381

KID: Você anda mexendo na minha comida, sua puta?

ANA: Não, eu nunca fiz isso na minha vida...

KID: Vamos, confesse que você botou salitre na minha comida...

ANA: Não confesso...

KID: Ana... Aninha... Confessa, vá... Eu estou começando a ficar com medo da Mocinha...

LINDA: Venha cá, seu veado... Me desamarre deste poste... Anda logo, seu brochado de uma figa...

KID: Sim senhora, Mocinha Linda... Eu já estou indo... Estou indo... Vou de joelhos...

Kid corre de joelhos, depois fica de pé e desamarra a Mocinha, que tem o brilho nos olhos necessário ao que vai se passar.

LINDA: (*PEGA UM CHICOTE A UM CANTO*) Vamos lá, viadão...
Eu quero ver você se arrastando no chão, como
um verme... Rasteje... Vamos, rasteje...

KID: Não vai usar o chicote em mim, vai? Eu sei que você não tem coragem.

LINDA: Você está é pedindo para levar uma boa
surra... (*ESTRALA O CHICOTE*)

KID: Esse passou perto...

LINDA: Mas não se anime não, seu bicha... Eu não vou chicotear você...

KID: Mocinha, eu te imploro, eu te peço... Uma lambadinha
só... Uma... Uminha lambadinha, de levinho...
Eu te imploro... Olha como eu rastejo...

LINDA: Então, fala que você tem inveja do meu pai...

KID: Eu tenho inveja do teu pai, porque ele é internacional
e eu sou um bosta de um nacional mirrado... Eu
sou um anão... Bate no anão, bate no nanico!

CAVALO: Meu Deus, que decadência... Parece até a Roma antiga... Isso
me faz lembrar um antepassado... Incitatus... Foi o cavalo
de Calígula... Dizem que este meu antepassado viu coisas
no império romano que só o diabo poderia patrocinar...
Esse meu antepassado é autor de um dos grandes sucessos
da literatura cavalares... Chama-se o livro: Minha vida com
Calígula... Ali, ele narra bacanais tão acidentadas, das quais não
conseguiu escapar... Imagine só, um cavalo numa bacanal...

KID: Cavalo, olha pra mim! Tropicante, me pisa! Me escoiceia, galopa no
meu peito, pisa minha cara... Mocinha, umas lambadinhas só...
Na cara, me bate na cara... Eu sou um sem-vergonha, eu mereço
levar na cara... Dá um telefone pra ela, Cocô... Dá um telefone...

O Cocô do Cavalo do Bandido dá um telefone para Mocinha.

ANA: Aqui está o telefone...

KID: Liga pro teu pai... Liga pro teu pai...

LINDA: (*LIGA O TELEFONE RAPIDAMENTE*) Alô... Eu quero falar
com papai... Papai?... É Linda, sua única filha...
Eu estou presa. Fui raptada pelo bandido...

KID: Agora, deixa eu falar com ele, enquanto você
me bate... Me dá o telefone...

LINDA: Papai, o bandido vai falar com você... Pode falar...

KID: Alô... (*PARA ELA*) Me bate!

A mocinha vai chicoteando o bandido, enquanto ele fala com o pai dela pelo telefone.

KID: Aiiii... Alô papai... Eu quero dizer tudo o que eu penso de você, seu canalha. Uiiii... Bate com mais força! Você, seu apátrida canalha, ainda vai me ver pelo pedaço... Que coisa gostosaaaa... Você não vai poder me foder a vida toda... Você, um dia, vai me pedir penico... Seu filho duma boa... Aiiii... Um dia você vai ter que arreglar comigo, canalha... Você vai ter que arreglar comigo...

KID: Seu fim está próximo, todos já sabem que você só pensa em dinheiro... Só pensa em aiaiaiaia... Só pensa em explorar, em submeter... Seu vagabundo. Você vai ter que enfiar o seu capital de giro no fiofóoooooooo... Bate no fiofó. Aí, você vai se arrastar, como eu estou me arrastando, e vai achar gostoso... Bate mais... E eu vou te dar de chicote... Vou te dar de chicote... Você vai pedir esmolas na porta do circo, canalha... Nas noites de inverno, você vai dormir gelado em baixo de uma ponte...

KID: Daí, eu pego as suas máquinas, as suas fábricas, os seus mercados e daí, eu mando erguer um prédio em Wall Street e outro ao lado da Bolsa de Londres e outro em Tóquio e outro em Amsterdã... Daí... Bate mais! Eu vou, mando ver o preço internacional dos meus produtos... Daí, eu invado tudo e mando bala e faço guerra e acabo com seu negócio e vou indo e fico dono do mercado e dano tudo.. e petróleo... e açúcar... e café... satélite... viagem a Marte e bomba limpa e bomba suja... e aiaiaiaia... (*DESLIGA; CAI DE LADO, EXAUSTO; PUXA UM CIGARRO, ALI DEITADO, ACENDE-O...*)

LINDA: Kid Talagarça... Você está quieto... Por quê?

KID: Engraçado... Tudo é muito engraçado... Sabe, Linda... Eu sou muito solitário... Eu ando tanto por aí, sem rumo... Fazendo os meus próprios caminhos... Às vezes, eu até penso que o melhor seria pendurar a chuteira... Vender os revólveres, fechar a Bolsa de Valores... Me enfiar pelo meio do mato e ir plantar milho, abóbora... Você gosta de abóbora? Eu, no fundo, sou um ser ecológico... Mas as pessoas não querem me conhecer no fundo... Me querem ali no raso mesmo...

Kid senta-se nas pernas cruzadas. A Mocinha está olhando o infinito. Senta-se também.

KID: No que você está pensando?

LINDA: (*CHORA*) Eu não consigo me realizar sexualmente... Eu fico excitada porque estou te destruindo, mas aí eu quero que você me destrua... Eu não sei se eu te destruo... Mas se eu te destruo, você acaba me destruindo... Por mais gostoso que seja destruir... Não paga a pena... Eu não sei amar... Eu sou uma merda!

KID: (*CHORA TAMBÉM*) Eu também sou uma merda... Eu sou um tarado, um monstro sexual e eu só fico excitado quando querem acabar comigo... Quando alguém quer me tirar do mercado, daí eu fico louco... Mas depois, vem esse puta desse vazio... Quer tomar alguma coisa?

LINDA: Aceito...

KID: Cocôooooo... Traz a maleta amarela!

Ana vai buscar a maleta amarela que, aberta, se transforma num bar com garrafas, copos e gelo.

384

KID: (*SERVE LINDA*) Uísque?

LINDA: Com dois cubos de gelo...

KID: (*SERVE, COLOCA OS CUBOS DE GELO*) Pronto...

LINDA: (*MEXE COM O DEDO*) Eu acho horrível mexer uísque com o dedo, mas... Já que estamos ao ar livre...

KID: (*ENCHE UM COPINHO E VIRA, COMO CAUBÓI, DE UMA VEZ PARA A GOELA*) Ahhhhhggg.

LINDA: (*PROVA O UÍSQE E COSPE RÁPIDO*) É nacional... Você quer me matar envenenada?!

KID: É nacional e muito bom...

LINDA: Muito obrigada... Quer uísque, Cocô?

ANA: Quero. (*PEGA O COPO E BATE NO COPO DO BANDIDO*) Tim-tim. (*BEBE*) Que delícia... Como desce bem esta bebida... É o néctar dos deuses...

KID: É feito com malte importado da Escócia... Sabe, a Escócia é um pequeno país com uma grande produção de uísque. Se é verdade que todo uísque escocês vem da Escócia...

LINDA: Posso ir embora?

KID: Não... Ainda temos outras linguagens para conferir... E a linguagem que eu quero conferir agora é a linguagem do adeus. Cavalo, inventa aí uma cena triste porque eu vou deixar ela ir embora. Entrei na náusea de cabeça. Perdi a vontade e todos os desejos.

LINDA: Graças a Deus.

ANA: Mais uma chance!

CAVALO: É com emoção que eu anuncio a cena a seguir. Terá o título de: “Crepúsculo do Bandido e a partida para sempre de seu grande amor”.

CENA 13

CREPÚSCULO DO BANDIDO E A PARTIDA
PARA SEMPRE DE SEU GRANDE AMOR

385

A cena agora é no deserto. A Mocinha acabando de arrumar as malas. Veste-se como turista em viagem. O Bandido, sentado numa pedra, mexe com uma varinha no chão, desenhando formas inúteis. A um lado, o Cocô do Cavalo do Bandido faz uma maquiagem exagerada para ficar muito sexy.

LINDA: Deixa eu ver se não esqueci de nada... Mulas... Máquina fotográfica... Posso tirar uma fotografia sua?...

KID: Falou comigo?

LINDA: Posso tirar uma foto sua? É para o caso de alguma reportagem sobre o meu sequestro...

KID: Pode... *(COLOCA O LENÇO NO ROSTO, DEIXANDO SÓ OS OLHOS DE FORA E PUXA OS DOIS REVÓLVORES)* Pronto...

Linda tira duas ou três, depois vai se movimentando em torno do Bandido, disparando a máquina.

CAVALO: Bom, aqui estou, arreado para levar a Mocinha de volta a seu mundo. Ainda bem que esta peça teve um final feliz. Vejam que Aninha, o Cocô do Cavalo do Bandido, está se maquiando porque vai tentar conquistar o coração de Kid Talagarça mais uma vez. Conseguirá? Não sei...

CAVALO: Eu não entendo muito de amor... Mas, na adolescência, eu tive uma paixão... Eu não gosto muito de contar esta estória porque foi um pouco chata. Era uma potranquinha dourada. Nós vivíamos no mesmo pasto e dormíamos no mesmo estábulo. Seu nome era Douradinha, mas eu a chamava de Nancy e ela me chamava de Alberico.

CAVALO: Era um tempo bom, porque só as crianças nos montavam... Eu ainda não era cavalo de aluguel, era um jovem potro numa fazenda verde. Nós costumávamos correr juntos pelos campos e eu a seguia de perto, aquelas ancas gostosas, cor de ouro, à minha frente. Tinha crinas de seda. Um dia, em meio a uma tempestade, nos abrigamos embaixo de uma frondosa árvore. Ali isolados, nos envolvemos em carícias loucas, até que... Até que não havia mais carícia que não fosse a suprema e sublime união que nós, cavalos e égua, cumprimos como destino natural.

CAVALO: Mas o dono da fazenda nos surpreendeu e, como estava com a filha, não gostou que ela visse o que fazíamos. Nos bateu e, no dia seguinte, me vendeu para o homem que alugava cavalos. Enquanto eu ia embora, vi Nancy, a cabeça fora da baia, relinchando por mim... Dei um par de coices na porteira, mas não consegui me soltar.

CAVALO: Nunca mais nos encontramos. Um dia, soube que havia se casado com o cavalo de arado do fazendeiro. Parece que é feliz e tem muitos potros e potrancas para cuidar... Depois daquilo, o amor me faz sempre mais terno... Mesmo o amor dos humanos, que é tão difícil e complicado... Mas está na hora de levar a mocinha embora.

KID: Tropicante, você leva ela até um lugar onde ela possa chegar a salvo. Pode montar, Linda.

LINDA: Me ajude...

Kid ajuda a Mocinha a montar. Ela monta e Kid vai pendurando todas as malas dela em Tropicante.

LINDA: Adeus, Bandido...

KID: Adeus, Mocinha...

LINDA: Adeus, Cocô do Cavalo do Bandido.

ANA: Adeus, Linda. Nunca uma partida me deixou tão alegre e satisfeita.

LINDA: Vamos, Tropicante.

CAVALO: Volto logo, Kid Talagarça...

Uma música triste se faz ouvir e Tropicante, a passo lento, vai levando a Mocinha embora. O Bandido volta a sentar na pedra, Cocô deita-se a seus pés como um cachorro. Kid dá um chute nela.

KID: Passa daí, Cocô... Não vê que eu estou triste, porra?!

ANA: A tristeza passa... Você não reparou como eu estou bonita?

KID: Não me encha o saco! Minha vida acabou... Nada mais me resta, senão sofrer. Mas, pensando bem, ela não servia para mim... E, antes que você diga qualquer coisa, eu já vou dizendo: você também não serve para mim, Cocô.

387

Toca o telefone. O Bandido atende.

KID: Alô... É Kid Talagarça, bandido... Ela está acabando de sair... Quer falar com ela? É urgente? Espera na linha... Linda! Telefone para você, é seu pai e diz que é urgente.

O cavalo galopa de volta e ela atende montada mesmo.

LINDA: Alô... Papai, uma notícia formidável... Fui libertada... Avise a todos os jornais e revistas... Kid Talagarça me soltou... Incólume... Uma péssima notícia para mim... O Islã em pé de guerra? Qual pé, esquerdo ou direito? Os dois pés. Nossa, papai! My God! O Japão fez isso com o senhor? A Inglaterra e a Holanda? Eu sempre disse para o senhor não confiar em ilhas. A balança comercial desbalanceou? A Bolsa de Nova Iorque? Nova política... Sim, papai... É claro que sim... Se alguém tem que se sacrificar... Eu aceito... Joana D'Arc fez o mesmo. O mundo livre espera o quê? Ah, sim, espera muito de mim. Está bem.

A Mocinha desliga o telefone. Desce do cavalo.

LINDA: Kid Talagarça, eu mudei de ideia. Sabe, eu pensei muito e acho que fui injusta com você. É isso mesmo, injusta. Injusta, egoísta e desalmada. Você caindo de paixão por mim e eu, fria como um peixe...

KID: Fria como um peixe congelado no inverno do Alasca...

LINDA: Na verdade, nessa convivência que nós tivemos, eu percebi que você tem muitos valores. Você luta pela vida e acredita no futuro... Kid, eu resolvi te dar uma chance... Você quer se casar comigo na Catedral, de vestido branco e você de casaca de rabo?

CAVALO: É incrível, mas ouvi...

ANA: Um truque, ela quer levar você ao pai dela e ele acaba com você...

LINDA: Não é não... Eu te amo Kid Talagarça... Eu te amo muito...

KID: Mas, agora, sou eu que não quero...

LINDA: Por favor, meu amor, eu te imploro. O mundo livre precisa de nós. Eu preciso de você. Meu pai disse que, se nós nos casarmos, ele me dá um dote...

KID: Eu não quero nada do seu pai. Eu quero é acabar com ele de uma vez... Desiste Mocinha Linda. Monte e vá embora, de uma vez por todas...

LINDA: Mas eu estou louca por você, e não vejo a hora de nós nos casarmos, para poder dar para você com o aval de Deus e dos homens.

CAVALO: Que coisa...

ANA: É uma cilada, Kid... Cuidado, é uma cilada.

KID: Qual é o dote que seu pai falou que dava?

LINDA: Ele me disse que dava capital de giro...

KID: Em dólar?

LINDA: Em dólar...

KID: Você me fez sofrer muito, Linda... Eu não devia dar esta chance a você... Mas se é para o bem do mundo livre, diga a seu pai que eu aceito.

LINDA: Meu amor. (*BEIJA-O*) Eu quero ter muitos filhos... Cinco, para tomarem conta dos nossos escritórios em cada continente...

KID: Não se esqueça das ilhas... Tropicante e Cocô do Cavalo do Bandido... Ouçam! Linda e eu acabamos de ficar noivos...

CAVALO: Meus parabéns...

Cocô chora.

LINDA: Vamos, meu amor, todos estão à nossa espera. Vai ser o casamento do século. E, quando o padre disser: Kid Talagarça Companhia Limitada, aceita Mocinha Linda S/A como sua legítima esposa, você dirá...

KID: Direi “sim” e, quando o padre disser: Mocinha Linda S/A, aceita Kid Talagarça Companhia Limitada com capital de giro em dólar, você dirá...

LINDA: Direi “sim”, sim, mil vezes sim...

KID: Venha, Linda.

Kid e Linda montam em Tropicante.

389

CAVALO: Devagar com meu lombo porque, afinal, são duas empresas em cima de mim...

ANA: Maldito... Maldita... Eu os odeio... Mas não tenho outro destino, vou com vocês.

KID: Vai, mas vai a pé, porque o cavalo não vai aguentar você no lombo dele...

ANA: Aguenta, não aguenta, Tropicante? Eu sou levinha.

CAVALO: Assim não dá... Um momento que eu vou dar uma solução melhor para este impasse da estória.

Tropicante vai ao lado e volta com uma carrocinha de varais. Se atrela a ela e os três sobem na carroça.

CAVALO: Senhores e senhoras, estamos chegando ao fim desta incrível peça. A última cena, como veem, é de alto teor sociopolítico. Se alguém aí está querendo uma condução, não se acanhe... Eu estou aqui para isso mesmo.

KID: Vamos, Tropicante, sua nova dona está impaciente... Vamos em busca do ouro, como os pioneiros da Califórnia.

LINDA: Precisamos dar uma escovada no Tropicante antes de chegarmos à cidade. Agora, suas responsabilidades aumentaram... Você sabe falar inglês, Tropicante?

CAVALO: Só coisa que vi no cinema, há muitos anos... Keep your dirty hands out... Come on boy... This city is too small for both of us... Go to hell... Coca-Cola is the best... Give me a chance... Kill him... Help, I need help... When somebody loves you it's no good unless he loves you...

KID E LINDA: (*CANTANDO*) All the way...

CAVALO: Esta carroça foi uma boa saída. Pelo menos ninguém me senta diretamente no lombo... E que ninguém nos ouça... Qualquer dia destes eu desembesto e vou ser cavalo selvagem... Conhecem a canção do cavalo fiel... É assim...

Enquanto dá umas duas voltas pelo palco antes de sumir, o Cavalo canta e os três fazem coro.

CAVALO: (*CANTA A CANÇÃO DO CAVALO FIEL*)

Era uma vez um cavalo fiel
Que puxava carroça lotada
Esperava morrer — Ir pro céu
Esperava só isso e mais nada.

CORO: Puxa, puxa, puxa a carroça
Oh, meu garboso corcel
Puxa, puxa, puxa a carroça
Oh, meu garboso corcel

CAVALO: Era uma vez um cavalo cruel
Que puxava a carroça lotada
Antes de morrer quis ver o céu
E fugiu em disparada

Dito isto, o Cavalo se desatreia, vira a carroça e some.

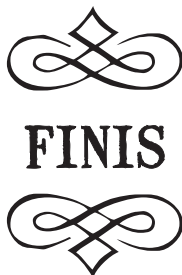
KID: Volte, Tropicante. Não adianta fugir. Eu vou te laçar e vou te domar outra vez.

LINDA: Que ingrato! Nos abandonou.

ANA: Bem-feito. Agora todos vamos a pé.

KID: Nem todos, Cocô do Cavalo do Bandido, nem todos... Vamos lá, eu vou te promover. Como estamos sem transporte, eu promovo você, Aninha, de Cocô do Cavalo do Bandido a Cavalo do Bandido Extranumerário.

Aninha vai responder, Linda coloca-lhe o freio na boca. Kid pega o chicote e a carroça sai. Kid dá seu grito de guerra e estala o chicote. Cantam a mesma Canção do Cavalo Fiel.





**AS AVENTURAS E
DESVENTURAS DE
MARIA MALAZARTE
DURANTE A
CONSTRUÇÃO DA
GRANDE PIRÂMIDE**

AS AVENTURAS E DESVENTURAS DE MARIA MALAZARTE
DURANTE A CONSTRUÇÃO DA GRANDE PIRÂMIDE

PERSONAGENS

SACERDOTISA-MOR

FARAÓ

VIZIR

FENÍCIO

MAGO

GENERAL

FANESSA, MULHER DO FARAÓ

ARTISTA

MULHER DO ARTISTA

ARAUTO

MARIA MALAZARTE

METERP

SACERDOTISAS, SACERDOTES

FORNECEDORES, PLANTADORAS

PROSTITUTAS, ESCRAVOS

NAGAFI

LATIFA

NAFUN

MÉDICO

Esta peça foi encenada clandestinamente, em 1967 ou 1968, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”, na Rua Caio Prado, em São Paulo.

Primeiro Canto do Templo, feito pelo coro das sacerdotisas do culto de Rá, que entram e tomam lugar.

CORO: (Cantam a **Canção do Templo**)

Tu, oh, Amon, és o senhor do silêncio
Que acodes ao chamado do pobre
Quando em minha aflição chamo por ti
Tu vens para salvar-me,
Dá pois alento a quem se prostra diante de ti
E não deixes que caia em escravidão.

SACERDOTISA-MOR: Senhores e senhoras, não é nosso costume abrir os mistérios do templo ao público. Mistérios são mistérios e se qualquer um fica por dentro, deixa de ser mistério e aí, então, adeus o templo, os sacerdotes e a doutrina. Este é o templo de AmonRá, o deus de corpo de homem e cabeça de falcão. Ainda bem que é assim, pois se tivesse cabeça de homem e corpo de falcão há muito que Amon teria batido as asas desta terra infeliz. Como todos sabem, temos duas forças divinas formidáveis: a força de Osíris, o deus da natureza, e a força de AmonRá, o protetor dos homens. Da luta entre as duas, vivemos nós. Osíris nos manda suas mensagens pela própria natureza, subindo e baixando o Nilo todos os anos; AmonRá, através do seu oráculo anual. Não temam, nem deixem de temer. O poder dos deuses é inevitável. Se acharem alguma coisa estranha ou fora de propósito, será por pura falta de observação do mundo ao seu redor. Tudo é muito estranho e as estórias que se contam nunca dizem verdadeiramente a verdade verdadeira. Em Mênfis, no Egito, exatamente oito horas e trinta minutos. Neste horário apresentamos...

Pequeno coro de sacerdotisas canta coral com música do “Repórter Esso”.

ORÁCULO: (VOZ APARECENDO COM EFEITOS DE TROVÃO E LUZES) Tenho vos falado de vacas gordas, de períodos de abundância e de felicidade quase geral. Também tenho vos falado de vacas magras, tempos de fome e desespero. Agora vos falo do tempo sem vacas.

Quem entendeu, está entendido, quem não entendeu que se dane. Afinal, o Oráculo deve se resguardar na dubiedade das interpretações. As águas do Nilo subirão e descirão, as estrelas não mudarão de lugar. Haverá gritos nas ruas. O Faraó terá uma ideia. Não será boa nem má. Será justa. Assim como Rá tem cabeça de pássaro em corpo de homem, aparecerão cabeças de velhos com pés de galinha. Eu disse. Esta predição foi uma gentileza da Oráculo Enterprise Corporation. Nossa nova predição daqui a um ano, neste mesmo horário.

O coro das sacerdotisas canta a Canção das Vacas.

CORO: (Cantam a **Canção das Vacas**)

Pode estar a vaca gorda
E o homem estar bem magro,
Pode estar a vaca magra
E o homem engordar.
A vaca tem sentidos tão diversos
Que confunde os universos
Da gordura e da magreza.
A verdade eterna e sempiterna
É que o dono da vaca é sempre gordinho,
Quem vende a vaca é sempre gordinho,
Quem come a vaca é sempre gordinho.
Quem fica sem vaca é que fica magrinho.

Ai de quem, ai de quem não tem
Ai de quem, ai de quem não tem
Não tem a vaca, não vende a vaca,
Não come a vaca.
Pra esses, uma das duas verdades nuas
Ou vira vaca.
E é vendido, comprado, comido;
Ou se vira na vaca
Do jeito que der.
A verdade eterna e sempiterna
É que o dono da vaca é sempre gordinho,
Quem vende a vaca é sempre gordinho,
Quem come a vaca é sempre gordinho.
Quem fica sem vaca é que fica magrinho

CENA 2 NO PALÁCIO DO FARAÓ.

*Faraó, Vizir, sacerdotes, sacerdotisas, um mago,
um fenício economista e o povo solicitante.*

FARAÓ: Hoje eu acordei cabreiro por causa das vacas. Aquela fala de ontem do oráculo me tirou o sono. Que queria dizer o nosso oráculo, hein? Tempo sem vacas?!

CORO CORAL: Faraó falou!!!

FARAÓ: Vamos trabalhar para o povo, então. Como vocês sabem, o Faraó e os deuses estão aqui para trabalhar pelo povo. Todos são iguais perante a lei. Evidentemente não falo dos escravos. Afinal, isto aqui não é nenhuma democracia. Aliás, ela ainda nem foi inventada e, quando for, será o mesmo com os escravos. Estamos aqui para cuidar dos homens livres.

CORO CORAL: O Faraó falou.

398

FARAÓ: Vamos aos despachos...

ARTISTA: A Comissão de Cultura pede a palavra... (*PUXA PAPIRO*)
Qual águia impávida e etérea, o Faraó paira sobre os mortais dignificando os gestos humanos de todo o povo egípcio. Qual flor à margem de um lago, o Faraó embeleza a terra, que se envaidece e, dadivosa, oferece ao povo a sobrevivência. Qual sol divino, o Faraó resplandece em raios fulgentes, abrindo as inteligências ao saber e as sensibilidades à graça da arte. E a Comissão de Cultura, inspirada na imagem do Faraó divinal, pretende justificar a graça e a leveza das jovens egípcias abrindo uma escola de danças. E para uma mostra do nosso trabalho inicial, queremos apresentar um bailado que intitulamos “Egito, de Menés a Keops”.

*Entram as jovens e dançam enredo com os
personagens: Rio Nilo, Faraó Menés, Faraó Keops.*

ARTISTA: Este é o Rio Nilo, em cujas margens vive o nosso povo.

Dança: o Rio serpenteia e corre.

ARTISTA: Este é o Faraó Menés, que mudou a capital para Mênfis.

Dança: o Faraó dança com o Rio.

ARTISTA: Este é o Faraó Keóps, dono de nosso destino. Agora, o Rio Nilo está baixo e não quer subir para umidificar as margens. Mas o Faraó fala ao Nilo e o Nilo enche... O Nilo enche... Enche...

FARAÓ: Olha aqui, antes que o Nilo transborde...
Em quanto fica a tal escola?

ARTISTA: Os planos estão com o contador Fenício.
Dezessete mil moedas de prata.

FARAÓ: Tragam o papiro que eu vou assinar... Aqui entre nós, oh, artista, estava tudo muito bonito, as meninas muito graciosas e tudo o mais. Mas essa do Faraó falar e o Nilo encher... Encher... Encher... Isto pode dar duplo sentido...
Veja lá, hein!... Mando te cortar os gargomilos...

ARTISTA: Mas Faraó, eu não vejo duplo sentido...
Mas eu mudo, eu mudo tudo...

FARAÓ: Dá cá o papiro... (*VAI ASSINAR*)

Entra um mensageiro da Western.

MENSAGEIRO: Não assine nada, Faraó. A situação é grave...

FARAÓ: O que é que aconteceu?...

MENSAGEIRO: Caiu o mundo... Nossos camelos estão cotados a 0,1 no mercado. Os jornais do mundo todo não querem mais nossos horóscopos. O Nilo desceu e não subiu: não temos húmus para o plantio. Nossos mercadores regressaram de mãos vazias. É a crise! Estamos nas vacas magras.

FARAÓ: Agora morei na verdade terrível do Oráculo. Qual vacas magras qual nada, tempo sem vacas. Até as vacas morreram. Está declarado o estado de sítio.

Sala do palácio. Ouvem-se os gritos dos populares, que vêm das ruas. O staff está todo reunido: Fanessa – mulher do Faraó, o Vizir, a mulher do vizir, Fenício, a mulher do Fenício, o artista, a mulher do artista, o General.

FARAÓ: Pelo amor de Osíris, vamos chegar a alguma conclusão... Estamos na mais total e completa falência. O Oráculo está contra nós e não vejo como sair desta enrascada. O que fazer?

GENERAL: O melhor é fazer guerra.

FARAÓ: Contra quem? Estamos em paz com os nossos vizinhos.

GENERAL: A esta altura não interessa contra quem. Guerra é guerra. Depois, com a guerra, as coisas voltam ao normal. Se falta comida em tempo de paz, o povo berra. Mas, se estamos em guerra, o civismo enche a barriga. Se, em tempo de paz, os nobres não encontram no mercado especiarias e coisas de luxo, revoltam-se e não apoiam o governo. Em guerra, já é diferente, a pele de todo mundo entra em jogo. Pra mim, a solução é guerra... E depois, a gente pode até ganhar, escravizamos os inimigos, saqueamos suas riquezas e nossa vida melhora.

FENÍCIO: Sabe quanto custa uma guerra?

FARAÓ: Tem razão. Guerra fica muito caro.

GENERAL: A gente aperta o cinto e faz uma guerra baratinha.

FANESSA: Guerra é horrível, uma gritaria que não acaba mais. Quem vai poder dormir com gente gritando?

ARTISTA: Gritando também o povo está, lá embaixo... Mas também sou contra a guerra. A minha opinião, aliás a minha opinião não é minha, é da minha mulher...

MULHER DO ARTISTA: A nossa opinião é de que com arte tudo se resolve. Vamos abrir uma campanha artístico-cultural, ensinar canto e dança ao povo. E é dito tão antigo quanto o mundo: “Quem canta, seus males espanta.” Esquecerão a fome, até dias melhores.

FENÍCIO: Quanto custa esta solução?

ARTISTA: Está tudo aqui, neste papiro...

FARAÓ: Não acredito nesta saída... O que você acha, meu bem?

FANESSA: Não é de todo má, mas será viável?

GENERAL: Podemos unir o útil ao agradável, fazemos canções e danças guerreiras, e daí para a guerra é um pulinho.

FARAÓ: A hipótese de guerra está completamente abolida. Lembre-se que o comandante em chefe dos exércitos é aqui este seu amigo. E você acha que eu vou sair do meu sossego pra comer areia aí no deserto?

VIZIR: Posso falar?

FARAÓ: Pode, meu caro Vizir.

VIZIR: Eu não tenho ideia nenhuma, como convém a um bom Vizir.

FARAÓ: Ninguém proíbe o Vizir de ter ideias... Tenha uma ideia. O Faraó ordena que tenha uma ideia...

VIZIR: Eu dei a ideia ao Fenício e ele melhorou. Acho melhor ele falar.

MULHER DO FENÍCIO: A ideia é ótima.

FENÍCIO: Bom, eu parto do princípio vital de que quem não gasta não ganha. O bom negócio começa com a inversão de capital. Vejam vocês o progresso do Egito com a mudança da capital para Mênfis. O Faraó Menés tinha vistas largas. Gastou e recuperou com o lucro.

FARAÓ: Mas custou a recuperar. Lembre-se de que foram anos e anos de vacas magras.

FENÍCIO: Melhor vacas magras que tempo sem vacas.

FARAÓ: Este oráculo é demais.

FENÍCIO: Trata-se do seguinte... Turismo.

FARAÓ: Turismo? Aqui, nas profundas do deserto? Você está lelé.

FENÍCIO: Turismo, eu disse turismo... Vamos atrair a atenção de todo o mundo para Mênfis... Sabe quanto um homem rico pode gastar aqui, se tiver o que ver, onde se divertir? Temos tudo para isso. Meu plano engloba tudo o que os outros falaram. Os artistas terão um papel fundamental, faremos em Mênfis um grande movimento artístico. Quanto à guerra, usaremos o exército para grandes desfiles militares, com uniformes lindos e tudo o mais.

GENERAL: Isto não tem nada a ver com a guerra.

FENÍCIO: Perdão, General, mas no desfile o senhor irá na frente, montado no seu cavalo branco. Servirá de modelo do guerreiro egípcio. Garboso. Forte.

GENERAL: Eu já estou ficando velho. Mas no meu tempo... A ideia já está me parecendo melhor. Bem melhor.

FENÍCIO: E teremos a participação de todo o povo. Fabricaremos suvenires em quantidade. Faremos um banho no Nilo nos moldes do banho no Gânges. Descobriremos virtudes medicinais nas areias dos nossos desertos. Nossos magos lerão a sorte, dirão horóscopos. Nossos sacerdotes farão levar nos templos grandes cerimoniais...

FARAÓ: Por falar nisso, o Sumo Sacerdote de Amon-Rá não veio à reunião...

VIZIR: Fui eu o culpado, Faraó. Mandei que ele fosse acalmar o povo. Está na praça pública rezando em coletividade para a gente chegar a uma boa conclusão.

FARAÓ: Pobre Sumo, sempre com a parte pior. Estou pensando, oh, Fenício, esta sua ideia é cara pra xuxu.

FENÍCIO: E não fica aí... Temos que aproveitar a capacidade ociosa do povo... Vamos construir grandes monumentos, vamos tornar o Egito um país de maravilhas...

FARAÓ: Quanto custa? Você entende de dinheiro melhor que eu. É fenício e seus ancestrais viveram de enganar os outros desde que o mundo é mundo.

FENÍCIO: Os fenícios sempre viveram de enganar os ricos e ricos se tornaram. Os egípcios vivem de enganar os pobres e assim pobres se tornarão. Vamos tirar dinheiro do resto do mundo. Visite o Egito. O exército servirá de escolta para todas as caravanas que vierem de Além-Mediterrâneo e da região de Entre-Rios. Virá gente até da Palestina, será um grande sucesso... Isso tudo vai ficar, deixe ver... Em exatamente... Para começar... Um bilhão de moedas de ouro novas.

FARAÓ: Mas é tudo o que tenho, e nem sei se tenho...

FENÍCIO: Temos que gastar para poder ganhar.

FARAÓ: Espera aí, isso tem um nome... Inflação... Você está querendo é a inflação.

FENÍCIO: Sem inflação não há progresso... Construiremos um monumento à inflação, que será visto por todos os homens de todos os povos. Está aqui o projeto.
(ABRE UM GRANDE PAPIRO, ONDE ESTÁ A PIRÂMIDE)

FARAÓ: Uma pirâmide... Já temos isso.

FENÍCIO: Deste tamanho não... Mede 150 metros de altura e o lado da base tem 240 metros.

FANESSA: Piramidal.

GENERAL: É uma loucura, isto não para em pé.

FENÍCIO: Meus arquitetos provam que fica em pé. É pegar ou largar. E tem mais uma, é oco por dentro e servirá para...

FARAÓ: Um templo?

GENERAL: Um quartel?

MULHER DO ARTISTA: Um museu?

FANESSA: Um palácio?

FENÍCIO: Um túmulo...

FARAÓ: Para quem?... Dentro de um negócio deste dá para enterrar o Egito inteiro e ainda sobra lugar para os fenícios.

FENÍCIO: Será o túmulo do Faraó Keóps.

FARAÓ: Pelo amor da madrugada, eu não estou pensando em morrer...

FENÍCIO: Mas um dia vai, não vai?

FARAÓ: Vira essa boca boca para lá...

FENÍCIO: Ficará presente nos séculos como o homem do maior túmulo do mundo.

FARAÓ: Eu prefiro ser conhecido como outras coisas... Essa de túmulo é forte.

FENÍCIO: O Filho dos Deuses terá um túmulo à altura.

FARAÓ: Segundo o sacerdote, não tem vantagem nenhuma, já que sou imortal. Sabes como é, volto em outra forma, aquilo tudo do catecismo do Faraó.

FENÍCIO: Virão de todas as partes... O povo terá trabalho. O Egito inteiro trabalhará na construção da grande pirâmide.

FARAÓ: Fanessa, o que você acha?

FANESSA: Chiquíssimo. Eu também serei enterrada neste túmulo.

FARAÓ: Fazer o que, nem na morte Osíris me livra desta.

FANESSA: O quê?

FARAÓ: Já que a ideia te agrada... Quero ver os planos, e se me convencer de fato, depois de consultar os deuses, vamos ao monumento, à inflação.

GENERAL: Eu ainda tenho as minhas dúvidas.

MULHER DO ARTISTA: A decoração interna é minha.

MULHER DO FENÍCIO: Vai ser o fato do século.

FENÍCIO: Viva o Faraó Keóps, construtor da grande pirâmide.

TODOS: Vivaa...

404

CENA 4

QUANDO O POVO É COLOCADO
A PAR DOS PLANOS.

Praça de Mênfis. Vêm Arauto e Coro das Araitárias

ARAUTO: Povo de Mênfis, atenção. Para que todos saibam. O Faraó acaba de encontrar solução para o problema da crise prevista pelo Oráculo de Amon-Rá. O Faraó vai construir um grande monumento e todos terão trabalho.

O povo dá vivas etc.

ARAUTO: A vinte quilômetros de Mênfis, será erguida uma pirâmide de 150 metros de altura. Haverá trabalho pago para todos os homens livres e seus escravos. Atenção para a Lista das Concorrências: para corte de pedra bruta das pedreiras e entrega no local; para grupos de graniteiros; para polidores de pedras; para assentadores de pedras; para medidores de terras; para escribas anotadores; para matemáticos; para ferramenteiros.

E ainda os fornecedores: de alimentação para os trabalhadores; de material de papiro; de ferramentas; de água potável. Apresentem-se todos os candidatos na porta do palácio do Faraó hoje à noite, às 21 horas. Estamos entrando no tempo sem vacas, mas de grande progresso.

O Coro das Arautárias canta a Canção da Grande Pirâmide.

CORO DAS ARAUTÁRIAS: (Cantam a **Canção da Grande Pirâmide**)

Viva o nosso grande Faraó
Que botou seu tesouro nesta empresa
Do seu povo teve muita dó
E resolveu forçar a natureza.

Todos ao trabalho
Construir um novo Egito
Na pedra bate o malho
Vira casa o granito.

Lançada está a sorte no deserto
Nesta construção piramidal
Estamos caminhando bem ao certo
Para a libertação nacional.

O povo marcha cantando e sai de cena.

405

CENA 5 EM CASA DE MARIA MALAZARTE

Em uma casa de mulheres onde Maria Malazarte dá as cartas. Festa dos nobres, uma farra. Maria Malazarte sobe numa mesa. Faz-se silêncio.

MARIA: Caros frequentadores habituais de nosso alegre recanto... Hoje, como diz o nobre Meterp, começa uma nova era para o Egito e é justo que seja um dia de festa. Eu, Maria Malazarte, ofereço uma caneca de graça para um brinde ao nosso grande Faraó. Vocês também, meninas.

Todos enchem as canecas.

MARIA: Um brinde em honra da construção da grande pirâmide.

Todos bebem.

METERP: Eu, como futuro fornecedor de ferramentas, pago o brinde seguinte, em honra do Fenício Arht, o criador da grande ideia.

Todos bebem.

406

UMA MENINA: Um brinde aos homens que terão bolsa cheia. Porque a bolsa cheia deles é o nosso sustento.

Todos bebem.

MARIA: E agora, música.

Começa a música, os pares se escondem nas sombras, de quando em quando uma risada. Maria vem para a frente, e atrás dela vem Meterp.

METERP: Quanto você quer?

MARIA: O suficiente para entrar na concorrência. Quero vender comida e água.

METERP: Eu não tenho tanto assim.

MARIA: Então, não quero ver você nunca mais! É a minha chance de entrar em dinheiro alto... Tenho tudo pensado. Só falta o capital.

METERP: Mariazinha.

MARIA: Mariazinha coisa nenhuma. Ou o dinheiro ou suma da minha frente. E tem mais. Vou contar à sua mulher.

METERP: Por Osíris, não faça uma coisa destas.

MARIA: É um empréstimo, eu devolvo para você... Com juros.

METERP: Quanto?

MARIA: Meu Meterp, você é tão lindo... Mil moedas.

METERP: É muito para mim.

MARIA: Posso pedir o que faltar para o velho Arraghin.

METERP: Você teria coragem, um velho daqueles...

MARIA: Mil moedas.

METERP: Fazer o quê?... Você sempre ganha, Maria.

MARIA: O que é que você quer da sua Mariazinha?

METERP: Danadinha... Você vai longe, Maria... Vai longe.

MARIA: Quando eu for rica, não me esquecerei de você.

METERP: Por que tanta ambição, Maria?

MARIA: Sou uma mulher sozinha, Meterp. E este negócio um dia dá e outro pode não dar. Eu vou envelhecer, e daí, quem vai cuidar de mim? É a lei das feras e eu não vou ficar olhando os outros entrarem no dinheiro.

METERP: Você terá o dinheiro.

407

CENA 6

MARIA DISPUTA E VENCE A CONCORRÊNCIA
PARA A ÁGUA E A COMIDA

*Palácio do Faraó. Exterior. Os mercadores e os homens
de negócios esperam a hora da concorrência pública.*

ARAUTO: Queiram subir na plataforma os concorrentes ao fornecimento de comida e água aos trabalhadores da grande pirâmide.

Sobem quatro e Maria Malazarte.

FENÍCIO: Abrimos as propostas em concorrência para o fornecimento de comida e água para cem mil trabalhadores. Duas refeições ao dia e cinco servidas de água. Como sinal, depositem mil moedas de ouro.

Todos depositam.

FENÍCIO: Vamos à primeira da lista de preços.

CONCORRENTE Nº1: Cem moedas por dia.

CONCORRENTE Nº2: Noventa e cinco moedas por dia.

CONCORRENTE Nº3: Noventa moedas por dia.

CONCORRENTE Nº4: Oitenta e cinco moedas por dia.

MARIA: Cinquenta moedas por dia.

Murmúrio. Os outros concorrentes se afastam.

408

FENÍCIO: Ninguém oferece mais baixo?... Dou-lhe uma...
Dou-lhe duas... Vencida por Maria Malazarte.

*Os quatro concorrentes perdedores cantam
a Canção dos Quatro Concorrentes.*

CORO: (Cantam a **Canção dos Quatro Concorrentes**)

Por cem moedas, cem mil
Já não comiam bem
Por noventa muito menos
Por oitenta piorou
Por cinquenta quase nada
Bater pedra o dia inteiro
Dá uma fome de matar
Mas por esse dinheiro
A fome não vai passar
Matar a fome propriamente dita
Duas refeições por dia,
Cinco pedidas de água
Que perigo, Maria

Mudou de ramo
Maria Malazarte?
Matava a fome a seu jeito
E nisso não tinha defeito
Agora a profissão maldita
Um homem é um homem
Um gato é um bicho
Por cinquenta já não comem
Vão viver de lamber lixo.

CENA 7 MARIA TEM QUE COMPRAR PARA VENDER

Escritório de Maria Malazarte. Uma fila de plantadores espera a vez de vender.

MARIA: Arroz... Quem dá menos?

MULHER^{№1}: Duas moedas de prata por saco.

MULHER^{№2}: Uma moeda e meia.

MULHER^{№3}: Uma moeda.

MULHER^{№4}: Meia moeda.

MULHER^{№1}: O arroz dela é podre. Ninguém pode vender a casca a meia moeda.

MARIA: Comprado. Vamos ver o trigo.

MULHER^{№1}: Quatro moedas de prata o saco.

MULHER^{№2}: Duas moedas.

MULHER^{№3}: Uma moeda.

MULHER^{№1}: É impossível vender trigo a uma moeda.

MARIA: Comprado. Vamos à cevada.

MULHER^{№1}: Uma moeda.

MULHER^{№2}: Meia moeda.

MULHER^{№3}: Dois sacos por meia moeda.

MULHERNº1: Não pode ser.

MARIA: Comprado. (PARA “AQUELA” MULHER) Você também tem legumes e frutas?

MULHER: Tenho...

MARIA: Está fechado o negócio. Bom dia, senhoras. E até uma outra vez.

MULHERNº1: O que eu faço com minha mercadoria?

MULHERNº2: Vai apodrecer, como a minha.

MULHERNº3: Eu vendo pelo mesmo preço. A pior parte.

MARIA: Tudo comprado pelo menor preço. A entrega deve ser feita no meu armazém junto às obras da grande pirâmide. Nagafi e Latifa, mandem os escravos aprontar o meu barco, vou descer o Nilo para a pirâmide.

NAGAFI: O barco já está pronto.

LATIFA: É lindo o escravo novo que você comprou.

MARIA: Lindo, mas é meu... Vamos descer o rio.

410

CENAS NO ARMAZÉM DE MARIA MALAZARTE

FENÍCIO: Todos estão contentes com a comida. Você está se saindo melhor do que eu pensava, Maria Malazarte...

MARIA: Eu nasci para ser rainha, Fenício... Onde está o meu dinheiro?

FENÍCIO: Aqui... Espero que você continue a nos servir bem assim.

MARIA: Não pense que será assim todos os dias. Hoje foi o primeiro e a comida tinha que ser de festa. Amanhã não será tão boa.

FENÍCIO: O que me interessa é a construção da grande pirâmide. O resto não me importa.

MARIA: Nem a mim. Estou empenhada no plano do Faraó. O resto é balela.

FENÍCIO: Você fechou seu cabaré?

MARIA: Não. Mudei para cá com a casa e tudo. Nas proximidades da grande pirâmide é que está a vida do Egito. O resto é morte.

FENÍCIO: Até amanhã, Maria Malazarte. Você é mais viva do que eu pensava. Chego a pensar que somos parentes. Ou será que você descende daquela gente palestina?

MARIA: Não sei de quem descendo. Sei quem virá depois de mim. Até, Fenício. E boa sorte.

Fenício sai. Maria olha no espelho e bate palmas.

LATIFA: Chamou, senhora?

MARIA: Mande vir Nafun, meu novo escravo.

LATIFA: Num momento.

Sai e logo depois entra Nafun.

MARIA: Entra, escravo... Entra... Quero saber de onde vens e por que és escravo.

NAFUN: Venho de EntreRios e sou escravo há muito tempo.

MARIA: Foste preso na guerra?

NAFUN: Não... Fui vendido por dívidas de meu pai.

MARIA: O que teu pai fazia?

NAFUN: O mesmo que tu.

MARIA: Tinha um cabaré?

NAFUN: Não. Era fornecedor.

MARIA: E por que se deu mal?

NAFUN: Foi ganhando concorrências cada vez mais baixas, até que um dia não pode aguentar e faliu.

MARIA: Não era muito esperto o teu pai.

NAFUN: Foi o maior fornecedor de Heliópolis... Matou-se.

MARIA: Um fraco... Você também é um fraco?

NAFUN: Sou escravo e escravo não é forte nem fraco. É escravo. Não é de si.

MARIA: Você é meu e eu quero que você seja forte... Venha cá. Você é um jovem bonito, Nafun. Terás as minhas graças. Quero que venha me ajudar no armazém.

NAFUN: Como quiser, senhora.

MARIA: Não precisa me chamar de senhora. Na frente dos outros, sim. Mas entre nós, não é preciso.

CENA 9

UMA GRANDE EPIDEMIA ATACA OS
TRABALHADORES DA GRANDE PIRÂMIDE

*Tenda no campo da pirâmide. Trabalhadores
deitados gemem. Mulheres os tratam. Um
sai correndo, segurando a túnica.*

412

TRABALHADORNº1: Maldita comida, está nos matando aos poucos.

TRABALHADORNº2: É comer e correr. É o tempo. Perdi dez quilos.

TRABALHADORNº3: Um escravo morreu...

MULHERNº1: E o médico que não vem.

TRABALHADORNº1: Tudo isto é a ganância de Maria
Malazarte. Qualquer coisa ela serve... Ai... Ai...

TRABALHADORNº2: Até a água é podre... E eu preciso trabalhar.

MULHERNº2: Precisamos de remédios...

Entra a SacerdotisaMor.

TRABALHADORNº3: A SacerdotisaMor.

SACERDOTISA-MOR: Vim trazer a paz...

TRABALHADORNº1: Precisamos da paz intestinal... Em nome de Rá.

SACERDOTISA-MOR: O médico não veio ainda?

TRABALHADOR Nº 2: Está nas outras tendas, somos muitos com a mesma doença.

SACERDOTISA-MOR: Façamos uma prece a Amon, o protetor dos homens.

CORO DOS TRABALHADORES/

SACERDOTISA-MOR: (Cantam a **Canção de Amon**)

SACERDOTISA-MOR: Amon, descei sua força divinal.

TRABALHADORES: E nos dai a santa paz intestinal.

SACERDOTISA-MOR: Amon, eu te dou meu coração.

TRABALHADORES: Mandai melhorar a alimentação.

No fim da canção chega o médico.

SACERDOTISA-MOR: Eis o médico que chega. Amon ouviu nossas preces.

TRABALHADOR: Eu primeiro... Já não tenho o que botar fora.

MÉDICO: Calma, é preciso esperar... Não tenho medicamentos. Os magos não entraram na concorrência. Vou falar com o Fenício e ele terá que providenciar o fornecimento de medicamentos. Até lá, repouso e dieta.

TRABALHADOR: Assim morremos todos...
Remédios, queremos remédios...

MÉDICO: A culpa não é minha e não adianta gritar, que na situação de vocês é um tanto perigoso. Espero as melhoras. *(SAI)*

SACERDOTISA-MOR: Vou interceder junto ao Faraó para apressar a vinda dos remédios.

LATIFA: *(ENTRANDO)* Não é preciso. Minha senhora, Maria Malazarte, acaba de vencer a concorrência para a distribuição de remédios. Aqui está a primeira entrega. Tomai e sarai.

TRABALHADORES: Viva Maria Malazarte... Os remédios.

Todos tomam os remédios.

Magos, farmacêuticos, os plantadores, Nafun, Latifa etc.

MARIA: Estamos aqui reunidos para o nosso balanço mensal. Antes de mais nada, quero saudar os magos que inventaram uma poção maravilhosa para o terrível mal epidêmico.

Latifa flerta com Nafun.

MARIA: Queria dizer que, embora tenhamos tido que melhorar o nível da alimentação, tivemos muito lucro na cura da epidemia. O estoque de remédios já está esgotado e enquanto preparamos outro, vamos novamente baixar a qualidade da alimentação. E assim vamos levando a coisa... Vai ser um sucesso. Além do mais, recebi um elogio do Faraó. Nossa firma vai de vento em popa.

414

MAGO: Mas baixando o nível da alimentação haverá nova epidemia.

MARIA: Esse é o nosso negócio.

MAGO: Mas é desumano... (*VEM PARA A EXTREMA DIREITA*)

MARIA: Você nunca teve tanto dinheiro na vida e ainda reclama?

MAGO: Não é por nada, mas eu acho que...

MARIA: Acha o quê?

MAGO: Vai morrer muita gente.

MARIA: E daí?

Gesto das plantadoras.

MARIA: Na guerra também morre muita gente e muito mais bestamente. Nós estamos numa guerra, à nossa moda.

MAGO: Mas os trabalhadores não são nossos inimigos, são nossos irmãos.

MARIA: Deixe essas ideias para quando chegar a vinda do Messias do povo EntreRios. Ele falará em irmãos. Nós falamos em fregueses.

FORNECEDOR: Tenho uma partida de cevada estragada
abaixo do preço. E uma de trigo.

MARIA: Com ele faremos o pão. Tudo acostuma a tudo. Até a podridão
se torna natural. Somos nós ou eles. Quem quer desistir?

MAGO: Eu quero... Não posso fazer uma coisa dessas.

MARIA: A porta da rua é a serventia da casa. Um a mais, um a menos,
não será por sua falta que deixaremos de ganhar nosso
dinheiro. Em seu lugar virá outro que fará a mesma coisa.

MAGO: De nada adianta, eu fico então.

MARIA: Bom... Que cada um pense em si. Esse é o caminho
justo. Aproveitar a onda, ganhar o máximo.

MAGO: A base da pirâmide está quase pronta. Será
feita das vidas dos trabalhadores.

MARIA: Maior mérito terão. Eternizados. Nossa vida está ligada
àquela pirâmide. Cada pedra que lá assentam é uma moeda
mais que pinga em nossa bolsa. Pensem que nada dura
para sempre e que a pirâmide tem a base grande e o cimo
agudo. Antes que tudo termine temos que estar seguros.

FORNECEDOR: Viva o Faraó Keóps, construtor da grande pirâmide.

TODOS: Viva!...

FORNECEDOR: Viva Maria Malazarte, benfeitora dos plantadores e magos.

TODOS: Viva!...

415

CENA II

DE COMO O FARAÓ VÊ CAIR SEUS
TRABALHADORES E RESOLVE
DA MANEIRA MAIS SIMPLES

*Palácio do Faraó. Interior. Faraó e
sua mulher. Depois, Fenício.*

FARAÓ: Quantos morreram hoje?

FANESSA: Trinta.

FARAÓ: Coisa tétrica. De quê?

FANESSA: Sei lá. O médico também não sabe.

FARAÓ: Osíris está contra mim e AmonRá não me ajuda.

FANESSA: Mas a pirâmide está caminhando a passos largos. Já estão chegando turistas, e ainda está na metade. Ontem, diz que tinha uns dez na casa de Maria Malazarte.

FARAÓ: Já ouvi falar desta mulher. Está ficando cada vez mais rica. Eu já estou ficando com medo dela. Fanessa, será que se alguém juntar muito dinheiro pode ficar mais poderoso do que eu?

FANESSA: Nunca, você é o Faraó.

FARAÓ: Um Faraó sem dinheiro não é a mesma coisa.

FANESSA: O dinheiro está começando a entrar. Não te apoquentes, Keóps, tudo estará sempre bem para nós.

FARAÓ: Mas eu fiz uma bruta numa pirâmide, não fiz?

FANESSA: Fez, e o povo está agradecido.

FARAÓ: Será que, mesmo morrendo, eles morrem agradecidos?

FANESSA: É claro. Morte gloriosa.

FARAÓ: Fanessa... E se essa coisa de imortalidade e tudo o mais não for verdade?

FANESSA: Dúvida dos deuses?

FARAÓ: Não sei. Houve tantos Faraós antes de mim... Nunca voltaram... Ou voltaram?

FANESSA: Sei lá... Voltaram em forma de chuva, em forma de terra...

FARAÓ: Eu queria voltar em forma de Keóps e ser Faraó... Morrer é o fim da picada. Já imaginou o meu cadáver dentro daquela bruta pirâmide? Que solidão desgraçada.

FANESSA: Eu estarei contigo.

FARAÓ: Obrigado, Fanessa. Você me conforta...

FARAÓ: (Canta a **Canção do Faraó**)

Vida nobre e muita sorte...
Sou nascido Faraó
Para o eterno sono da morte
Eu digo: tó (*GESTO DE "BANANA"*)
Essa pirâmide está me dando peso
Alguma coisa vem por aí.
Se eu ficar sem dinheiro, teso,
Não digam que eu não previ.
Duvido muito da eternidade
E a eternidade duvida de mim
Melhor assim.

Entra Fenício.

FARAÓ: Salve, Fenício. Viu quantos morreram!?!...

FENÍCIO: Vi e acho bom.

FANESSA: Bom?

FENÍCIO: Claro, já temos mais cem mil homens mas, em compensação, estamos na metade da pirâmide. Precisávamos de cem mil para fazer a base. Agora já serve sessenta mil. Baixei os pagamentos de todos os fornecedores. É uma sorte danada, à medida que a pirâmide caminha para o vértice só ficamos com os braços necessários... AmonRá está conosco.

FARAÓ: Sábio processo, hein Fenício? Vão morrendo e a pirâmide vai afinando e, quando chegar no vértice, eles babau...

FENÍCIO: Sobrarão alguns. O necessário para tocar o país...

FARAÓ: Quer dizer que estamos matando dois coelhos de uma só cajadada?

FENÍCIO: É claro... Está tudo dando certo, temos mais dez mil moribundos e não adianta mais remédio...

FARAÓ: Ótimo, isso compensa a inflação... Então, está tudo bem.

FANESSA: Tudo bem.

FENÍCIO: De bem a melhor.

CENA 12

ONDE VEMOS QUE AS RENDAS DE
MARIA MALAZARTE CAEM, MAS
ELA ENCONTRA NOVA SAÍDA

NAFUN: Seu pagamento foi reduzido a quinze moedas de ouro...

MARIA: Esse Fenício miserável está descontando os mortos. Desse jeito vamos de mal a pior... Olha, Nafun, vá chamar a SacerdotisaMor, diga que eu quero propor um negócio a ela.

NAFUN: Está bem...

MARIA: Mande entrar os magos.

Nafun sai. Entram os magos.

MARIA: Sua droga já não cura ninguém... Estão desacreditados...

MAGO: O que quer que façamos?... Eles estão subalimentados... A morte ceifa.

418

MARIA: Eu os chamei para dizer que não vou mais fabricar a poção milagrosa.

MAGO: Mas, e nós?

MARIA: Vocês o quê? Não têm competência para enfrentar a morte... Nosso negócio está desfeito. Vocês ganharam bastante, não têm de que se queixar.

MAGO: Empregamos todo o nosso dinheiro na última partida de remédios... Estamos falidos... (TRÁGICO, MELODRAMÁTICO)

MARIA: Infelizes... Dou dez moedas de prata para cada um... Assim não morrem de fome... Trabalho há para todos... Na construção da grande pirâmide. Aqui estão as moedas. Agora vão.

Os magos saem, cruzando com Nafun e a SacerdotisaMor, que entram.

MARIA: Salve, Sacerdotisa... Preciso falar-lhe...

SACERDOTISA-MOR: É um tempo de morte...

MARIA: Temos dez mil moribundos à espera de salvação... E eu tenho a salvação, preciso apenas que você me endosse.

SACERDOTISA-MOR: Ah, endosse...

MARIA: Vamos vender água sagrada do rio Gânges... Vou importar água sagrada, a última esperança dos moribundos. Se quiseres entrar para a sociedade não precisas dar dinheiro. Eu quero apenas propaganda que diga, nos templos, que a água do Gânges é milagrosa. Terá uma porcentagem em cada garrafa vendida.

SACERDOTISA-MOR: Mas lá no Gânges os deuses são outros... Eu não posso garantir. Se ainda fosse água do Nilo... Mas do Gânges... Não sei não.

MARIA: Quer ou não entrar na sociedade?

SACERDOTISA-MOR: Pensando bem, é um trabalhão e ainda um risco moral fora do comum por menos de cinquenta por cento.

MARIA: Dez por cento.

SACERDOTISA-MOR: Trinta por cento.

MARIA: Quinze por cento.

SACERDOTISA-MOR: Vinte por cento.

MARIA: Fechado... Amanhã chega a primeira caravana com água do Gânges. Espero vender rapidamente a partida toda antes que os infelizes morram sem milagre.

SACERDOTISA-MOR: Como vamos contar as garrafas vendidas.

MARIA: Não se preocupe com detalhes. Vamos à água do Gânges.

CENA 13

CHEGAM AS ÁGUAS DO GÂNGES:
TRABALHADORES EM FESTA

TRABALHADORES: (Cantam a **Canção das Águas do Gânges**)

Éramos dez mil à morte
Tomamos da água sagrada
E mudou-se nossa sorte
Agora não temos nada
Que Osíris tenha em boa parte
A senhora Maria Malazarte.

Eu já não respirava
Meu corpo a terra esperava
Eu já não comia
Estava chegando o meu dia
Eu passei a dura prova
Tinha já um pé na cova.

Alegria, alegria
Segue a vida em toda parte
Alegria, alegria
Salve Maria Malazarte.

Ela é milagrosa
Pois desfez o nó
Da morte horrorosa
Que nos levava ao pó
Maria gloriosa
Mais forte que o Faraó.

Maria Malazarte aparece em cena. Vivas etc. Os trabalhadores a carregam nos ombros, cantando a última parte da música. Em um canto vemos um vulto embuçado. É o Faraó, que se chega a uma mulher do povo.

FARAÓ: Ela curou todos com a água do Gânges?

MULHER: Todos... É uma verdadeira deusa.

FARAÓ: Deixe de exageros. O único descendente dos deuses é o Faraó.

MULHER: O Faraó não pode nada contra a morte. Maria Malazarte sim.

FARAÓ: Quer dizer que seria melhor se ela fosse o Faraó?

MULHER: Grande ideia... Maria Malazarte no palácio... Maria será Faraó.

FARAÓ: Grande ideia eu fui dar, hein?

MULHER: Todos vamos levar Maria Malazarte ao palácio.

Maria Malazarte fala para o desfile.

MARIA: Silêncio! Vocês me pedem que vá ao palácio, mas lá não é meu lugar... Por enquanto... Vocês são apenas uma parte do povo. Eu preciso de todos, enquanto isso, respeitem o Faraó.

TODOS: Maria ao palácio... Maria ao palácio...

FARAÓ: O Faraó é descendente dos deuses!

MARIA: Sim, ele é Filho dos Deuses. Por que os deuses não o ajudam? Os deuses estão do meu lado. O Faraó pode ser Filho dos Deuses, mas é um filho abandonado.

FARAÓ: Isso é subversão...

TODOS: Cala a boca, burro. Pau nele. Etc....

FARAÓ: Isso é subversão, se o Faraó souber...

TODOS: Ele que saiba, ele que saiba... Vamos dar uma surra nesse gaiato.

Avançam sobre o Faraó e pau nele.

421

CENA 14 NO ARMAZÉM DE MARIA MALAZARTE

SACERDOTISA-MOR: É incrível como a água fez efeito, eles sararam mesmo...

MARIA: Água do Gânges qual nada. Eu reforcei a comida, só isso.

SACERDOTISA-MOR: Então a água não é milagrosa?

MARIA: O milagre aqui sou eu e mais ninguém. A balança da vida deles está nas minhas mãos... Aqui está sua parte. Vamos esperar um pouco e logo voltamos a vender água milagrosa.

SACERDOTISA-MOR: Ouvi dizer que ontem à noite os trabalhadores fizeram uma manifestação contra o Faraó.

MARIA: Não foi contra o Faraó. Foi a meu favor. Eles me querem no palácio...

SACERDOTISA-MOR: E você?

MARIA: Se for necessário, eu ouvirei da voz do povo... Agora vá.

Sai a SacerdotisaMor. Entra Nafun.

MARIA: Nafun, chame as meninas. Eu quero música. Estou alegre.

Nafun sai e volta com as meninas.

422

ESCRAVAS: (Cantam a **Canção do Leão no Poder**)

Não adianta ao cordeiro
A pista da gazela
Ao camelo não é dado rugir
Ao leão não é dado fugir.

O destino do leão é o poder
Dele não poderá escapar.
Sob o signo da força há de morrer,
Há de viver, há de sonhar.

CENA 15

NO QUAL SE VÊ COMO O FARAÓ
TOMA SUAS PROVIDÊNCIAS

No palácio do Faraó. Faraó, Fanessa, Vizir. O Faraó está todo enfaixado da surra que levou...

FARAÓ: Eu pego um deles e mando cortar a cabeça...

FANESSA: Keóps, quem mandou você se meter no meio do povo?...

FARAÓ: Queria saber das coisas e fiquei sabendo.

FANESSA: Até mais que a conta.

FARAÓ: Eles querem Maria Malazarte no palácio. Vou mandar prendê-la imediatamente.

VIZIR: Não é dado ao Vizir criticar o Faraó...

FARAÓ: Eu ordeno que me critiques, Vizir.

VIZIR: Eu disse ao Fenício. É melhor ele mesmo falar.

FENÍCIO: Não é uma boa política mandar prendê-la. Melhor seria tirá-lhe a concessão de fornecimento de água e comida. Tiramos as garras e deixamos as mãos. Sua força está no fornecimento.

FARAÓ: Que se tire então o fornecimento das mãos desta Maria... Mas ela tem dinheiro. Com dinheiro, ela pode fazer muita coisa...

FENÍCIO: Não há o que comprar no Egito. Só existe a pirâmide. Estamos começando do zero. Quando terminarmos de construir a pirâmide será hora de expandir a produção. Hoje em dia no Egito tudo o que se produz está diretamente ligado à pirâmide.

FARAÓ: Estamos ficando conhecidos no mundo?

FENÍCIO: Em todas as partes só se fala da maravilha do Egito e da majestade de sua pessoa.

FARAÓ: Se eles soubessem que não tenho mais nada... Só tenho uma bruta duma pirâmide.

FENÍCIO: Com essa pirâmide chegaremos a ter tudo. Eu juro.

FARAÓ: Jura por que, por quem?

FENÍCIO: Pelo dinheiro...

FANESSA: Não há mais nada nos mercados... Todos estão ocupados com as pedras.

FARAÓ: Este povo é ingrato, merece morrer de fome. Ontem, só faltaram me matar porque defendi o Faraó. A mim mesmo... Olha só o meu estado. Ah, mas eu marquei a cara de cada um... Um vesgo... Esse eu pego. Mande prender todos os vesgos.

FENÍCIO: Não vai adiantar nada... Esqueça isso, e aproveite a lição: o povo é contra o Faraó. Saiba disto para o resto da vida.

FARAÓ: E eu que pensei que eles me adoravam... Quando eu saía às ruas, nas festas me aclamavam e tudo o mais... Mas agora eu abri os olhos. Nunca mais o Filho dos Deuses aqui vai confiar em povo nenhum. Está comigo quem comigo se parece... Maria Malazarte parece comigo? O povo gosta dela... Por quê?

VIZIR: Porque ela age vivamente no seio do povo. Engana-os sem sair do seu meio, ela é um deles. Entre ela e o povo a distância é menor que entre o Filho dos Deuses e os trabalhadores. Lobo só come lobo em último caso.

CENA 16

DE COMO MARIA FICA SABENDO DA
DECISÃO DO FARAÓ E REAGE À ALTURA

*Armazém. Soldados. O General e
Fenício contam as mercadorias.*

424

FENÍCIO: Não é nada pessoal contra você. É uma decisão do Faraó: encampar todos os fornecedores. É uma medida de salvação econômica.

MARIA: Agora que eu organizei tudo, vocês chegam e tomam. Simplesmente tomam. E o meu trabalho, não conta? Mas vocês vão se arrepender de fazer isso comigo. Isso vão.

GENERAL: Está ameaçando o Faraó?

MARIA: Ele já nasceu ameaçado. Estou chegando à conclusão de que o poder deve pertencer a quem dele cuide melhor. Não adianta descender dos deuses ou ter talento para a política.

GENERAL: Olhe lá, Maria, que você está passando da conta.

MARIA: Desculpe... Afinal, eu sou apenas uma mulher do povo e nada mais. Só que agora eu tenho muito dinheiro. Se é que isso faz alguma diferença.

FENÍCIO: Faz muita. Você pode descansar à vontade com o que ganhou.

MARIA: Descansar... Ao leão não é dado fugir.

FENÍCIO: Entre leões haverá sempre cortesia...

MARIA: Claro, Fenício... Eu te respeito e tu me respeitas. Mas o poder está mais na tua mão do que na minha. Existem fracos e fortões e uns são mais fortes do que os outros... Eu perdi, Fenício. E você perdeu também. Quem ganhou foi o Faraó. Ganhou uma pirâmide construída pelo povo. Lá, ele terá descanso em túmulo no dia da última viagem. Você não ganhou nada, Fenício, a não ser prestígio junto ao Faraó. Eu tenho o prestígio do povo, Fenício, e isso é alguma coisa.

FENÍCIO: Claro que é, sem dúvida nenhuma. É e sempre será uma criatura querida pelos trabalhadores. Agora, deixe o armazém e volte para casa.

MARIA: Aqui nesta sala, Fenício, eu mudei muitas vezes os destinos dos homens. Isso é o poder. Isso pega, sabe Fenício. Vicia. Não sei como vou poder passar sem isso. É um sabor de vida todo especial, fazer de dia o que você sonha sozinho à noite. Sem barreiras, depende só de você mesmo.

FENÍCIO: As coisas não são assim, apenas parecem. O que a gente sonha de dia já está preparado. Apenas ajudamos a acontecer. A história se faz por si, Maria, e sábios somos quando chegamos a saber na hora, ou antes, o rumo que ela vai tomar para nos colocarmos na crista da onda. Ninguém muda coisa nenhuma. A vida é um dá cá toma lá. Só os homens são diversos. A história é eternamente a mesma. Na nossa perplexidade, não chegamos a perceber por que ela se repete. Às vezes penso que ela se repete para nos dar uma lição de vida, para dizer que essa força de repetição pode ser a mola do poder.

MARIA: Você nasceu para ir a reboque, Fenício, eu nasci para arrastar as coisas atrás de mim... Você vive de algo que está pronto e eu do que está por fazer. Cada um de nós tem algo a perder. Isto nos identifica. Defendemos o que conseguimos. Isso nos une. Somos iguais e contrários. Nós somos inimigos de morte, Fenício.

FENÍCIO: Você é ingênua, Maria Malazarte. Estamos do mesmo lado, quer você queira, quer você não queira. Não pode haver rancor entre nós. Somos jogadores, ganhamos às vezes, perdemos às vezes. O importante é continuar o jogo. Cada um de nós dois se compra e se vende, compra e vende outros e coisas com princípios muito pessoais. Mas, no fundo, somos iguais.

MARIA: Até à vista, Fenício. Cuida bem do que era meu.

FENÍCIO: Até, Maria... Descansa.

Maria sai.

FENÍCIO: Vamos organizar isto ao nosso modo.

CENA 17

DE COMO, ALÉM DE COMER MAL,
OS TRABALHADORES NÃO TÊM MAIS
NENHUMA ESPERANÇA

A lamentação na base da grande pirâmide. A pirâmide deve representar um aglomerado de corpos e rostos magros, ferramentas, retratos, sonhos etc....

426

CORO: (Cantam a **Canção Coro da Lamentação**)

Quem só tem de seu
A força de pedra sobre pedra colocar,
Quem só tem de seu
As mãos que não são mãos, são ferramentas,
E ganha o ganho certo
Para não poder parar,
E tem que continuar
Para um pão poder buscar,
Comer e voltar,
Não sobra nem o sonho de esperança
Nem um momento de descanso

E grito sufocado
Será então somado
A outros tantos gritos, sufocados
Dos homens de antes
E dos homens de depois
Serão fechados os gritos nas pirâmides
Companhia dos mortos imortais
Para cada Faraó
Um bilhão de ais.

*Coro de gemidos, os trabalhadores vão caindo.
Aparece Maria Malazarte embuçada, com mais
outros embuçados. Cruzam os moribundos e
saem. Depois que saem, vem Nafun com mais três
escravas e três escravos. Ficam em um canto.*

NAFUN: Como faremos agora para roubar comida? Já
não tenho entrada livre no armazém.

ESCRAVANº1: Estamos danados. Maria Malazarte nos faz falta.

ESCRAVANº2: (*PARA NAFUN*) Mas você, meu amor, não terá mais
que aguentar a megera. Agora não precisamos mais.

ESCRAVO: Mas, em compensação, vamos acabar
morrendo de fome também...

NAFUN: Minha senhora está tentando voltar ao armazém. Ela se reúne com
os outros fornecedores. Acho que eles vão resolver alguma coisa.

ESCRAVANº2: Tudo o que resolverem cairá sobre nós e os
trabalhadores livres. Pode estar certo do que estou dizendo.

NAFUN: Se for preciso ajudar será melhor para nós. Com Maria
Malazarte no poder teremos ao menos a pança cheia.

ESCRAVANº2: Mas aí, você terá que voltar a dormir
com ela. Eu prefiro o Faraó.

ESCRAVO: Deixa de ser besta. Alguém tem que se sacrificar. Pensando bem, até que o sacrifício não é penoso, hein, Nafun? Maria Malazarte é uma mulher jeitosa. Se não queres mais, consegue para mim que eu vou.

NAFUN: (*RINDO*) Ela te devora. Quanto mais temos escondido?

ESCRAVA.№1: Dois sacos de trigo, um de cevada.

NAFUN: Vamos aguardar os acontecimentos. Olha os moribundos, eles estão pior que nós. São livres, mas de que serve a liberdade deles... Não serve para comer... Ou serve?... Vocês já comeram liberdade? Que gosto tem?

ESCRAVA.№2: Deve alimentar muito pouco... Olha como estão morrendo.

NAFUN: Eu, por mim, acho que a liberdade não é nada disso.

ESCRAVO: O que é liberdade, Nafun?

NAFUN: É uma coisa assim como comida farta, água sempre, amor bom, dormir, trabalhar, bebida, riso, campo e casa, canto e dança.

ESCRAVO: Então liberdade é o que o Faraó tem, e os nobres e os generais...

NAFUN: A minha liberdade tem uma diferença... Uma só e simples diferença... É que tudo isso tem que ser dividido entre todos...

ESCRAVO: Com os trabalhadores e os escravos?

NAFUN: Na minha liberdade não existem escravos nem trabalhadores, nem nobres, nem Faraós..

ESCRAVO: A sua liberdade é uma estória velha, um sonho, Nafun.

ESCRAVA.№1: É tão linda a sua liberdade.

ESCRAVA.№2: É tão linda a sua liberdade... Me dá um pouco dela...

NAFUN: Não posso te dar o que não tenho...

ESCRAVA: Que pena... Você é ruim, Nafun. Fica fazendo a gente querer o que não pode ter nunca.

NAFUN: Ter vontade de ter é já ter um pouco. Lutar para ter é já ter metade.

ESCRAVO: Lutar como? A gente não tem armas...

NAFUN: Ainda não chegou a nossa vez... Mas chegará.

Passa um bando de soldados.

CENA 18

ONDE VEMOS QUE OS FORNECEDORES,
MAIS MARIA MALAZARTE,
COMBINAM UMA SUBLEVAÇÃO

Os embuçados chegam ao cabaré de Maria.

MARIA: Aqui estamos seguros. Há uma semana que eu fechei o negócio. Ninguém virá nos importunar. Você quer falar, Meterp?

METERP: Eu não estou muito seguro de que a solução seja a luta. Acho que devíamos procurar o Faraó e falar com ele com jeito. A gente fala com o Fenício. Na verdade, quem está por trás disto tudo é ele. Ele e o General que só pensa em guerra... A gente entra de manso. Pode ser que cheguemos a um acordo.

MARIA: Acordo nada, Meterp. Você é tão velho e age como criança. O Faraó está com medo de mim... Quando ele aceitou a ideia da pirâmide, não pensou que isto pudesse acontecer. O povo está do meu lado, Meterp. Eu posso tomar uma atitude mais forte. Ele não cassou os fornecedores por questões financeiras. Foi por minha causa, só por minha causa! Agora eu quero ir à forra, Meterp. E se vocês estiverem comigo, é dizer agora. Quem não estiver comigo estará contra mim... Escolham... O que é que você diz, Meterp?

METERP: Assim de improviso... Eu preciso pensar...
Ainda não sei qual é a minha posição.

MARIA: Mas sabes qual é a minha?

METERP: Maria, você está nos forçando?

MARIA: Quero que lembres sempre do que estou dizendo agora. Quem não está comigo, está contra mim.
Você está contra mim, Meterp?... Diga agora!

METERP: Vocês estão de prova, eu nunca disse que estava contra ela...

MARIA: Então, está comigo?...

METERP: Claro, Maria... Com você.

MARIA: Nesse caso, quero duas mil moedas de ouro...

METERP: Duas mil?

MARIA: Duas mil de cada um.

O OUTRO: Mas nós não temos aqui conosco.

MARIA: Espero até amanhã este dinheiro. É para comprar armas de um negociante de Heliópolis... Amanhã, sem falta. Já gastei dez mil moedas de ouro na compra de armas que distribuirei ao povo. Mas é preciso mais, muito mais... Espero sem falta o dinheiro de vocês amanhã...

METERP: Amanhã sem falta, Maria...

CENA 19

OS OUVIDOS DO FARAÓ SE
ENCHEM DE FATOS NOVOS

Faraó, Fanessa, Fenício, mulher do Fenício, Vizir.

430

FARAÓ: O que ele quer comigo? Eu não quero receber ninguém. Mande voltar outro dia... E quando ele voltar amanhã, mande voltar outro dia. Assim por diante. Eu aprendi muito nestes dias e não quero mais falar com essa gente.

VIZIR: O Vizir não tem...

FARAÓ: Tem sim... O Vizir tem a obrigação de dar o seu palpite. Você me enche com essa mania de se esconder sempre atrás de alguém. Fale de uma vez.

VIZIR: Pelo que ele me falou, eu acho melhor o Faraó ouvi-lo.

FARAÓ: Está certo, mande entrar o dito cujo. Mas se vier pedir a concessão de volta você fala com ele, Fenício... Nada de voltar atrás.

FENÍCIO: Melhor não dar nem tirar nada antes de ouvir o que ele tem a dizer.

VIZIR: Vou fazê-lo entrar. *(SAI)*

FARAÓ: Meu bem, nós fingimos que estamos jogando xadrez.

FANESSA: Eu não sei jogar xadrez.

FARAÓ: Mas sabe fingir, não sabe?

Entra Vizir seguido de Meterp, que entra muito nervoso.

METERP: Salve, Filho dos Deuses. Que o Nilo te bendiga nos tempos.

FARAÓ: Salve, nobre Meterp. A que coisa devo esta visita tão matutina?

METERP: Os tempos estão terríveis, Faraó.

FARAÓ: Eu que o diga... Ainda ontem perdemos três camelos.

METERP: Na verdade, só a pirâmide anda para cima...

FARAÓ: Com a ajuda de Osíris e de AmonRá. Você tem visto o adiantado da obra? Daqui a cinco meses, mais ou menos, terminamos. E aí, nobre Meterp, terá orgulho de viver em um país como o nosso. Aquela pirâmide é alguma coisa, não Meterp?

METERP: É a obra das obras, Filho dos Deuses. Uma maravilha nunca vista. Seu nome ficará para sempre na história do mundo.

FARAÓ: Pois é... Joga aí, meu bem...

METERP: Faraó, eu... Vim aqui, fazer uma denúncia.

FARAÓ: O quê? Denúncia do quê?

METERP: Existe um complô contra vossa majestade.

FARAÓ: O quê!!! Fenício, o que é isto que ele falou?

FENÍCIO: Conspiram contra vós. Eu já esperava isto.

FARAÓ: Já esperava, é? Você também, Vizir?

VIZIR: Não quero dizer que sim nem que não... Temíamos que alguma coisa pudesse acontecer. Mas eu não sei ao certo o quê.

FARAÓ: Não precisa nem dizer. Já sei quem é...
Maria Malazarte... Tou certo?

METERP: Ela mesma, Faraó. Quer nos obrigar a entrar na
luta com duas mil moedas de ouro novas...

FARAÓ: Quem mais está? Quem mais... Fala aí...

FANESSA: Joga aí, meu bem...

FARAÓ: Joga uma pinoia, chega de fingir... Quem mais? Vou matar um por um... Eu mesmo mato. Mato, pico e jogo no Nilo de madrugada.

METERP: Aqui está a lista dos conspiradores...

FARAÓ: *(PEGA A LISTA VIOLENTAMENTE E COMEÇA A LER)* Deixa eu ver... Ahhhh... Ah... Uhmmm... Ohmmm... Olha só quem está na lista, meu bem... O nobre Galfhar... Ainda outro dia estava aí badalando e tudo o mais. Eu nunca mais entro nessas... Nunca mais... Obrigado, nobre Meterp. Agradeço a sua lealdade...

METERP: Eu estou do seu lado, Faraó... Acho uma loucura uma guerra contra o Faraó. Só queria lembrar ao Filho dos Deuses que ainda outro dia eu perdi a concessão...

FENÍCIO: Quanto a isto, eu resolvo com você mais tarde. Eu queria sugerir que Meterp continuasse entre os conspiradores e assim saberemos de todos os seus movimentos.

METERP: Mas se eles souberem... Eles me matam... Maria me mata. Ela é uma fera... Uma leoa.

FARAÓ: Maria terá o fim que está procurando...

METERP: E depois, para continuar entre eles, eu teria que dar duas mil moedas de ouro, novas.

FENÍCIO: Eu acho que o Faraó estava ainda agora pensando em lhe dar essa quantia... Afinal, a segurança do Estado vale muito mais.

FARAÓ: Duas mil?... Se tiver mesmo que dar, eu dou... Mas você tem que ficar e espiar tudo direitinho, hein, Meterp... Se eles vem, eu quero saber quando, onde e quantos, com que armas etc..

METERP: Se com isto estou servindo o Faraó, faço o sacrifício.

FARAÓ: Pode ficar sossegado que você não se arrepende. Eu sou o maior Faraó que já apareceu... Olha só a pirâmide que eu fiz... Minha pirâmide ninguém derruba. Dá o dinheiro para ele, Fenício.

METERP: Quando as coisas voltarem ao normal, eu venho falar da minha concessão.

FARAÓ: Sem dúvida. Depois a gente fala nisso. Manda chamar o General. Acho que ele vai ter a guerra que está esperando desde sempre...

FENÍCIO: Nobre Meterp, venha comigo que eu vou providenciar as duas mil moedas.

METERP: Até mais ver, Filho dos Deuses... Não se esqueça de mim.

FARAÓ: Não esqueço nunca...

Saem Meterp e Fenício.

VIZIR: (Canta a **Canção da Adesão**)

Quem passa de um lado para o outro
É sempre bem recebido
Quem já estava antes no lado
Não era temido.
Eu tenho por ofício ser fiel
Assim serei até o fim
Pois é isto que esperam de mim.

CENA 20

NO QUAL VEMOS COMO MARIA
DESCOBRIR A TRAIÇÃO DE METERP
E RESOLVE ATACAR DE SURPRESA

*Cabaré de Maria Malazarte. Maria e
Nafun. Outros fornecedores.*

433

MARIA: Ora, vejam só, então o Meterp me traiu? Como é que você soube disso, Nafun?

NAFUN: Uma escrava da mulher do Faraó foi quem me contou. Hoje ele virá trazer as duas mil moedas para continuar junto à senhora.

FORNECEDOR Nº1: Quando ele chegar, vamos matá-lo. Vamos enforcá-lo junto a uma árvore alta e que os abutres venham comer sua podridão aos poucos.

FORNECEDOR Nº2: O miserável vai ver o que estamos guardando para a nossa vingança. Meterp tem que sofrer pelo que nos fez.

MARIA: Nós vamos tratá-lo sem nenhum ressentimento.

FORNECEDOR Nº3: Está louca, Maria?

FORNECEDOR Nº1: Ele nos traiu.

MARIA: Vamos nos comportar como se nada tivesse acontecido. É uma ordem minha. Nafun, fique vigiando lá fora e, logo que Meterp aparecer, avise.

NAFUN: Sim senhora. *(SAI)*

MARIA: Vamos fazer nossa reunião normalmente. Que hoje fique decidido nosso ataque, nossa tática e nossa data. O nobre Meterp precisa de todos estes dados para avisar ao Faraó. As armas estão todas distribuídas?

FORNECEDOR№2: Todas... Estou com algum receio de ter dado armas aos trabalhadores livres. Acho que eles não gostam muito da gente.

MARIA: Eles gostam de mim e isso é o principal. Vamos fazer com que Meterp leve todas as informações possíveis ao Faraó. Claro que, depois que ele se for, traçaremos nossos verdadeiros planos. O Faraó receberá boas notícias pelo canalha do Meterp.

NAFUN: O nobre Meterp se aproxima, minha senhora.

MARIA: Vamos então à nossa farsa, e que sejam todos bons atores pra que ele de nada desconfie. Deixem que eu estabeleço o plano, apenas comentem.

Entra Meterp.

MARIA: Salve, Meterp. Estávamos esperando por você para traçarmos os nossos planos.

METERP: Salve, Maria Malazarte... Trouxe as moedas, só que não consegui as duas mil, trouxe só o que tinha: mil moedas.

MARIA: Já dá para alguma coisa. Vamos sem mais perda de tempo à nossa reunião. Já que estamos preparados, é preciso marcar o dia da sublevação. Eu proponho que seja dentro de dez dias, quando a pirâmide estiver pronta. No dia da inauguração da grande pirâmide atacaremos. Os trabalhadores livres ficarão por trás da pirâmide e, subindo por ela, rolarão pedras que faremos subir por cordas. Cada um de vocês, comandando um grupo, cercará o Faraó e os soldados. É preciso agir de surpresa.

METERP: Quanto mais de surpresa, melhor. Temos de pegá-los desprevenidos. O canalha do Faraó vai ver com quem está lidando. Não é, Maria?

FORNECEDOR№3: Vai ser a grande vitória que abrirá um novo período na história do Egito.

MARIA: Meterp será nosso Vizir. Nossa sorte está lançada.

METERP: Bem, eu tenho que ir andando. Vim só trazer o dinheiro. Preciso reunir mais alguns amigos e convencê-los da nossa luta. Um bom dia para todos. Vitória, Maria Malazarte, nossa grande líder.

MARIA: Vai, Meterp, que Amon te ilumine. Nafun, acompanhe o nobre Meterp até a porta.

Saem Nafun e Meterp.

MARIA: Vai, canalha, cumprir tua inocência.

FORNECEDOR^{№1}: Estou só pensando em uma coisa... E se for mentira do seu escravo ou da escrava do Faraó?

MARIA: Nunca duvides de quem vive à minha sombra. Nafun tem minha proteção e até mesmo minha amizade... E depois, não é escravo ignorante. Sabe ler e contar. Conheço a minha gente.

Entra Nafun.

MARIA: Nafun, Meterp já foi?

NAFUN: Já, senhora.

MARIA: Nafun, você morreria por mim, em minha defesa?

NAFUN: Se a minha vida lhe pertence, assim também a minha morte.

MARIA: Mas não vamos morrer, Nafun, vamos viver. A vitória está próxima, os trabalhadores livres estão comigo. Os escribas estão comigo. Uma parte dos sacerdotes. Neste momento, o Egito está dividido e acho que tenho a maior parte. Tenho os escravos, Nafun?

NAFUN: Todos, minha senhora. Lutarão a seu lado.

MARIA: E Amon, de que lado estará? Na certa, de seu filho, o Faraó. Mas eu não preciso dos deuses, bastam-me os sacerdotes. Meu deus não é Amon, nem Rá. Meu deus é um deus novo e tem como marca a divina proteção ilimitada do poder construtor. Com esse deus faremos um outro Egito. Com deus e armas.

FORNECEDOR^{№1}: Como é o nome desse novo deus?

MARIA: Não sei, só sei que tem corpo de leão e cabeça de mulher.

*Palácio do Faraó. Faraó, Fenício, Meterp,
Fanessa, General, escravos.*

FARAÓ: Está tudo preparado. Segundo o plano do General, então não temos nada a temer. Tem certeza de que não tem falha nenhuma no seu plano?

GENERAL: A guerra é o meu ofício. Se eu não souber como agir, quem é que vai saber? A coisa é muito simples. Um dia antes eu saio para recolher as armas com grupos de cinco soldados e quem resistir, cabeça cortada.

FARAÓ: Você é um gênio, General. Olha que eu pensei que fosse morrer sem ver você em ação...

GENERAL: Tenho me preparado para isso a vida inteira. Estava cansado de cobrar impostos. O meu negócio é a guerra. Li todos os livros de grandes generais. Depois desta missão o Fenício precisa pensar em reformar as nossas armas e os nossos quartéis. Só recebemos dez mil moedas este ano. Agora, todos estão vendo a falta que faz um bom exército.

FARAÓ: Cuidaremos disso, General. A razão é toda sua.

METERP: Eu estou com medo de Maria desconfiar de mim.

FENÍCIO: Nós nunca diremos nada, nem mesmo depois de vencida a revolução. Pode ficar descansado.

METERP: Quanto àquela concessão de fornecimento.

FENÍCIO: Você bem vê que agora não pode ser. Maria Malazarte desconfiaria.

METERP: Por falar em Maria, ela está querendo mais duas mil moedas, para comprar armas... Eu não sei o que vou fazer.

FENÍCIO: Eu tenho as moedas para você... Só que desta vez serão só quinhentas, Meterp. Estamos em contenção de despesas até em assuntos delicados como o seu.

METERP: Eu dou as quinhentas. Fazer o quê?

FANESSA: Bom, já que está em calma, a revolução dominada, vamos passar um fim de semana passeando de barco no Nilo?

FARAÓ: Boa ideia, Fanessa, e levaremos todos conosco.
Menos o General, que tem que trabalhar dobrado.
Afinal, como ele mesmo diz... É o seu ofício.

GENERAL: Claro. Depois do trabalho, eu vou tirar umas férias...

*Entra mensageiro esbaforido. É da
Western e pode vir de bicicleta.*

MENSAGEIRO: Salve, Faraó. Más notícias. Os trabalhadores de Maria Malazarte atacaram a guarda da pirâmide e se encaminham para o palácio. Eles querem dar todo o poder a Maria Malazarte.

FARAÓ: O quê?! Mas não é possível, ainda não era a hora.
Maldito Meterp, você nos enganou.

METERP: Eu juro que não. Acha então que ficaria aqui? Não sei de que se trata. É melhor sabermos mais da história.

GENERAL: Pelo sim e pelo não, considere-se preso. Vou reunir as tropas. É a guerra. Veio antes, assim meio de surpresa. Mas pra mim é a mesma coisa. Se Maria quer guerra já, tanto melhor, que mato mais gente. Às armas!!! (*SAI CORRENDO*)

437

CENA 22

NO QUAL VEMOS COMO SE
DESENVOLVE A REVOLTA

O palco, em duas metades, mostrará o Palácio do Faraó e o cabaré de Maria Malazarte. No cabaré, Maria Malazarte fala a um grupo armado.

MARIA: Vão para o palácio. Estamos nos aproximando do fim.

Entra um mensageiro da Western.

MENSAGEIRO: Salve, Maria. Os trabalhadores cercaram o palácio e o quartel do exército. Estão mantendo combate. Ninguém pode entrar ou sair da cidade, que está cercada pelos escravos.

Palácio. Faraó, Fenício, Fanessa.

FANESSA: Eu estou com medo, Keóps.

FARAÓ: E você pensa que eu estou de que jeito? Medo, todos nós temos. Que Amon nos proteja.

FENÍCIO: Em todo caso, eu já arrumei a nossa bagagem para uma saída às pressas.

Entra mensageiro.

MENSAGEIRO: Salve, Faraó. O palácio está cercado e o quartel também. O comando dos revoltosos estabeleceu sítio. No palácio a comida e a água estão sendo racionadas.

438

FARAÓ: Mande trazer toda a comida para cá. Se a coisa durar, vai ser uma fome danada. Mande vir a guerra, pessoal.

Cabaré. Entra mensageiro.

MENSAGEIRO: Salve, Maria. O cerco continua mas as tropas revoltadas estão perdendo as forças. Estão vencendo o combate e caindo, pois estão famintos e doentes. O esforço é demasiado para eles. Não aguentarão o cerco por muito tempo.

MARIA: Nafun... Nafun...

Palácio. Entra mensageiro.

MENSAGEIRO: O cerco continua. Mais uma ala dos revoltosos caiu por terra como que fulminados.

FARAÓ: Amon está agindo.

MENSAGEIRO: Caíram de fraqueza, não estavam bem alimentados. O General está planejando sair com a tropa do quartel e enfrentar a guerra nas ruas.

FANESSA: Que morram todos de fome. Tragam o nosso almoço, escravos.

Cabaré. Entra mensageiro.

MENSAGEIRO: Caíram mais quatro grupos de suas tropas.
Uma epidemia de fome está matando a todos.

MARIA: Nafun que não chega.

MENSAGEIRO: Esta manhã, o General vai sair com as tropas e enfrentar a revolta nas ruas.

Entra Nafun.

MARIA: Nafun, até que enfim. Mande imediatamente os escravos trazerem todo o alimento que estiver no armazém e levar aos homens na frente da luta.

NAFUN: Não vai poder ser.

MARIA: Faça imediatamente o que eu estou mandando. Estão todos morrendo de fome e assim perdem a luta.

NAFUN: Os escravos fugiram para o deserto.

MARIA: O quê?! Vou mandar cortar a cabeça de todos.

NAFUN: Acho melhor cuidar da sua. É mais propício. Fuja enquanto é tempo.

MARIA: Vá buscar os alimentos com as escravas.

NAFUN: As escravas também fugiram para o deserto.

MARIA: Idiotas... Vá chamar alguns homens da minha guarda e pegue os alimentos de lá.

NAFUN: Não pode ser.

MARIA: A minha guarda de fornecedores e trabalhadores fugiu?

NAFUN: Não. Estão aí fora. É que os escravos, antes de fugirem, saquearam o armazém e carregaram com tudo.

MARIA: Ah! Canalhas!

Palácio. Entra mensageiro.

MENSAGEIRO: O General acaba de sair do quartel, onde rompeu o cerco, e vem libertar o palácio.

FARAÓ: Viva o General!

FENÍCIO: Os trabalhadores continuam morrendo de fome?

MENSAGEIRO: Como moscas. Maria Malazarte mandou buscar alimentos, mas os escravos saquearam o armazém e fugiram para o deserto.

FENÍCIO: Pobre Maria Malazarte.

Cabaré.

MARIA: Uma pergunta, Nafun... E você, por que não fugiu?

NAFUN: Pra ficar do lado da senhora...

MARIA: Não seja cínico... Estou notando um brilho diferente nos seus olhos.

NAFUN: Fiquei para saber o que vai acontecer, e como vai acontecer.

MARIA: Por curiosidade?

NAFUN: Por necessidade.

MARIA: Não entendo...

NAFUN: É um pouco difícil de explicar.

MARIA: Eu te ordeno que explique.

NAFUN: Fiquei para aprender história.

MARIA: E o que você ganha com isto? Se nós perdermos, você perde a cabeça.

NAFUN: Fiquei por obrigação aos meus iguais... Sabe, senhora, se o poder não cair em suas mãos agora, cairá mais tarde na mão de outra Maria Malazarte. Um dia chegará a vez dos fornecedores e assim chegará a vez de todos para que a história possa ser cumprida. Nós, os escravos, seremos os últimos, e depois de nós sei lá para onde vai o poder. Como todos os últimos, temos que antes passar por todas as mudanças, temos que aproveitar e conhecer o mecanismo da história.

MARIA: O mecanismo é o mesmo, este mesmo. Mas nunca chegará a tua vez, escravo. Ainda não perdi a luta.

NAFUN: Talvez seja verdade, e por isso é que precisamos aprender história. Pois se é mesmo verdade que nunca chegará nosso dia por este mecanismo, temos que mexer na máquina e criar outro mecanismo.

MARIA: Isto não é dado aos escravos.

NAFUN: Às vezes, o que não é dado pode ser tirado.

MARIA: Imaginem só o que eu tinha dentro de casa.

Mensageiro entra no cabaré.

MENSAGEIRO: Más notícias, Maria. O General saiu do quartel com a tropa e prendeu os grupos que lá estiveram, foi ao palácio e libertou o Faraó. Mataram mais de dois mil homens, fora os que estão morrendo de fome.

MARIA: A minha guarda.

MENSAGEIRO: A sua guarda se dispersou, Maria. E o General vem para cá.

Mensageiro entra no palácio.

441

MENSAGEIRO: O palácio está libertado e guardado. A revolta foi dominada inteiramente, muitos mortos e feridos. O General foi prender Maria Malazarte no seu quartel-general, lá no cabaré. A paz está quase restabelecida e muita gente morre de fome, de arma na mão.

FARAÓ: Deixe que morram. Mesmo porque vou mandar cortar cabeças. Canalhas.

FENÍCIO: Nada disso. Mande distribuir comida e salve os que puder.

FARAÓ: Você está louco? São nossos inimigos. Queriam me matar.

FENÍCIO: São trabalhadores e nós precisamos deles. Mande matar os cabeças da revolta e salve o povo da fome, e será por todos os tempos o exemplo de um Faraó magnânimo.

FANESSA: Eu, por mim, matava todos.

FARAÓ: Pensando bem, a ideia do Fenício não é má. Vou virar herói já já. Mande distribuir comida e remédios. Salve quem puder.

CENA 23

ONDE VEMOS A DERROTA DE
MARIA E O SEU TESTAMENTO

Maria, Nafun, General e soldados.

MARIA: Estou no fim. Não é hora de você fugir também? Acho que é mais normal eu morrer aqui sozinha.

NAFUN: Fico por dois motivos: para ver o fim da história e ver o que vão fazer de mim. Não me matarão.

MARIA: Você é um tipo estranho, Nafun. Só agora vejo que você também pensa, mas é um pensamento muito diferente do meu. O que será que você faria se estivesse no meu lugar?

NAFUN: Eu nunca estaria no seu lugar. Sou escravo.

GENERAL: *(GRITA DE FORA)* Maria Malazarte, você está me ouvindo? Vou entrar aí para falar com você. Meus soldados estão todos entrincheirados na base da pirâmide. Se tem mais gente armada aí, que saia com as mãos na cabeça. A guerra acabou e quem ganhou fui eu. Aceite a derrota.

MARIA: Está tudo acabado, mas ao leão não é dado fugir... Até logo, escravo, eu vou para o alto da pirâmide.

Maria sai correndo. Nafun a segue um pouco e vai olhando para cima. Entra General e soldados.

GENERAL: Onde está Maria Malazarte, escravo?

NAFUN: No alto da pirâmide.

GENERAL: O que é que ela quer com isso? Só demora mais um pouco até que eu faça ela descer. Não tem mais ninguém por aqui?

MARIA: *(EM OFF)* Antes de lhe dar a minha cabeça, preciso fazer o meu testamento, General.

GENERAL: Desça daí, ou mando alguém te buscar.

MARIA: Eu maldigo esta terra do Egito e rogo minha praga de condenada a vocês todos, os homens do poder. Lego minha revolta perdida a todos que, como eu, quiseram o poder. Eu não fui vencida por você, General, fui vencida por mim mesma. E assim será pelos tempos, pela minha maldição. A sombra dos escravos acompanhará os leões como chacais à espera dos restos de uma caçada. Até chegar o dia de minha grande vingança, quando o poder será entregue aos escravos e fedorentos, aos ignorantes e simplórios, aos porcos e medíocres. Eles farão tudo igual, e já não haverá lugar para os leões. Será o mundo dos carneiros, sem disputa nem força. Prefiro morrer agora, no meu dia de leão, antes do tempo triste das águas paradas.

General faz um gesto. Um soldado gira uma funda, ouve-se um grito. Logo depois que a pedra parte, Maria cai em cena, diante do General. Está viva.

443

GENERAL: Eu não entendi nada do que você falou, acho que era contra mim. Em todo caso, você não pode mais nada. Maria Malazarte acabou de acabar.

MARIA: I... di... o... ta... a...

GENERAL: A cabeça.

Um soldado se dirige para Maria e levanta a espada. A luz se apaga.

CENA 24

EPÍLOGO FESTIVO, NO QUAL SE VÊ
COMO O FARAÓ INAUGURA A GRANDE
PIRÂMIDE E PROPÕE A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MONUMENTO

Palanque e praça. Todos em cena. Nobres e povo.

FARAÓ: E neste momento, inauguramos o maior monumento de todo o mundo aqui nas terras do Egito. Queria agradecer aos trabalhadores que deram o seu esforço nessa empresa gigantesca. Hoje estamos em festa e calma. Queria, neste dia, conceder anistia geral aos trabalhadores presos por causa da triste revolta de Maria Malazarte, que, apesar de tudo, tem na morte a nossa compaixão.

Vivas.

FENÍCIO: O Faraó não guarda rancor de nenhum daqueles que tomou por um instante o caminho errado. Esse mesmo Faraó que salvou da morte pela fome seus próprios inimigos momentâneos, quer vir, pela minha voz, anunciar que está terminando a grande pirâmide, uma das maravilhas do mundo, e começará outro grande monumento, dando assim trabalho a todos. Esse monumento será um alerta contra todos os que pensaram num momento de loucura ou descuido em abalar o poder divino do Faraó. Ninguém pode contra AmonRá, e o Faraó é seu filho. Para exemplo que se perpetuará pelos séculos, o Faraó Keóps manda construir ao lado da grande pirâmide um monumento de cem metros de altura que representará, em memória da malfadada revolucionária, um grande leão com cabeça de mulher.

Palmas, vivas etc.

FENÍCIO: De amanhã em diante estarão abertas as concorrências públicas para corte de pedra bruta das pedreiras, para escribas anotadores, para grupos de graniteiros, para matemáticos, para polidores de pedras, para ferramenteiros, para assentadores de pedras...

*Fenício vai falando enquanto começa a canção final.
O autor propõe a Canção da Grande Pirâmide.*



FINIS





**O OVO E
A GALINHA**

Casa de Isildo e Marilu. Copa, Marilu entra e Isildo está tomando café. Tem uma cumbuca em cima da mesa emborcada.

MARILU: Acordou cedo, hein, Isildo. Para ficar mais tempo me enchendo o saco?

ISILDO: Eu não encho seu saco, Marilu, eu apenas não sei aonde você vai e com quem você se encontra.

MARILU: Eu quero respeito comigo. Respeito é bom e eu gosto.

ISILDO: Hoje nós vamos ter uma conversa muito séria. Por favor, não me interrompa.

MARILU: Qual é a nova? É para me encher o saco?

ISILDO: Não é a nova, é a última. Eu não sou palhaço de ninguém. Você sempre diz que não me trai. Não trepa comigo, porque não gosta mais de trepar, porém fora de casa à senhora se transforma.

MARILU: Não estou gostando desse papo!

ISILDO: Mas desta vez a prova é definitiva...

MARILU: Prova? Que prova?

ISILDO: Levanta essa cumbuca aí...

MARILU: Se for brincadeira de susto eu não gosto!

ISILDO: É de susto, mas não é brincadeira. Ergue a cumbuca aí... Não é cobra não.

Marilu levanta a cumbuca e embaixo tem um ovo bem grande do tamanho ou maior que um ovo de avestruz.

MARILU: Que bruta ovo... De que bicho é?

ISILDO: Adivinha....

MARILU: Deve ser no mínimo de um cisne ou avestruz....

ISILDO: Nada disso, é um ovo de galinha.

MARILU: Imagina se a galinha tem cu pra isso? Não é não...

ISILDO: Mas a galinha que botou esse ovo aí tem cu pra isso e muito mais....

MARILU: Que galinha é essa?

ISILDO: O nome da galinha é Marilu Boncasini da Silva

MARILU: Você não tem outra coisa pra me encher o saco, essa é fraquinha...

ISILDO: Fraquinha porque é verdade. Mentira dá histórias enormes, mas a verdade é seca, rápida, implacável. Esse ovo é seu, minha senhora, grande galinha!

MARILU: Pra eu tomar no café da manhã? Muito obrigada, estou sem fome....

ISILDO: Não é isso não, esta noite você teve um pesadelo e começou a cacarejar dormindo, depois de um tempo você parou de cacarejar. Os lençóis estavam desarrumados e eu vi o fim do parto. Peguei esse ovão, quentinho, acabado de sair de um lugar quentinho. Esse ovo é seu, sua grande galinha, foi você quem o botou!

MARILU: Chega de brincadeira, eu não quero mais brincadeira e para de me chamar de galinha!

ISILDO: Pois eu juro por tudo que é sagrado que foi você quem botou este ovo. Até aí seria apenas um fenômeno aceitável, mas eu quero saber: quem é o galo desse ovo?

MARILU: Eu vou chamar um médico, você está louco de pedra. Vou jogar esse ovo fora....

ISILDO: Assassina! Deixa o ovo aí! Esse ovo é seu, não tem sentimento de maternidade por ele. Mas você vai me dizer quem é o pai desse ovo. Na verdade eu desconfio que saiba.

MARILU: Sabe o quê, seu desgraçado. Você está fazendo esse terrorismo todo para encher o saco e eu já estou pela tampa com você.

ISILDO: Como é que o nome do seu chefe lá na repartição?

MARILU: Você sabe de cor o nome dele...

ISILDO: Bom, o nome é Garibaldi, mas o sobrenome é que é importante. Como é o sobrenome dele?

MARILU: Nem sei o sobrenome dele...

ISILDO: Sabe sim. Sabe sim...

MARILU: É Garibaldi... Vieira

ISILDO: Tem mais um nome, tem mais um nome.

MARILU: Galo... Garibaldi Vieira Galo... É isso...

ISILDO: Então, está tudo às claras... Ele foi o galo e você a galinha que fabricaram esse ovo aí.

MARILU: Você está insinuando que eu...

ISILDO: Isso mesmo, você e o seu chefe Galo devem ter ido a algum motel e agora... Está na nossa frente o resultado da sua traição, galinha do cacete! Eu vou me separar de você agora mesmo!

MARILU: Eu não aguento mais essa vida, eu vou me separar hoje de você, vou chamar um advogado...

ISILDO: Já chamei... O Artur, que é nosso amigo. Acordei-o, disse que estava havendo um problemaço na nossa vida. Como você vê eu chamei um advogado que é meu e seu amigo. O que eu quero é justiça. Não vou dividir meus bens com uma galinha que botou um ovo que ela fabricou em parceria com o chefe dela.

MARILU: Mas que idiota neste mundo vai acreditar em você?

ISILDO: Não sei, mas quanto ao ovo, eu chamei aqui o seu primo Laborte, que é veterinário. Ele vai ver o ovo e dizer quem botou.... O que eu vou dizer para ele é que foi um espetáculo emocionante ver o ovo sair do seu famoso e comentado cu!

MARILU: Meu Deus, que humilhação! Eu vou ligar pra tua mãe!

ISILDO: Aproveita e dá a notícia que ela espera há cinco anos. Diga que ela vai ser avó.

MARILU: Suas piadas são um fim de picada!

ISILDO: Piada? Piada é de pinto. No caso aí, se trata de um Galo e de uma galinha. Aposto que os dois cacarejam na hora do orgasmo.

Toca a campainha.

ISILDO: Deve ser o seu primo, o Laborte, manda ele entrar.

Mari vai até a porta e aproveita pra chorar no caminho.

LABORTE: O que foi, prima? Qual é a desgraça? O seu marido me ligou de madrugada. Deixou-me assustado, disse que era para eu vir imediatamente e que ia fazer uma grande descoberta para a ciência da veterinária. O que aconteceu?

ISILDO: Olha aí nessa cumbuca em cima da mesa.

LABORTE: (*VAI OLHAR*) Que bruta ovo. Tem jeito de ser de avestruz, mas é maior que ovo de avestruz. De que ave é este ovo? Deste tamanho só pode ser da família das emas e das avestruzes.

ISILDO: É uma ave da sua família.

MARILU: Para com isso!

LABORTE: Da minha família como?

ISILDO: Quem botou esse ovo foi aí a sua prima.

MARILU: Ele está ficando louco!

LABORTE: Sou obrigado a concordar com a prima, mas é uma brincadeira, não é?

ISILDO: Que nada, é a mais terrível verdade. Eu vi esse ovão aí sair do fiofó dela de noite. E ela cacarejou.

LABORTE: Saiu por onde?

ISILDO: Pelo fiofó.

MARILU: (*CHORA*) O que ele pensa que eu sou?

ISILDO: Se eu não tivesse visto com meus olhinhos, eu não ia acreditar.

LABORTE: Espera aí, Isildo, você está fazendo ela sofrer. Isso é grotesco e você sabe disso.

MARILU: Ele me detesta, nosso casamento foi um erro que eu cometi por inexperiência. Mas noutra eu não caio.

ISILDO: Pode chorar e gritar, mas que o ovo foi você quem botou, isso foi.

MARILU: Olha aí, primo, ele está ficando louco!

LABORTE: Mas eu preciso descobrir de que bicho é este ovo. Daí você fica livre de suspeitas...

MARILU: Suspeitas como? Você está considerando que é possível que eu tenha botado este ovo? De que lado você está?

LABORTE: Do lado de fora. Eu não vou tomar partido nessa briga aí de vocês. Quanto ao ovo eu vou levar para o laboratório do museu zoológico e verificar de que bicho é. Me dá uma cesta ou caixa de papelão pra pôr o ovo. Eu tenho um colega que é especialista em ovos, conhece até ovos de dinossauro. Vou pedir pra ele olhar o ovo. Ele é russo, formado em Moscou, especialista em ovos.

ISILDO: Não senhor, este ovo não sai daqui. Faça o que quiser, mas sem sair daqui. Alguém pode trocar o ovo por outro ovo e eu não quero saber disso.

MARILU: Bom, eu preciso ir trabalhar, não vou ficar curtindo essa de ovo que este maluco inventou.

ISILDO: Não vai não... Eu estou falando de uma separação com causa legítima. Traição perfeita de uma galinha sem vergonha!

*Tocam a campainha Isildo vai abrir.
O advogado Artur.*

ARTUR: Lá vêm vocês de novo com essa mania de separação. Eu já disse que vocês nunca vão separar os trapinhos. Vocês se amam.

LABORTE: Eu sou o primo da Mari: Otom Laborte. Tudo aconteceu por causa deste ovo aí.

ARTUR: Mas que bruta ovo. De que passarinho isso é?

LABORTE: Ainda não sabemos. Não sabemos nem se é de ave. Pode ser de dinossauro. É muito grande.

ARTUR: Mas o que é que o ovão tem a ver com a separação?

MARILU: Ele disse que fui eu quem botou este ovão.

ARTUR: É essa é boa, conta outra.

ISILDO: Eu vi este ovo nascer, saindo aí pelo cu da madame. Ninguém me contou. Eu vi. Ela cacarejava dormindo. O pai deve ser o Galo, chefe dela lá na livraria.

MARILU: Eu vou ligar pra ele dizendo que eu vou faltar hoje. *(CELULAR)* Alô, Cinilda, chama o Galo.

LABORTE: *(CELULAR)* Professor Wazilinsky, eu descobri um ovo estranhíssimo.

MARILU: *(CELULAR)* Galo, não vou trabalhar hoje. Meu marido enlouqueceu.

LABORTE: *(CELULAR)* Eu não sei de que bicho é.

MARILU: *(CELULAR)* Diz que eu botei um ovo e o mais louco é que ele diz que o pai é você.

LABORTE: *(CELULAR)* O marido da minha prima afirma que foi ela quem botou. Mas ela jura que não.

MARILU: *(CELULAR)* Seria ótimo! Venha mesmo, eu preciso de testemunhas da minha pureza, minha inocência. Venha logo...

LABORTE: Bom, é branco, meio rosado. E tem umas pintinhas azuis.

MARILU: *(CELULAR)* Um minuto? Não precisa correr, apressadinho. É pertinho, não vamos sair daqui tão cedo.

LABORTE: Se quando bate com dedo faz barulho de sino? Espera aí.

MARILU: *(CELULAR)* Tchau, Galo. Até já.

ISILDO: Agora sim, o pai do ovo está vindo aí. O galo desta galinha filha da puta

Laborte dá piparote e o ovo toca que nem sino.

LABORTE: *(CELULAR)* O senhor ouviu?... Está vindo para cá... O endereço é, rua Rego Freitas, 454, esquina com Tinoco Cu. *(DESLIGA)* O homem ficou louco, está vindo direto pra cá.

ISILDO: Eu quero uma prova de que eu estou falando a verdade!

MARILU: Artur, você tem que processar este desgraçado Você já viu alguém falar uma coisa destas da própria mulher?

ISILDO: O ovo saiu do cu desta traidora...

MARILU: Imagine que humilhação. Eu, Marilu, dando a luz um ovão destes aí e ainda por cima pelo ânus.

ISILDO: Pelo cu! Ânus é muito distinto para a situação. Parindo um ovão pelo seu famoso e comentado cu... Ou cloaca, sei lá!

ARTUR: Isildo, você não deve ficar falando estas coisas. Isso ofende muito a pessoa. Afinal, vocês estão juntos há quatro anos...Um dia se amaram e se casaram.

ISILDO: No dia em que eu me casei não esperava que ela fosse botar um ovo pelo cu, resultado de suas porcarias aventuras fora de casa.

Toca a campainha. Laborte vai ver se é o professor.

LABORTE: Deve ser o professor Wazilinsky.

Vai e volta com o galo, chefe da Marilu. Um cara forte.

GALO: O que foi que aconteceu, Marilu?

MARILU: O Isildo disse que eu botei um ovo e que o pai é você!

GALO: Um ovo? Chama o manicômio! Vamos internar esse demente.

ISILDO: Vamos falando baixo, galináceo. Abaixa a crista! Esse terreiro tem dono.

GALO: Olha aqui, ô vagabundo!

ISILDO: Veio chocar sua cria.

GALO: Você não me mete nesse embrulho não, por que eu te amasso. Te esmago. Te trituro.

ARTUR: Que papo é esse? O senhor não vai amassar ninguém. Eu sou o advogado dele.

GALO P: Pois eu trituro o advogado também.

LABORTE: Acho que o senhor não deve ficar ameaçando as pessoas.

GALO: Você eu nem sei quem é, mas eu trituro você também.

LABORTE: Gente, esse sujeito não é gente, é uma máquina de moer carne.

MARILU: Não, meu bem, esse é meu primo, fui eu quem chamou ele aqui.

GALO P: O que é esse ovão aí...

ISILDO: Seu filho... Seu filho e filho desta penosa filha da puta.

GALO: Olha que eu te trituro.

MARILU: Eu não aguento mais, Galo, a humilhação que meu marido me faz passar. Ele acha que nós temos um caso.

GALO: Imagine só, duvidar de uma santa. Dou meu testemunho: Eu conheço a Marilu desde antes dela ter se casado com esse panda, aí. Ela é uma santa!

ARTUR: Uma santa!

LABORTE: Uma santa!

GALO: Mulher pra vagabundo nenhum botar defeito.

ISILDO: Só se for uma santa galinha. Ciscadeira! Ovípara!

MARILU: Galo, Isildo afirma que este ovo é nosso filho.

GALO: Que papagaiada! Este ovo é nosso filho? Eu trituro esse idiota!

Campainha. Laborte vai à porta. Volta com um velho senhor tipo Einstein de avental branco e uma grande lente na mão.

WAZILINSKY: Bom dia pra tudus eu sou u prufissior Wazilinsky, zoólogo e russo... Onde está u ovu?

LABORTE: Aí em cima da mesa...

O professor se aproxima olha o ovo com a lente, depois pega sua caneta e dá um piparote no ovo, que repercute como um sino. Ele enlouquece e começa dançar em volta do ovo, cantando uma canção russa inidentificável.

LABORTE: Então, professor? De que bicho é este ovo?

WAZILINSKY: De um bichu impurantissimu. Do bichu gente. Esti é um ovu humano que opor acidente de DNA, foi botado por uma mulher. Quem foi que butou u ovu?

MARILU: Eu não fui. Eu não fui.

GALO: Eu não sou pai de ovo nenhum...

WAZILINSKY: Vou ligar pra Moscou... *(CELULAR) (FALA EM RUSSO. INVENTADO)*... Olha uma boa notícia para mãe e pai do ovu... Museu de Moscou paga cinquenta milhões de dólares pelo ovu.

GALO: Cinquenta milhões de dólares pelo meu filho!? Pelo nosso filho, Marilu!

MARILU: Isso não paga nem metade das dores do parto. Como todos sabem este meu filho querido...

IDIL: Eu adotei este ovo desde que ele nasceu. Este ovo é meu!

ARTUR: Eu quero declarar que este ovo tem advogado!

LABORTE: Quem descobriu o ovo fui eu!

WAZILINSKY: Calma, cinquenta milhões é muito dinheiro. Descontando a minha comissão de vinte por cento, que são dez milhões, sobram quarenta que dá pra dividir com todos.

MARILU: Eu não vou dividir meu filho com ninguém. E, tem mais se ele vai pra Moscou eu vou também.

GALO: Nós vamos, meu amor. O papá e a mamá vão juntos para Moscou.

ISILDO: Como eu já disse, adotei este ovo desde que o vi nascer. O ovo é meu e eu não abro.

É meu, é meu. Todos agarram o ovo até que ele cai no chão e quebra.

TODOS: Ohhhhhhhhhhh!!!!

*A luz se apaga.
Um cartaz ou projeção.
Cinco anos depois.
Focos de luz em personagens isolados.*

ISILDO: A Marilu foi embora sem pedir pensão nem o apartamento. Casou-se com o Galo. Bela dupla, o Galo e a galinha. Fiquei livre!!!! Saí ganhando.

Outro foco.

456

ARTUR: Publiquei um livro sobre a jurisprudência sobre o caso do ovo humano. Ganhei fama e dinheiro. Saí ganhando!!!!

Outro foco.

LABORTE: Fiz minha tese de doutorado em cima do ovo da mulher galinha. Garanti um suma cum laudae. Sou respeitadíssimo entre os veterinários. Saí ganhando!!!

Outro foco.

WAZILINSKY: Com a casca do ovo eu encontrei o DNA perdido do elo perdido do ovo perdido. Respondi finalmente à pergunta: Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Ganhei o Nobel de biologia. Saí ganhando!!!

Outro foco.

MARILU: Larguei a porcaria do Isildo e me casei com o Galo. Desde então a cada noite ele tenta repetir o nascimento de um novo ovo. É gostoso!!!! Saí ganhando.

Outro foco.

GALO: Eu casei com a Marilu, que já era minha amante. Tudo pra ver se nasce um ovo de cinquenta milhões. Eu tento cinco vezes todas as noites, nesses últimos 5 anos. E nada. Não posso nem mais ver a Marilu de costas... Nem de frente. Estou cansado, massacrado, mas sigo tentando. Ainda não ganhei nada, mas um dia... quem sabe....

F I M DA FÁBULA.

Ficha catalográfica

Faci re nis et peliquia voluptatque ped eostem comnis
aut optatio. Hillorerum repres maximin ra conseri
aute restruntus acestib usanda sum atemodit illab is
est officii dolupta dus, volla volupti orehentia derum
volore re ratur, totaecae comnitas nonet fuga. In et

"Há neste livro, disputando a atenção do leitor e se complementando, duas constantes: a obsessão do cronista João do Rio e a persistência da pesquisadora Cristiane d'Ávila. Ele, procurando a todo custo implantar o seu projeto de uma aliança luso-brasileira; ela, investigando durante mais de quatro anos, aqui e em Portugal, um aspecto inédito da bibliografia do cronista: as cartas que ele enviou a dois colegas portugueses dos quais se tornou amigo íntimo, os jornalistas e escritores João de Barros e Carlos Malheiro Dias. Eles foram seus parceiros na luta pela aproximação dos dois países num momento de forte antilusitanismo, ou seja, de afirmação da nossa identidade nacional pela negação da herança cultural portuguesa."

Do Prefácio de Zuenir Ventura



FUNARTE
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM RIQUEZA